

# REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

R. I. H. G. S.

19

Vol. XIV



N.º 19

—

1945

—

1948

—

Vol. XIV

# REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

\*\*\*

DIRETOR RESPONSÁVEL

EPIFÂNIO DA FONSECA DÓRIA

\*\*\*

N.º 19 — 1945 — 1948 — Vol. XIV

## DIRETORIA E COMISSÕES PERMANENTES DE 1945 — 1947

---

**Presidente** — Dr. José Calazans Brandão da Silva

**1.º Vice-Presidente** — Desembargador Huncald Santalôr Cardoso (reeleito)

**2.º Vice-Presidente** — Prof. José Augusto da Rocha Lima

**Secretário Geral** — Ten. Damião Mendonça de Santana

**1.º Secretário** — Epitácio da Fonseca Dória (reeleito)

**2.º Secretário** — Jornalista Autilóquio Vale (reeleito)

**Orador** — Dr. João B. Perez Garcia Moreno

**Tesoureiro** — Prof. Napoleão Agêlio de Oliveira Dória

**Comissão de Fazenda e Orçamento:** Coronel Francisco de Souza Porto, Irineu Marques de Oliveira (reeleitos) e Prof. Benedito Oliveira.

**Comissão de História:** Dr. João de Araújo Monteiro (reeleito), Dr. Gonçalo Rollemberg Leite e Prof. José Sebrão de Carvalho ~~Sebrino~~.

**Comissão de Geografia:** Drs. Felte Bezerra e José Rollemberg Leite (reeleitos) e Dr. Severino Pessoa Uchôa.

**Comissão de Manuscritos e Autógrafos:** Desemb. João Dantas Martins dos Reis, Alfredo Gomes de Oliveira e Major João Nunes de Melo.

**Comissão de Admissão de Sócios:** Major Nicanol Ribeiro Nunes, Dr. Lauro Hora (reeleitos) e Armando Barreto.

**Comissão de Revista:** Mens. Carlos Camélio Costa, José Apóstolo de Oliveira Neto e Dr. Carlos Garcia, sendo responsável pela publicação Epitácio da Fonseca Dória.

## DIRETORIA E COMISSÕES PERMANENTES DE 1947 — 1949

---

**Presidente** — Dr. João Batista Perez Garcia Moreno

**1.º Vice-Presidente** — Dr. José Calasans Brandão da Silva

**2.º Vice-Presidente** — Ten. Damião Mendonça de Santana

**Secretário Geral** — Dr. Felte Bezerra

**1.º Secretário** — Epitânio da Fonseca Dória (reeleito)

**2.º Secretário** — Profa. Maria Thetis Nunes

**Orador** — Prof. José Augusto da Rocha Lima

**Tesoureiro** — Contador Antonio Soares Santana

**Comissão de Fazenda e Orçamento:** Antilóquio Vale, Prof. Benedito Oliveira e Coronel Francisco de Souza Porto (os dois últimos reeleitos).

**Comissão de História:** Prof. Sebrão Sobrinho, Dr. Manuel Ribeiro e Dr. Gonzalo Rothenberg Leite (reeleitos).

**Comissão de Geografia:** Dr. João de Araújo Monteiro, Prof. Napoleão Agélio de Oliveira Dória e Dr. Severino Pessoa Uchôa (reeleitos).

**Comissão de Manuscritos e Autógrafos:** Prof. Acrísio Cruz, Dr. João de Sêzias Dória e Dr. João Maynard Barreto.

**Comissão de Admissão de Sócios:** Dr. Lauro Dantas Hora, Major Niconor Ribeiro Nunes e Armando Barreto (reeleito).

**Comissão de Revista:** José Apóstolo de Oliveira Neto, Dr. Carlos Garcia e Prof. José Amado do Nascimento (reeleitos), sendo responsável Epitânio da Fonseca Dória.

**DISCURSO proferido por Epifanio da Fonseca Doria, na cidade de Laranjeiras, a 29 de Dezembro de 1943, por ocasião da romaria promovida pelo Instituto Histórico à casa onde nasceu o general Aristides Arminio Guaraná.**

Snr. Prefeito Municipal

Laranjeirenses

Eu vos trago, sem maior brilho, pela falta de dons oratórios, a palavra do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Por certo que não nos trouxe até aqui a volúpia dos torneios verbais, a sedução das sinfonias da eloquência, com que vos pretendessemos encantar, nem tão pouco nos moveram propósitos de lisonja fácil aos vossos visíveis triunfos no terreno econômico e nos horizontes da cultura, onde vamos encontrar tantos vultos representativos que a sua enumeração, de longa, se tornaria enfadonha numa hora de vibração cívica como esta.

As vossas conquistas nessas áreas da operosidade estão a pedir, de fato, a admiração geral, os louvores dos que sabem fazer justiça ao mérito, mas o que nos trouxe até aqui, a este chão glorioso que Labatut e suas forças expedicionárias pisaram, a caminho de Perijá, foi o desejo de render culto à memória de um dos vossos heróis, foi o dever de contribuir para que flutue na memória pública o nome de um dos grandes filhos desta terra, o General Aristides Armínio

Guaraná, cujo centenário de nascimento ocorreu a 25 deste grande mês das tradições católicas que ele muito cultuou.

Como os gregos dos tempos áureos de Péricles e de Demóstenes, aqui estamos para sagrar o nome de um valente defensor da pátria, que tal foi esse laranjeirense destemido que se ofereceu, cheio de ardor cívico, em holocausto à sua nação, quando sua soberania se viu ameaçada pelo espírito de inveja de um tirano que soube envenenar o seu grande povo com o tóxico do ódio gratuito.

Sem a caragem e o espírito de sacrifício em favor da Pátria periclitam as mais sólidas construções econômicas e não pode vicejar a árvore da cultura.

Não fosse a caragem dos Aristides Guaraná e dos Freitas Barreto, que tantos contamos nos campos do Paraguai longínquo, e a Pátria, esta grande Pátria que herdamos dos nossos antepassados, esta portentosa nação de que nos orgulhamos, teria caído no abismo por onde se despenham tantas nações mártires da Europa civilizada.

Laranjeirenses laboriosos e vibrantes, eu vejo com os olhos do pensamento, reconstituo com o pincel da imaginação as cenas empolgantes de demonstração de civismo de que foi teatro esta hoje tradicional cidade, quando por aqui esteve o bravo General Labatut, conclamando os patriotas e nucleando os heróis para a guerra da Independência. Quem nos déra que estas montanhas alcantiladas que vos circundam, estas montanhas que se voltam para o alto enfeitadas ante o brilho das estrelas que pontilham o nosso formoso céu do norte, tivessem o dom da palavra e nos contassem os dramas empolgantes dessa jornada cívica de há mais de cem anos, que elas testemunharam! Quem déra que esta sobriedade de estilo antigo pudesse falar para nos descreverem com matizes variados, as glórias autênticas dos vossos antepassados.

Poderíamos então conhecer os precursores de Freitas Barreto, a cujos preciosos despojos, trazidos da terra estrangeira, onde tombara lutando, a cidade já rendeu piedoso preito, e Aristides Guaraná, cuja memória estamos sagrando nesta tocante festa.

Esboça-se-me na imaginação, com cores vivas e cambiantes admiráveis, uma imensa tela em cujo fundo vejo o fervilhar dos afoitos que cerraram fileiras em torno de Labatut, entregando-se destemidos aos azares da guerra, nos albores da Independência, ciosos de concorrerem para que não periclitasse o grande passo de Petro I, fundando esta grande nação, neste outro lado da Atlântico.

Vislumbro no fundo do grande painel a figura desse militar gaulês, mixto de aventureiro e de herói, que foi Labatut, trazido pelo destino e pelo seu espirito de lutador para o lado dos nacionalistas brasileiros, na tarefa da consolidação da Independência da Pátria.

Infelizmente, pela incuria da época no zelar pela memória dos bravos defensores de nossa independência, os seus nomes ficaram perdidos nas brumas do olvido.

Euzebio Vanerio, sudito inglês, que residia então nesta poética Laranjeiras, e foi secretário do coronel José de Barros Pimentel, comandante das armas, em quem Labatut encontrou ajudas eficazes, tendo ido à cidade da Baía, de onde se tinha passado, há alguns anos para Sergipe, ali encontrou flutuando à tona da consciência pública a fama do heroísmo sergipano nos campos de Pirajá.

Tudo, entretanto, era ignorado em Sergipe, dado o atrazo de comunicações em que vivíamos e os mal entendidos gerados pela questão da emancipação político-administrativa de Sergipe, que a velha metrópole teimava em suprimir. E tais e tão seguros foram os informes que ali obteve da atuação heróica dos sergipanos na guerra da Independência que não lhe foi possível reprimir um certo sentimento de revolta contra o desconhecimento de tais fatos em Sergipe. Ao regressar dirigiu uma carta ao governador sergipano, revelando o que ali soubera e oferecendo-se, sem onus para o erário público, para ir ao teatro onde se tinham desenrolado os acontecimentos, afim de estudar o papel desempenhado pelos sergipanos.

Não logramos saber se o governo aceitou tão louvável oferecimento, parecendo-nos que não o fez.. O tempo era de obscurantismo.. É justo crer que entre esses heróis que se bateram em Pirajá figurassem filhos desta terra feraz onde a cana farfalha e a inteligência rutila, e onde a coragem faz milagres pelo desprendimento dos seus heróis.

Laranjeirenses, cultuemos com ardor cada vez maior as glórias do passado.

Os caminhos seguidos pelos povos eslavos para chegarem ao rápido apogeu a que atigiram não foi outro se não o culto do passado. No dizer do Deão de Canterbury eles vêm fazendo do passado um trampolim para o futuro.

Evocam ardorosamente o passado para orientação do presente.

Compreendem que nenhuma lição é mais convincente que aquela que vem do exemplo.

Os fatos falam bem mais alto que as palavras.. Refere o citado autor que é inglês e vive no seu país, de onde fala ao mundo com a liberdade de palavra que é uma das virtudes de sua nação, que a Inglaterra esqueceu a passagem do tricentésimo vigésimo quinto aniversário de Shakespeare, no seu dizer, o maior, o mais sublime e o mais poetico e comovedor de todos os dramaturgos, em cujo genio tantos outros nas ilhas britanicas foram buscar inspiração; e assinalou a circunstancia de não terem feito o mesmo os países eslavos.. Ao contrario: reservaram toda uma semana em honra de Shakespeare e cerca de 800 teatros profissionais ensinaram suas peças.

Publicaram edições especiais de seus livros e organizaram conferencias que foram irradiadas e que reuniram os melhores escritores e críticos dramaticos eslavos para lhe tecerem louvores, o que fizeram como meio de despertar o gosto pelo teatro, estimulando assim a consciência das massas para o estudo e gosto das letras.

Isto representa apenas uma das multiplas formas do processo de criação da mentalidade do povo para um fim especial.



A mesma trilha seguem, quando se trata de criar a mística da pátria, rememorando os feitos gloriosos dos heróis, o que não é novo. Já nos tempos antigos o culto da valentia tinha fervorosos adeptos.

O exemplo do imperador Constantino é típico.. Quando este bravo Imperador bizantino viu Constantinopla na iminência de ser tomada pelas forças turcas de Mahomet II, já coberto de feridas e como um alucinado, lançou-se com os seus ultimos soldados contra o invasor; e, lutando com raro heroismo, caiu traspassado por um sabre sobre um montão de cadaveres perto da brecha da Porta de São Romano.. O corpo desse ultimo imperador de Bizancio, que pela sua coragem, sua energia, suas altas qualidades tinha conseguido lançar um derradeiro raio de glória sobre o moribundo império grego, no dia seguinte à invasão foi reconhecido somente pelas suas botas bordadas com as aguias de ouro.

O seu corpo foi posto em exposição durante um dia nos muros de Constantinopla, por ordem de Mahomet II, o sultão otomano que o vencêra, e, depois, sepultado com honras excepcionais, ordenadas pelo mesmo sultão, como homenagem à sua rara bravura.

Mahomet II não quis, por certo, honrar o inimigo vencido, mas dar um exemplo ao seu exército do quanto vale o heroismo.

Não a bravura isolada, o heroismo individual que é muito, mas não é tudo, mas a bravura coletiva, que é uma cerca de arame farpado inviolavel. Essa bravura assombrosa de que deram exemplo os tios, quando Alexandre da Macedonia, esse precursor do Hitler, invadiu sua patria.

Depois que o duro rei macedonio venceu a cidade de Tiro, na Fenicia, mandou que, à exceção apenas dos que se achassem refugiados nos templos não se desse quartel a ninguem, e que se lançasse fogo à cidade.

Ao som das trombetas, foram anunciadas tais ordens.

Não houve um só tioso que quisesse aproveitar-se da exceção, recolhendo-se aos templos para escapar da morte.. Ficaram todos às portas de suas casas, silenciosos, resignados, caindo, sem a menor

resistencia, por inutil, vitimados pela furia da soldadesca. Os templos encheram-se apenas de crianças e de mulheres.

Aristides Guaraná não foi somente o bravo militar que abriu, com o seu fogo mortifero de artilharia a brecha nas fortificações de Lomas Valentinas, por onde pôde o Exército brasileiro penetrar nas defesas inimigas, assegurando ao Brasil um passo da mais alta significação para o fim da campanha.

Era também o homem de letras, e político amador de pontos de vistas elevados; e tinha, sobre tudo, a mistica do Brasil, para repetirmos uma passagem feliz do brilhante discurso do coronel João Batista de Matos, a 5 do corrente, no Instituto Histórico e Geografico.

Fóra de Sergipe, nunca pôde esquecer as nossas tradições mais caras. Sua illustre filha, a Senhora Dr. Manuel Monjardim, nos relata brilhantemente suas expansões bairristas no lar. Ouçamo-la:

"Já lá se vão muitos anos em que, menina ainda, ouvia de meu pai, cujos olhos já cansados tinham o brilho de furtivas lágrimas, as bonitas histórias de sua terra natal, do seu Sergipe; com tanta saudade que suas palavras tomavam um tom plangente de sino que toca às Ave Maria !. Voz firme, de costume, com a energia inquebrantavel com que sempre a conheci, tinha nesses momentos de recordação um ligeiro tremor que o perturbava, na evocação de fatos e na lembrança de criaturas que lhe povoavam o pensamento até à hora derradeira. Sergipe, Aracaju, Laranjeiras, S. Cristóvão, Itabaiana !. quantas vezes vos ouvi os nomes sem que até agora vos pudesse conhecer !. Deveis de ser hospitaleiras, deveis de ser um solo repousante, onde o peregrino exausto encontre o carinho que, no dizer de vosso saudoso filho, só Sergipe sabia dar. Eu vos creio assim, pois não persistiria tanta lembrança, tanta saudade, se esta a verdade não fóra. E o Natal? Como é diferente o Natal de Sergipe de todo o Natal de outras terras !. S. João !... Noite feliz para os pobres... Lembro-me, minha filha, que meu pai reunia em nossa casa alguns amigos humildes para fazerem os fogos que dis-

tribuía aos que não podiam tê-los.. E como deixá-los a olhar, sem tomar parte no melhor folgado de Sergipe”.

Eis aí, repetida pela sua nobre filha, uma das facetas da psicologia do General Aristides Guaraná.. Essa mistiça de sergipe que se desdobrava na mistiça do Brasil, por cuja soberania arriscára a vida.

Mutilado da mão direita, com que tanto castigára o inimigo de sua pátria, fazendo chover sobre ele o fogo mortífero de sua artilharia, tendo volvido ao Rio de Janeiro para cuidar do seu tratamento, logo que notou que cessára o perigo desse ferimento, preparou-se para voltar aos campos de operação.. O Imperador, que o estimava, pela nobreza de sua conduta e pelos serviços que já prestára, achou que ele não deveria voltar à luta, ao que respondeu “Desejo buscar a gloria onde perdi a mão”.

Snr. Comandante do 28.º B. C., Snr. Prefeito de Laranjeiras, aqui estou com dupla representação: a do Instituto Histórico, como seu orador eventual e a da família, Guaraná Monjardim, da qual tive telegrama, dando-me essa honrosa incumbência.. Deste modo agradeço, em nome do Instituto e da família Guaraná Monjardim ao dinamico comandante e ao infatigavel prefeito esta grande homenagem à memória do General Aristides Guaraná.

A vós dignos laranjeirenses, de cujo seio saíram, Freitas Barreto para morrer heroicamente nos campos do paraguai, sem ter ouvido os hinos da vitória, e Aristides Guaraná, que quase tinha o mesmo destino, eu felicito por esta festa magnifica.

Que ela seja um forte estímulo para que as novas gerações se afervorem na mistica desse Brasil imenso que Deus nos deu para orgulho nosso.. Exalcemos o nome do grande Ministro Gaspar Dutra, preclaro organizador do nosso Exército, pelo esclarecido apoio que deu a esta comemoração, determinando ainda que ela se realizasse em todo o Brasil, afim de que o exemplo do vosso grande conterraneo seja um espelho em que se mirem as novas gerações nesta hora grave do mundo e decisiva do Brasil.

DISCURSO PROFERIDO PELO CORONEL JOÃO BASTISTA DE MATOS NA SESSÃO SOLENE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE A 25 DE AGOSTO DE 1946, NA ENTREGA DE UMA PLACA COMEMORATIVA DO 1.º CENTENÁRIO DO GENERAL ARISTIDES ARMINIO GUARANA.

(Publicado no Sergipe-Jornal de 5-9-1946)

Exmo. Snr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Exmo. Snr. Comandante da Guarnição Federal.

Exmas. Autoridades presentes e representadas.

Senhores ! Senhoras !

Nobres membros desta Casa.

Há 48 horas notificava-me o Dr. José Calasans, digno Presidente desta Casa, de que deveria ouvir a leitura duma sentença condenatória, de um réu que fora julgado à revelia.

Indaguei-lhe do crime cometido por esse réu revel, a época em que o mesmo ocorrera, se havia cúmplices, acusadores e possibilidades de recurso à instâncias superiores.

A resposta foi por demais laconica, o réu conhecerá a espécie do crime cometido na hora da leitura da sentença e a defesa contará com os recursos constantes da lei.

Eis, meus senhores, com que predisposição de espírito, ocupei aquela cadeira, destinada ao réu de hoje e donde acabo de levantar-me, após haver sentido todas as emoções por que possa passar um inocente, vítima de provas circunstanciais e consequentemente dum erro de apreciação.

Não posso compreender porque fôra esollido o dia de homenagem ao Duque de Caxias, o homem que “preferiu ganhar pelo coração, o coração de seus patricios, do que vencer pelas armas, a vitória efemera e pequenina dos ódios, da vingança e do extermínio de seus irmãos”, para entre flores e muí seleta assistência, condenar tão marcialmente um réu sem culpa?

Qual o meu crime senhores Membros do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe?

Da sentença consta um relato do harmonioso entendimento existente entre o Instituto e a Guarnição Federal, durante o Comando do réu. Realmente isso acontecera.

Foram atendidas todas solicitações desta Casa, prestigiadas às suas proveitosas Comemorações e as suas Festas, mas nesse particular o réu agira por força do imperativo decorrente duma das finalidades das Forças Armadas, na sua função educativa.

Não se destina esta Nobre Casa a instruir os jovens por meio de aulas praticas, como a que assisti hontem? a aperfeiçoar os conhecimentos dos doutos pela investigação das verdades historicas? e a consolidar a coesão nacional pela exaltação dos seus valores em todos os ramos da atividade patria?

Si cooperára nas festas comemorativas do centenário do General Guaraná, o responsavel immediato foi o Exmo. Snr. Ministro da Guerra de então, o atual Presidente da República que tendo deante de si, uma solicitação deste Instituto, determinára a cooperação, cabendo ao réu apenas a qualidade de cumplice.

Há senhores jurados — dignos membros deste Instituto, a doutrina de guerra, que preside os ensinamentos no Brasil, exige um constante e profundo conhecimento da história e da geografia. As concepções de guerra, a montagem duma guerra, têm fun-

damento na história. O conhecimento do homem que se vai comandar e do que se vai combater baseia-se em conhecimentos de história. As causas duma guerra e o estabelecimento dos tratados de paz não prescindem dum profundo conhecimento histórico. As memorias necessarias, cabem aos senhores realizar ou nelas cooperarem.

Não há pois merito, quando se cumpre religiosamente prescrições de rotina.

Si tivesse sido presente ao julgamento certo estou que obteria absolvição, "pois o meu crime não é individual e sim coletivo", porém como não há possibilidade de apelação da sentença, cumpri-la-ei, já que para tanto conte, como contei outrora, com prezados camaradas desta Guarnição, que com o seu Cmt. à frente, ainda desta feita não negara a sua solidariedade.

Aos ilustres jurados — dignos membros deste Instituto, como retribuição, as atribulações a que submetera o réu, privando-lhe entre outras cousas, de 48 horas de tranquillidade destinadas a rever bondosos amigos, não é possível externar agradecimentos ao contrario, para eles, peço a cooperação da assistencia no seguinte apelo:

- Considerando que o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe é apolitico;
- Considerando que é incansavel no cumprimento das tarefas que lhe cabe;
- Considerando que, pelo seu aparelhamento e atividades é a verdadeira Casa de Sergipe;
- Considerando que o momento atual exige fortalecimento do carater individual para que a Nação possa sobreviver às crises que se antepõem à realização de seus fins.
- Sugiro ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, intensificar ao maximo a atividade de seus membros, no sentido de, pelo exemplo, pela palavra e por sessões

iguais a de hoje, explorar " o poder psiquico como fator educacional" e por este batalhar para que se torne reflexo em todos os homens "o senso de responsabilidade" em sintese preparar para que não mais exista a crise de carater tão bem caracterizada por Therezite M. Porto da Silveira nos termos seguintes :

- pela falta de carater subordinamos o interesse do País ao nosso proprio interesse;
- pela falta de carater não cooperamos com os honestos e dignos;
- pela falta de carater transacionamos com os inimigos do povo em beneficio da nossa economia pessoal;
- pela falta de carater não trabalhamos;
- pela falta de carater avançamos nas idéias e nos direitos alheios e as apresentamos como nossas;
- pela falta de carater traímos parentes e amigos;
- pela falta de carater bajulamos os poderosos e menos dignos e repudiamos os pobres, embora esses cheios de virtude e dignidade;
- pela falta de carater acusamos justos defendemos criminosos;
- pela falta de carater fazemos cambio negro;
- pela falta de carater negociamos com ladrões e assassinos;
- pela falta de carater premiamos os desonestos em holocausto dos puros;
- pela falta de carater deixamos de punir crimes por acomodações politicas;
- pela falta de carater fechamos os olhos e os ouvidos ás queixas e denunciaes justas;
- pela falta de carater deixamos de apontar erros e punir faltas e omissões por comodismo.

Exmo. Snr. Interventor Federal

Exmo. Snr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Exmo. Snr. Coronel Liberato Barroso, Cmt. da Guarnição Federal e meu Comandante.

Senhoras ! Senhores !

Senhores oficiais !

Nobres membros desta Casa.

Em 25 de dezembro de 1943, o Cmt. da Guarnição Federal neste Estado, expressando os sentimentos de seus comandados com relação ao heroico General Guaraná, prometeu, desta tribuna, registrar numa placa a Brillhante Comemoração promovida por este Instituto.

A homenagem impunha-se, por haver partido desta Casa a iniciativa das Comemorações.

Hoje, por determinação do Senhor Coronel Cmt. da Guarnição que muito honra ao orador de outrora, cabe-me efetivar a entrega da placa prometida, em data mui cara ao Exército Nacional, e no momento em que este Instituto em Sessão solene, festeja o sempre lembrado "Duque de Caxias"; digno Cmt. do homenageado de 1943.

A entrega desta placa não representa saldo de devida visto como não pode haver dividas entre instituições que se destinam a servir à Pátria comum, atesta porém, a compreensão que tem o Exército do imponente papel que Instituições desta natureza têm a desempenhar na consolidação duma mentalidade nacional.

Queira pois, Exmo. Snr. Presidente, tomar posse, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, da placa que lembrará mais um grande serviço por esta Casa prestado à Sergipe, ao Exército e à Nação.



**DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. JOSÉ CALAZANS BRANDÃO DA SILVA, A 23 DE OUTUBRO DE 1946, EM NOME DA CONGREGAÇÃO DA ESCOLA NORMAL "RUI BARBOSA", DE ARACAJU, POR OCASIÃO DAS FESTAS JUBILARES DE DOM JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA, 1.º BISPO DE ARACAJU.**

Cumpro, neste momento festivo, com indizível satisfação e grande honra, a incumbência de saudar, em nome do Corpo Docente da Escola Normal "Rui Barbosa", a S. Excia. Revdma., Snr. Bispo Diocesano, Dom José Tomaz Gomes da Silva.

Professor de história e velho enamorado da vida provinciana, sinto que devo orientar este discurso, pensando histórica e regionalmente. Supondo-me, portanto, não um contemporâneo, mas um póstero desejoso de saber como teria procedido o Primeiro Bispo de Aracaju nas terras de Sergi.

Um dia, minhas jovens alunas, alguém escreverá a história da sociedade sergipana no período republicano. No ensaio de interpretação histórica que se elabora, figurará um capítulo especialmente dedicado ao papel da igreja na formação social de Sergipe. A atividade do nosso clero em todos os setores, nas grandes e nobres realizações, seus projetos e tentativas serão estudados, discutidos, criticados, comentados. A missão apostólica do vigário humilde do interior, a função do sacerdote que brilhou na tribuna sagrada, a ação do religioso que se dedicou aos afazeres da assis-

*Guerra em  
História  
a mais de*

*linguagem*

*que era uma sem alfabeto ou "lá Calazans é uma aliança!  
Não é um contemporâneo de Sergipe por Sergipe? Serigipano por Sergipe!  
como proceda de indios e de 1563 nas terras de Sergi!*

tência social cristã, a influência intelectual do padre que se voltou para a cátedra, as atitudes do ministro de Deus seduzido pela política serão, sem dúvida alguma, achegas históricas preciosíssimas. E quando o pesquisador do porvir estiver colhendo e recolhendo, anotando e comentando o material indispensável à confeção do seu trabalho, encontrará, em várias oportunidades, traços marcantes da passagem do Primeiro Bispo da Diocese de Aracaju. O historiador sentirá, então, a necessidade de fixar, em meio às múltiplas realizações da figura sacerdotal, aquela que teria sido sua maior contribuição à história religiosa e cultural da Província. Não será, creio eu, tarefa difícil. Reconhecem os contemporâneos e a posteridade proclamará, certamente, que o ponto mais elevado do sistema diocesano é sua Casa de formação sacerdotal. Em síntese: Dom José Tomaz Gomes da Silva é o Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus. O Seminário é, indiscutivelmente, sua maior obra. Aquela que se projetou, através da ação de seus vultos exponenciais, dentro e fora do Estado. O Seminário tem sido uma escola no sentido lídimo da expressão. Há uma marca do Seminário, profunda e indestrutível, no panorama cultural de Sergipe. Não seria, de modo algum, desacerto afirmar que, sob certos aspectos, o Seminário do Coração de Jesus está para Sergipe como o de Olinda estava para o Norte do Brasil nos aureos tempos de Dom Azevedo Coutinho. Para Dom José, o Seminário fôra o sonho maior do seu episcopado nascente. Sabia que o "ofício principal do Bispo é eleger, experimentar, educar e com grande zelo formar, em toda a perfeição, a mocidade que haja de ser um dia admitida ao sacerdócio". Como resolver, naquele Sergipe de 1912, o problema mais urgente da diocese: a formação dos seus sacerdotes? "Qual será o meio mais seguro, veneráveis Irmãos e filhos muito amados, interrogava o 1.º Prelado de Aracaju, na Carta Pastoral de 4 de agosto, para garantirmos em nossa diocese, em risonho ritmo, um clero formado segundo o coração de Deus? Ele próprio respondia: "é incontestavelmente a criação do Seminário, o santuário em que serão formados os sagrados levitas". Assim pensando,

ue harrm.

Discursos  
de!  
formam?

num ou  
abram?  
atual?  
vamos...

para tal fim trabalhou. Pôs mãos à obra. As primeiras rendas do Bispado fôram empregadas na aquisição do terreno onde se iria levantar a grande Casa. Não descansou um momento, sequer. Todas as energias da sua mocidade fôram consumidas na preparação moral e espiritual dos seus padres. Não plantou em terreno esteril. Seu clero tem sabido servir a Deus e à sociedade. Da sua Diocese pequenina, saíram seis Bispos. Dois dêles, o Arcebispo de Belém do Pará e o Bispo eleito de Petrolina, fôram jovens que S. Excia. viu nas aulas do seu Seminário, que os viu rezando a primeira missa, que os viu, depois, na plenitude de Cristo.

*Si, esse he o verdadeiro!*

Exmo. e Revdmo. Snr. Dom José Tomaz Gomes da Silva. A justa homenagem dos Corpos docente e discente da Escola Normal deve ter para V. Excia. Revdma. um cunho todo especial. Não há, evidentemente, em Sergipe, entidade que tanto se pareça com o Seminário de V. Excia. Revdma. como a Escola Normal "Rui Barbosa". Magistério é, também, sacerdocio. E magistério primário, exercido por moças pobres nos sertões sergipenses, é grande sacerdocio, Snr. Bispo Diocesano. Coitado de Sergipe d'El Rei sem os padres do Seminário de V. Excia. Revdma. e sem as professoras desta nossa velha e nobre casa! No princípio, Escola Normal era Seminário. O primeiro estabelecimento destinado à formação de professoras primárias, fundado em França por S. João Batista de la Salle, na segunda metade do século XVIII, chamava-se Seminário de Mestres. Por tudo que se disse, sou levado a concluir que, aqui, agora, V. Excia. está no seu próprio ambiente espiritual.

*Este e he o verdadeiro!*

*Que sera a escola, he o seminário? sem bastar to, que tem mais a esplanada de padres!*

*Entre, aqui*

Exmo. Revdmo. Snr. Bispo Diocesano:

Para o povo sergipano, as festas jubilaires de V. Excia. representam uma oportuna consagração. Para V. Excia. Revdma. uma oportunidade de recordar, sentindo, de consciência tranquila, o dever cumprido. Como é bom recordar! Como cresceu, como se desenvolveu, em todos os sentidos e em todas as direções, a cidade minúscula que os olhos de V. Excia. Revdma. contemplaram, pela vez primeira num inesquecível dia de 1911! Como progrediu sua

*(\*) Não he pensar que todo seminário e escola de padres! Seminário e o estabelecimento de ensino onde se ensina, onde se gera, onde se produz, onde se ensina, onde se cultiva, e tod com outros fins, pedagogicamente. Orixando-se o vocábulo de rememorar, he a casa, onde se ensinavam os mestres, onde se cultivava, e he o oratório, e he o lugar onde se plantava o seminário e os demais estabelecimentos de ensino. Seminário e escola de padres!*

cidade do Aracaju ! Multiplicaram-se os edifícios públicos, os riachos e os pantanos fôram vencidos pela ação obstinada do homem, calçadas as ruas principais, a iniciativa particular floresceu aqui, ali, acolá e nos dias felizes há flôres nos jardins das praças. A igreja de Cristo, entregue aos cuidados paternais de V. Excia. Revdma., acompanhou a cidade no seu evolover. Renovou-se, no topo da colina de Santo Antônio, a "igrejinha da serra", cujos alicerces vinham dos dias coloniais ; plantou-se e cresceu imponente, no extremo sul da cidade, a Igreja de S. José; remodelou-se, na artéria principal do comércio, a Igreja de São Salvador, que o Presidente Salvador Correia da Sá e Benevides fizera levantar na infância da cidade; levantou-se o Santuário N. S. Menina; subiram, na direção do céu, as torres góticas da Igreja do Seminário; a Capela de N. S. do Rosário lá está modestamente chantada nos areiais do Aracaju e a velha Catedral, que a tenacidade e compreensão artística do Mons. Carlos Costa doaram à capital sergipana, ali está magnífica e magestosa.

Há sinos em todos êstes templos. Todos êles deverão repicar festivamente, no dia jubilar de V. Excia Revdma., que já vem perto, numa inequívoca prova da gratidão e do respeito do povo sergipano a Dom José, o de Aracaju.

Santa Teresita  
vita após  
torres góticas  
seios de bronze  
mar!

Conselho  
liberção  
múltiplas  
chaves!

**DISCURSO PRONUNCIADO NO SALÃO DA CONGREGAÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE PELO PROFESSOR JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA LIMA, A 15 DE MARÇO DE 1947, POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DO ENSINO SECUNDÁRIO EM SERGIPE.**

*que vejo*

*mba !...*

Senhores

Instrução e educação, eis um problema dos que mais devem preocupar os organizadores e dirigentes dos povos jovens. Nos tempos modernos, com a ascensão cada vez mais positiva do elemento popular na vida social e política, subiu de ponto a necessidade de valorizar moral e intelectualmente o homem e essa verdade vale por um postulado nos regimes democráticos. Se, antigamente, só se curava das elites, criadas pelos privilégios hereditários; depois do ciclo revolucionário, iniciado nos últimos anos do décimo-oitavo século e ainda hoje não encerrado, mas ao contrário em viva ebulição, as elites, indispensáveis, porque a elas compete orientar o grande corpo nacional, é das próprias massas que se vão formar e sair. Dar-se-á, neste caso, uma seleção social, crivo que há de separar corpos vigorosos e almas fortes e virtuosas, no escopo salvador de guiar e esclarecer os que a natureza menos aquinhoou. Todas as formas de despotismo se firmam e asseguram na ignorância: antes de escravizar os corpos, encarceram e enoitecem o espírito. É quase um truismo o dizer que governar é educar e nos

*É isso mesmo! É isso mesmo! É isso mesmo!*

*Bobagem*

*O que? No caso de a p... e a...  
Com que? a elite?!*

11

*(\*) Este sujeito idiota! Li o livro de pensamento e não se dá conta de que os ricos, o ensino era generalizado a todos os pobres, e não os que melhor aproveitavam, pois se se aplicassem a isso, não teriam importância as boas letras, porque de lá não necessitam para viver, ao contrário dos pobres que, nelas, vivem por meio de...*

povos da América, dêste continente, que o Poeta dos Escravos proclamou

“Talhado para as grandezas,  
P’ra crescer, criar, subir”...

para os povos da liberdade, que, infelizmente, ainda carregam consigo a herança de tristes preconceitos europeus, a necessidade das necessidades é educar, porque, se um estadista italiano, no meado do século transato, podia asseverar que a Itália estava feita, mas faltava fazer o povo italiano, com razões dobradas poderíamos os americanos repeti-lo, mutatis mutandis, das nossas próprias pátrias, quase inteiramente por fazer nos desertos no novo mundo.

Democracia e liberdade não se compadecem com ignorância, nem é de uma aglomeração de apedeutas que hão de brotar os encantos do regime que abraçamos e preconizamos.

No regime da liberdade, o povo tem de pensar e raciocinar, há de joeirar os argumentos daqueles que lhe solicitam as preferências e pretendem conduzi-lo. E como seria isso possível nas trevas da ignorância, na escuridão dos preconceitos, na cegueira dos fanáticos, na selva selvaggia dos vícios primitivos? Democracia desta laia, senhores, seria vaniloquência empavesada, mentira e fatuidade que poderiam seduzir homens apaixonados ou interesseiros, mas que, de certo, repugnariam a quem cultuasse a verdade e a virtude. Nessas pretensas democracias roídas de analfabetismo, os processos eleitorais não passariam de outras loterias — ridiculas e desprezíveis — onde ganhariam os que tivessem sorte e não os que de fato representassem a expressão de uma consciência coletiva.

E os que pretendem apoderar-se dessas vermineiras, outra coisa não são muitas vezes, no dizer do nosso Sílvio Romero, que “uma floração inclassificável que faz o espanto das almas dignas”.

A dignidade humana e o decoro do regime democrático exigem, pois, livros, escolas, mestres, ensino primário e secundário.

precis?

7/10/1908  
Las  
Cucufot  
nia!

em qualquer  
regime...  
povo é a  
canta de  
carga em  
qualquer  
simulacro  
de liberdade!  
Bolson  
no, he! Agri  
to! ?!

He Augusto, que oráto é isto de verdade e virtude?! He  
quigada? Abalagão? Que besteira! Seja qual for a condição  
tétrica da verdade, ela é virtuosa. Verdade sem virtude  
é necessidade...

*É antes dos tempos, mas há uns tempos se tornou mais notória?*

É bem conhecido que foram os jesuitas os criadores do ensino secundário. Pedagogos excepcionais que mereceram a admiração do próprio Bacon, compreenderam eles que o ensino universitário não podia prescindir dum estágio, onde os estudantes recebessem noções seguras e sólidas, que os habilitassem ao aprendizado na universidade. Seus colégios se multiplicaram pela Europa e mais tarde pela América, em cujo sólo lançaram a semente das primeiras letras e construíram os alicerces da nova civilização. O Estado, em geral, quase que abdicara o direito de educar, e a Igreja, cuja força e prestígio residem na sabedoria política que se lhe não pode negar, tomou nas mãos a arma forjada por Inácio de Loyola e o ensino secundário disseminou-se no mundo com objetivos de propagação da fé, de revigoração da catequese e de fortalecimento da autoridade papal, algo quebrantada pela tormenta da Reforma.

*Ante de Lombroso e outros em seu aduano*  
*os jesuitas?!*

O Estado, até o ciclo revolucionário dos tempos modernos, ainda mesmo nas grandes nações do Ocidente, abandonara o problema da educação do povo, contentando-se com a formação duma elite, aonde, na quase totalidade, confluíam aqueles que o nascimento favorecera com a nobreza ou com a fortuna. Havia, de quando em quando, revelações geniais, saídas do oceano proletário, estudantes famintos que nem por isso deixavam de estudar, mendigando aqui ou ali um faneco de pão, estudando à luz das lâmpadas mortíferas das miseráveis vias públicas. Essas vocações sublimes enrijavam-se, quebrando os obstáculos, e comoviam, às vezes, a piedade particular, donde emergiam instituições pias de amparo a esses desventurados, como a célebre Sorbonne, de Paris.

*op. tra*  
*Fortuna?*  
*Quantos?*  
*tragem!*

Acicatado pelas exigências atuais, o Estado em toda a parte despertou.. A própria liberdade de pensamento impelia o Estado para novos rúmos. Sem impedir as Igrejas de ensinarem e propagarem seu credo, o Estado sentiu que era chegada a hora de tomar a si a educação do povo em todos o graus do ensino e compreendeu até que poderia aniquilar-se, deixando a outras instituições o monopólio do ensino.

*Que igreja é Lombroso?*  
*Bobagem*

*Antes, há, a "Sorbonne" surgia ("Emergia") da piedade particular? Que historiador! Seria interessante que o "de" tivesse sido se usava outra "Sorbonne" permitiu "Vas" historicar! Sem pre-judicatos e jaspelhas!...*

Foi nesta nova era do pensamento revolucionário, quando as dinastias se despenhavam de seus tronos solapados, quando o mundo cantava a Marselhesa, quando nem a Santa Aliança pôde asfixiar os anseios de liberdade que sacudiam o gênero humano, foi dentro do tufão do ciclo revolucionário que o Brasil alcançou a independência. Não podia escapar aos imperativos do mundo moderno. As idéias democráticas conquistavam o Ocidente e não houve, daí em diante, eclipse algum que não servisse, pelo contraste, para melhor realçar a beleza da luz.

Grande era a tarefa que incumbia ao Estado brasileiro! Tínhamos de lançar de sobre nós um legado de incultura e de fanatismo tenebroso! Se os grandes e velhos povos da Europa curfiam suas noites de obscurantismo, que só a aurora da revolução veio varrer dos céus; que seria dum pobre e pequenino povo peninsular, que, após façanhas inauditas, se esgotava por conservar em todos os quadrantes os restos da grande epopéia que vivera? Portugal fizera pelo Brasil o que pudera. Não sejamos injustos com os nossos antepassados que souberam cruzar os mares tenebrosos em frágeis caravelas e assentar no leste do continente esta maravilha que é o Brasil, a despeito da ambição doutros povos colonizadores e de mil dificuldades que rebentavam ante seus passos ousados de gigantes. Não pecamos a Portugal mais do que lhe fôra humanamente possível conceder.

Ao encetar sua vida antônoma, o Brasil tinha muito que fazer, não só no terreno da educação, senão também em tudo o que concernia à formação duma nacionalidade. A semente que os jesuitas plantaram estava quase morta. Os esforços de Pombal em nada resultaram de apreciável. A côrte de D. João VI, transplantada à pressa para o Brasil, pretendia construir, porque assim o digamos, do vértice para a base. Não criou escolas primárias, mas fundou academias. O que se queria era impressionar os diplomatas estrangeiros com os aparatos duma capital para o novo império, que, em pomposo manifesto, o Príncipe Regente proclamara ao mundo, fugindo, em pranto, à cavalaria de Junot.



A Constituição do Império, com o seu Ato Adicional, não quis enfrentar a questão da educação pública. Lançou-o às costas das Províncias, reservando-se a si a fundação e manutenção de escolas superiores. Fechou os olhos a uma das necessidades primaciais do país. O ensino secundário ficou oscilando entre o Império e a Província. A República, que criou o ministério da Educação para logo em seguida extingui-lo, teimou em recolher o triste legado de incúria e descaso. A imensidão do país explica que seus problemas não sejam resolvidos duma assentada; temos de marchar por etapas. Mas também não justifica que se cruzem os braços na esperança de um milagre.

Sergipe, declarado província autônoma pelo nosso primeiro e único rei, D. João VI, no dia 8 de julho de 1820, era, em instrução, uma miniatura do Brasil. Nem se alegue que tivemos homens notáveis no período colonial. Tivemo-los, por sem dúvida, e disso é prova evidente o insigne paulista José Bonifácio, que encantou a Europa com uma erudição multiforme, com uma personalidade de sábio e de artista, como poucas iguais conhece a nossa história. Mas todos esses vultos superiores se fizeram fora do país, que carecia de institutos de ensino secundário. Esses talentos rútilos e brilhantes eram emigrados voluntários, que iam buscar a Coimbra ou a outros centros culturais da velha Europa o pão do espírito que ambicionavam, mas a Pátria lhes não podia dar. Preferiam eles o amargo do exílio ao estiolamento da inteligência.

Lenta e desgracadamente, bem lenta tem sido a evolução do ensino público brasileiro. Só no período regencial foi que o país teve o seu primeiro estabelecimento público de ensino secundário com a criação do Imperial Colégio de Pedro II. Bernardo Pereira de Vasconcelos, então Ministro do Império, recebeu o plano e o executou. A 2 de dezembro de 1837, Araújo Lima, o futuro marquês de Olinda, assinava um decreto de alta significação histórica. Era sobretudo um exemplo o que se passara nessa data. E Sergipe, a minúscula província, apertada entre o Real e o S. Francisco, não se quedou apático em face do que ocorrera na corte. Seria uma

pequena terra com D.º Ligeira

Como 71  
Sergipe  
71  
131  
!!  
Tivemos  
homens cul  
tos e legít  
os com  
de nome  
a "terra  
latinoista

71  
Pedro  
de 1837  
que Serg

antevisão dos nossos destinos espirituais e da nossa projeção mental no cenário da pátria brasileira? Mais cedo ou mais tarde teríamos em nossas plagas o eco daquele decreto memorável. É bem verdade que havia então em todas as Províncias as aulas avulsas de latim, de francês, de retórica, de filosofia e de geometria. Nem se lhes pode negar a utilidade. Quando regidas por bons mestres — e bons mestres são os que se apaixonam pela sua missão — formavam tais aulas não raras mentalidades ou cerebrações vigorosas. Nesta altura das nossas considerações haja vista o nosso Tobias Barreto, que, começando por estudar latim na Estância e no Lagarto, respectivamente com o padre Domingos Quirino de Sousa, bispo de Goiaz mais tarde, e com o padre José Alves Pitangueira, encontrou no idioma donoso do Lácio aquelas preciosas prendas que Antonio Feleciano de Castilho descreveu com o encanto de seu fecundo estilo: "O hábito de analisar uma lingua tão perfeita, cria no espirito uma propensão lógica, uma necessidade de exacção, cujas vantagens são inestimáveis para quem há de escrever; habilita para a afinação da prosa e para os efeitos artísticos do estilo, dois predicados essenciais para a duração e imortalidade das obras; e nos familiariza com o pensar de grandes homens, que não escreviam de empreitada, por aposta, ou para negócio como hoje, pois quem no original não leu os bons autores, por mais insignes traduções que deles devorasse, não os leu nem os conhece".

Assim aconteceu a Tobias Barreto e a outros muitos que beberam a largos haustos naquelas aulas humildes da remota Província.

O exemplo de Bernardo Pereira de Vasconcelos haveria de encontrar imitadores. E encontrou-o em Sergipe d'El-rei. Em 1846, nove anos depois da fundação do Imperial Colégio de Pedro II, o comendador Antonio Joaquim Alves do Amaral, presidente da Província, pediu à Assembléa a criação de um Liceu, sugerindo que nele se reunissem as aulas avulsas de latim, francês, retórica, filosofia e geometria. A Assembléa, no artigo 6.º da Lei Provincial n.º 165, de 21 de março de 1846, autorizou o Governo a orga-

*É Augusto desenvolve o que se chama, administrativamente, centralização do ensino secundário! Tais aulas, linguísticas adultas, eram classificadas, pedagogicamente, como latente, e ensinava-se o latim de acordo com o método de...*

nizá-lo e afinal foi o Liceu de São Cristóvão instalado nos salões do Convento do Carmo, no dia 15 de março de 1847, há cem anos hoje, exatamente.

Esse acontecimento de transcendente importância influiu sobre os destinos intelectuais de Sergipe. Ia começar uma formação mais sistematizada e pedagogicamente mais perfeita para a juventude de nossa terra. Que importava a humildade do cenário? uma escola ao abrigo dum convento? Esse Liceu, instalado, faz hoje cem anos, às margens do Paramopama na velha cidade que evoca a figura lendária de Cristóvão de Barros, foi um dos primeiros elos desta cadeia áurea que prende Sergipe à história intelectual do Brasil. Nele iniciaram seus estudos Pedro de Calasans, o cantor de Ofenisia; Elisiário da Lapa Pinto, Geminiano Pais e Graciliano do Prado Pimentel, todos vultos de relevo não vulgar na galeria dos grandes sergipanos. Para me não alongar, lembrarei apenas, o mais eminente de seus mestres ou, pelo menos, o mais famoso, o padre José Gonçalves Barroso, o maior orador sacro de Sergipe, aquele que, na cõrte, impressionava vivamente os auditórios cultos com os arroubos das suas imagens e o burilado de sua linguagem magistral.

Extinto o Liceu em 1855 com a mudança da Capital, o Ateneu Sergipense, instalado em 1871 em Aracaju, foi a sua natural sequência e daí em diante, sem interrupção, vai realizando o ideal dos que criaram o Liceu na data que hoje comemoramos. Dos estabelecimentos atuais de ensino secundário de Sergipe, o Colégio Estadual de Sergipe é o mais antigo e o que mais tem, sem dúvida, concorrido para o engrandecimento intelectual de nossa gente. Rememorar, um a um, não só os mestres que, sem desfalecimentos mas com tenacidade e abnegação, ilustraram aqui suas cátedras, senão também os alunos talentosos e brilhantes, que, daqui saindo, foram prestar ao Império ou à República, à Província ou ao Estado, benefícios incalculáveis em todas as profissões e atividades — seria obra de fôlego que demandaria uma conferência especial. Entretanto,

não me furto ao desejo de proclamar, bem que de passagem, as

Esse facto  
de...  
na verbal.

9.º da Lapa  
Pinto!

Esse orador  
sacro de Sergipe  
o mais famoso!

9!  
Esse orador  
sacro de Sergipe  
Mentor...

Barroso!  
Flora e  
decento  
Ligação v  
com o  
outro p  
Estancin  
p.º Lavand  
os, pais e  
Aracaju m  
tinha com  
p.º o Liceu  
onde que  
portadora  
nada mais  
nem em 1855

(6) 'Le' nel' entendia o fenómeno de força social da centralização ou descentralização das Cadeiras Alameda-rias? Não ha um any a adulação para os flatus, para apressando o assunto!...

benemerências de mestres consumados que já se foram dentre nós, mas de memória perenal e indelével na gratidão dos que ficaram: Bricio Cardoso, filólogo e escritor; Alfredo Montes, mestre abalizado de línguas vivas; Antonio Diniz Barreto e Félix Diniz Barreto, latinistas provecos; Genuiniano Pais de Azevedo, batalhador indefeso pela causa da instrução; Baltazar Góis, pedagoga e mestre do vernáculo; Guilhermino Amâncio Bezerra, inteligência rutilante no magistério ou fora dele; Prado Sampaio, bela vocação literária e filosófica; Manuel Francisco de Oliveira, coração de mestre paternal e espírito nutrido de sólidas humanidades; Severiano Cardoso, talento dos mais famosos na teoria dos mestres sergipanos; Alcebiades Pais, cavalheiro, humanista erudito e mártir do ensino em nossa terra; Abdias Bezerra e Artur Fortes, robles que ainda há pouco tombaram diante de nossos olhos maravilhados...

E que não diríamos nós porventura, se tivéssemos de recordar por miúdo os alunos desta casa, que em Sergipe ou fora dele derramaram a flux as cintilações de seu espírito, aqui alimentado e robustecido na lição de sábios mestres? se falássemos de João Ribeiro, de Maximino Maciel, de José Rodrigues da Costa Dória, de Gilberto Amado, de Manuel Bomfim, de Jackson de Figueiredo, de Graco Cardoso, de Anibal Freire, de Dias de Barros, de Clodomir de Souza e Silva, de Esperidião Monteiro, de Felisbela Freire, de Manuel dos Passos, de Carvalho Lima Júnior, de Gamaliel Mendonça, de Gentil Tavares da Mota, de Hunald Cardoso, de Barreto Filho ou de José Calasans? Foi aqui que essa revoada de inteligências enrijou as penas para os grandes voos e as migrações vitoriosas.

Sergipe, pequenino e pobre, granjeou na comunhão brasileira uma fama que o compensa da pequenez e da pobreza. Terra incomparável da inteligência — eis o que se ouve por aí afóra, o que se diz em nossa presença e em nossa ausência... Para isso contribuiu poderosamente o ensino secundário, a todos oferecido e facilitado, sobretudo aos desprotegidos das sorte, porque os opulentos

*Uma sãtica de  
Jequitiã opóstata!  
Luz e calor de inteligência  
vão a esta altura de repleção no com o intuito de vencer e Yoi' Calasans.*

*ansiosos em si, latentes  
em si.*

filhos da nobreza provinciana podiam procurar no Recife, na Bahia ou no Rio de Janeiro os ginásios ricos ou os internatos custosos que mimavam a vaidade dos progenitores de braço. O direito, a medicina, a engenharia, a milicia e as letras aqui tiveram uma fonte salutar que animou e retemperou os jovens ansiosos de alcançar essas profissões e, por meio delas, servirem à pátria e à família.

*Uma, pro-  
prietor, a  
consegui-  
jai a qual  
to, nem to  
ganado!*

Agora que estamos a festejar o centenário do ensino secundário em Sergipe, não é tempo de sugerir que o segundo século do ensino secundário deve abrir a era do ensino superior em nosso Estado?

Não se poderia, certo, falar nisso, quando o velho Liceu de São Cristóvão, dirigido pelo padre José Roberto de Oliveira e secretariado pelo padre José Gonçalves Barroso, contava algumas dezenas de alunos. Nem tampouco se poderia cogitar de ensino superior em Sergipe, quando o Ateneu Sergipense mal contava uma centena. Mas, ao presente, quando o Colégio Estadual de Sergipe conta 970 alunos matriculados para os cursos de 1947, quando existem funcionando com muitas centenas de alunos seis ginásios, além do Colégio Estadual, já se não pode crismar de utopia a sugestão do ensino superior em Sergipe. Se foram prematuras as idéias avançadas (o que não creio) do governo do dr. Graco Cardoso no assunto que estamos ventilando, outro tanto não se dirá, se alguém levar a efeito o que se malogrou infelizmente em 1927. Começou o tempo do ensino superior. Por que não teremos uma escola de agronomia, uma faculdade de filosofia ou direito? Coimbra é uma cidade menor que Aracaju e desde o século XIII possui uma universidade famosa. Esta seria a melhor maneira de comemorar praticamente o centenário do ensino secundário em Sergipe. A ampliação da rede do ensino primário acarreta fatalmente o ensino secundário; a ampliação da rede do ensino secundário acarreta o ensino superior. A vontade forte é o abre-te, Sesamo e não duvido que haja vontades fortes, serenas e clarividentes na tripulação da nau do Estado, nesta nova jornada que se vai iniciar.

*Quando  
Academ  
nigido por  
cursos?!  
San tipo  
basta!*

*Nova por-*

*nação que se vai iniciar e linguística, sem b... e  
o movimento que apresenta dignidade que se vai fundar...*



Discurso pronunciado pelo Capitão Damião Mendonça de Santana, Vice-presidente do "Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe", em a noite de 4 de Agosto de 1948, por ocasião das comemorações do 1.º Centenário de nascimento do Dr. Manuel Armindo Cordeiro Guaraná

Meus Senhores :

O "Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe" vem, mais uma vez, justificar perante vós a sua sobrevivência. Esta Casa existe, pela necessidade que tem, de manter o culto das tradições, venerando a memória dos heróis ou dos que, pelo sacerdócio exercido nas letras, nas ciências ou nas artes, se tornaram credores do registro sereno da História. Ela é, como tantas outras congêneres, centro de cultura, por onde se caldeiam os valores realmente dignos de figurarem em suas galerias, para gáudio dos contemplativos, ou de quem, por necessidade intelectual, venha encarar a efígie dos nossos pró-homens, daqueles que adquiriram, em direito incontestado, lugar de destaque no amplo cenáculo da posteridade.

O Sodalício constitui elo de inquebrantável unificação da idéia universalizada pelo princípio de exaltação do mérito, qualquer que ele seja, ao abandono dos preconceitos de côr, religião, ou credo político, porque a Cultura possui, em sua essência, um sentido eminentemente democrático. Ele realiza o milagre da reafirmação histórica dos valores intrínsecos, mais das vezes, com o acêrto e a justiça dos que julgam com serenidade, e com aquela isenção de

*Uma Sa  
Bague*

ânimo, que caracterizam a distância de tempo e espaço. É a legítima condecoração no peito dos heróis, ou a corôa de louros na fronte dos eleitos! E quando, por motivos óbvios, homenageia-se um vivo, pode-se arguir desonestidade intencional no gesto; ao reverenciarmos, porém, a um morto, que nem por descendentes poderia distribuir favores ou propiciar situações vantajosas, aí, sim, meus Senhores, faz-se, em verdade, aquela justiça, de cuja sentença não pode haver agravo, porque lavrada, em sã consciência, pelo juízo sereno da posteridade.

Eis o que hoje realizamos nesta Casa. Decorridos vinte e quatro anos do seu trespasse para o Além, encontra o dr. MANUEL ARMINDO CORDEIRO GUARANA, no coração e no espírito dos sergipanos que aqui fazem praça comum de veneração e respeito a seus antepassados ilustres, a natural ressonância das excelentes virtudes que lhe formaram, em vida, uma personalidade remarcada pelos mais enaltecidos atributos morais e intelectuais.

O 1.<sup>o</sup> Centenário do nascimento de ARMINDO GUARANA, sócio fundador e honorário do Instituto, vem marcar, na vida do mesmo, um de seus pontos mais altos, dado que, dentre tantas outras comemorações similares, nem tôdas se lhe podem rivalizar, pelo valor dos motivos excepcionais que a determinaram. Pena é, que êsse traço fundamental da existência do Sodalício, não possa ser gizado por quem melhõrmente collocasse, em justos termos, a figura inconfundível do homenageado. De mim próprio, ocupando, com visível deslustre, esta tribuna, por tantos outros tantas vezes **abrilhantada**, nem sei que mais feliz ensêjo possa fruir, ou que mais agradável e honrosa tarefa me possa ser acometida, além da que ora procuro desincumbir-me, demasiada glória para a minha humilde carreira literária. E si, satisfatoriamente, não o faço, que culpa me cabe, sinão, apenas, àquêles que me investiram em tão difícil mandato, bem asado, contudo, ao meu espírito, todo afeito à contemplação do passado, rebuscando-lhe os ominosos exemplos, no balanço definitivo dos contrastes em que se baseia a existência humana? Generosos, porém, que sois, ou deveis ser, espero



indulgenciareis falhas ou deficiências aqui apresentadas, no desatavio com que procurarei lavar, servindo-me dos pobres instrumentos da inteligência, a moldura do magnífico quadro, que, em soberbas pinceladas, compôs o distinguido morto, durante o luminoso traço de sua procvitosa existência. E si, a quem melhor preparo, em cultura e talento, não cabe a feliz incumbência, proclamo, alto e bom som, que para mim venho reivindicar tal direito, quando não seja suscitado pela admiração à figura do ilustre homenageado, mais ainda reclamado pelo alto aprêço e mui elevada conta, em que me permito ter, a pessoa, por todos os titulos respeitável, de d. MARIA LUIZA DA SILVA GUARANÁ, a d. VAYÁSINHA GUARANÁ, por todos nós sobejamente conhecida, pelas peregrinas virtudes, de que é portadora. E a estas razões, outra poderia aduzir, menos pessoal do que mesmo objetiva, qual seja a de viver convosco momentos como êste, em que, mau grado o mundo utilitarista que nos malsina, pela encontradiça tortura dos sentimentos negativos do Bem e do Belo, podemos reajustar nossos espiritos n'um prélio da inteligência — verdadeiro oásis da Idéia — onde não se pode apontar vestígio de maldade, ou viso intencionalmente louvaminheiro. Exercita-se, bem ao contrário, o culto ao mérito, despertar olímpico da intelectualidade, na justa do dever, contraído pelo presente em favor da posteridade, tendo como gládio protetor o protérito glorioso que faz à Verdade serventia de dádivo exemplo!

Justificada, dêste modo, minha presença nesta tribuna, recapitularei, agora, a traços largos, a vida de ARMINDO GUARANÁ, ciclo luminoso de 76 anos, durante os quais nada se conhece, que possa macular-lhe a memória augusta.

A "Sabinada", o famoso movimento irredentista nascido na Bahia e ai afogado pela bravura de CAXIAS, encontrou, na pessoa do farmacêutico licenciado JOSÉ TEODORO GUARANÁ, avô paterno de ARMINDO, um prosélito destemeroso e audaz, tanto que, em consequência, veio aquêle refugiar-se em Sergipe, fracas-

sado o movimento revolucionário, ao qual se opunham os conservadores da época.

O destino tem dessas coisas. Arremessa-se contra determinada criatura; persegue-a, conturbando-lhe os passos da existência e, no final de contas, traz, no torvelinho de suas malsinações, algo de inevitavelmente feliz, originando fatos e coisas, que vão servir de justos pretextos à afirmação da própria História.

E foi assim, que, fugindo o avô às perseguições consequentes do ardor com que se empenhara no malogrado movimento, veio aqui ver a luz do dia, pela primeira vez, na então capital da Província de Sergipe d'El Rei, faz cem anos hoje, aquela criancinha trêfega e de olhar bem vivo, que, à pia batismal, recebera o nome de MANUEL ARMINDO CORDEIRO GUARANÁ, filho do advogado provisionado TEODORO CORDEIRO GUARANÁ e d. ANDRE. LINA MUNIZ DE MENEZES GUARANÁ. Pela linha materna, descendia do Major PEDRO MUNIZ TELES DE MENEZES, bravo soldado do Império, com relevantes serviços prestados nas campanhas do Prata e nas lutas originadas pela célebre revolução de 1817, em Pernambuco.

Mais uma vez, o Destino, caprichoso e sábio, reunia filhos de criaturas que defendiam, politicamente, princípios diametralmente opostos, como que a mostrar que o Amor possui forças, que a razão ou aos preconceitos, desconhecem. E serve, também, a demonstrar como, pelas leis do atavismo, herdamos os filhos qualidades dos pais, transmitindo-se às gerações seguintes, no caso resultando, que o dr. ARMINDO GUARANÁ iria patentear os nobres sentimentos dos avós, na sua atribulada carreira pela judicatura do país, ora aqui, ora no Piauí, ou no Ceará, sempre mantendo e conservando uma linha de conduta, que jamais se afastara da retidão e da honestidade do dever cumprido, aprofundando raízes de grande respeito e sincera admiração, mesmo por parte daquêles a quem seus atos ocasionavam qualquer prejuízo moral ou material.

Feita esta digressão, vejamos, agora, como ARMINDO GUARANÁ, depois de, aos seis anos de idade, iniciar os estudos pri-

mários na Escola do Padre JOSÉ ANTÔNIO CORREIA BRAGA, com freqüência, ainda, pelas aulas dos Professores MARCOLINO ROCHA, ANTÔNIO JOSÉ RODRIGUES DOS COTIAS e GRACILIANO ARISTIDES DO PRADO PIMENTEL, estudou Latim com o Padre JOSÉ ROBERTO DE OLIVEIRA, seguindo, logo depois, para a Bahia, onde fez cursos, como interno, no "Colégio 2 de Dezembro" e no "Atenêu Bahiano". Ai, precisamente ai, foi que se deu fato de extraordinário relêvo na vida do jovem são-cristovense: distinguu-se êle nos estudos de Geografia, de tal maneira, que, seguindo bem cultivadas tradições, confere-lhe o Atenêu, por êsse motivo, expressivo diploma, assim redigido:

"Atendendo ao merecimento e singular aproveitamento com que se tem distinguido n'aula de Geografia o sr. MANUEL ARMINDO CORDEIRO GUARANÁ, o julgamos digno do Prêmio, que consiste em ser coroado com louro, perante todos os assistentes do ato. — E para sua satisfação lhe passamos o presente Diploma, por nós assinado, Bahia e Atenêu 29 de Novembro de 1862, (ass) O Diretor — JOSÉ PEREIRA DE SOUZA FILHO, O Professor — FRANCISCO BARBOZA d'ARAÚJO".

Este documento, precioso manuscrito com uma tarja bordada em relêvo, verdadeiro primor de arte gráfica da época, é hoje oferecido pela viuva de ARMINDO GUARANÁ ao Instituto, para figurar na galeria dos documentos históricos da Casa, e serve a mostrar, como o talento do jovem sergipano dava tão eloqüente prova da sua pujança, penhor seguro, ao mesmo tempo, dos vãos altos a que estava êle destinado, nas lides, tantas vezes tão pouco recompensadas, do pensamento. Imagine-se, Senhores meus, a satisfação e o orgulho de ARMINDO GUARANÁ, n'um ato que evocava os gloriosos dias da Hélade antiga, a fronte coberta de louros, talqualmente acontecia aos primazes da cultura helênica, imortalizados no templo da deusa Atena Partenos! Pois bem — e

ai está uma surpresa para todos vós — GUARANÁ jamais mostrara tal documento à sua amantíssima espôsa, não para lhe negar tamanha alegria e tamanho orgulho também, mas, por requintada modéstia, um dos traços predominantes do seu carater, enrijecido na invejável enfiatura moral. Sòmente agora, decorridos tantos anos, falecido êle, vai d. YAYÁSINHA encontrar, casualmente, entre papeis seus, aquêlê Diploma de honra que o Instituto recebe, neste instante, n'uma generosa prova de confiança, de quem melhor poderia conservá-lo, entre os afaços do coração e as lágrimas sentidas de uma saudade, que o tempo não fenecerá nunca...

Da Bahia, rumou para Pernambuco, em 1865, afim-de fazer o curso de humanidades, no "Colégio das Artes", do dr. MANUEL BARBOZA DE ARAUJO, e "Colégio S. Joaquim", do dr. JOAQUIM JOSÉ DE CAMPOS. Concluido êste, matriculou-se, em março de 1867, na famosa faculdade do Recife, onde a algarávia de Justiniano foi ministrada, com sapiência, pelo Gênio da Escada — TOBIAS BARRÊTO DE MENEZES, e, cinco anos depois, isto é, em 1871, era ARMINDO GUARANÁ doutor de borla e capêlo, na gloza feliz do consagrado autor de "Dias e Noites". Terminados ai, e de maneira saliente, os anseios do estudante, volta o sergipano illustre à Província, desejoso de ingressar na carreira que abraçara, em estudos, por vocação, jamais, em tempo algum, desmentida. E assim é, que, a 25 de outubro do ano seguinte, foi nomeado Promotor Público da Comarca de S. Cristóvão, sua cidade natal, que sempre tanto amara, até que, com breve interrupção, foi promovido, em igual cargo, para a cidade de Itabaiana, por Decreto de 13 de outubro de 1873.

Saudoso de sua cidade natal, pediu, e obteve, remoção para a comarca de S. Cristóvão, onde permaneceu, de 7 de julho de 1874, até 3 de abril de 1878, data em que dali rumou para Terezina, afim-de assumir as funções de Secretário da Província do Piauí, para as quais fôra nomeado, por Carta Imperial de 16 de março.

Consagrado latinista, teve, ali, ensêjo de lecionar, interinamente, a cadeira da lingua-mater, no "Liceu Piauiense", onde pou-

*Algarávia? Tobias, "Gênio da Escada"?*

de revelar, à saciedade, os profundos conhecimentos dessa disciplina, adquiridos com a mesma e séria perseverança com que se dedicara às outras coisas, em tôda a sua vida.

Novamente volta ARMINDO GUARANÁ a Sergipe, como Procurador Fiscal da Tesouraria Provincial, por nomeação de 22 de dezembro de 1879, época em que, tendo sido a cidade de Estância abalada por um crime de certa gravidade, foi êle escolhido, pelo Governo, para funcionar como órgão da justiça pública, cujos resultados, dada a delicadeza do fato, puseram à prova a especial confiança que lhe fôra depositada, o que lhe valeu destacados encômios

ARMINDO GUARANÁ, conquanto amante da tranquilidade, e aspirando a viver vida de recato e bonança na terra natal, trazia, consigo, o destino dos nômades. Assim é, que nunca pudera permanecer, por longo tempo, no mesmo lugar, muito menos em Sergipe, coisa que em seu pensamento se erigia ao mais alto ponto dos desejos. E lá se foi, de-novo, para o Norte do País, desta feita para o Ceará, a terra das formosas carnaubeiras, de leques verdes abandonando à terra de Iracema a fresca viração vinda do mar... O Destino fê-lo enamorar-se da terra e da gente bôa e acolhedora do grande Estado do Norte, de quem DEMÓCRITO ROCHA, sergipano ilustre que muito tempo lá viveu e onde morreu, teve estas palavras de encômio: — "O rio Jaguaribe não tinge o mar, porque o sangue do cearense é azul!" Azul, pela nobreza de sentimento daquêle povo heróico e indomável, que continua lutando, em titânico esforço patriótico, em prol do seu crescente progresso. É como particular homenagem a essa gente sofredora e audaz, leio os versos "O cearense no Céu", do conhecido vate cearense ANTONIO SALES, que bem refletem os sentimentos daquela que m'os facultou. Ei-los:

"Um justo chegando ao céu,  
cheio de curiosidade,

andou por ali ao lèu,  
vendo a divina cidade.

Vibraram músicas suaves  
de harpas, violinos, banjos...  
Como belíssimas aves,  
passavam cantando os anjos.

“Sorrisos por tôda a parte,  
por tôda a parte esplendores!  
Mundo de prantos e dores,  
quem pode ali recordar-te?”

O justo, maravilhado,  
continuava o passeio,  
quando, de surpresa cheio,  
viu um sujeito amarrado!

Pegando um anjo pela asa,  
pediu-lhe uma explicação,  
e lhe disse: “Essa prisão  
é contra as regras da casa!”

Para conservá-lo cá,  
prendemos êsse teimoso:  
É um cearense saudoso,  
que quer voltar ao Ceará”!

\*  
\* \*

Mas o Decreto de 13 de maio de 82 estava fadado a ter curta duração, e outro ato Imperial, datado de 30 de setembro do mesmo ano, ia arrancá-lo à Secretaria Provincial do Ceará, sob o Governo

do dr. SANCHO DE BARROS PIMENTEL, transferindo-o, como Juiz de Direito, para a Comarca do Oeiras, a antiga capital da Província do Piauí, onde o seu afastamento, dois anos depois, dera lugar às mais sentidas manifestações de pesar, por parte da população local.

A êsse tempo, corroia-lhe a alma uma saudade, como nunca sentira, da terra-berço distante, mais distante ainda em fins do século passado, pela natureza dos transportes, pois SANTOS DUMONT não dera asas metálicas ao homem, para, com elas, no milagre do mais pesado que o ar, encurtar as distâncias, de tempo e espaço.

Naquêles tempos, Sergipe gozava fama de possuir, talvez, a gente mais desordeira de tôdas as Províncias do Império, e podia se contar, por muito poucos, os juris que terminavam suas tarefas de julgar, condenando ou absolvendo, em defesa da Sociedade, cidadãos que se viam atirados às barras dos tribunais. Si ainda hoje, lá pelos invios sertões dos Estados, correm penosos riscos aquêles que se aventuram defender a aplicação serena da Justiça, contra a vontade dos coronelões quixotescos arvorados em verdadeiros senhores feudais, imagine-se, no passado, um ARMINDO GUARANÁ, altivo e independente no julgar e no sentenciar, obediente, apenas, às convicções de acêrto da sua consciência ilibada de Juiz, e desatento, sempre, aos comícios e às explosões de despeito daquêles que sentiam iminentê a contrariedade de seus desejos!

Pois foi sopesando tal ambiente de insegurança e periculosidade pessoal, para um Juiz íntegro como êle o fôra, que seu dilêto amigo dr. SANCHO PIMENTEL, para quem apelara, no sentido de voltar a Sergipe, lhe ponderava, que só existindo vaga em Itabaiana, onde êle já servira em 74, e sendo a dinâmica cidade de CARVALHO LIMA JUNIOR uma das que, naquela época, talvez melhor se enquadrasse em tal conceito, julgava de bom alvitre esperar mais um pouco. Mas o dr. GUARANÁ, cioso de muito amor e devotamento a Sergipe, lhe dera pronta resposta, dizendo que, si Itabaiana era Sergipe, êle aceitava a nomeação! E lá se veiu,

76  
.....  
ora!!!

ora!

com armas e bagagens, já agora trazendo, consigo, a dedicada companhia sua de tôdas as vicissitudes e tôdas as alegrias, d. YAYÁ-SINHA GUARANÁ, roubada, cêdo ainda, lá pelos fins de 1882, aos amavios sonorosos da linda cidade de Fortaleza, a enamorada do Sol, para as lutas ingentes de vida tão tribulada quão preciosa.

O que foi a permanência de ARMINDO GUARANÁ em Itaiana, durante cêrca de seis anos, cumprindo, amargamente, as proféticas previsões do amigo sincero e dedicado, dá-lo melhor as sentidas recordações daquela que, a seu lado, suportava vexações sem conta, enfrentando dissabores inauditos e tôdas as humilhações morais, que só aos fortes é dado vencer, ou pelo impeto violento das atitudes, ou, melhor ainda, pelo estoicismo da indiferença. E para positivar, de maneira eloqüente, o vigor e a retidão das ações do dr. GUARANÁ, no sacerdócio de sua imaculada judicatura, bastaria alegar, que a primeira sentença lavrada por êle, naquela Comarca, foi contrária aos interêsses do Partido Liberal, em cujas fileiras militava, como um de seus mais fortes esteios, tendo, até, ocupado uma cadeira, pelo referido Partido, na Assemblêia Provincial, em 1880/81.

Quasi seis anos após aquela investidura, isto é, a 11 de abril de 1890, tendo sido criado, em Sergipe, o lugar de Juiz de Casamentos, foi o dr. GUARANÁ designado para essas funções, até que, a 3 de julho do ano seguinte, foi nomeado Dezembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Espirito-Santo, sem prejuizo das funções de Procurador da Soberania do Estado, cargos que exerceu, cumulativamente, até a dissolução daquêle Tribunal, em face do movimento revolucionário então senhor do Estado capichaba, sob o Govêrno do Barão de MONJARDIN. A Junta Governativa deixou de reconhecer a sua vitaliciedade, vendo-se GUARANÁ obrigado a acionar o Estado, do que resultou ter sido posto em disponibilidade.

Profundamente desgotoso, transferiu a residência para o Rio de Janeiro, onde exerceu a advocacia pelo espaço de dez anos, com



a mesma serenidade e altivez com que se portara em tantas outras oportunidades.

Os encantamentos da Metrópole não lhe foram indiferentes, e, além disso, o cultivo de boas relações de amizade favoreceu muito ao seu espírito investigador e paciente, criando-lhe situações vantajosas na advocacia, por êle exercida com a consciência que o trato constante das leis lhe inspirara, até então, na vertiginosa e inquieta carreira pela judicatura nacional.

Foi aí, que, por influência do dr. ANTONIO NOGUEIRA ACIOLI, famoso chefe político no Ceará, e muito seu amigo e admirador, prestou concurso para o cargo de Juiz Seccional daquelle Estado, cuja nomeação ocorreu a 9 de setembro de 1902.

Sua permanência nêsse cargo, durante três anos, deu-lhe margem a consolidar o prestígio que já vinha grangeando, por tôda parte, principalmente allí, onde sua passagem, dessa feita, assumira aspecto de mais profunda seriedade, pela alta investidura do cargo exercido.

As saudades que êle sentia de Sergipe aumentavam dia a dia, mas o Ceará vencia-lhe o anseio, pela fôrça do coração. É que d. YAYÁSINHA, lá tendo nascido, e possuindo os seus, pai e mãe a quem muito amava, de lá também não desejava partir. GERARD DE BERNARD teve razão, quando disse que a terra onde se nasce, é duas vezes a pátria — "La terre paternelle c'est deux fois la patrie". E assim, Ceará e Sergipe se tornaram, para MARIA LUIZA e ARMINDO GUARANÁ, polos opostos, formando a mesma corrente de êlos magnéticos, criadores de vitalisantes energias, nas quais ambos se nutriam, em profundo e santo amor, GUARANÁ, seduzido pelo acalanto das paisagens ridentes da Barbozópolis ciosa e catita do seu vestido novo de chita", no dizer de GUMERCINDO BESSA, ou da sua vetusta São Cristóvão, sedutora pelo banho-morno, pela água do "Cristo", pelos sobrados de varandas largas e igrejas patriarcais, até um estilo barrôco... D. YAYÁSINHA, prêsa à contemplação das marinhas que os seus olhos pincelavam, todos os instantes, na tela magnífica da Natureza,

Photo.  
Tatata

emolduradas pelo horizonte longínquo, onde se perdem à vista as jangadas indômitas dos famosos "Jacarés", singrando os verdes mares bravios. . .

Êles eram duas almas gêmeas, porisso não se desavieram — concordaram. Mais um ano se deixariam ficar em Fortaleza, — GUARANÁ, prelibando a hora feliz do regresso, e d. YÁYASINHA, entre sentidas lágrimas derramadas em segredo e queixumes discreteados em surdina, a encher o espírito de ânimo forte para a partida, que se avisinhava. E quando ARMINDO GUARANÁ partiu de Fortaleza, para não mais voltar, o dr. ACIOLI, Governador do Estado, que muito insistira com êle para tão cedo dali não se afastar, não obstante a rigidez de carater do Juiz haver contrariado, algumas vezes, os desejos — que eram verdadeira fôrça de lei no Ceará — do famoso chefe político do Norte, o qual, se bem quisesse, teria opugnado a sua nomeação, — determinou que o embarque se efetuasse pela ponte metálica, ainda não aberta ao serviço público, e sómente depois inaugurada pelo então Presidente da República, dr. AFONSO MOREIRA PENA. Isso era — não há negar — prova do alto aprêço e nobre estima, em que se nutriam amizade e respeito mutuos, de há muito alimentados, e nessa última permanência do dr. GUARANÁ no grande Estado do Norte, mais consolidados, ainda, pelo acatamento ao Jurista, que, durante trinta anos, no árduo desempenho de tão nobre mister, jamais tivera o dissabor de ver uma sentença reformada!

Mais tarde, em novembro de 1936, a Justiça Federal do Ceará, cultuando a memória de tão notável sergipano e brasileiro de mérito, inaugurou, em seu salão de honra, n'uma festa da mais alta significação social, o retrato do dr. ARMINDO GUARANÁ. Gesto tão espontâneo e nobre, serviu a confirmar o valor incontestadoquêle a quem, neste instante, presta o Instituto esta pálida homenagem.

Também aqui em Aracaju, foi seu nome rememorado, condignamente, por duas vezes. Uma, quando CAMILO CALASANS na edilidade, mudou para "ARMINDO GUARANÁ" e ex-rua do Ria-

chão; a outra, levada a termo pelo benemérito Professor BENEDITO OLIVEIRA, dando á Biblioteca do "Educandário JACKSON DE FIGUEIREDO", o nome do consagrado jurista, a quem o Sodalício presta, neste solene momento, mais um preito de reconhecimento.

É bem vale não encerrar este breve capítulo a respeito do dr. GUARANÁ como Juiz, sem deixar de transcrever a carta que ao dr. LOURENÇO VALENTE DE FIGUEIREDO, Juiz de Direito no Maranhão, dirigira o Coronel HERMÓGENES FERREIRA DE CARVALHO, chefe político de Oeiras, onde o homenageado servira como Juiz de Direito também, quando de lá viera êle, em 1884, rumo a Itabaiana. Ei-la:

"Valente: É portador desta, o dr. GUARANÁ, que fôra removido desta comarca para Itabaiana na Província de Sergipe. Aquí residiu êle 2 anos; como Juiz é a glória da magistratura brasileira, e como particular o tipo da honestidade e o exemplo da virtude. Feliz da terra que o possuir em qualquer caracter. — Sou insuspeito para assim falar, pois, como sabes, sou de uma política oposta à dele. Em outros tempos houve aqui um Juiz — ANTÔNIO BORGES LEAL CASTELO BRANCO; mas como um — MANUEL ARMINDO CORDEIRO GUARANÁ jamais houve e difficilmente haverá. O sentimento foi geral e disto dão prova os seus habitantes por u'a moção ou felicitação que lhe dirigimos. Teu compadre e amigo (as) HERMÓGENES".

ARMINDO GUARANÁ era, de fato, um Juiz integro. A Lei, para êle, era um verdadeiro código de honra, cujos dispositivos procurava acatar e cumprir, obedecendo, segundo o conceito emitido por EPIFANIO DORIA no prefácio do seu utilíssimo "Dicionário Bio-bibliográfico sergipano", "à rispidez do seu temperamento, convicto do acêrto das suas opiniões e indiferente aos co-

mícios e às explosões de despeito de quem quer que com elas tivesse de contrariar”.

LATINO COELHO, referindo-se a Cítera, ilha lendária do Mediterrâneo, dizia que ela possuía, como atributo da sua índole guerreira, a lança. Poi bem, ARMINDO GUARANÁ, servindo-me da imagem dêsse grande vulto da literatura moderna, tinha, como predicado do seu temperamento altivo e independente, justo e nobre, aquella espada-simbólica da Justiça, que nunca se inclinara para nenhum lado, sinão que se conservava reta e indefectível na lavratura de sentenças proferidas com incontestável acerto, e que faziam dos seus atos um verdadeiro apostolado do dever!

Além de Juiz, que tanto assim se destacara, legando aos pósteros dadioso exemplo de honradez, o dr. MANUEL ARMINDO CORDEIRO GUARANÁ grangeara, ainda, um alto título, como homem de lètras.

Pouco versado que sou em linguas, quero, contudo, permitir-me o luxo de repetir, aqui, três extraordinários conceitos, que pude coligir, a respeito do gênio. Von MOLTKE, conhecido general prussiano, afirmava que o gênio é trabalho — “Genie ist Arbeit.”; TOMAZ ALVA EDISON, inventor da lâmpada elétrica, sentenciou que o gênio é assiduidade — “Genius is assiduity.”; e, porfim, o notável naturalista BUFFON, disse que o gênio é uma longa paciência — “Le genie c'est une longue patience.” ARMINDO GUARANÁ foi, não há negar, genial nas lètras, pelo trabalho que nelas desenvolveu, com beneditina paciência e uma assiduidade, que só muito poucos lhe podem igualar, sôbretudo e especialmente em estudos bio-bibliográficos, a que tanto se dedicou, e que exigem, de quem os executa, temperamento profundamente afeito ao penosíssimo afã de investigar tudo em seus mais mínimos detalhes, procurar e coligir coisas e fatos, na sua aparência de pouca importância, mas que, sem êles, perde-se o encaadeamento de um plano seguro de afirmação histórica, bastas vezes traída, à falta de ânimo decidido em tão difícil tarefa

Metódico em extremo, pode-se dizer que mais deve, a esta prestimosa qualidade, tão apropriada ao seu equilibrado temperamento, o êxito de tôdas as suas tarefas no curso da brilhante carreira literária, que abraçara, cêdo ainda. Contou, também, — e que rara felicidade! — com a dedicada e eficiente colaboração de d. YÁYÁ-SINHA, sua querida espôsa, companheira fiel de todos os instantes, solícita na guarda dos recortes e na cópia dos textos, a que êle muitas vezes se poupava, receioso de, pelo continuado esforço, cêdo perder a vista, o órgão que, parece, mais êle, dentre tôdos, estimava, sobretudo porque, míope, e, certa feita, profunda e longamente afetado, chegara a perguntar à esposa — “E si eu ficar cêgo?”, a que d. YÁYÁSINHA lhe respondera, calma e herôicamente: — “Eu serei a luz de seus olhos! . . .”.

Essa incomparável dedicação, da amantíssima espôsa, que era mais admiração e respeito pelos dotes intelectuais de ARMINDO GUARANÁ, mesmo depois do fatal desenlace, estendeu-se pelo tempo a-fora, em carinhosas manifestações de aprêço e saudade, aos quais muito si fica a dever, porque, se isso não sucedera, de tanto, nem tão pouco, poderíamos, agora, contar-vos.

A propósito de sua assiduidade em estudos e investigações na Bibliotéca Pública do nosso Estado, narrou-me EPIFÂNIO DÓRIA, outro gigante da paciência e do trabalho, que ali se tornara infalível a presença do ilustre sergipano, todos os dias, hora certa, sentado, sempre, naquela cadeira giratória de junco, que pertencera a GUMERCINDO BÉSSA, e que o Govêrno adquirira.

Sua meticulosidade chegava ao ponto de, ajudada por invejável memória, solver, de pronto, problemas referentes a datas ou detalhes outros, que, muitas vezes, surpreendia áqueles que o cercavam. De fato dessa natureza, nos dá conhecimento o dr. PRADO SAMPAIO, ao narrar-nos, em artigo publicado na imprensa local, a 26 de maio de 1931, como ARMINDO GUARANÁ, cuja intimidade não lhe era então lograda, acorrera, presto, com a precisa data de sua nomeação para o cargo de Promotor Público da Comarca de Marum, da qual o consagrado escritor sergipano não se

lembrava, e fôra solicitar aos prestimosos conhecimentos de EPIFÂNIO DÓRIA.

Afirmiação altiloquente dos conceitos acima emitidos a seu respeito, é, sem dúvida alguma, o mais importante trabalho de sua autoria, intitulado "Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano", mandado editar pelo dr. MAURÍCIO GRACCHO CARDOSO, amigo irmão, como diziam ambos, quando êste Presidente do Estado, e consoante promessa anteriormente feita ao autor.

Vinte anos JACÓ servira a LABÃO, por vero amor a RAQUEL, conta-nos a Bíblia Sagrada. Mais que isso, trinta anos, o dr. GUARANÁ servira à história de Sergipe, reunindo, paciente-mente, em titânico esforço e extraordinária perseverança, informes preciosos sôbre a vida e obra de tantos sergipanos ilustres, em alguns casos só conhecidos, graças ao ânimo decidido e forte que êle possuía, e sabia aplicar, em benefício da cultura indígena.

O Dicionário trouxe fama ao autor. Fama internacional até. Glória para êle, infelizmente, póstuma. As recompensas, quasi sempre, ou chegam tarde, ou nunca aparecem. Mais desventurado, ainda, todo aquêle que a espera cêdo. Sofre muito mais. Aliás, ARMINDO GUARANÁ não foi tão desventurado assim. Si em sua terra natal, pouco ou quasi nada lhe demonstraram, quando vivo, em reconhecimento ao esforço por êle envidado, fôra daqui por onde andou, a espalhar bondade e justiça, recebeu, sempre, as mais carinhosas manifestações de aprêço ao próprio mérito.

— Ninguém é profeta em sua terra — disse JESUS, referindo-se ao desprezo com que O tratava a gente de Nazaré. Não houve, por aqui, exceção à divina sentença. Sabe-se, até, que PIRES WYNNE menosprezara, de certo modo, a obra em aprêço, nela apontando "falhas notáveis, falta de método, ordem e critério literário, etc. Sursum corda! Mas PRADO SAMPAIO veiu logo à arena, e, em carta aberta ao festejado acadêmico, refutou, lisongeiramente, as infundadas assertivas do crítico, que o autor, a essa altura, já se encontrava na mansão dos justos.

Por outro lado, do cientista lisboêta HENRIQUE DE VILHENA e da FACULDADE DE LÊTRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, chegaram à viuva do dr. GUARANÁ, em epístolas que ela guarda com todo carinho, testemunhos eloquentes e do mais alto aprêço, referentes à obra que lhe custara, em penosos esforços, trinta anos consecutivos de trabalho, nela aparecendo 576 biografias, todas revistas por d. YAYÁSINHA. Essa obra aí está, para a serena apreciação dos contemporâneos e da posteridade. Quem a julgar tarefa de fácil execução, que tente fazer coisa semelhante, ou siga as pegadas de EPIFÂNIO DÓRIA, seu incansável continuador, e a quem poderia o Estado comissionar, a fim de completar-se o Dicionário, atualizando-o. Aí fica o nosso apêlo E além do mais, representa, em verdade, — bem teve razão em dizê-lo PRADO SAMPAIO, prefaciando-o — “um livro de amor, produto de um grande coração e sincera homenagem à terra berço e túmulo daquêle que o produziu”.

Não ficou aí, porém, o mérito intelectual do ilustre homenageado. Sua privilegiada inteligência se espraiou por outros setores de benfazeja atividade, e a pênna elegante escreveu, com erudição, vários outros trabalhos de fôlego, gizando para a posteridade o seu nome como filólogo, poeta, jornalista, geógrafo e magistrado.

Dão-nos mostra disso, farta notícia vinda como prefácio em seu Dicionário, onde se pode destacar, entre outros trabalhos, “Cartas particulares”. “Nomes indígenas dos los. rios de Sergipe”. “Glossário etimológico dos nomes da língua tupí na geografia do Estado de Sergipe”, etc.

Na cultura da língua e da literatura, em que foi mestre abalizado, transluz, irisado de extraordinários fulgores, o trabalho por êle desenvolvido através de outras atividades produtivas, ora como membro ativo dêste Sodalício, do qual foi sócio fundador e honorário, ora como correspondente de outras instituições congêneres.

Diversas foram as elevadas comissões por êle desempenhadas, no lado de outros sergipanos ilustres, no angariar elementos para a recomposição histórica de Sergipe e do Brasil mesmo, na trasla-

dação dos restos mortais de TOBIAS BARRETO do Recife para esta Capital, no levantamento de dados para o "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil", ressaltando, ainda, o fato de ter sido o único colaborador na feitura do "Dicionário Bibliográfico Brasileiro", importante realização do dr. SACRAMENTO BLAKE.

Vale destacar, aqui, duas altas condecorações recebidas do estrangeiro, uma do Governo da Venezuela, conferindo-lhe medalha referente ao Busto de SIMÓN BOLIVAR, o LIBERTADOR, outra, medalha de ouro, da "SOCIÉTÉ ACADEMIQUE D'HISTOIRE", de Paris, sem dúvida alguma, prova eloqüente do seu incontestável mérito.

Seu cérebro andava cheio de idéias generosas. Era um dinamo, que não parava nunca. Só se sentia bem, trabalhando, trabalhando sempre. Que admirável conceito fazia êle da vida, e como a sentia bela, inundada por esta luz divina, que só o Saber e a Bondade podem trazer ao homem, para tanto, assim, ter-se dedicado, de corpo e alma, a realizações tão úteis à coletividade!

Não quis passar pela vida como muitos, indiferente e egoista só e só consagrado a restritos deveres funcionais, e ao lar, que tão feliz, soubera construir. Não. Sobras de tempo, das penosas obrigações da magistratura, dedicou-as, com sacrifício conciente dos lazeres e do descanso, ao grandioso trabalho da inteligência, enriquecida de dotes privilegiados.

A ACADEMIA SERGIPANA DE LÊTRAS, de cuja Cadeira N. 15, hoje ocupada por GARCIA MORENO, é êle o Patrono, muito lhe ficou a dever, como pioneiro de sua fundação, e disso é testemunho valioso, o trabalho de LAUDELINO FREIRE, poucos mêses antes do seu falecimento vindo a lume, e do qual destacamos as seguintes palavras:

"Vive em Sergipe um magistrado a tôdas as luzes digno de acatamento, que é apaixonado e beneditino investigador do nosso patrimônio intelectual. O doutor ARMINDO GUA-



RANÁ seria uma das mais fortes colunas da nova instituição. Espírito probo e nutrido de boa cultura, sob a sua inspiração se erguiam, sem manchas da injustiça, os patronos da Academia, que, à semelhança das suas congêneres, teria por fim principal a cultura da lingua e da literatura”.

Como critico, foi um verdadeiro juiz. Austero no julgar, sentenciava com tamanha severidade, que nem sempre poderia agradar.

Por enfadonho, deixo de transcrever a carta por elle dirigida ao General LIBERATO BITTENCOURT, consagrado bibliógrafo e autor de renome, cuja cópia tive a satisfação de ler, do próprio punho, graças à generosidade de d. YÁYASINHA. Ai, com positividade e clareza, por muito amor à Verdade, mostra quantas falhas e erros se podem apontar no trabalho “Sergipanos Ilustres”, e o faz, de tal maneira, e com tamanha elegância, que o autor da “Antologia de poetas brasileiros”, ao invés de ficar contundido, demonstrou reconhecimento pela cooperação prestada, que lhe foi, em verdade, muito valiosa.

Multiforme como era o seu talento, não poderia a Poesia deixar de impressionar-lhe o espirito, e do êstro sentimental e lírico, deixou farta produção, toda inédita, por requintada modéstia, e hoje sob a guarda da nossa Biblioteca Pública. Não me perdoaria, porém, se deixasse de ler o soneto “Recordando”, escrito aos 70 anos, e por onde se extravasa, em sentidas expressões de amarga recordação, o balanço definitivo que su'alma de escol fizera, na serena contemplação do pretérito. Ei-lo:

“Detem-te, coração, calca a saudade,  
Que assim te fez chorar, gemer de dor,  
Cede à lei do destino enganador,  
Que infelicita a pobre humanidade.

A dita me fugiu... Na outra idade,  
Jamais sorvi o fel do dissabor;

Sentia no meu peito almo calor  
Do benfazejo sol da f'licidade.

Mas hoje, que volvidos longos anos,  
Ao triste lampejar da luz da vida,  
Vieram-me após os desenganos,

Investigo do tempo que passou,  
Que frutos eu colhi de tanta lida?  
Para mim, qual o bem que resultou?"

Já agora, que começamos a passar dos quarenta, sentimos, com o autor de tão sentidos decassílabos, como, em vida, tinha êle razão, pois, no dizer do poeta, quando principiamos a fazer, em sã consciência, o balanço definitivo da existência, neste arrumar de malas para a grande viagem, verificamos que, em verdade, "os desenganos vão conosco à frente, e as esperanças vão ficando atrás"...

É um mal — parece a muitos — pela lei do Karma que preside os destinos dêste Planêta, que nunca, ou quasi nunca, possamos colher os frutos de tamanha lida, pois, em verdade, que bem nos resulta, no plano material, pelo bem que praticamos?

Depois, porém, — eis aí, meus Senhores —, que dulçor espiritual o dêstes frutos sasonados que a árvore da posteridade nos oferece, através do filtro indefectível do Tempo, sentenciador sereno e justo de tôdas as coisas, criando recompensas que bem quizeramos gozar em vida, como a apoteótica consagração desta noite, ao vulto insigne!

Meus Senhores:

Quis deixar para o fim, muito de propósito, o capítulo sentimental da vida de ARMINDO GUARANA.

A ampulhêta do tempo marca justificado cansaço em vossa paciência, ao escutardes esta arenga, mas, agora, uma verdade

eu vos quero dizer: na selêta assistência que aqui está, eu só me permito fazer uma separação. De um lado, os que batem à porta do Templo, ávidos de Cultura, em mim tão mal representada, curiosos de Saber; do outro, além destas qualidades, mais aquelas que dizem respeito a uma particular veneração ao ilustre morto e um justificado movimento de respeito à figura, por todos os títulos veneranda, de d. YAYÁSINHA GUARANÁ, aí, creio, uma grande maioria. Eis por que me aventuro a tamanha delonga, para não negar, aos que me ouvem, tôdas as nuances enternecidas daquela individualidade marcante que foi, em vida, MANUEL ARMINDO CORDEIRO GUARANÁ.

E neste capítulo do homem-sentimento, procuro refundir, com o diamante do seu iluminado espírito, a chave com que pretendo cerrar as portas do Templo, às justas comemorações do 1.º Centenário do seu nascimento.

ARMINDO GUARANÁ, sendo um estêta, soube amar à vida.

Na gama dos sentimentos mais nobres do seu caráter, destaca-se, neste particular, a profunda sinceridade, sem afetação, com que se dedicara à esposa e aos amigos. Nunca foi dado a exteriorizações inúteis, e era com a mesma serenidade do Juiz, que se portava diante das situações mais diversificadas, que tinha de enfrentar, no lar, ou na Sociedade, a que tanto deu lustre. Suas atitudes foram sempre medidas na mesma pauta em que fazia vibrar o diapasão da própria consciência. De uma retidão impecável, nunca uma curvatura encontrou abrigo em seu pensamento, mesmo naquelas circunstâncias em que, para muitos, origina-se, pela gratidão, a necessidade da transigência. Artífice do Bem e apóstolo do Dever, na arte real da vida jamais abandonara a posição do esquadro, caminhando para a frente sempre a prumo das idéias generosas que abraçara, e que fizeram de sua existência um lábaro ao qual se abrigavam quantos tinham sêde de justiça, na angustiosa imprecação dos desesperados. Fez do amor, amor ao próximo, amor à Virtude, a virtude da sua própria vida. Com tamanha elevação espiritual, não poderia deixar de ser modesto, modesto em extremo.

Era tão conhecido e tão proverbial êsse predicado, que, segundo me narrou d. YAYÁSINHA, respondia, invariavelmente, entre austero e bonacheirão, ao funcionário do Palácio do Governo que lhe pedia o nome para o noticiário oficial, tôda a vez que ia visitar o dr. GRACO CARDOSO, seu dilêto amigo, e então Presidente do Estado: — “Não tenho nome...”.

Seu casamento, com d. MARIA LUIZA DA SILVA GUARANA, constituiu, inegavelmente, capítulo à parte na vida sentimental do illustre homenageado.

Accreditamos, que durante os quarenta e três anos nos quais ambos viveram em comum, pequenas rugas tenham havido, como em todos os casais, a servirem de pretexto àquelas reconciliações amorosas, que tornam os dias mais alegres e mais venturosos, e como que propícios a novas expansões de afêto e carinho.

Mas a verdade inconteste, é que tal acontecimento anuncia a época mais feliz da existência do dr. ARMINDO GUARANÁ, desde o momento em que os seus olhares se encontraram, marcando o encontro definitivo de suas almas.

ARMINDO GUARANÁ, recém-chegado a Fortaleza, onde assumira as funções de Secretário do Governo, segundo referência feita de começo, sentira-se enamorado da encantadora paisagem do Ceará e da hospitalidade com que fôra acolhido. Si martirizava-o a saudade profunda da terra-natal, tão distanciada dos olhos mas tão perto do coração, sentia, contudo, amenizar-lhe as agruras de tamanho exílio, o bondoso acolhimento que todos lhe dispensavam, a isso ajuntando a satisfação com que dava cumprimento ao dever, em tão elevadas funções.

Era hábito do dr. SANCHO DE BARROS PIMENTEL, então Governador da Província, reunir em Palácio, todos os dias, hora certa, os auxiliares dirêtos da pública administração. A primeira vez que a essas reuniões compareceu o dr. GUARANÁ, foi-lhe feita a apresentação do dr. LADISLAU PEREIRA DA SILVA, progenitor de d. YAYÁSINHA, e ocupante do cargo de Inspetor do Tesouro Provincial. Logo lhe veio à lembrança a

carta, que trouxera do Sul do País, escrita pelo dr. OTÁVIO AFONSO DE MELO, Juiz de Direito em São Paulo, recomendando-o ao futuro sôgro. Isso foi pretexto a que se manifestasse, de pronto, a franca hospitalidade cearense, na pessoa do dr. LADISLAU pressurosa em receber, no lar honrado e respeitável, tão acatada personalidade.

E lá se foi o dr. GUARANA, elegante nas maneiras e fino no trato, para a confirmação das impressões causadas, anteriormente, àquela que, mais tarde, deveria ser a sua eterna companheira, quando pela porta passara, ainda por ela ignorado.

Era o dia 7 de novembro de 1882.

Manhã clara de Sol, n'um céu sem nuvens, como sói ser o da terra de Iracema, a virgem dos lábios de mel...

E quando êle penetrou o solar augusto, d. YAYASINHA arrancava, ao piano, as notas harmoniosas da "Traviata", de PUCCELLI. Ela parou, para recebê-lo, o coração em pulso, interrompendo, assim, os acordes da música, os quais mais tarde haveriam de, rearticulados, formarem, n'uma partitura de dulcificadora harmonia, um crescendo de maravilhosa beleza, na santificação daquelas duas almas gêmeas.

Quatro meses após o encontro, e apenas seis dias depois de ficarem oficialmente noivos, pois logo o fizeram em segredo, — convolaram núpcias. Foi um casamento relâmpago! Verdadeiro acontecimento social, dadas as relações de amizade dos pais da noiva e o prestígio, em tão pouco tempo conquistado, pelo dr. ARMINDO GUARANA, êle já aos trinta e quatro anos de idade, ela, apenas, ao verdor de suas dezesseis primaveras.

O que foram os quarenta e três anos de feliz convivência entre ambos, di-lo-ia melhor um romance, escrito ao sabor das emoções que nos sabe comunicar ao espirito e ao coração, a encantadora narrativa de d. YAYASINHA, encanecida pelos seus oitenta e um anos de proveitosa existência, mas por êstes não vencidas, nem a memória esclarecida, nem a lucidez com que ainda perlustra, um a um, todos os acontecimentos da vida do sempre pranteado espôso. E

lá nos chegam notícias de separações irrigadas de lágrimas, por ambos vertidas, discretamente, separações que robusteciam, cada vez mais, pela sempiterna saudade, tão bem nutrido amor... E lá nos vem, ao registo fiel dêste relato, narrações de peripécias sem conta, sofridas no exercício da imaculada judicatura, ou crueis desenganos manifestados, aqui e ali, pela força incoercível do Destino!

ARMINDO GUARANÁ vivia ansiando pela chegada dos filhos, que não lhe vieram nunca.

"Sinite parvulos venire ad me" — Deixai virem a mim as criancinhas, — dizia JESUS, segundo S. LUCAS, S. MARCOS e S. MATEUS. Pois era sentindo a beleza dêsse pensamento divino, que ambos desejavam vê-las enchendo o lar das incomparáveis alegrias, que só os filhos podem trazer.

Dizia, até, o dr. GUARANÁ, — referiu-me EPIFANIO DÓ-REA — que êles nasceriam e se batisariam (tanto era êle católico) em Sergipe, ainda que d. YAYÁSINHA se encontrasse nos confins da selva amazônica — tal o seu amor à terra-natal...

Mas DEUS, que tudo dispõe, assim não o quis, e o tugúrio de suas mais gratas emoções restou-lhes, apenas, cheio de tantas compensações, em afetos incomparáveis e incomparável dedicação, como que, à distinta Dama, n'uma realização feliz, apropriando o conceito de CASTILHO: — Ditosa dona de um feliz tugúrio onde sempre a lidar fosse rainha...

Por outro lado, os desejos do dr. GUARANÁ, quanto ao retorno definitivo a Sergipe, tornaram-se, porfim, realidade. O Ceará, com a sua gente lutadora e boa e a sua paisagem ensolarada e bela, depois de cumprido o destino de unir, pela aproximação esponsálica, d. YAYÁSINHA e ARMINDO GUARANÁ — duas almas nascidas uma para a outra — n'um abraço sentimental de dois povos que se irmanam, no mesmo sofrimento, pela sua sôbrevivência, — cedeu lugar a Sergipe, na acolhida definitiva das duas almas que lá se encontraram, no intervalo forçado de uma partitura...

as o lã  
Sergipe  
Rainha!

Aquí viveram ambos longos anos, desfrutando a tranquilidade e a paz dos justos e dos bons, que tanto êle ambicionava. X

Um dia, porém — inexorável sentença! — o Destino bate-lhe à porta do templo, onde santificavam, êle e d. YAYÁSINHA, o último lance de sua existência, para arrancá-lo ao amor dos que o cercavam e à estima e o respeito de quantos o conheciam.

Quando êle morreu, n'uma tarde florida de maio, em 1924, d. YAYÁSINHA, banhada em lágrimas, sentidas lágrimas de vero amor, quasi lhe seguiu — tanta era a saudade — o caminho para o Além.

E qual Artemisa de Cária, si bem pudera em pecúnia, teria feito suplantar, pelas mãos de incomparáveis artifices, e em memória ao sempre pranteado espôso, o imponente Túmulo de Mausôlo, a quinta maravilha do Mundo, para que, quantos o contemplassem, pudessem dizer:

— AQUI, REPOUSA O SONO ETERNO, UM QUE FOI BOM, PORQUE SOUBE SER JUSTO!...

*(Uma, em  
intimamente  
êle e c.  
fazia que  
a grande  
em pouco  
e pouco, etc.)*

*... que se chegou com êle  
... fazendo de sua vida  
... e fez a coisa mais bela*

*Quer quer a justiça com a Bondade? A bondade  
pode ter ação retroactiva, colidendo com a justiça. Afe-  
tividade muitas vez é causa de injustiça e a justiça,  
por sua vez, aplicada rigorosamente, muitas tem que  
ver com a bondade, porque é a constante obser-  
vância da lei. Conseqüentemente, chamar de lei  
o rigor, nem sempre o bom é justo nem o justo  
é sempre bom.*

*Agora, justiça é tranquilidade, porque tranquilidade  
é sossego, é paz, chamar de lei o rigor!...*

Discurso pronunciado a 4 de agosto de 1948, pelo Prof. José Augusto da Rocha Lima, na romaria ao túmulo do Dr. Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, na passagem do centenário do seu nascimento.

Senhores:

Que pensamentos e emoções profundas nos brotam da alma, ao pé deste túmulo!

Aqui dorme Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, herói da virtude, paladino da justiça, exemplo de honra e de civismo aos porvindouros, enamorado do lar e da terra que lhe foi berço, cerebração pujante que trabalhou infatigável na história de seus valores mentais.

Quantos tivemos a graça de ouvir-lo e conhecer-lhe as qualidades raras de homem público e privado, quantos trocamos com ele idéias e com ele confabulámos, sabemos neste instante que esta celebração e esta romaria não são acontecimentos rotineiros ou protocolares, mas obedecem a um imperativo da consciência coletiva, que sabe cultuar seus santos e seus heróis. A comemoração deste centenário é um dever de gratidão que Sergipe está cumprindo no reconhecimento do mérito, que o tempo não conseguiu esmaecer em nossa memória.

A história de Sergipe desconhece quem lhe leve a palma na nobreza do caráter. Todos os seus atos foram pautados pelos princípios mais severos. Preferia todo o sofrimento a qualquer transação



contra o direito e a ética e em seu tûmulo poderia figurar como epitáfio o pensamento de Cícero: **A desonra é peor do que a dor.** Os grandes benefícios prestados ao povo e à Pátria fazem que nós, os pósteros, corramos de propósito um vén sôbre os deslises graves dos grandes homens, que não puderam fugir á contingência da fraqueza humana.

Aquí, senhores, há em volta desta sepultura um aroma de virtude que trescala do além, como que a inculcar-nos que um homem bom, puro, sincero, encantado com o bem moral, conserva aqui os restos do seu corpo, restos que poderíamos chamar reliquiãs, como o fazem os crentes em face aos despojos da santidade.

Se alguém, por ignorar fatos de antanho que não testemunhou, me increpasse de exagêro, eu apelaria para a consciência daqueles que o conheceram e versaram.

E não julgueis, senhores que fôsse um dêsses virtuosos de caráter duro e repulsivo. Sua alma irradiava a mais clara simpatia e eu só lamento não ter aproveitado os poucos anos de que dispus após conhecê-lo e privar com êle, para melhor dêle me aproximar e beber em tão pura fonte as lições da bondade e da sabedoria. Seria um crime deixar cair no olvido um nome tão singular na história da nossa gente.

Vi-o algumas vezes na intimidade do seu lar. Permitti, senhores, um depoimento íntimo. Pude perceber a beleza da vida conjugal na doce e suave harmonia do casal constituído por Manuel Armindo Cordeiro Guaraná e Maria Luisa Guaraná, e hoje ainda o encanto daquela união sobrevive na companheira amiga, cuja alegria única tem consistido em relembra-lo e acender a lâmpada votiva de seu amor no altar de sua memória. Armindo Guaraná a ninguém fez chorar ou sofrer, a ninguém consternou com aspereza de trato nem dureza de coração.

Senhores, o mundo está cansado de grandes homens que tem varrido a terra com a tempestade da violência e com os raios da maldade. Só é grande deveras a santidade e o gênio. Bem sabemos que estes pincaos são ideais que convidam a alma a subir, sem

que muitas vezes a alma os atinja. Mas, como são belas as montanhas e os pináculos, onde o sol derrama a roupagem de seus raios e nos faz esquecer dos pântanos e dos marnéis!

Armindo Guaraná foi um destes esforçados e destemidos alpinistas. Para cima, era o grito de sua alma ardente, o anelo de seu espírito cristão, até que a morte lhe fechou os olhos da carne e lhe abriu os olhos do espírito para as claridades imortais, para os países sem noites nem sombras, para as consolações da eterna vida.

E foi bom que êle dormisse o sono final em terras de Sergipe, porque Sergipe, com a esposa sempre amada, foi a paixão que o embeveceu. Há nos filhos desta gleba um destino que êles não podem sacudir de si: amar a querida cêspede, não poder esquecê-la, a despeito, por vezes, das negações, das preterições, dos silêncios, das injustiças flagrantes e dolorosas. Como quiseram à nossa terra os homens que mais se identificaram pelo caráter e pelo talento com ela mesma!

Bastaria recordar Ivo do Prado, Fausto Cardoso, Tobias Barreto, Silvio Romero, para não sairmos dentre os mortos! Como prezaram o pequenino torrão, de que se gabavam por vezes até à ênfase pueril!

Ainda neste ponto Armindo Guaraná figura na vanguarda. Levou toda a sua existência a pensar em Sergipe, a coligir dados biográficos de seus filhos ilustres, a pesquisar neste sentido exaustivamente, a escrever a descendentes remotos de sergipanos egrégios, à cata de notas e de informações!

E deste esforço imenso em terreno sáfaro, ficou-nos o seu Dicionário, hoje tão precioso, e que será sempre o roteiro de futuros pesquisadores da bio-bibliografia sergipana! A corôa de louros que recebeu no verdor dos anos pelo seu proceder e pelo seus estudos, era o prenúncio desta outra corôa imarcescível que a história lhe preparou e depôs na fonte egrégia de cidadão e escritor.

Onde quer que tivesse exercido funções públicas, aí também lhe transluziam as virtudes particulares e doutro jeito não odia ser, porque o seu código moral imperava em todos os atos de sua

vida. E assim, ou juiz, ou promotor, ou secretário de govêrno, ou professor secundário, ou chefe de Polícia, ou parlamentar, nunca desmentiu os principios éticos que o nortearam e lhe temperaram a alma.

Nestes tempos de cru materialismo em que, mais do que nunca, os fins bastam para justificar os meios, cumpre e é bem, ao pé de um túmulo, encomiar a virtude, sobretudo quando às nossas palavras ninguem poderia attribuir intuitos de interêsse ou lisonjas a descendentes poderosos.

Senhores, se me perguntassem o que está nesta humilde tumba, eu responderia que aqui não está a glória, nem a opulência, nem o poder que nos ofuscam; aqui está a virtude que se manifestou em belos rasgos, a virtude que amou o lar e a pátria, a virtude que não instigou mas consolou, a virtude que deveria ser, na consciência dos homens puros e limpos de coração, a verdadeira glória, a suprema riqueza e o poder incontrastavel a que se rendessem em culto indefesso todos os homens.

Senhores, honremos a memória dêste varão excelso, dêste sergipano excepcional, dêste batalhador do bem, que foi Manuel Armando Cordeiro Guaraná!

**Oração proferida pelo Dr. Adalberto Vieira Dantas, no Gabinete de Leitura de Maroim, por ocasião das festividades comemorativas do primeiro centenário de Baronato do ilustre sergipano JOÃO GOMES DE MELO, levadas a efeito a 10 de outubro de 1948.**

Exmo. Sr. Desembargador Dr. Hunald Santaflôr Cardoso, DD.  
Presidente dos Tribunais de Apelação e Eleitoral do Estado e  
ilustre representante do Instituto Histórico e Geográfico de  
Sergipe;

Exmo. Sr. Dr. Presidente da Assembléia Legislativa e repre-  
sentante de S. Excia. o Sr. Governador do Estado;

Exmo. Sr. Representante do Governo Diocesano;

Exmos. Srs. Deputados Estaduais;

Exmo. Sr. Presidente do Gabinete de Leitura de Maroim;

Demais autoridades civis e eclesiásticas;

Minhas Senhoras;

Meus Senhores:

Sejam nossas primeiras palavras, a grandiosa e mística trase  
prefaciadora do santo sacrifício da missa — SURSUM CORDA —,  
o mais humano dos convites; elevemos o nosso espírito para o altar  
da Pátria, e, de coração puro, cantemos bem alto os feitos dos nos-  
sos antepassados, mostrando aos moços de hoje, suas glórias e

seus sacrifícios, num hino, todo coração, tocado da mais sentida reverência.

Nêste recinto sagrado, nesta quase secular mansão dos livros, símbolo de vigilância e de fé de uma população boa e ordeira, bem-dito oásis espiritual dos seus filhos, marco imperecível de um povo lutador e bravo, ponto alto da cultura sergipana, nesta casa jamais se regateou o mérito de um brasileiro ilustre; e, ao comemorar-se hoje uma data magna para todos nós, eu me abalanço para, despretenciosamente, descrever a vida de um homem do nosso grandioso passado, de um patriota que tudo fez pelo bom nome e crescente prosperidade da terra comum.

Estamos comemorando o centenário do decreto imperial de 11 de outubro de 1848, que concedia o título de Barão ao benemérito cidadão João Gomes de Melo, o primeiro titular da Província, considerado naquela época o maior exemplo de filantropia, exuberantemente comprovada nas repetidas doações a várias instituições de caridade.

Querendo homenagear a sua cidade pupila, fez construir a expensas próprias a igreja, aquele majestoso e imponente templo, que divisamos a cêrca de uns cem metros, a nossa igreja matriz, santuário da paz e do amor, refrigério dos aflitos, orgulho da nossa cidade.

Quando a 2 de dezemb. de 1854 foi elevado à categoria de Barão com grandeza, num gesto todo de carinho, escolheu a cidade de Maroim para seu feudo nobiliárquico.

Tentaremos retratar a figura marcante e a personalidade invulgar de João Gomes de Melo, Barão de Maroim, prestigioso Chefe do Partido Conservador do Império *em Sergipe*.

Numa manhã primaveril, num despontar de sol de setembro, dêste sol tropical prenhe de luz e de vida, para alegria do casal Teotônio Corrêa Dantas e Clara Angelica de Menezes, a felicidade da Província, vem à luz do dia uma criança do sexo masculino, legítimo descendente de boa estirpe dos tempos aureos da cana de açúcar.

*Estas!*

*nas  
Luz  
cia?  
depois*

*le*

Coje |  
Emergindo dos ricos e dadivosos massapês do engenho Santa Bárbara de Cima, nascia no lar modesto de um senhor-de-engenho, um menino predestinado, que, em futuro próximo, viria a ser o maior político sergipano daquela época.

Saído da lavoura canavieira, mister exercido pelos seus antepassados, afeito ao rude trato da terra, sempre demonstrou, em seus atos, ser um homem prático. Quer na vida particular, quer na vida pública, suas resoluções demonstraram, à saciedade, o seu alto grau de prudência e firmeza de caráter.

Combatido e jamais vencido, sempre saía mais forte da liça essa figura admirável, uma das vigas mestras do segundo Império.

? |  
O nosso homenageado não foi um adventício na sua época; foi, inegavelmente, um político de prôa, um grande condutor de homens.

Grave, justiceiro, possuidor de invulgar poder de percepção, conhecedor dos problemas da Província, principalmente os atinentes à agricultura e ao comércio, procurou sempre dar-lhes todo o seu apóio, no sincero e patriótico propósito de elevar sempre sua estremecida gleba.

Passemos agora a estudar seus caracteres morfológicos; vamos enveredar pela biotipologia, a ciência das constituições, temperamentos e caracteres; encaremos o grande vulto, pela face morfológica do seu biótipo, como premissa indispensável para o estudo e conclusão seguros de todos os fatos concernentes à sua vida, inclusive os grandes feitos sociais e políticos.

Escreveu CARREL: — cada homem é uma história que não é idêntica a nenhuma outra.

Seu tipo morfológico se nos afigura, segundo seus retratos e informações obtidas, o do hipoestenico tendente a estenico, seguindo a classificação de WALTER MILLS. Hipoestenico com tendência para estenico, correspondendo ao tipo longilíneo da classificação de VIOLA e de BARBARA, com tórax não muito desenvolvido, abdome quase curto, não tão curto como no estenico. A proporção entre os diâmetros de largura e os diâmetros de profun-

didade do tórax e do ventre era suficientemente conservada, tendo o tronco, no entretanto, a forma longetípica. Os membros eram desenvolvidos, as mãos e os pés longos e fortes. Esqueleto suficientemente robusto, craneo normalmente desenvolvido em todos os seus diâmetros, de forma mesaticéfala ou braquicéfala, craneo quase largo como comprido. Fronte alta, dominando a altura craneana os seus diâmetros. Na face, pelos retratos, notamos proeminências ósseas evidentes, mas não grosseiras. Saliências maxilares um pouco desenvolvidas, mento ligeiramente proeminente, sulcos genianos profundos e fortes, demonstrando energia, olhos grandes, nariz bem desenvolvido em comprimento, cabeleira basta e conservando-se até a velhice. De tez tostada pelo sol, olhos brilhantes, grande expressão de inteligência.

Seguindo a teoria de PENDE, era um simpaticoestênico, com polineurotonia e relativa predominância do simpático.

Concluído este bosquejo somático, ou seja, a face morfológica do biótipo, passemos à sua vida.

Preso à gleba, iniciou sua vida na vitoriosa lavoura canavieira com poucos recursos, obrigando-se, em pessoa, ao trato da terra, e assim construiu sua independência econômica, graças à sua grande inteligência e não menos grande capacidade de trabalho.

Por obra admirável do destino, 1809 representava, no calendário da TERRA DE SANTA CRUZ, mais um ano de glória do século dezenove, século em que se consubstanciou o LIBERTAS QUAE SERA TAMEN.

A história pátria nos conta, que, com a chegada do Príncipe Regente Dom João, e com o estabelecimento de Corte em 7 de março de 1809, no Rio de Janeiro, fôra descerrada a pesada cortina de colônia, sendo em 1815 elevado o Brasil à categoria de reino unido ao de Portugal e Algarves, e já no horizonte espiritual da Pátria estremecida apareciam os primeiros raios da aurora da emancipação, os primeiros frêmitos de liberdade corriam célere nas veias dos nossos patrícios, numa concitação às surdas para o momento ciclópico do Ypiranga.

1809  
1815  
1820  
1830  
1840  
1850  
1860  
1870  
1880  
1890  
1900  
1910  
1920  
1930  
1940  
1950  
1960  
1970  
1980  
1990  
2000

Foi nesse clima de ardor patriótico, que se processou a formação moral do grande político, Barão de Maroim.. Provido de um desenvolvimento equilibrado do poder de vontade, sobejamente demonstrado em todos os atos de sua longa e proveitosa existência, CONDITIO SINE QUA NON, nas crescentes e brilhantes vitórias da sua gloriosa trajetória política.

Falar sobre a vida de João Gomes de Melo, equivale a descrever um grande e fecundo trecho da Província de Sergipe.

Despretencioso é o nosso trabalho. -Descrevemos, dentro da ética, o que nos foi possível ler nas páginas volantes da imprensa daquela época, com uma ambição e desejo únicos de, numa desataviada homenagem para tão grande vulto, esclarecer ao povo bom desta terra, a obra progressista, moralisadora e benemérita do grande brasileiro, que em vida se chamou João Gomes de Melo, Barão de Maroim. (-)

Felizes os homens cujo título não sobrepuja o mérito pessoal. Ao nosso ver, o título que mais dignifica e caracteriza o nosso homenageado, reside no seu avivado espírito de humanidade, sobejamente comprovado em todos os atos da sua bemfazeja existência.

Hoje, passados longos anos, longe do calor das paixões e dos esterilizantes interesses regionais, é que podemos aquilatar o seu alto prestígio de político sem jaça, e valorisar suas iniciativas de interesse coletivo, e sua inefável benemerência.

Era o homem que, no dizer de Eça de Queiroz, "sabia dar o golpe exato para cerrar sem violência e sem brandura a portinha de uma carruagem".

Não foi um grande estudioso, todos os seus biógrafos o reconhecem. -De sua obra escrita, destacamos alguns trabalhos de interesse econômico e político.

Foi chefe do Partido Conservador do Império, em Sergipe, Vice-Presidente e Presidente da Província, Deputado Provincial por diversas vezes, Deputado Geral nas três legislaturas de 1853 e 1864, sendo que em 1861, começo da última das legislaturas, foi escolhido para Senador do Império (Dr. Armindo Guaraná).

2 Com seu governo



Como comprovante da sua retidão de carater e dos seus atos de generosidade e filantropia, são dignos e irrefutaveis documentos as distinções honorificas recebidas de Sua Majestade Imperial e de S. S. o Papa, que o condecoraram Comendador da Ordem de Cristo, Cavalheiro das Ordens do Cruzeiro, da Rosa, e de S. Gregório Magno, de Roma (Dr. A. Guaraná).

Em sua personalidade se destacaram por igual os rasgos de prodigalidade do cidadão benemérito e do político amante da paz e da concórdia, pautando seus atos no respeito à sociedade, empregando seu saber e seu prestígio social a serviço das causas justas e nobilitantes, na preservação e salvaguarda das instituições.

Aferrado na veneração pelo crescente prestígio do Império, com certo detrimento do reconhecimento das conquistas republicanas de então, jamais compenetrou-se dos novos rumos que tomava a política do País. Firme nas suas convicções, enfrentou, sem arrebachos e sem esmorecimento, a onda republicana, mantendo inatacavel a sua formação política. Compreendendo a hora avançada dos movimentos políticos e sociais que solapavam a integridade da forma de governo, ameaçando fazer ruir o Império, primou pela sua lealdade ao Trono, e seu incondicional respeito ao monarca democrata.

Espírito liberal, <sup>211</sup>contrário, por índole, ao despotismo, o Barão de Maroim realizou as suas grandes aspirações num ciclo político dignificador, útil e proveitoso, sempre alvo do respeito, da amizade e do carinho dos seus concidadãos.

Jamais pretendemos criar um halo de infalibilidade em torno da pessoa do Barão de Maroim; não. Como todo o mortal teve seus erros. Mas, forçoso é convir, era possuidor de raras virtudes e grandes predicados que o tornaram merecedor de figurar na galeria dos homens ilustres do segundo Império, numa justa homenagem da Pátria reconhecida à memória dos seus dignos servidores.

Ele podia repetir, à semelhança do heroi do grande poeta latino, TERENCIO, O HOMO SUM ET NIHIL A ME ALIENUN

Quem se  
traz a  
Fugem  
Quem se

7?

PUTO, e justificar-se das suas fraquezas, que desapareceriam ante a grandeza dos seus sentimentos, ante a generosidade das suas ações, ante a firmeza e a lealdade das suas promessas e convicções.

Contava o brilhante cronista Dr. Armindo Guaraná, pessoa insuspeita, que, numa das viagens do Barão de Maroim à Europa, achava-se este em Paris, e, num dos seus costumeiros passeios pela cidade Luz, sua atenção fôra desviada para uma multidão que se aglomerava à porta de uma loja.. Procurando sindicicar o fato, veio a saber que o caso se prendia a um leilão do espólio de um comerciante falido. Ao saber que esse negociante era um brasileiro que, longe da Pátria, lutava honestamente pelo progresso dos seus negócios, mas que fracassára por motivos imprevistos, in-continenti, levado pela sua liberalidade, arrematou o espólio, oferecendo-o em seguida à família do falido.

Talhado para a alta política, de logo compreendeu a necessidade de concertar o seu roteiro político, procurando assim um cenário mais propicio à sua larga visão.. Para tanto concorreu à eleição para a segunda cadeira de Sergipe no Senado do Império, criada na reforma eleitoral de 19 de setembro de 1855, no que não foi bem sucedido, porquanto o Imperador escolheu o Comandante Superior Antonio Diniz de Siqueira e Melo.

Ocupava o Barão de Maroim uma cadeira na Câmara dos Deputados, quando se deu o falecimento do Senador Dr. José da Costa Carvalho, Marquês de Monte Alegre, a 18 de setembro de 1860. Pela segunda vez concorreu à eleição que se efetuou a 21 de janeiro de 1861 para o preenchimento da vaga, conseguindo ser o escolhido.

Há quem procure emprestar ao Barão de Maroim atitudes negativas; mas, seus atos o desmentem. A voz dos insinuadores mal avisados não deixa éco; perde-se no espaço.

Já o eminente e festejado professor de espanhol, o eminente sábio MIRA Y LOPES conceituou, com muita justiça, ser a insuficiência pessoal o primeiro degrau da inveja.

Passemos a estudar o fato de maior significação, que desde

1835 ameaçava convulsionar os grupos políticos da Província, a projetada e sonhada mudança da Capital.

O Presidente da Província, Doutor Inácio Joaquim Barbosa, estudava um meio capaz de neutralizar a ação dos contrários, a fim de levar a térmo o grande problema da Província, o de escolher uma cidade com um bom porto que proporcionasse franco acesso a navios de grande calado, resolvendo assim a magna questão da exportação e importação, e o facil acesso à Metrópole do Império. Mas, impotente permaneceu, temendo a deflagração da anarquia e a situação tensa da política.

A braços com o momentoso e decisivo problema de tão vivo interesse para o progresso da Província, mandava o bom senso, para êxito de tão arrojada empresa, não se deixasse o Presidente da Província arrastar-se pela fôrça, mas pela autoridade e pela prudência — **NON VIRIBUS AUT CELERITATE CORPORUM RES MAGNAE GERUNTUR, SED CONSILIO ET AUCTORITATE.**

Foi nesse clima de incompreensão, que apareceu a figura marcante do Barão de Maroim, o rico e prestigioso político, o propugrador intemerato da calma e da ordem tão carentes ao progresso da Província, procurando diminuir os odios e arrefecer as paixões pessoais, criando assim um clima de concórdia proprio à execução segura do desideratum comum — a mudança da Capital.

Era flagrante a rivalidade entre os senhores de engenho do sul e os do norte, a discordancia profunda reinante entre o pujante recôncavo do Cotinguiba e o vale do Vasa-Barris, causas amorteecedoras do grande sonho.. Foi quando se fez a vontade inflexível do probo e prestigioso chefe do **PARTIDO CONSERVADOR**, no propósito firme e inquebrantavel de que fosse providenciada a mudança para lugar mais apropriado, segundo reza a crônica, e, para tanto, em carta datada de 21 de fevereiro de 1855, e firmada pelo Dr. Inácio Joaquim Barbosa e pelo Barão de Maroim, foram convidados os deputados à Assembléia Provincial, para uma reunião no engenho "Unha do Gato", no domingo, 25 do referido mês.

Barão  
Maroim  
Antes  
Cotinguiba  
Vasa-Barris  
Lógica

Finalmente, pela resolução número 413, de 17 de março de 1855, foi o povoado de Santo Antonio do Aracaju elevado à categoria de cidade com a denominação de — Cidade do Aracaju, cabendo assim ao provector Bacharel Inácio Joaquim Barbosa, na qualidade de Presidente da Província, a tarefa de sancionar o ato da Assembleia Legislativa Provincial.

Lendo-se o brilhante jornal **CORREIO SERGIPENSE**, de 8 de junho de 1855, é que sentimos o quanto foi árdua a tarefa levada a efeito pelo Dr. Inácio Joaquim Barbosa, coadjuvado pelo grande patriota Barão de Maroim, no efetuar a mudança da Capital da nossa Província para a cidade de Aracaju, sem que houvesse a mais leve alteração de ordem pública, quer na ex-Capital, quer no restante da Província.

Diminuídas as primeiras impressões de descontentamento e amenisada a acrimônia em que se encontrava a ordeira e nobre população da lendária S. Cristóvão, inicia a cidade menina os seus primeiros passos no concêrto harmônico das outras cidades irmãs.

No propósito justo de festejar tão auspicioso acontecimento, encontramos, no mesmo **CORREIO SERGIPENSE**, a descrição do suntuoso jantar oferecido por S. Excia. aos empregados públicos e às pessoas gradas da Capital. Diz o mesmo jornal textualmente, "entre os diversos brindes, que se fizerão foi notavel o entusiasmo quasi levado ao fanatismo, com que foram correspondidas as saúdes dirigidas à Sua Majestade o Imperador, ao Ex. Snr. Marquês do Paraná, protector da nova Capital, e ao Ex. Snr. Presidente da Província, sendo tambem estrondosamente applaudido, o brinde feito ao Ex. Snr. Barão de Maroim".

São palavras insuspeitas, extraídas de um jornal da Província, que vêm corroborar com o nosso ponto de vista — ter sido inestimavel o relevante papel desempenhado pelo Barão de Maroim na realização da mudança da Capital.

Graças à ação decisiva e construtora do Barão de Maroim, tornou-se uma realidade o sonho da mudança da Capital para Aracaju. Podemos afirmar, sem exagero, não fôra a privilegiada po-

sição do Chefe do Partido Conservador, em Sergipe, o Barão de Maroim, que conseguiu, numa época em que a agitação política dominava impiedosamente toda a Província, manter coeso e ordeiro o seu partido, jamais conseguiria, sem coesão, o Dr. Inácio Barbosa realizar tão arrojada empreza, vencendo com sagacidade e alto espírito de penetração os complexos interesses dos senhores de engenho do sul. Positivamente não, senhores. Só um político da têmpera do Barão de Maroim, rico, cheio de prestígio, poderia tomar o timão da náu da Província e enfrentar com firmeza e segurança os vagalhões ameaçadores dos descontentes, na concretização do grande empreendimento — a transferênciã da Capital, de S. Cristóvão para Aracaju —, a 17 de março de 1855, que representava o ideal de muitos e realização do benemérito Barão de Maroim. . .

Alguns meses após a mudança da Capital, quando iniciava Inácio Barbosa sua formidável obra de saneamento da cidade e de progresso nos demais setores da administração, adoeceu, vindo a falecer na cidade de Estância, às cinco horas da manhã de 6 de outubro de 1855.

A 25 de setembro de 1855, na qualidade de Vice-Presidente, recebia o Barão de Maroim, das mãos do Comandante Superior José da Trintade Prado, a Presidência da Província.

Passados os primeiros dias de administração, irrompeu de maneira impiedosa a terrível epidemia da cólera, numa violência aterradora, que, a par de tantas vidas ceifadas, desorganizou profundamente a lavoura e o comércio, desbaratando as reservas humanas e solapando o mercado interno da Província.

Impossível é ao humano ser tentar descrever a grande tragédia da cólera. Figuras emagrecidas, cianosadas, olhos muito fundos, cercados de grandes olheiras, nariz afilado, a se debaterem nas vacas da agonia. E, em tórno de tudo isso, o pavor, a desorganização, a fome, a mais dantesca e pavorosa desolação.

Sem o exame metódico e minucioso das águas de abastecimento e sem a vacinação preventiva, lutavam os anônimos numa reli-

giosa obstinação, sem tregua e sem lazer, em socorro de uma população solapada insidiosamente pelo vibrião colérico.

Pelas ruas, à beira das fontes, às margens dos rios, e pelas estradas ermas do nosso Estado, só se via a figura apavorante do colérico, num gemido interminável, numa orquestração funérea, tão comovida e profunda, que a todos conturbava angustiosamente.

E assim se prolongou essa longa noite de âgonia, até fins de janeiro de 1856.

À frente do govêrno achava-se o espirito clarividente, de uma têmpera de aço, o heroi das grandes batalhas políticas da Província, o benemérito Barão de Maroim.

Soube enfrentar com galhardia e tenacidade a cólera, procurando preencher as lacunas motivadas pela deficiência dos recursos médicos da época e pela pobreza das vias de comunicação, com medidas asseguradoras da ordem e da subsistência dos coléricos.

Sem contar com vias de comunicação, servindo-se do mais rudimentar meio de transporte, não poupou esforços no sentido de que todas as providencias exigidas pelo gravíssimo momento surtisserem efeitos seguros.

Sereno, desenvolveu tenaz campanha de prevenção de acôrdo com os conhecimentos da época, louvando-se nas opiniões dos esculapios mobilizados para o combate da cólera.

Não podemos escurecer que o atraso mental dos nossos conterraneos, as incertezas e o emprismo da ciencia de Hipocrates, e a falta completa de meios de comunicação, muito contribuíram para os horrores e grande penetração da epidemia.

Com oitenta anos feitos, profundamente ferido com o importante acontecimento que deribou o Trono, veio a falecer na Capital da República, em sua Chácara, à rua Santo Amaro, a 23 de abril de 1890, aquele que entrou na vida nobiliarquica de cabeça erguida, e, ao fim da existência, de consciência tranquila e alma pura, podendo render graças a Deus, por lhe ter dado forças necessárias para cumprir cristãmente sua missão.

Santa Bárbara, Maroim, a Côrte, foram lugares indeleveis da sua vida, que representam três fases significativas no ciclo de toda sua grandiosa existência.

O Engenho Santa Bárbara de Cima foi a mausuetude da casa paterna, onde adquiriu belos exemplos de formação cristã, de fé e elevação moral.

Maroim foi o cadinho de sua formação cívica, onde viveu intensamente as lutas políticas da Província, entre vitórias e incompreensões, desalentos e esperanças, mas onde nunca se lhe arrefeceu a têmpera de homem forte.

A Côrte foi a apoteóse da sua vida, reconhecimento da sua constancia sempre dirigida para o Alto, expressão de uma elevação justa, premio pelos serviços prestados à Pátria.

Senhores:

A Cruz, o Cravo, a Escada foram três símbolos que há dois mil anos anatematizaram um Justo e firmaram no Golgotha a mais humana das religiões.

João Gomes de Melo também teve a sua cruz de sofrimentos e pesares terrenos, o cravo das agruras e provações humanas; mas a sua escada foi de ascensão para a glória, elevando-o bem alto, à veneração do seu povo, ao reconhecimento dos pósteros e às bênçãos de Deus.

Maroim, 10 de Outubro de 1948.

## AS ORIGENS DO RIO REAL

Felte Bezerra

Quem se dedica a pesquisas geográficas sabe que é questão delicada e complexa o critério na escolha de um rio principal e seus tributários, em uma bacia hidrográfica. Só um estudo científico pode resolvê-la com acerto. É assunto, principalmente, de fisiografia, com ajuda especial da geomorfologia, muitas vezes, e, secundariamente, da antropogeografia.

A solução envolve dados simultâneos de geografia física e geografia humana, que sempre coexistem e precisam ser levados em linha de conta, seja a região banhada pelo rio, cujo estudo se faz, habitada agora ou o tenha sido no passado, em feição definitiva ou transitória, toda a bacia ocupada ou apenas alguns de seus elementos componentes.

Enquanto a direção geral do rio mantém idênticos aspectos em suas margens e o thalveg é facilmente reconhecível, nenhuma dificuldade se apresenta na determinação do rio principal. Outro tanto, porém, não acontece, quando se chega a um alto curso, às proximidades de uma nascente, onde uma bifurcação nos deixa em dúvida na escolha do tronco principal.

A primeira vista parece simples a solução, desde que se considerem, em primeiro lugar, a direção geral, em seguida a extensão, e finalmente o volume da água dos dois rios formadores de um ter-



ceiro, afim de reconhecer-se qual dos dois é o principal e qual o afluente.

Assim têm preconizado muitos mestres em geografia. E até, com maior simplicidade ainda, mandam alguns que se respeite a tradição popular. Eis como pensaram GEIKIE, em sua *Physical Geography*, e PESCHEL, entre outros.

São fartos os exemplos de problemas dessa natureza, estabelecimento do rio principal de uma bacia hidrográfica, em diferentes locais da Terra, muitos deles resolvidos em definitivo, como as nascentes do Danúbio ou do Reno, na Europa, do Nilo na Africa, do Mississipe na America Setentrional. A solução d'este último contraria um dos princípios gerais, o da extensão. Seu notável afluente Missouri lhe é maior em curso, mas o caso não permite mais dúvidas.

Na América Meridional, região desbravada pelos colonizadores europeus em época relativamente recente, da Idade Moderna para cá, e onde o território se fracionou para a formação de tantos países independentes, cujo traçado de fronteiras coloniais se realivaza em esbôços, confirmados ou não ulteriormente, diversos foram os casos de acêrtos de limites com a ajuda de cabeceiras de rios, o que exigia o conhecimento exato das origens verdadeiras das caudais e sua distinção entre os diferentes cursos que drenavam para um mesmo thalveg.

Por muito tempo estiveram ignoradas as fontes do grande rio Amazonas, tidas com no lago Lauri, por um êrro cometido no século XVII, aceito como verdade até os princípios da atual centúria. É o que nos ensina JOÃO RIBEIRO em seus *Estudos Brasileiros*, ao expor que o padre Samuel Fritz, em trabalho de catequese, penetrou o rio Maroñon, julgando-se no Amazonas, tendo alcançado a lagôa Lauri, que considerou origem da grande caudal. Isso publicado nas "*Lettres Edifiantes*", no século XVIII, entrou em divulgação e acabou sendo verdade compendial, ainda hoje encontrada em livros menos cuidadosos. Já no século XIX discutiu-se qual a verdadeira origem do Amazonas, se o Maroñon, se o

Ucaiali. Começava a se desfazer o engano. O ministro Bernardino José de Souza apresentou u'a Memória ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, sôbre o assunto, onde conclue que o rio Amazonas é formado pela junção de ambos, Ucaiali e Maroñon.(1).

A questão ficou, porém, definitivamente esclarecida depois das expedições Squires e Campbell Besley, que colheram os seguintes resultados: — O Amazonas tem origem na reunião das aguas de algumas pôças, alimentadas pelo degêlo andino, no planalto de La Haya, onde o rio se forma com o nome de Vilcanota. Adiante é engrossado pelas aguas de vários afluentes e toma o nome de Ucaiali, que conserva até receber o Maroñon. Dêsse entroncamento em diante passa a ser conhecido como Amazonas, sem embargo de outras denominações que lhe sejam atribuídas, como a de Solimões, no primeiro trecho em que atravessa o Brasil, até a confluência com o rio Negro.

Em nosso País tem havido muitos problemas dessa natureza, escôlha do tronco principal de um rio. Alguns casos interessantes, dentre os quais destacamos o da bacia Tocantins-Araguaia, até hoje não resolvido em definitivo. Só um estudo científico rigoroso decidirá qual dos dois o tributário, pois os dados de direção geral, extensão e volume da agua, pelo menos tomados de momento, não são suficientes para levar-nos a conclusões finais. De tal modo se impõem e se respeitam ambos que do ponto de confluência até muito além, suas aguas correm disjuntamente, sem se misturarem, o que se reconhece especialmente pela diferença de coloração.

Com o próprio Tocantins ainda se discute a respeito de suas verdadeiras nascentes. É que vários rios disputam a posição de rio principal. Primeiramente a bifurcação Maranhão-Paraná. Alguns acham este último o rio principal,(2) enquanto a maioria se inclina por que seja o Maranhão(3). Se ficarmos com os da

---

1 — Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia.

2 — Lysias A. Rodrigues — O rio das Tocantins — pg. 11.

3 — Cunha Matos, Delgado de Carvalho e outros.

segunda corrente, ainda ha a discutir se o Maranhão é o mesmo rio das Almas ou o rio Uruu (ou Uraú). Este último é considerado a nascente do Tocantins desde AYRES de CASAL, que assim opina em sua Corografia Brasileira(4).

O fáto, todavia, cresce de vulto e assume condição de alta relevância, quando a decisão do rio principal implica no traçado de limites entre nações como, entre outros, foi o caso do estabelecimento das verdadeiras fontes do rio Javari, que nos serve de fronteira com o Perú. O eminente RUY BARBOSA, em sua magistral defesa do Estado do Amazonas, discute qual o verdadeiro tronco do Javari, de vez que, próximo às nascentes, ele se bifurca no Jaquirana e no Galvez (este antes denominado Javari-mirim). E escreve: "Dos dois ramos, não seria impossivel que o maior fosse o afluente. A relação de continuidade entre um deles e o Javari deveria resultar, não da superioridade em tamanho, mas da homogeneidade no carater das aguas, na condição do álveo, no aspecto das margens, na feição da natureza local".(5).

Páginas antes, na mesma obra, RUI se refere às origens do rio Madeira, cujo tronco principal considera como sendo o rio Marmoré e não o Beni, que neste caso passa a ser afluente. Assim não se ensina nos cursos secundários, onde se dá o grande afluente do Amazonas como constituído pela junção daqueles dois seus formadores. De sua vez o Marmoré, rio boliviano por excelência, nasce nos andes centrais daquele país, com o nome de Chimoré.

Por conseguinte, a solução relativamente simples do assunto, com a observação do critério: a) da conservação do rumo geral do tronco; b) da maior extensão ou maior volume dagua; c) dos dados antropogeográficos (denominação dada pelos habitantes, nomes tradicionais, etc), fica sujeita a uma série de embaraços.

Mistér é, pois, que se estabeleça a hierarquia da rêde hidrográfica em estudo. Do ponto de vista científico, é necessário co-

---

Ayres de Casal — Corografia Brasileira — vol. I pg. 227 — ed. Cultura.  
Ruy Barbosa — O Direito do Amazonas no Acre Setentrional — vol. II pg. 142

nhecer, entre dois rios dados, aquele que possui maior descarga média, a partir do ponto de confluência, à medida que se avança de jusante para montante. Essa observação não é tão fácil de se fazer. Em um curto período de exploração não será possível o conhecimento da descarga média. Nessa hipótese, tal conhecimento seria obtido indiretamente, através da geomorfologia. A ação erosiva mais intensa deve traduzir um maior volume e impulsionamento das águas; conclue-se então que o rio principal, por mais excavado, apresentará um perfil longitudinal mais uniforme, com declive mais fraco do que seu afluente. Só o especialista poderá resolver, se considerarmos que uma série de fenômenos poderão se opôr a uma simplista interpretação geomorfológica. Se o rio principal realiza, desde as nascentes, intensa trabalho de desagregação, será enormemente carregado de aluviões e seu perfil será bem mais abrupto do que o do afluente. Tudo dependerá da natureza do terreno para montante. De outra parte, o rio tributário poderá atravessar terreno de estrutura dobrada ou falhada, o que concorrerá para que ele, embora possuindo descarga mais fraca, tenha o declive mais suave do que o rio principal. Ainda, a existencia de blocos de rochas graníticas, resistentes à erosão fluvial, produzirão cascatas, corredeiras e traçarão perfil irregular ao rio principal. Tudo isso poderá levar o observador ao erro de considerar como principal um simples tributário.(6).

Melhor seria uma observação em longo período. Neste caso teríamos a estudar a extensão de território drenado por cada rio. Seria principal aquele que drenasse maior porção de terras. Mas, ainda aqui, somente o especialista poderá resolver bem e evitar os enganos que, entre outras causas, poderiam decorrer do seguinte: diferença do regime fluvial, que poderá fazer com que o rio principal, recebendo menor quantidade de chuvas, venha a drenar menos águas do que um afluente; a permeabilidade do solo ou a co-

---

6 — Francis Ruelan — Regras propostas pa. determinação de um rio principal e ss/afluentes — Boletim do Cons. Nac. de Geogr. Ano I n. 2 pg. 51.

berta vegetal, que podem tirar ao rio principal uma parte das águas caídas em sua bacia.

Seja como fôr, "qualquer que seja o seu perfil longitudinal, um rio, mesmo empobrecido pelo clima, que disponha de uma enorme bacia de alimentação e de um grande número de afluentes, é o rio principal"(7). Em resumo, portanto, o principal deverá ter descarga anual mais forte e perfil mais suave, salvo a interferência dos fenômenos acima indicados.

\* \* \*

Uma investigação científica se faz preciso, na procura das verdadeiras nascentes do rio Real, que tem servido de limites convencionais entre os estados de Sergipe e Bahia.

Nenhum esclarecimento se poderá fazer, sobre os alcances da expansão colonial de Sergipe, na direção de oeste, pela margem esquerda do citado rio, sem um prévio estudo da extensão e origem dele, afim de compreendermos os enunciados das sesmarias que delimitam aquelas paragens.

Até hoje não nos consta tivesse havido qualquer expedição para este fim, embora o rio Real tenha sido um dos pontos mais controvertidos no traçado dos limites dos dois estados vizinhos. A única referência que encontramos sobre suas cabeceiras está no que diz o vigário ANDRÉ C. FREITAS PAIVA: "nasce acima da Matriz (alude à cidade atual de Tobias Barreto, ex-Campos) dez ou doze léguas, dia e meio de viagem"(8). O engenheiro VASCO NETO, que andou na região, informa: "desde a sua foz até a lagôa São Francisco serve de limite aos estados de Bahia e Sergipe". Teria chegado até essa lagôa? Nenhuma referência faz às nascentes do rio, assim como não menciona qualquer queda ou cachoeira. Informa, no entanto, que o leito, no verão, é tão disfar-

7 — Francis Ruellan — Negras propostas pa. determinação de um rio principal e seus afluentes — Boletim do Cons. Nac. de Geogr. Ano I n. 2 pg. 51.

8 — André de Freitas Paiva — Anais da Bibliot. Nac. vol. XXXI pg. 228.

gado que se tem a impressão de que por ali apenas passam aguas de enxurradas. Economicamente o valor do Real é insignificante, importando-lhe a função histórica e política, tendo sido teatro de lutas para expulsão de franceses e holandeses. A pobreza de sua economia melhor se observa de Tobias Barreto para montante, até o alto Real, onde o criatório é reduzido, sobresaindo-se as miuças (criação de caprinos e ovinos). O mesmo se nota em afluentes seus, sendo característico, a êsse respeito, o histórico Jabeberi(9).

Em correspondência privada aos ilustrados professores Jorge Zarur e M. Teixeira de Freitas, ambos do Conselho Nacional de Geografia, assim como em proposta oficialmente apresentada ao Diretório Regional de Geografia dêste Estado, ao qual pertencemos desde sua fundação, encarecemos a imprescindibilidade de uma pesquisa no sentido de reconhecer-se todo o curso do rio em questão, especialmente em seu alto curso, até às cabeceiras.

O assunto nos interessa de perto, dentro do ponto de vista de nossa sugestão, de que a confusão Itapicurú-Real resultou de serem tomados como um rio único o curso inferior do Real e o superior do Itapicurú, para o traçado das cartas seiscentistas. A idéia nos veio com a leitura cuidadosa e meditada do notável trabalho do geógrafo sergipano IVO DO PRADO.

Desde o embaraço que se observa na descrição de GABRIEL SOARES DE SOUZA, em que as lagôas do alto Itapicurú são dadas como apenas a 60 léguas da costa, como se tivessem relação com o Real, ou situadas entre os dois cursos de ambos os rios, o que é, evidentemente, um êrro de localização. As lagôas referidas, que provavelmente são as do médio São Francisco, estariam a uma enorme distância daquela apresentada por Gabriel Soares. Nisto IVO DO PRADO quer vêr a preponderância do Itapicurú, que ele aceita seja o mesmo Real, de vez que, assim, o Real seria dado como de grande curso. Chega, ainda, a achar que a expressão

---

9 — Vasco Neto — Os Vales na Economia Sergipana — pgs. 7 e 8.

REAL era designativa de toda aquela vasta zona, e não de uma cauda! apenas.

Entre as numerosas cartas antigas que estampa em seu livro, várias apresentam um rio Real de grande curso, onde não ha menção de um rio Itapicurú. Tais são as de Abr. Ortelius, 1570; a de Fernão Vaz Dourado, de 1571, levantada depois que este célebre cartógrafo lusitano esteve no Brasil; a de Theodore de Bruy, de 1596; a de Matias Quaden, de 1598. Chegou-se, mesmo, ao exagero de apresentar um Real tão extenso que entrava em ligação com as bacias amazônica e platina! É o que se vê na carta de Petrus Koelius, de 1614.

Reduzidos a suas verdadeiras proporções, ambos os rios se tornariam, finalmente, conhecidos, muito tempo depois. Todavia, o alto rio Real e suas nascentes ficaram esquecidos, postas estas muito aquém do local devido, num engano que a tradição consagrou, na sucessão de mapas e informes copiados uns dos outros, sem o exame do território.

Tem sido o Real dado como possuindo suas cabeceiras em uma lagôa denominada São Francisco, nome que toma à fazenda onde está situada, de onde emana um riacho de pouco valor, cujas aguas cortam no verão. Ha mesmo quem afirme que a tal lagôa não é mais do que um tanque, artificialmente escavado para coletar as aguas pluviais, afim de salvaguardar o gado, no periodo intenso das sêcas. Como quer que seja, não estão aí as nascentes do rio Real. Este riacho, que impropriamente tem recebido o nome do rio, será, quando muito, um simples afluente da margem esquerda. Prossegue o curso do rio principal até cêrca de umas dez léguas a oeste. Nasce o rio "no lugar denominado Tubarão, distante 6 quilometros e meio do lugar denominado Tapera, que dista 13 kms. a sudoeste de Cicero Dantas, (antiga Bom Conselho) Estado de Bahia".(10). Tem o nome de rio da Baixa do Tubarão. Depois

10 — Elias Montalvão — In Rev. do Ins. Hist. Geogr. Sergipe, anno I, 1913.

de pequeno trajeto na direção norte-sul recebe um afluente, que lhe chega pela margem direita, denominado rio da Baixa da Lagôa, o qual tem sua origem nas proximidades do lugar chamado Pedra Furada, a nordeste e ainda muito distante de Massacará. Ha quem afirme, até, que este rio Baixa da Lagôa não é afluente, e sim o próprio rio principal, o que levará as nascentes do rio Real muito mais além, para o oeste(11).

Entre outras justificativas neste sentido, o sr. CARVALHO LIMA JUNIOR argumenta que, a denominação de Real, que pela primeira vez ele recebe ao atravessar o povoado Baixa Grande, (que também lhe empresta o nome) foi-lhe dada desde muito tempo, como se vê na provisão que descreve os limites da freguezia de Bom Conselho(12).

Interessante notar que, segundo tais informações, ele perde o nome de Real, toma o de Baixa Grande, e só mais adiante reaparece com o mesmo nome de Real, que esteve, assim, temporariamente substituído.

Esses depoimentos estão a exigir uma comprovação científica, que em nossos dias só poderá ser realizada por uma expedição chefiada por técnicos, afim de se tirar a limpo a verdadeira origem do rio Real. É mesmo possível que a investigação trouxesse boa luz à decantada questão dos dois rios, ligada ao problema dos limites de Sergipe e Bahia.

---

11 — Lima Junior — Limites Sergipe e Bahia (Historia dos) — pg. 216. Mapas da Insp. Obras c/Séas, de 1914 e 1936.

12 — Lima Junior — op. citus pg. 220.



## **DADOS BIOGRAFICOS DO ALMIRANTE AMINTAS JOSÉ JORGE**

**Joaquim dos Santos Pereira**

### **NASCIMENTO E INICIO DA CARREIRA**

Nasceu Amintas José Jorge a 11 de Julho de 1860, na cidade de Aracaju, Capital da então Provincia de Sergipe, e era filho do Farmacêutico Marcelino José Jorge e de D. Candida Leopoldina de Sampaio Jorge, ambos nascidos na Capital da Bahia, tendo sido o terceiro filho do casal.

Aos 10 anos de idade foi internado no Ginásio Bahiano na cidade do Salvador, dirigido pelo Dr. Abilio Cesar Borges, em companhia do irmão mais velho que depois veio a ser o Major Marcelino José Jorge.

Naquele estabelecimento permaneceu dois anos, retornando à cidade natal para continuar a educação com professores particulares e posteriormente matricular-se no "Ateneu Sergipense".

Durante aquele periodo pouco aproveitou, conforme confessava, porque a doída propensão que o atraía par o mar roubava-lhe toda a iniciativa necessária aos estudos.

A morte levou-lhe então o extremoso pai, quando mais se fazia necessária a influência paterna.

Em fins de 1876, após relutante oposição materna, conseguiu permissão para seguir para o Rio de Janeiro, o que se deu em 15 de Fevereiro de 1877, a bordo do lugre português "Alves" que aportou à Capital do Império a 21 do mesmo mês.

A permissão para adotar a carreira naval foi conseguida após entendimento materno com o avô, Dr. Francisco Sabino Coelho de Sampaio, que assim se manifestou: "Deixe ir o menino; quem sabe se daí não sairá um almirante?"

A 5 de Março de 1877 matriculou-se o endiabrado Amintas no "Colégio Naval", onde recebeu durante 3 anos instrução preparatória para seguir os 4 anos do curso superior na "Academia de Marinha". Dizia que no colégio se operou em seu proceder a mais "salutar mutação" e tanto assim foi, que fez todo o curso sem registrar uma só reprovação, colocando-se, ao concluir o curso superior, no 6.º lugar, dentre 13 alunos.

Ao referir-se a isto manifestava grande satisfação porque, como dizia, era filho de uma viúva pobre e estudara sem a "proteção dos homens".

## PROMOÇÕES E ELOGIOS

Amintas José Jorge foi promovido a Guarda-Marinha por Aviso de 28 de Novembro de 1882, a 2.º Tenente por Decreto de 6 de Dezembro de 1884 e a 1.º Tenente por Decreto de 8 de Junho de 1890.

Em 2 de Maio de 1891 foi elogiado em ordem do dia do Quartel General, por ter realizado o levantamento da planta hidrográfica do rio Uruguai no trecho compreendido entre as ilhas Palonima e Celiapan. Por Decreto de 9 de Agosto de 1894 foi promovido por atos de bravura ao posto de Capitão-tenente, contando a antiguidade a partir de 16 de Abril do mesmo ano, data do combate travado entre a esquadra legal sob o comando do Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves e o encouraçado "Aquidaban" que se havia ocultado no saco dos Caixeiros.

Foi também elogiado pela correção com que se houve como imediato na comissão do navio escola "Benjamin Constant", em viagem de instrução de guardas-marinha confirmados, em retribuição à visita de países estrangeiros.

Foi promovido, por merecimento, a Capitão de Fragata, por Decreto de 12 de Abril de 1907. Louvado pelo Ministro da Marinha em nome do Presidente da República, pelo modo correto com que, na qualidade de Comandante do cruzador-torpedeiro "Tupy", desempenhou a comissão de ir a Montividéu receber os restos mortais dos Almirantes Barroso e Saldanha da Gama e transportá-los para o Rio, concorrendo para o brilhante desempenho da Divisão de Cruzadores e bem assim pelo zêlo, dedicação e inteligência com que executou os exercícios e manobras no sul da República.

Elogiado mais uma vez pelo Ministro da Marinha em Aviso 3818 de 25 de Agosto de 1908 e em Ordem do dia do Estado Maior, de 20 de Agosto de 1908, pelo esforço e dedicação que empenhou para o bom resultado obtido e pela maneira brilhante e vigorosa com que realizou cabalmente o tema ordenado.

Louvado em Aviso n.º 4768 de 20 de Setembro de 1908 pelo zêlo, competência e dedicação com que manteve o navio de seu comando em satisfatório estado de eficiência e com que executou as ordens recebidas.

Elogiado pelo Presidente da República em Aviso n.º 1484 de 13 de Abril de 1909, pelo zêlo e correção com que preparou o navio para receber e conduzir o Supremo Magistrado da Nação de Paraguá a Santos, cabendo ao Ministro da Marinha salientar o asseio e a disciplina no navio.

Por Aviso n.º 1635 de 17 de Abril de 1909 foi elogiado pelo desempenho da comissão no sul da República. Elogiado ainda em Aviso n.º 2620 de 19 de Junho de 1909 porque tendo comandado a 1.ª Brigada da força da Marinha que desembarcou no dia 11 para prestar continência aos despojos do Almirante Barroso, levados para a cripta do monumento na praia do Russel, apresentou esmero

de seu uniforme, correção, garbo e entusiasmo na execução das manobras.

Recebeu a medalha de Ouro, Decreto de 17 de Junho de 1909, como reconhecimento dos bons serviços militares prestados durante mais de 30 anos. (\*).

Pelo Vice-Almirante Chefe do Estado Maior da Armada, Ordem do dia n.º 254 de 17 de Novembro de 1910, foi elogiado pela dedicação e competência com que assistiu e fiscalizou na Europa os concertos do Cruzador "Barroso" e conduziu o navio até o porto da Capital Federal.

Por ter, como comandante do cruzador "Barroso", auxiliado o restabelecimento da ordem por ocasião dos tristes acontecimentos de Novembro e Dezembro de 1910, foi elogiado em Aviso n.º 1095 de 6 de Março de 1911.

Foi promovido por merecimento ao posto de Capitão de Mar e Guerra, Decreto n.º 66 de 3 de Fevereiro de 1912.

Por Decreto de 8 de Maio de 1912 foi reformado a pedido, no posto e com soldo de Contra-Almirante.

Por portaria n.º 14885 de 27 de Agosto de 1913 foi nomeado Diretor do Depósito Naval, função que deixou, a pedido, em consequência de ter deixado o Ministério da Marinha o Almirante Alexandrino de Alencar.

### COMISSÕES

Como Guarda-Marinha, servindo na flotilha do Amazonas, comandou as lanchas nos. 2, 3 e 4.

Como 1.º tenente (atual Capitão-tenente) esteve no comando do encouraçado "Rio Grande", vapor "Federação", torpedeiros "Greenhalg" e "Pedro Afonso".

---

(\*) Sua dedicada família ofereceu essa medalha ao Instituto Histórico, de par com o seu espadim de guarda marinha, sua espada e seu uniforme de Almirante.

Como Capitão de Corveta comandou o brigue "Pirajá" e a torpedeira "Pedro Afonso".

No pôsto de Capitão de Fragata comandou o cruzador-torpedeiro "Tupy", o couraçado "Deodoro" e o cruzador "Barroso".

Seu último comando, já no pôsto de Capitão de Mar e Guerra, foi o do couraçado "Minas Gerais".

Serviu como imediato em vários navios — "Gustavo Sampaio", "Aquidaban", "Caravelas" e navio escola "Benjamin Constant", onde teve destacada atuação.

Durante todo o tempo de serviço teve apenas 3 comissões em terra, sendo duas vezes Capitão dos Portos do Estado de Sergipe e Inspetor do Arsenal de Marinha do Pará. Numa das vezes em que serviu em Sergipe promoveu a criação da Escola de Aprendizes Marinheiros que instalou com carinho especial pois era convencido da inclinação da gente sergipana para a vida do mar. — O fechamento da Escola causou-lhe grande mágua e a todo propósito trazia este fato à baila afirmando ser isto seu inócuo protesto. Instalou na mesma escola o 1.º pôsto-meteorológico do estado de Sergipe, para estudar-lhe o clima que proclamava estável e ameno.

Na Inspetoria do Arsenal de Marinha do Pará promoveu e incentivou grande atividade e de sua estadia em Belém recordava-se da polêmica jornalística que manteve com o grande escritor patricio Raimundo de Moraes que havia feito críticas severas à atuação da Marinha Nacional, assinando os artigos com o pseudônimo de, salvo engano, — "Marujo"; o velho Almirante, na época Capitão de Fragata, saiu em defesa da sua Marinha com o entusiasmo e a energia que caracterisavam seus atos e demonstrou que o "Marujo" o era de agua doce e a prova estava no desconhecimento que o articulista demonstrava dos fatos relacionados com a Marinha Nacional.

A polêmica foi mantida com elevação e respeito mútuo e teve como consequência uma estima que os contendores cultivaram até à morte.

De comissões e de fatos da vida profissional alguns houve que lhe deixaram inesquecíveis recordações e era interessante vê-lo, já velhinho, referindo-se a eles com entusiasmo, nas palestras com amigos e no seio da família, muitas vezes repetindo as ordens de comando com vigor e quasi sempre concluindo a narrativa com os olhos marejados de lágrimas, fixados nas "azuis distâncias" das recordações.

### PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Os sentimentos democráticos começaram a se acentuar no seu espírito quando cursava o 2.<sup>o</sup> ano superior da Escola Naval; então, era praxe, nos dias de gala oficial, os cortejos à corte. Em companhia da officialidade superior da Armada e dos Guarda-marinha comparecia às solenidades, sentindo-se mal ante o aulicismo que assistia, percebendo quanto o aulico aparato diferenciava do seu modo de ver e sentir, diante do que começou a compreender a necessidade de uma forma de Governo mais consentânea com os princípios democráticos, o que o levou a abraçar de corpo e alma a idéa republicana, pelo que, alistou-se no grupo dos que já em 1881 a propagavam.

É verdade que a sua situação de aluno militar não permitia que tomasse franca attitude e se arregimentasse nas hóstes dos que já lutavam pelo advento da República, mas, apesar disto, se sentia republicano. Pela consolidação da República expôs a vida morrendo imbuido do mais puro sentimento republicano e por isto mesmo contrário à Ditadura que não viu cair derrubada com o auxílio da Marinha a que elle tanto amou e honrou.

**Revolta da armada — 1893.** No momento em que irrompeu a revolta chefiada pelo Almirante Custódio José de Mélo, servia na flotilha do Uruguai, onde se encontravam destacados 25 officiaes dos quais apenas dois se collocaram ao lado da legalidade não aderindo à revolta; os 1.<sup>o</sup> Tenentes Amintas José Jorge e Mário Vieira

Cortez; tal atitude significativa da independência de caráter que lhe era peculiar, foi tomada quando a notícia da revolta e o convite para a adesão à mesma, lhe chegara, sem esclerecer os motivos que levaram o Almirante a revoltar a Marinha.

Na reunião dos oficiais, quando todos cegamente optaram pela adesão, como não se considerasse ligado a nenhum grupo e se orientasse pelo próprio senso, lembrou a conveniência de aguardarem informes claros sôbre o levante. Recusada sua sugestão deliberou ficar com o Governo que, sabedor de sua atitude, destacou-o para comandar o vapor "Federação" armado em guerra.

Dizia que foi essa época cheia de episódios graves uns, grotescos outros, mas época de indescritíveis trabalhos! Após desempenhar várias incumbências na flotilha do Uruguai, foi chamado ao Rio de Janeiro onde logo lhe foi atribuído o comando da torpedeira "Greenhalg" e após a inutilização desta, serviu em vários navios da esquadra legal, assumindo o comando da "Pedro Afonso" na qual tomou parte no combate de 16 de Abril de 1894 que assegurou a vitória da legalidade e lhe valeu a promoção por ato de bravura ao posto de Capitão-Tenente, hoje equivalente ao de Capitão de Corvêta. Este Decreto foi assinado pelo ínclito Marechal Floriano Peixôto.

Para dar maior clareza transcrevemos o relatório apresentado ao Comandante da Divisão e referente ao combate de 16 de Abril:

"Bordo da torpedeira "Pedro Afonso", na enseada dos Ganchos, 17 de Abril de 1894".

"Ao ilustre cidadão Capitão de Mar e Guerra Gaspar da Silva Rodrigues, comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão da esquadra em operações.

Cabe-me o dever de levar ao vosso conhecimento o ocorrido com esta torpedeira ontem por ocasião do ataque ao couraçado **Aquidaban**, atualmente a serviço dos inimigos da Pátria, com sede hoje neste Estado.

No intuito de dar plena execução ao plano emanado do comando-chefe para a realização do referido ataque, suspendi em virtude do sinal feito pelo navio capitânea às 11 horas da noite, ocupando

em seguida o lugar que me fôra designado na 2.<sup>a</sup> Divisão, logo que vos pusestes em movimento.

Tendo sido este o quarto, naveguei sempre à pôpa da torpedeira **Silvado** que na linha me precedia, até o momento em que começaram as hostilidades da divisão de cruzadores às fortificações inimigas, afastando-me algumas vezes da minha primitiva posição quando a isto era obrigado por circunstâncias imprevistas.

Ao sinal convencionado feito pelo comando-chefe, ordenando o avançamento da 2.<sup>a</sup> divisão, até então parada sobre máquinas a meio canal, tomei minha verdadeira posição, nela mantendo-me até a altura onde se supunha existir uma linha torpédica inimiga, isto é, entre as fortalezas de Santa Cruz e Ponta Grossa.

Aí, porém, reconhecendo ser diminuta a marcha da torpedeira que, por essa ocasião me precedia a "**Pedro Ivo**", obrigando-me a distanciar-me dos demais navios da mesma divisão, resolvi tomar a sua frente, o que efetivamente se deu, baseando-me em uma das últimas ordens do dia do comando-chefe, que me autorizava a assim proceder quando este fato se verificasse.

Transposta a suposta linha sem o mínimo incidente, continuei a navegar sempre à pôpa da torpedeira que me antecedia, procurando sempre efetuar as manobras deste capitânea em procura do inimigo que não se achava no lugar onde se presumia ser por ele ocupado até então.

Depois de várias pesquisas, quando o capitânea se dirigia para o Saco dos Caixeiros, eis que o mesmo se denuncia com três ou quatro disparos de metralhadoras, dando-nos assim a conhecer sua verdadeira posição.

No momento em que manobrava para atacá-lo, sentindo-se o inimigo sob ameaça dos nossos torpedeiros, cobriu o navio sob o meu comando de uma verdadeira chuva de projetís que, pela elevação de sua mira, iam perder-se nas suas circunvizinhanças.

Achando-me nessa ocasião a 180 metros presumíveis do seu costado, fiz disparar sucessivamente os dois torpedos da tolda, atirando o primeiro em linha oblíqua, dirigido à alheta de B. E.



e o segundo quasi em linha normal ao mesmo costado, não o tendo podido fazer ao de prôa, por se me haver partido a haste da correção da máquina de comprimir ar quando procurava encher os acumuladores para seu disparo, como disto fiz ciente, momentos antes da investida ao Sr. Comandante desta Divisão.

Não posso afirmativamente atestar a êsse comando a eficiência de algum dêsses disparos mas, a dar crédito ao que diz quasi toda a guarnição do meu navio, consegui fazer explodir o primeiro sendo porém esta afirmativa para mim impossível, devido à minha posição de comandante que tinha de atender aos multiplos afazeres inherentes ao meu cargo em tão melindrosa ocasião.

Julgando terminada a minha missão no cenário da luta, mandei agir as máquinas a toda a fôrça, afim de mais rápido possível furtar-se ao fogo ininterrupto e cerrado de que era alvo, livrando assim a torpedeira e as vidas a mim confiadas de um desastroso e fatal fim. Vindo de descrever-vos pálida mas fielmente a parte tomada pelo navio sob meu comando na ação empenhada ontem contra o altivo vaso da Marinha Brasileira, hoje desgraçadamente coito de indivíduos traidores e seus deveres de cidadãos e militares, passo a dar-vos uma informação sucinta referente ao pessoal de sua briosa guarnição.

Eis o que me cumpre informar-vos, certo de que busquei, o quanto pude, aproximar-me de verdade e cumprir meus arduos deveres de miltar e verdadeiro adepto das instituições que nos regem. — a) Amintas José Jorge, 1.<sup>o</sup> Tenente comandante interino”.

**Comando do brigue “Pirajá”** — Nêste pôsto logrou a fama de um dos maiores “patescas” do seu tempo; numa das suas inúmeras viagens teve de dar a célebre “corrida” a que submeteu o brigue para o livrar das consequências tremendas do vendaval que durante toda uma tenebrosa noite ameaçou a segurança do pequeno navio, do qual uma fotografia o acompanhou até cerrar os olhos. Nêsse triste momento estava ela colocada em posição de ser vista pelo velho marinheiro, que a legou ao seu imediato de então, seu grande e predileto amigo Almirante Aristides Mascarenhas.

Quando narrava o naufrágio do brigue nas alvas praias de Aracaju, nas proximidades da Atalaia Nova, percebia-se na tristeza dos seus olhos a saudade que lhe enchia o coração e lamentava a crueza do destino reservando-lhe a oportunidade de assistir, como Capitão dos Portos de Sergipe, o triste fim do amado navio.

**Comando do cruzador "Tupy"** — Deste comando guardava com ufania a lembrança da comissão que considerava das mais honrosas recebida na sua longa vida profissional, à vista das circunstâncias que precederam sua escolha para ela: —receber e trasladar de Montevidéu para o Rio de Janeiro os restos mortais dos Almirantes Barroso e Saldanha da Gama.

Como já ficou esclarecido, na revolta de 1893 Amintas Jorge serviu à legalidade assumindo atitudes francas e decisivas; quis porém o destino que fosse ele escolhido para trazer à Pátria os restos mortais de um dos chefes da revolta. Almirante Saldanha da Gama de quem era aliás, admirador.

Recebeu a comissão quando se encontrava em manobras no Sul da República a Divisão de Cruzadores da qual fazia parte o "Tupy". O seu desempenho foi dos mais brilhantes e ensejou os maiores elogios das autoridades superiores da República.

Das manobras a que acima faço menção, ressaltava a incumbência que tivera de, com seu navio, romper o bloqueio que a Divisão de couraçados fizera ao porto de Florianópolis, o que conseguiu com êxito completo.

**Comando do cruzador "Barroso"** — Foi este um dos mais prolongados comandos. Tendo conduzido à Europa, o "Barroso", assistiu e fiscalizou em New-Castle e Glasgow, na Inglaterra, a remodelação a que foi submetido o "mais elegante navio de guerra daquêle tempo". Quando regressava ao Brasil, em viagem, recebeu ordens para entrar no Tejo afim de receber em Lisbôa membros das guarnições de navios nacionais que dali saíram ao explodir o movimento que derrubou a velha monarquia portuguesa, tendo, portanto, o Almirante Amintas assistido ao advento da república no lendário Portugal. Neste comando foi surpreendido pela revol-

ta dos marinheiros em Novembro de 1910. Graças à sua enérgica atuação no momento, o seu navio não se revoltou. Ao chegar a bordo depois de ter sido avisado, em casa, onde se encontrava enfermo, por um marinheiro fiél, encontrou o oficial de dia inquieto, e as sentinelas fora dos seus postos. Ao penetrar na câmara mandou dar o toque de "mostra" e em seguida passou em revista toda a guarnição, pois todos os oficiais já haviam acorrido às suas posições, num testemunho inesquecível, como dizia o velho marinheiro, de perfeita noção do dever. Reunida a guarnição falou o Comandante, fazendo sentir que esperava que o exemplo de disciplina e amor à Pátria, seu e de seus oficiais havia de produzir os frutos esperados, mas que, si estes falhassem a revolta só penetraria no "Barroso" depois que caísse sem vida o último oficial ! A revolta não atingiu a guarnição do "Barroso" que foi destacado para a posição de navio chefe da esquadra legal.

**Comando do "Minas Gerais" e reforma** — Deixando a função de Inspetor do Arsenal de Marinha do Pará por haver sido promovido por merecimento ao pôsto de Capitão de Mar e Guerra, foi logo nomeado comandante do "Minas Gerais", embora fosse o oficial, dêste pôsto, mais moderno. Nêste comando esteve apenas cêrca de três meses por haver sido, a seu pedido, reformado.

Os motivos da deliberação de deixar, ainda moço, a atividade, estão expressos nas palavras seguintes, escritas para seus filhos e por isto mesmo sinceras, francas e despidas da modestia que lhe era natural, na verdade dispensavel, dado o destino que tinham :

"Soube sempre com galhardia e nobreza defender os altos interesses da cara Pátria as vêzes que a representei oficialmente no estrangeiro ! Levei orgulhoso nosso sagrado pavilhão a vários países da América e da Europa e minha grande e venturosa estrela, sempre me auxiliou a trazê-lo digno e respeitado pelos povos amigos em cujos portos flutuava nos navios sob meu comando ! E porque, se assim me corria a árdua vida que abracei cheio de esperanças do maior e mais brilhante futuro, tão cedo a abandonei, quando tudo me indicava a final ascensão às suas mais altas dignidades? Em

poucas palavras, a vocês somente faço sabedores da causa única da minha determinação, só tomada quando já me circundavam os punhos os galões de Capitão de Mar e Guerra e quando no comando do "Minas Gerais". Por meu carater, pela consciência do meu próprio mérito militar e mais que tudo pelo pleno conhecimento da fé de officio que até ali por exclusivo esforço meu me vinha pondo em destaque, não pude ver com bons olhos, nem suportar calmamente a circunstância de ter atingido o n.º 2 do quadro de Capitão de Fragata embora me tivesse promovido a Capitão de Mar e Guerra com a nota de merecimento e tivessem logo designado para o comando da primeira unidade da Marinha, Dreadnaught "Minas Gerais". É que em confronto com as fés de officio de outros colegas mais antigos, a minha em muito se destacava das dêles e não se me faria favor algum, si me tivessem promovido antes dos referidos colegas em obediência aos próprios preceitos da Lei de promoções. Mas é que, na vida militar, como nas demais, a espinha dorsal flexivel mais obtem do que a que sabe se manter ereta, perfilada pela própria consciência do seu valor !

Promovido e designado para o Comando do "Minas Gerais" deixei o "Arsenal de Marinha" do Pará em busca do Rio, orgulhoso, porque negá-lo, da distinção que me havia sido feita !

Assim, com meu espirito um tanto abalado e predisposto a esquecer a mágoa antecedente que me havia levado a pensar em reforma, assumi o Comando do Minas e ao me apresentar ao Ministro da Marinha agradecendo-lhe a honrosa comissão, soube por êle do iníquo e injusto proceder do Conselho do Almirantado, não me tendo incluído, por ocasião da promoção, na lista de merecimento o que teria êle, o Sr. Ministro, corrigido, mandando que fôsse meu nome indicado e me escolhendo para a promoção que se verificou !

Este Conselho do Almirantado era então, por méra casualidade, constituído na sua quasi totalidade, por Almirantes com os quais havia eu servido em várias funções officiais e pelos quais fôra sempre elogiado, dêles não podendo esperar semelhante proceder. Do

próprio Ministro ouvi ser o fato "clamorosa injustiça"! Agradeci-lhe penhorado e saí profundamente abatido no meu amôr próprio!

O golpe foi tremendo e só com minha reforma podia eu lançar o meu modesto protesto! Eu, que me conhecia, não mais poderia servir com tais Almirantes e teria de ver-me quasi sempre em attritos e questões, fáceis de se darem em tais condições.

Quis assim dar-lhes mais uma prova de minha independência e do meu caráter. E até hoje, caros filhos, se me martirisado tem o abandono da saudosa vida do mar, não me arrependi um só instante de havê-lo feito por preferir perfeitamente viver dela separado, conservando a linha réta que nela sempre mantive a sujá-la com a subserviência com que precisaria encarar tais Almirantes, para não romper com êles ou sujeitar-me aos seus caprichos!

Dois dos referidos, então, fôram para mim de clamorosa injustiça e ingratidão: refiro-me aos que me tiveram em seu Estado Maior, como Capitão de Bandeira, isto é, no comando do navio onde hasteavam suas insignias! Um dêles, doente, durante toda a comissão ao Sul da República, a viu exclusivamente entregue a meu único e direto esforço, levada a bom fim com felicidade!

São assim os homens e eu, era e sou herdeiro dos sentimentos de altivez do meu honrado pai, da independência que toca a todo aquêlê que é o resultado do seu próprio esforço. O homem que a si só deve o que é, tem dêstes ímpetos, muito justificaveis aliás!"

Assim ficou escrita a história de uma atitude que no momento, além de surpreender a parentes, amigos e colegas, produziu os mais contraditórios comentários.

**Revolta Fausto Cardoso** — Numa das vezes em que estive como Capitão dos Portos do Estado de Sergipe assistiu ao levante da força policial contra o govêrno legalmente constituído; collocou-se equidistante dos partidos políticos antagônicos no momento, porque como oficial disciplinado da Marinha Nacional não tinha ligação política nem com o elemento oficial nem com a opposição. Assim se collocou e se mantinha quando recebeu ordem do Ministério da Marinha para garantir a vida do Presidente do Estado e

demais componentes do Govêrno deposto. À vista da impossibilidade material, de fazê-lo pois a Capitania não dispunha de fôrças nem de armamento, deliberou conduzir as pessoas cujas vidas lhe haviam sido confiadas para o seu honrado lar para a companhia de sua espôsa e filhas. Lá permaneceram aquelas autoridades até que os acontecimentos tomaram o rumo que os sergipanos conhecem e que tiveram como epílogo doloroso o desaparecimento prematuro daquela grande figura de intellectul e patriota que foi Fausto Cardoso.

#### ATIVIDADES POLÍTICO-SOCIAL — 1917 A 1938

Reformado, fixou residência em 1917 em Aracaju, sua encantadora cidade natal, como a considerava. Ali, porém, não se recolheu à vida privada, ao contrário, entregou-se a uma atividade social extraordinária; houve momentos em que esteve dirigindo várias das mais importantes instituições da cidade. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, da Santa Casa de Misericórdia, do Asilo Rio Branco, da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, do Rotary Club, da Liga Esportiva, e do Eport Clube Cotinguiba.

Na galeria dos beneméritos do glorioso I. H. G. de Sergipe figura seu retrato como testemunho de gratidão da ilustre instituição que, si não regateia, aos merecedores, homenagens, não as prodigalisa.

Na Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, assumindo a presidência, desenvolveu grande atividade reunindo a contribuição de todos os parentes e amigos residentes ou não em Aracaju e interessando as autoridades para que auxiliassem a utilíssima associação. Era êle tudo na Liga; realizava festas em beneficio dos seus cofres, arrecadava donativos para premiar os alunos que se distinguissem: inspecionava assiduamente as escolas da Capital e periodicamente as situadas em localidades do interior, fazendo nestas visitas, pre-

leções cívicas. Ao assumir a presidência encontrou funcionando uma escola apenas e quando se afastou, devido a ter fixado residência na cidade do Salvador, deixou funcionando 13.

Quando na direção da Santa Casa, iniciou uma série de reformas no Hospital S. Izabel, melhorando instalações e montando enfermaria para crianças. No Asilo Rio Branco, que encontrou em precárias condições, além de vários serviços, reformou o mobiliário. Foi um dos fundadores do Rotary Club de Aracaju e um dos seus Presidentes.

Na presidência da Liga Esportiva estimulou e auxiliou a construção do "Campo Adolfo Rolémborg".

Idealizou e fundou em companhia do então Capitão dos Portos, Comandante Oscar Alberto Lins de Azevêdo, o Club Esportivo Feminino, onde reuniu o escól das senhoras e senhoritas da sociedade de Aracaju. Esta sociedade difundiu entre elas a cultura dos sports em geral e não tinha congêneres no norte do Brasil.

O povo de Aracaju jamais esquecerá os páreos de regatas com escaleres tripulados por senhoritas, as partidas de "basket" "voley" e "tenis", pela primeira vez apresentadas em público naquela cidade, com competidoras e conjuntos formados por moças da melhor sociedade.

Da sua atuação à frente dessas instituições falam os benefícios e as obras que realizou e os seus contemporâneos e conterrâneos reconhecem e proclamam sua benemerência.

Aqui está e em traços ligeiros o que foi a atividade social de Amintas Jorge no período de 1917 a 1938, quando em consequência do falecimento de sua ilustre e bondosa espôsa D. Jesuina de Góis Jorge, deixou Aracaju.

Na política não teve a mesma felicidade e a razão é fácil de ser percebida pelos que conheciam o seu feitio moral. Sua iniciação foi no cargo de Prefeito de Aracaju, função que aceitou após repetidas recusas, para atender a insistente convite do ilustre Dr. Cyro Azevêdo, seu parente e amigo. O Governo Cyro Azevêdo foi passageiro pois a morte surpreendeu o chefe quando pretendia

realizar grande programa para o Estado natal, do qual estivera ausente durante toda a vida de diplomata.

A permanência do Almirante a frente dos destinos da cidade também foi curta, porque tendo falecido o Presidente, seu substituto deliberou logo ao assumir, exigir do Prefeito a demissão de um funcionário que exercia na Prefeitura cargo em comissão e de confiança do Prefeito, com o que não concordou o Almirante. Os motivos apresentados não lhe pareceram suficientes; seu proceder estava coerente com seu passado de homem íntegro e independente. Atitudes assim não agradavam e não agradam aos que estão munidos de certos poderes mesmo que estes sejam transitórios e mesmo que as exigências não tenham justa procedência; os poderosos agem para mostrar que podem. Foi o que aconteceu, e foi o Almirante Amintas José Jorge demitido do cargo de Prefeito.

Posteriormente, em 1929, foi incumbido de chefiar em Sergipe a companhia da "Aliança Liberal" que levaria às urnas um nome e um programa que significava o protesto da nação contra a praxe dos Presidentes da República inculcarem seus substitutos.

Apesar do entusiasmo e da sinceridade do sentimento dos componentes da "Aliança Liberal", vitoriosa a revolução de 1930 de que a campanha havia sido pródomo, cêdo se desiludiu o velho marinheiro porque os primeiros atos do Ditador fôram profundamente contrários aos princípios que levaram muitos homens de patriotismo e boa fé, à "Aliança Liberal" e à revolução.

Os fatos são recentes e a história está ao alcance dos que sem paixão e sem espírito faccioso queiram apreciar o que se passou no Brasil, de 1930 a 1945, ano em cujo início faleceu o Almirante Amintas José Jorge, já velhinho, porém otimista e crente, de que o Brasil há de no futuro ocupar a posição que seu patriotismo, jamais negado, desejou, e para o que nunca recusou seu esforço, sua boa fé, seu entusiasmo e até sua vida.

Amintas José Jorge faleceu a 26 de Janeiro de 1945 na cidade do Salvador, onde foi sepultado com honras militares e de onde serão retirados oportunamente seus restos mortais, conforme seu



desejo, para descansarem definitivamente no jazigo da família, em Aracaju. Deixou três filhos do seu consórcio com D. Jesuina de Góes Jorge; Cândida Jorge dos Santos Pereira, Marina Jorge Cravo e Marcílio Amintas Jorge.

“a) Joaquim dos Santos Pereira”.

## DANÇAS POPULARES DE ARACAJÚ

Paulo de Carvalho Neto

As danças folclóricas de Sergipe são "A Chegança", "Os Guerreiros", "Xangô", "Samba de Côxa", "Brincadeira de ir preso", "Cacumbi", "Samba de Abóio", "Samba de Côco" e "Reisado". Estas são as mais conhecidas.

Sobre elas se exerce a pressão da cultura dominante, que as não admite, ou as reprime.

Rareando, para não serem continuamente perseguidas, as danças do povo entram num processo lento e progressivo de decadência, decadência que se amostra na paralisção total ou no sincretismo.

O Reisado goza de especial privilégio entre os demais. O Reisado, por voltas que ignoro, conseguiu um lugarzinho de admiração na complacência snob das classes privilegiadas. Ele é representado para assistências chics, quando estas o reclamam. Talvez seja porisso que, de tôdas as suas companheiras, a festa do Reisado exista como a de maior vitalidade.

Estas danças folclóricas, algum tempo, possuíram oportunidades de se apresentarem em grandes públicos, precisamente durante os festêjos coletivos da "Feirinha de Natal" e "Bom Jesus do Navegante". Estes festêjos, de autoria da Igreja, congregam a po-

pulação indistintamente, desde as classes mais favorecidas da área adjacente à "Rua da Frente" até aos proletários das "Oficinas" e do "Carro-Quebrado". Entremostam-se as classes aí, em praça ao ar livre, sem, contudo, forçarem nenhuma mutua ligação. Os pobres se condensam nos fundos da Igreja ou em locais arredios, na sua chamada "Rua do Egito", onde a Prefeitura lhes concede uma triste iluminação de interior de barracas em troca de um impôsto avultado. À frente da Igreja ou no centro da praça viceja o grupo privilegiado, em luz féérica, com um chão atapetado de areinha branca e debaixo de uma paisagem de palmeiras cincoentenárias. Os entrelaçamentos de grupos se processam assim; da burguesia fogem os filhos de família para a Rua do Egito, onde bebem e fazem baderna; na Rua do Egito para a área da burguesia vêm as legiões de paralíticos, de tuberculosos, de cegos, de leprosos, se postarem nas dobras do passeio a esmolar, expondo suas pragas e crianças de cólo incrivelmente esqueléticas. As "mulheres-damas" são as únicas realmente nômades nessa vasta concentração populacional.

Como é natural, nêsse encontro de classes, elas têm muitas coisas a se mostrarem umas às outras. E o fazem, na maioria dos casos, não com a consciência de que o estão fazendo. Trata-se de uma feira de amostras de cultura.

Desfilam traços de cultura material e traços de cultura não-material, numa exibição que traz a intenção de ser dirigida para o próprio grupo que os expõe. Muitas vezes, porém, a folk-cultura não se arma da mesma intenção egoista dos grupos "civilizados" e propositadamente dirigem sua exibição às classes privilegiadas. Ademais, nela reside o típico brasileiro.

Infelizmente, há muitos Natais, em Sergipe, vêm sendo banidas as manifestações de arte popular. Já não se erguem em praça pública, na tradicional Feirinha de fim de ano, os tabuleiros da "Chegança" e do "Reisado". Refrejado, assim, o folclore, este se reserva para pequenas assistências, quase todas compostas só de gente pobre. Vamos encontrá-las, atualmente, em Aracajú, nas

casas de Zé do Pão, de Nanã, de Isabel Gorda, de Manuel Nata e outras.

## O REISADO

Integram o Reisado os seguintes componentes, assim distribuídos pela ordem de importâncias:

Boi

Dona do Baile

Cobôclo

Tocadores: 1 — Violão  
2 — Fone (Harmônica)  
3 — Banjo  
4 — Tamborim

Figuras: a) lado vermelho: 1 — Contra-Mestre  
2 — Cabôcla  
3 — Cigana  
4 — Borbolêta  
5 — Guriatá

b) lado verde: 1 — Camponêsa  
2 — Lua  
3 — Rouxinha  
4 — Aeroplano  
5 — Menina

Total: 17 componentes do Reisado.

Os tocadores são do sexo masculino e as Figuras são do sexo feminino, vestidas em indumentárias apropriadas que dão o nome a cada uma.

Em cinco partes está dividido o Reisado e não se operam trocas dessas partes durante a ação. São elas:

- I. Bendito
- II. Contradanças
- III. As Meninas
- IV. O Boi
- V. Retirada

No intervalo de cada uma das partes as Figuras saem entregando à assistênciã objetos que devem ser devolvidos com dinheiro.

O canto se abre com o Côro de todo o Reisado, é a primeira parte, a chamada Bendito.

Bendito louvado seja	}	bis de cada verso
Oh menino Deus nascido		
Pelo ventre de Maria		
Nove mêis teve escondido		

Nove mêis teve escondido	}	bis de cada verso
Percurando sem achar		
Foi achar em vez de ramo		
Vestidinha no altar		

Vestidinha no altar	}	bis de cada verso
Missa nova encantar		
Adorar o Menino-Deus		
Hoje noite de Natal		

Hoje noite de Natal	}	bis de cada verso
Que Cavaleiros são aquêles		
Que saiu do forte do mar		
E' os três reis mariantes		
Abre a porta Reis de Congo		
Vamo adorar o Reis Messias		

Termina o Bendito. Seguem-se as Contradanças. As Contradanças constam de sete canções diferentes:

1. Jardim de Flôres
2. Fui passear no Jardim
3. Dona do Baile Sinhá tá chamando
4. Viva os meus tocadores
5. Palhaço, tá na hora de sair na rua
6. Oh gente o Brasil é meu
7. Eu não vou correr no bonde

Exêmplo da canção cantada em primeiro lugar, pelas Meninas, Jardim de Flôres:

Oh mana vamos à praia  
Que vamos à praia brincar  
Vamos vêr a barca dela  
Que do céu caiu no mar

Entremos  
Em Jardim de Flôres  
E' do Nascimento  
E' do Redentor

} bis de cada verso

Minha Contra-Mestre  
Não me negue nada  
Mandei recortar  
Cor esta espada

} bis de cada verso

O Boi é a penúltima parte do Reisado. Consta de três subpartes:

1. Chamada do Boi
2. Entrada do Boi
3. Dividir o Boi

Nesta parte é que entra o Boi em cena, até então escondido nos bastidores. O Boi leva um nome só e este nome está à es-  
côlha do Reisado. Alguns nomes de Bois de Reisado:

Bôa Vista  
Sô te Ama  
Ramage  
Flôr do Dia  
Briante  
Dançarino  
Brinquedo  
Namorado

A Chamada é a vez principal do Cabôclo e é diferente de Reisado para Reisado, do jeito como quer o Cabôclo.

CHAMADA:

Caboclo	}	Marchando para o sertão	}	Bis
		Eu não vou me iludir com mulher		
		Garrote quando me viu	}	Bis
		Quando olhou ficou em pé		
		Acorda Pastôra	}	Bis
		Levanta vem vêr		
		Olha o teu garrote	}	Bis
		Onde foi beber		
		Meu boi vem de Minas	}	Bis
		Passei na Serrinha		
		No meio da roda	}	Bis
		Vem brincar com as meninas		

Meninas	{	Oh Pastora das campinas (bis Venho de Minas Fui buscar o meu garrote	}	Bis
		Venho de viagem (bis No meu cavalo Vaquejava este garrote	}	Bis
Caboclo	{	Se eu soubesse da Pastora (bis Bela Pastora Vaquejava este garrote	}	Bis
		Chegue Dona do Baile (bis Chegue de perto Vaquejar o seu garrote	}	Bis
		Com guarda peito meu gibão (bis Com a guiada Eu topava este garrote	}	Bis

ENTRADA: (Entra o Boi).

Meninas	{	Meu boi chegou Chegou de madrugada C'as com a testa dourada E a ponta fantasiada	
Caboclo	{	Entre dentro do salão Escorrega mas não cái Venha cá meu Bôa Vista Visitar Dona do Baile	

(O Boi visita o Dona do Baile, ajoelhando-se aos pés. Quando se levanta, diz o Caboclo:)



Caboclo      {  
                  { Peguei na espingarda  
                  { Atirei foi com a besta  
                  { Venha cá meu Bôa Vista  
                  { Visitar o Contra-Mestre

(O Boi visita o Contra-Mestre, ajoelhando-se aos pés).

Caboclo      {  
                  { Oh dentro do salão  
                  { Topei foi com a mesa  
                  { Venha cá meu Bôa Vista  
                  { Visitar a Camponêsa

(O Boi visita a Camponêsa).

Caboclo      {  
                  { Oh dentro do salão  
                  { Topei uma coisa com outra  
                  { Venha cá meu Bôa Vista  
                  { Visitar esta Cabôcla

(O Boi visita a Cabôcla)

Caboclo      {  
                  { Entrei no canaviá  
                  { Peguei a palha da cana  
                  { Venha cá meu Bôa Vista  
                  { Visitar esta Cigana.

(E assim o Boi visitou a todos do Reisado).

DIVIDIR:

Ha diversas modas, modernas e antigas.

Antigas Boi, boi, tralalalalá... (bis.

**Moderna :**

Cabôclo d'á o  
seguimento: { Oi China  
Meu boi vem de Minas  
Morreu no salão  
Brincando c'oas meninas

As meninas  
respondem o  
seguimento: { Oi China  
Meu boi vem de Minas  
Morreu no salão  
Brincando c'as meninas

Caboclo { Dona do Baile  
A Senhora não viu  
No meio da roda  
Meu boi caiu

Meninas — Côro do seguimento: "Oi China", etc...

Caboclo { Oh Valhe-me Deus  
Como vivo eu  
Acabou-se o garrote  
Que meu pai me deu

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo { Meu boi  
Ele vem de guariba  
Morreu engasgado  
Comendo maniba

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo { Eu peguei  
Nestas pontas  
De mim não fez conta  
Peguei nas orelhas  
Destas muié feia

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo {  
Eu peguei nesta testa  
Meu boi desembesta  
Eu peguei neste óio  
Sinal de pióio

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo {  
Eu peguei neste dente  
Meu boi morde a gente  
Eu peguei no focinho  
Meu boi bacurinho

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo {  
Eu peguei neste couro  
Sinal de pióio  
Eu peguei no toitiço  
Morreu de feitiço

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo {  
Eu peguei no colchão  
Tá deitado no chão  
E o outro colchão  
Entregue a Dr. João

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo {  
Eu peguei nesta pá  
E' prá nós armoçar  
E aquela outra pá  
Me entregue a Vitá

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo	}	O mocotó do pé
		Me entregue a Rafaé
		O outro da mão
		Me entregue ao Capitão

Meninas — Côro do seguimento:

Caboclo	}	O mocotó da mão
		Entregue a Dr. João
		E o outro do pé
		Me entregue a Moisés

(Etc..., etc...)

Com a Retirada, a última das partes do Reisado, a cerimônia termina.

Colhi estas informações sôbre Reisado com Ciriáco, velho ensaiador de Reisado em Aracaju, morador à rua Japarutuba com D. Quirino e Simeão Sobral.

Janeiro de 1949.

## CRIAÇÃO DAS COMARCAS DE SERGIPE E JUIZES DE DIREITO QUE NELAS SERVIRAM, NO IMPERIO.

J. Dantas Martins dos Rêis.

### COMARCA DE SÃO CRISTOVÃO

1.<sup>a</sup>

Foi criada em 1833. Extinta a "Ouvidoria de Serzipe D'El-Rei", que era uma só comarca, pelo código do Processo Criminal de 1832, o Presidente da Província, em Conselho, dividiu-a nas tres comarcas seguintes: "São Cristóvão, Estância, e Santo Amaro das Brotas". A de São Cristóvão compreendia o termo da cidade de São Cristóvão e os das vilas de Santo Antônio das Almas de Itabaiana e do Coração de Jesus de Laranjeiras. Quando o Ato Adicional (Lei, de 12 de Agosto de 1834), deu às Assembleias Provinciais competência para legislarem sobre divisão civil, judiciária e eclesiástica, o território da Província foi novamente dividido pela Lei Provincial, de 6 de Março de 1835, em quatro comarcas: "São Srístóvão, Estância, Santo Amaro do Maroim e Vila Nova do São Francisco", atribuindo-se a cada uma delas o território da sua jurisdição. A de São Cristóvão passou a compreender

1.º Livro  
m. 22

o termo da cidade de São Cristóvão e o da vila de Santo Antônio das Almas de Itabaiana.

Em 1834 o termo da cidade de São Cristóvão, reunido aos das vilas de Socorro e Itabaiana, fôra elevado a termo judiciário, provido por juiz togado, “debaixo da jurisdição de um Juiz Municipal e de Orfãos” (Dec. Geral n. 319, de 25 de Agosto). Da primeira fase da vida judiciária da Comarca de São Cristóvão, no Império, não é possível enumerar-se com segurança, os nomes de todos os juizes de direito que nela jurisdisseram, por falta de repositórios e fontes informativas. Contudo, apontamos alguns, para que de futuro mais completa especificação possa ser feita pelos investigadores das coisas de antanho.

	Nomeação ou Remoção
1833 — Bel. Manoel Joaquim de Souza Brito, ex- ouvidor .....	1833
Bel. Joaquim Marcelino de Brito .....	
1836 — Bel. Francisco Alves de Brito .....	30-9 -1836
Bel. Joaquim Marcelino de Brito .....	
1843 — Bel. Firmino Antônio de Souza .....	
1847 — Bel. Henrique Jorge Rabelo .....	
1849 — Bel. Antônio Joaquim da Silva Gomes .....	1 -1 -1849

Em 20 de fevereiro de 1857, a comarca de São Cristóvão passou a denominar-se comarca de Aracaju, com sede no povoado de Aracaju.

Em 1874 foi restaurada, tendo como termos São Cristóvão e Itaporanga, ambos desmembrados da comarca de Aracaju, com sede em São Cristóvão (Resol. n. 974, de 25 de Abril de 1874).

1874 — Bel. Cypriano de Almeida Sebrão .....	15-7 -1874
1877 — Bel. Eduardo Rastelli .....	19-9 -1877

### COMARCA DE ESTÂNCIA

2.<sup>a</sup>

Criada em 1833, pelo Presidente da Provincia, em Conselho, com a extinção da Ouvidoria de Sergipe d'El-Rei. Compreendia os termos das vilas de Estância, Gerú e N. S. da Piedade de Lagarto. Depois do Ato Adicional, a Assembleia Provincial dividiu o território de Sergipe em quatro comarcas, figurando entre ellas a de ESTÂNCIA, que compreendia os termos das vilas de Estância, Santa Luzia, N. S. da Conceição de Itabaianinha e Lagarto.

Em 1843 o termo da vila de Estância reunido ao de Santa Luzia, por execução da Lei de 3 de Dezembro de 1841, fôra elevado a termo judiciário, para ser provido por juiz togado, "debaixo da jurisdição de um Juiz Municipal e de Oriãos" (Decreto Geral n. 319, de 25 de Agosto). A enumeração dos juizes de direito que jurisdisseram na Comarca de Estância, no Império, na sua primeira fase, não garantimos ser completa.

	Nomeação ou Remoção
1833 — Bel. Domingos Martins Faria .....	1833 - 30-8
1836 — Bel. Francisco Alves de Brito .....	25-8 - 1836 - 1-9-36
1836 — Bel. <del>João Joaquim</del> <del>Martinho</del> de Brito .....	30-9 - 1836
1836 — Bel. Manoel Joaquim de Souza Brito .....	1836 - 8-10-36
1844 — Bel. Francisco José Lisboa .....	1844
1847 — Bel. José Teles de Menezes .....	16-9 - 1847
1848 — Bel. José Francisco de Arruda Câmara .....	25-11-1848
1848 — Bel. Cláudio Manuel de Castro .....	18-12-1848
1849 — Bel. Antônio Manuel Fernandes Junior .....	26-5 - 1849
1850 — Bel. Bernardo Machado da Costa Dória ...	
1853 — Bel. Caetano Vicente de Almeida Junior ...	3 - 10-1853
1857 — Bel. Júlio Cesar Berenguer de Bittencourt .	14-7 - 1857

*O Bachelar Faria tomou posse a 9-9-835,  
deixou de exercer o cargo a 30-8-836. A substituição  
de Bel. José da Silva a 29-2-836 fôra suspensa e  
por Offício de 18-6-836 foi restituido a seu lugar  
por Juiz de Direito a Bel. José de Lencastre uma denuncia*

*O Dr. ... entrou em exercício a 12-9-836, deixando o exercício a 30-9-836. O Dr. ... entrou em exercício a 29-10-836 e foi substituído a 8-3-837. O Dr. ... entrou em exercício a 14-3-837, não possuía a 16-3-837 e entrou em exercício a 4-4-837. O Dr. ... entrou em exercício a 20-9-837. — 112 —*

1860 — Bel. Angelo Francisco Ramos .....	24-2 -1860
1863 — Bel. Ignácio José de Mendonça Uchôa ...	16-7 -1863
1873 — Bel. João Rodrigues Chaves .....	29-11-1873
1880 — Bel. Joaquim Tavares da Costa Miranda ..	24-6 -1880
1882 — Bel. José Miriano Ribeiro .....	4-4 -1882

**COMARCA DE SANTO AMARO DAS BROTAS**

3.<sup>a</sup>

Criada em 1833, pelo Presidente da Província, em Conselho depois de extinta a Ouvidoria de Serzipe d'El-Rei, compreendia os termos das vilas de "Santo Amaro das Brotas, Vila Nova de Santo Antônio do Rio S. Francisco e Santo Antônio de Propriá.

Logo depois em nova divisão da Província, tomou o nome de Comarca de Santo Amaro do Maroim (Carta de Lei, de 6-3-1835). Foi supressa com a criação da Comarca de Laranjeiras, em 11 de Agosto de 1835.

Em 1843 o termo de vila fôra elevado a termo especial, provido por Juiz Municipal e de Orfãos, togaulo, fazendo parte do seu território os termos das vilas de Maroim e Rosário (Decreto Geral n. 319, de 25 de Agosto)

Foi juiz de direito:

1833 — Bel. Brancisco Alves de Brito .....	1833
--	------

**COMARCA DE VILA NOVA DO SÃO FRANCISCO**

4.<sup>a</sup>

Foi criada pela Lei Provincial, de 6 de março de 1835, depois que o Ato Adicional deu competência às Assembleias Provinciais.

*exercício a 25-9-837 e deixou o cargo a 8-10-840. O Dr. ... entrou em exercício a 8-10-840, entrou em exercício a 12-10-840 e deixou a 19-7-844. O Dr. ... entrou em exercício a 19-7-844, entrou em exercício a 3-11-844 e faleceu no cargo*



*Off. João Velho de Ramos designou a respectiva portaria  
de renovação. Infelizmente não a 24-7-849 pelo  
juiz de direito Antonio Honorato. que a Com. e  
Olivero.*

— 113 —

Em 1854 passou a ter sede em Propriá (Resol. Provincial n. 379, de 9 de Maio). Anos depois a comarca de Vila-Nova tomou o nome de comarca de Propriá, com sede na vila de igual nome, ficando dêste geito extinta (Resol. Provincial n. 461, de 20 de Fevereiro de 1857). Somente em 1888 foi que Vila-Nova voltou a ser Comarca com sede na vila de seu nome (Resol. Prov. n. 1332, de 28-8).

Juizes de direito da comarca :

	Nomeação ou Remoção
1835 — Bel. Manoel José da Silva Pôrto (Padre e Doutor) .....	
1839 — Bel. Antônio Joaquim da Silva Gomes ....	9 -12-1839
1840 — Bel. Domingos Martins de Faria .....	
1841 — Bel. Bernardo Machado da Costa Dorea ..	15-12-1841
1855 — Bel. Ângelo Francisco Ramos .....	3 -1 -1855
1856 — 1857 — Bel. Alexandre Pinto Lobão .....	22-8 -1856

## COMARCA DE LARANJEIRAS

5.<sup>a</sup>

Criada em 1835, quando foi supressa a de Santo Amaro das Brotas do Maroim (Lei Provincial, de 11 de Agosto de 1835). Compreendia os termos das vilas de Laranjeiras, Maroim, Santo Amaro das Brotas e de Capela. Em 1843, o termo de vila fôra erigido em termo especial provido por Juiz Municipal e de Orfãos, togado. (Decreto Geral n. 319, de 25 de Agosto de 1843).

Dela foram juizes de direito :

	Nomeação ou Remoção
1835 — Bel. Francisco Alves de Brito .....	1835
1836 — Bel. Domingos Martins de Faria .....	25-8 -1836
1836 — Bel. Francisco Alves de Brito .....	25-8 -1836
1844 — Bel. Manoel Felipe Monteiro .....	1 -7 -1844
1856 — Bel. Alexandre Pinto Lobão .....	22-8 -1856
1857 — Bel. José Nicolau Rigueira Costa .....	9 -10-1857
1858 — Bel. Manoel de Freitas Cezar Garcez ....	13-8 -1858
1864 — Bel. Luiz Barbosa Acioli de Brito .....	25-5 -1864
1876 — Bel. Herculano Circundes de Carvalho ...	
1877 — Bel. Francisco Manoel Paraizo Cavalcanti	
1880 — Bel. Joaquim José de Oliveira Andrade ..	5 -5 -1880
1882 — Bel. Estevam Vaz Ferreira .....	13-12-1882
1883 — Bel. Francisco da Costa Ramos .....	7 -5 -1883
1884 — Bel. Vital Ferreira de Moraes Sarmiento ..	15-3 -1884
1884 — 1889 — Bel. Cipriano de Almeida Sebrão .	30-9 -1884

### COMARCA DE MAROIM

6.<sup>a</sup>

Criada pela Resolução Provincial n. 379, de 9 de Maio de 1854. Dela passaram a fazer parte os termos de MAROIM, ROSARIO e CAPELA. Maroim, antes, fez parte das comarcas de S. Amaro das Brotas e da de Laranjeiras.

Foram juizes de direito de Maroim:

	Nomeação ou Remoção
1854 — Bel. Alexandre Pinto Lobão .....	29-9 -1854
1856 — Bel. Angelo Francisco Ramos .....	22-8 -1856

1857 — Bel. Joaquim Tibúrcio Ferreira Gomes . . . .	23-9 -1857
1861 — Bel. Manoel Pinto de Souza Dantas(1) ..	30-10-1861
1865 — Bel. Francisco Gonçalves Martins . . . . .	8 -6 -1865
1881 — Bel. Casimiro de Sena Madureira . . . . .	17-12-1881
1886 — Bel. José Ignácio Fernandes de Barros ..	25-4 -1885
1886 — Bel. João Batista da Costa Carvalho . . . . .	18-9 -1886

(1) — Conselheiro Dantas, mais tarde. Esteve sempre afastado do cargo, em exercício de mandato Legislativo. As funções do cargo eram exercidas pelo seu substituto. Coisas da intromissão da política nos âmbitos da Justiça. . .

## COMARCA DO LAGARTO

### 7.<sup>a</sup>

Foi criada pela Lei ou Resolução Provincial de n. 379, de 9 de Maio de 1854. Dela passaram a fazer parte os termos do Lagarto, Itabaianinha e Campos, desmembrados da de ESTÂNCIA.

Antes de ser comarca, em 1843, por execução da Lei Judiciária de 3 de Dezembro de 1841, o termo da vila do Lagarto fôra elevado a termo judiciário, reunido aos das vilas de Campos e Itabaianinha, e provido por juiz togado, “debaixo da jurisdição de um Juiz Municipal e de Orfãos”, com ordenado anual de 300\$000” (Decreto Geral n. 319, de 25 de Agosto).

O governo podia marcar a estes juizes um ordenado que não excedesse de quatrocentos mil réis (art. 15, da Lei de 3 de Dezembro de 1841). Os juizes de direito da comarca, foram:

	Nomeação ou Remoção
1854 — Bel. Manoel de Freitas Cezar Garcez . . . .	28-9 -1854
1858 — Bel. Vicente Alves de Paula Pessoa . . . . .	19-4 -1858

1858 — Bel. Alexandre Pinto Lobão .....	16-9 -1858
1858 — Bel. Herculano Circundes de Carvalho ....	28-12-1858
1864 — Bel. Pedro Francelino Guimarães .....	
1865 — Bel. Luiz Felipe Sampaio Viana — Posse ..	10-10-1865
1871 — Bel. Cipriano de Almeida Sebrão .....	15-12-1871
1874 — Bel. Vitor Diniz Gonçalves .....	6 -6 -1874
1879 — Bel. José Joaquim Ribeiro de Campos ....	27-12-1879
1884 — Bel. Catão Guerreiro de Castro .....	8 -3 -1884

### COMARCA DE PROPRIÁ

8.<sup>a</sup>

Em 1854 Propriá passou a ser a sede da Comarca de VILA-NOVA (Resol. Provincial n. 379, de 9 de Maio). Logo depois, em 1857, a comarca de VILA-NOVA tomou o nome de comarca de PROPRIÁ (Resol. Provincial n. 461, de 20 de fevereiro). O termo de Propriá reunido aos de Vila-Nova e Pôrto da Fólho, fôra erigido muito antes, em termo especial para ser provido por juiz togado (Desc. Geral n. 319, de 25 de Agosto de 1843). Quando passou a comarca, teve os seguintes juizes de direito:

	Nomeação ou Remoção
1855 — Bel. Ângelo Francisco Ramos .....	3 -1 -1855
1856 — Bel. Alexandre Pinto Lobão .....	12-8 -1856
1858 — Bel. Antônio Joaquim Monteiro Sampaio.	16-9 -1858
1860 — Bel. Hugolino Ayres de Freitas Albuquerque(*) .....	9 -8 -1860
1860 — Bel. Felinto Henrique de Almeida .....	29-8 -1860
1862 — Bel. Antônio Rodrigues Navarro Siqueira .	19-9 -1862
1863 — Bel. Sebastião Régio Barros de Lacerda...	5 -6 -1863

1866 — Bel. Manoel de Lemos Souza Machado . . . .	19-2 -1866
1867 — Bel. José da Mota d’Azevedo Correa . . . . .	8 -9 -1867
1869 — Bel. Casimiro de Sena Madureira . . . . .	23-10-1869
1881 — Bel. Francisco Rodrigues Soares . . . . .	17-12-1881
1883 — Bel. Lino Cassiano Lima . . . . .	16-6 -1883
1884 — Bel. Carlos Augusto Vaz de Oliveira . . . . .	7 -10-1884
1885 — Bel. Guilherme Vieira da Cunha . . . . .	21-9 -1885
1887 — Bel. Benvindo Pinto Lobão . . . . .	7 -2 -1887

Em 1888 a comarca de Propriá voltou a ter o nome de comarca de Vila-Nova, com sede na cidade do mesmo nome (Resol. Provincial n. 1332, de 28-8). Proclamada a República, a cidade de Propriá passou a ser a sede da comarca de São Francisco (art. I da Lei n. 3, de 19-9-891).

Pelo Dec. 45-A, de 15 de Fevereiro de 1893, voltou a ter o antigo nome de Comarca de Propriá com sede na cidade de igual nome.

(\*) — Foi escolhido com outros para saudar a Imperatriz.

## COMARCA DE ARACAJU

### 9.<sup>a</sup>

Teve lugar a sua criação em 1857, depois da mudança da capital da cidade de São Cristóvão para o povoado de Aracaju, quando a Resolução Provincial n. 461, de 20 de Fevereiro, deliberou substituir o nome da comarca de São Cristóvão para Comarca de Aracaju, com sede no povoado do mesmo nome, que lóra elevado a cidade. Da sua criação e vida judiciária, já tratamos no “Sergipe Journal” de 17 de Março do corrente ano. Foram êstes os juizes de direito que nela jurisdisseram :

	Nomeação ou Remoção
1849 — Bel. Antônio Joaquim da Silva Gomes . . . .	1 -1 -1849
1858 — Bel. Gonçalo Silva Pôrto . . . . .	8 -11-1858
1863 — Bel. Angelo Francisco Ramos . . . . .	10-6 -1863
1863 — Bel. José Nicolau Rigueira Costa . . . . .	6 -9 -1863
1866 — Bel. Alexandre Pinto Lobão . . . . .	18-5 -1866
1875 — Bel. Gonçalo Campêlo Pires Ferreira . . . . .	10-4 -1875
1881 — Bel. Francisco Gonçalves Martins . . . . .	17-12-1881
1889 — Bel. Manoel Coêlho Cintra . . . . .	5 -1889

### COMARCA DE ITABAIANA

#### 10.<sup>a</sup>

Criada pela Resolução Provincial n. 569, de 9 de julho de 1859. Dela faziam parte os termos de Itabaiana, Simão Dias e o município de N. S. das Dôres. Em 1846 Itabaiana já era termo especial, provido por Juiz Municipal e de Orfãos, togado. (Dec. Geral n. 444, de 24 de Janeiro). Os seus juizes de direito foram:

	Nomeação ou Remoção
1859 — Bel. Luiz Duarte Pereira(1) . . . . .	28-9 -1859
1861 — Bel. Francisco Antônio de Oliveira Ribeiro . . . . .	30-10-1861
1866 — Bel. Cândido Augusto Pereira Franco . . . . .	11-5 -1866
1873 — Bel. José Martins Fontes . . . . .	19-11-1873
1884 — Bel. Manoel Armindo Cordeiro Guaraná . . . . .	11-10-1884

(1) — Deram-lhe dois tiros pela janela de sua residência e depois foi removido, em 30-10-1861 (Relatório do Presidente da

Província de 1861). Sobre sua remoção disse o Presidente da Província, dr. Joaquim Jacinto de Mendonça, na sua fala dirigida à Assembleia Legislativa, "que era uma medida reclamada pela utilidade pública".

## COMARCA DE CAPELA

### 11.<sup>a</sup>

Criada em 1861, pela Lei Provincial n. 607, de 22 de Março. Dela faziam parte os termos de Capela, Missão de Japaratuba e município de N. S. das Dôres.

Em 1843 anexado o termo de Capela ao da vila de Divina Pastora, fôra erigido em termo especial, provido por Juiz Municipal e de Orfãos, togado (Dec. Geral n. 319, de 25 de Agosto). Fez parte, como termo de vila, das comarcas de Santo Amaro das Brotas, mais tarde Santo Amaro do Maroim (1833 a 1835), de Laranjeiras (1835), de Vila-Nova do São Francisco (1836) e de Maroim (1854).

Juizes de direito que nela jurisdisseram:

	Nomeação ou Remoção
1862 — Bel. Manoel Maria do Amaral .....	19-9 -1862
1871 — Bel. Gonçalo Vieira de Carvalho e Mélo...	18-12-1871
1884 — Bel. João de Almeida Lopes .....	25-4 -1884

## COMARCA DO RIO REAL

Com sede em Itabaianinha

### 12.<sup>a</sup>

Criada pela Resolução Provincial n. 974, de 25 de Abril de 1874. Dela faziam parte os termos de Itabaianinha e Simão Dias.

O termo de vila de Itabaianinha, em 1854, fôra elevado a termo especial, para ser provido por juiz togado (Decreto Geral n. 1320, de 3 de fevereiro). Serviram como juizes de direito da comarca:

	<b>Nomeação ou Remoção</b>
1874 — Bel. Geminiano Brasil de Oliveira Goes . . . .	6 -6 -1874
1877 — Bel. João Batista da Costa Carvalho . . . . .	18-7 -1877
1882 — Bel. João dos Réis de Souza Dantas Filho	13-12-1882
1883 — 1889 — Bel. Manoel Barreto Dantas . . . . .	10-11-1883

### COMARCA DE JAPARATUBA

Com sede em Rosário

13.<sup>a</sup>

Criada pela Resolução Provincial de n. 1006, de 17 de Abril de 1875. Na República, foi supressa e restaurada. Japaratuba antes fôra termo especial, provido por juiz togado (Dec. Geral n. 5228, de 1-3-1873). Nela tiveram função judicante, como juizes de direito:

	<b>Nomeação ou Remoção</b>
1875 — Bel. António Ferreira França . . . . .	23-6 -1875
1882 — Bel. Lino Cassiano Lima . . . . .	13-12-1882
1883 — Bel. João de Almeida Lopes . . . . .	16-6 -1883
1883 — Bel. Joaquim Pereira da Silva Morais . . . .	26-4 -1883



## COMARCA DE GARARÚ

14.<sup>a</sup>

Criada pela Resolução Provincial n. 1049, de 13 de Abril de 1877.

Eram termos da comarca:

Ilha do Ouro (Pôrto da Fôlha) e o municipio de Curral de Pedras (Gararú).

Foram juizes de direito:

	Nomeação ou Remoção
1877 — Bel. Bemvindo Pinto Lobão .....	19-9 -1877
1887 — Bel. Cândido de Oliveira Ribeiro .....	7 -2 -1887

## COMARCA DE BUQUIM

15.<sup>a</sup>

Foi criada pela Resolução Provincial de n. 1180, de 30 de Abril de 1881.

Só foi instalada em 18 de Dezembro de 1884. Eram termos da comarca; Buquim e Riachão.

Dela foram juizes de direito:

	Nomeação ou Remoção
1884 — 1889 — Bel. Pedro Muniz Leão Veloso..	31-10-1884
1886 — Bel. Vicente Ferreira Tourinho .....	16-1 -1886

## COMARCA DE RIACHUELO

16.<sup>a</sup>

Criada pela Resolução Provincial de n. 1239, de 5 de Maio de 1882.

Eram termos da Comarca:

Riachuelo e Divina Pastora.

Somente foi instalada em 24 de Novembro de 1884.

Teve como juiz de direito:

Nomeação ou  
remoção

1884 — 1889 — Bel. José Martins Fontes ..... 11-10-1884

## COMARCAS DE SERGIPE, NO IMPÉRIO

Feita a narração sucinta da criação das comarcas de Sergipe, no Império, com indicação dos nomes dos juizes de direito que nelas jurisdisseram e apontadas as que foram supressas (Santo Amaro das Brotas ou do Maroim e Vila-Nova do São Francisco), a Provincia ficou com as quatorze seguintes, até que foi proclamada a República:

Aracaju	—	Aracaju, Socorro
São Cristóvão	—	São Cristóvão, Itaporanga
Estância	—	Estância, Arauá, Santa Luzia
Lagarto	—	Lagarto, Simão Dias
Buquim	—	Buquim, Riachão
Rio Real	—	Itabaianinha, Campos
Itabaiana	—	Itabaiana
Laranjeiras	—	Laranjeiras

Riachuelo	— Riachuelo, Divina Pastora
Maruim	— Maruim, Santo Amaro
Japaratuba	— Japaratuba, Rosário
Capela	— Capela, N. S. das Dóres
Propriá	— Propriá, Vila Nova
Gararú	— Gararú, Pôrto da Fólha

A primeira organização judiciária republicana dividiu o Estado em dez comarcas, tendo algumas delas singulares denominações:

1.<sup>a</sup> Gararú — compreendendo os termos de Pôrto da Fólha e Gararú, tendo sede na vila de Pôrto da Fólha.

2.<sup>a</sup> São Francisco — compreendendo os termos de Propriá, Aquidaban e Vila Nova, com sede em Propriá.

3.<sup>a</sup> Japaratuba — compreendendo os termos de N. S. das Dóres, Capela, Japaratuba e Siriri com sede em Capela.

4.<sup>a</sup> Rio Sergipe — compreendendo os termos de Divina Pastora, Rosário, Maruim e Santo Amaro, com sede em Maruim.

5.<sup>a</sup> Cotinguiba — compreendendo os termos de Riachuelo, Laranjeiras e Socorro, com sede em Laranjeiras.

6.<sup>a</sup> Aracaju — compreendendo os termos de Aracaju, São Cristóvão e Itaporanga.

7.<sup>a</sup> Itabaiana — compreendendo os termos de Itabaiana e São Paulo, com sede em Itabaiana.

8.<sup>a</sup> Alto Vasa Barris — compreendendo os termos de Simão Dias, Lagarto e Riachão, com sede em Simão Dias.

9.<sup>a</sup> Rio Real — compreendendo os termos de Itabaianinha, Campos e Buquim, com sede em Itabaianinha, que ficou ereta em cidade.

10.<sup>a</sup> Piauítinga — compreendendo os termos da Estância, Arauá e Santa Luzia, com sede em Etância.

Coisas do novo regime que afinal tiveram de ceder à tradição.

Desta forma, em traços rápidos, conseguimos desbravar a parte de mais difícil pesquisa, da vida judiciária de Sergipe — Pro-

vincia — ficando a outra, a mais fácil, por ser dos nossos dias e por serem abundantes os arquivos, para os que quizerem se dar a igual trabalho, que se não tem objetivo lucrativo, contudo satisfaz o espirito de quem estuda e investiga o passado, que é a grande escola do presente.

## D. EMILIA FONTES

Epifânio Dória

O nosso amor às glórias de Sergipe nos leva a traír à modestia da veneranda escritora conterrânea D. Emilia Rosa de Marsillac Fontes, publicando neste número da Revista do Instituto a sua autobiografia, de que nos deu uma cópia, a nosso pedido.

Que ela, sempre altruista, sempre disposta a perdoar, com o seu alto teor de nobre tolerância, nos conceda a indulgência que aqui pedimos para o pecado venial que praticamos, aliás com a mais elevada das intenções, qual seja a de pôr em fóco a sua grande inteligência, descerrando as cortinas do silêncio em que até agora se tem ocultado, por desprezo às glórias mundanas.

É necessário que se conheçam dentro e fóra de Sergipe os grandes dotes morais e intellectuais dessa nobre matrona que tanto sabe honrar as nossas tradições de inteligência e de severidade de costumes.

Descendente de velhos troncos genealógicos de Sergipe, corre nas suas veias uma alta dose de sangue gaulés, pela linha paterna, pois era seu avô o francês Jean Baptiste Aimé du Verdier de Marsillac, que na sua mocidade, comerciando com as musas, perpetrou versos à feição de sua época.

Tendo herdado do seu avô gaulês a vèia poética, aumentou, por certo êsse dom altíssimo, na convivência com o grande poeta que foi o seu amantíssimo esposo Dr. Joaquim Fontes, um dos maiores cultores de rosas da latinidade.

D. Emília Fontes publicou recentemente um belo romance, o romance de sua vida, ao qual deu o título de *Luz na Tormenta*.

Não se trata de um livro de ficção, mas de um livro de pura realidade, onde só os nomes das personagens é que não são verdadeiros, vêm trocados por outros, mas muito parecidos com os reais.

É um esplêndido livro onde as suas irmãs de sexo encontrarão uns bons exemplos para a sua conduta, quando Cupido lhes chegar às portas.

É mesmo, no genero, um livro original.

## **AUTO-BIOGRAFIA**

**Emilia Rosa de Marsillac Fontes**

**PARA MEUS FILHOS**

Emilia Rosa de Marsillac Motta — Emílinha, como sempre foi chamada por todos — é natural do Estado de Sergipe, tendo nascido na cidade de Laranjeiras, a 14 de junho de 1871. É filha legítima do farmacêutico Pedro Amancio de Almeida Motta e d. Maria Emilia de Marsillac Motta, e foi criada até a idade de seis anos, por seu avô materno — Jean Baptiste Aimé du Verdier de Marsillac, tão conhecido e admirado em Laranjeiras, pela fidalguia de seu espírito altamente altruístico.

Tendo este adoecido gravemente e perdido ela a sua avó materna, voltou para a companhia de seus pais que residiam em Aracaju, onde, apesar de sua tenra idade, começou a sofrer as doridas saudades dos velhinhos carinhosos e bons que a adotaram como filha.

É irmã do farmacêutico João Alfredo de Marsillac Motta,(1) Pedro Augusto de Marsillac Motta, Cristina de Marsillac Motta,

---

(1) Faleceu posteriormente.

Enóquia de Araujo Motta e dos médicos Amancio de Marsillac Motta e Manuel de Marsillac Motta, este já falecido.

Na capital de Sergipe, fez o seu curso primário, com a notável educadora d. Francina Telles de Menezes, não o tendo concluído porque foi levada para a Baía, onde a sua progenitora se achava gravemente enferma.

Ao voltar ao seu Estado natal, sua mãe fê-la estudar um pouco com o dr. Tomaz Diogo Leopoldo e com o boníssimo Manoel Francisco Alves de Oliveira, de saudosa memória, o qual, mais tarde, se tornou seu amigo dileto, seu grande benfeitor e a cuja memória dedicou um soneto.

Por causa da sua extrema miopia, foi com grande esforço, que procurou estudar um pouco de música e piano com o professor Antonio Paz e com a exímia pianista d. Natinha Andrade, sua distinta amiga.

Perdendo logo sua Mãe, suspendeu todos seus estudos para tomar conta dos encargos da casa. Pelo exposto, percebe-se, claramente, que Emilia Rosa pouco aprendeu, não fez nenhum curso secundário e a única cultura que possa ter o seu espírito proveio da convivência, por largos anos, com seu marido que era uma fonte de sabedoria, um livro de ouro aberto às almas que tivessem vontade de aprender. Antes disso, se o seu intellecto se desenvolveu, deve-o apenas à permanente correspondência que, durante cinco anos, manteve com seu noivo-talento, coração e carater admiraveis, — correspondência essa, tão pura e tão elevada, que serviria de exemplo em qualquer época.(2).

Ainda bem jovem tinha o pendor irresistível de tomar para si a penosa tarefa de criar filhos sem pais ou proteger pessoas desamparadas. E satisfez, mesmo contra a vontade dos seus, e, até escondidamente, a esse desejo inexplicavel de sua alma, criando e protegendo algumas criaturas —, dignas umas e outras ingrátissimas.

---

(2) Saíram no seu livro "Luz no Tormenta", editado em 1948.



Pela sinceridade de seu espírito, conseguiu grangear um grande número de amigos, capazes de sacrificios em seu beneficio, o que muito a tem consolado.

Ao seu casamento com o bacharel Joaquim Martins Fontes da Silva, sofreu a mais injusta opposição, o que esmagou a sua alma, tirando-lhe todas as alegrias.

Foi, porém, com humildade e heroismo que tudo suportou. Mas, como era muito prudente, muito ponderada e muito perseverante em seu querer, rejeitou, com certa nobreza, a todos os oferecimentos que, na ocasião, se lhe fizeram para a realização do mesmo, preferindo apelar para o tempo e para Deus, em cujo poder confiava para o seguro triunfo de sua causa. E, pacientemente, esperou cinco anos! . . .

Porque fosse severa de costumes e caprichava em preceder sempre corretamente sem o menor deslize em sua conduta, mereceu a intervenção valiosa de amigos e de pessoas eminentes ; e, depois de muitas peripécias, efetuou o seu casamento civil no dia 16 de Janeiro de 1895 e o religioso a 20 de Fevereiro do mesmo ano, na própria casa de seu Pai, como era o seu desejo, sendo celebrado pelo saudosissimo monsenhor Olímpio de Souza Campos, uma das principais figuras dos que se bateram pela causa de seu coração que só consegue o que deseja depois de muitos sofrimentos . . .

Após o casamento, embarcou com Joaquim Fontes para a Baía e, ali tomaram o paquete "Las Palmas" que os conduziu até Santos, seguindo logo para Tieté, seu novo domicilio, onde seu marido exercia o cargo de promotor e que foi o berço de todos os seus filhos.

Em 1896 transferiu-se para a cidade de Araraquara por ter sido o mesmo nomeado Juiz de Direito daquela comarca.

Ali, onde Joaquim Fontes se constituiu guarda avançada da Justiça, foi que melhor se revelou o seu carater e sua grande alma, preferindo sacrificar-se, demitindo-se de um cargo elevado que obteve por concurso, a compactuar com as misérias da politica local que praticou o mais horripilante dos crimes! . . .

Então começou o Calvário do homem de bem e o de sua esposa que lhe foi fidelíssima e dedicada, acompanhando-o em todos os tranSES de sua vida publica que lhe foram muitos...

Mais tarde, certa vez, em Tieté, quando ele estava ausente por o terem removido para lugares longinquos, como castigo à sua independência no cumprimento de seus deveres, defendeu-o corajosamente rebatendo mentiras, as mais torpes.

De outra feita, quando o seu marido estava como Juiz em Apiaí, lugar muito distante, de difícil acesso e sem conforto nenhum, teve ela necessidade de, numa fria madrugada, em Tieté, mandar que seus filhos, meninos ainda, se levantassem, empunhassem as armas e atirassem para defender a sua casa que estava sendo covardemente atacada por sequazes infames, com o fito de amedrontarem uma familia honrada, privada de seu chefe por perseguição politica, e, mais ainda, para profundamente angustiar o mesmo, sabendo do desassossego dos seus. Mas, teve o prazer de ver que os pusilânicos fugiram desabaladamente ante a sua pronta e inesperada reação que mais pareceu uma inspiração dos Céus.

Apezar de ser despreendida dessas vaidades com que as criaturas costumam enganar-se a si próprias, muito se regosijava quando, depois das terriveis lutas o nome de seu marido ficava ileso, sem mácula sequer.

Este foi sempre o confortador orgulho de sua alma de esposa, mesmo em meio às angustiantes dificuldades financeiras, resultantes da invulgar magnanimidade de seu esposo e das injustas perseguições de governos nefandos que, durante cinco anos, satanicamente, se deleitavam em cruciar o coração de um varão illustre, mandando-o para distante do conchego de seu lar, o que contribuiu para o enfraquecimento de seu organismo.

Tendo nascido com uma força de vontade extraordinária e uma orientação segura, quando um triste pressentimento a avisou de que precisava agir para salvar os seus filhos, instruindo-os porque uma tremenda descarga estava para acontecer em seu pobre lar,

resolveu transportar-se com os mesmos para a capital de S. Paulo, afim de, com a sua presença e direção, vencer os recursos que eram mínimos, e, num sacrifício inaudito, sendo o maior o de seu coração de esposa, conseguiu formar os seus filhos, que, louvado Deus, têm hoje, elementos para, honradamente, triunfar nas lutas pela existência. São eles : Epiteto, engenheiro e escritor, Narbal, professor, médico e escritor também, Lisette, Dahyl e Waldice, professora, sendo que a primeira é delicada poetisa e Maria Emília de Marsillac Fontes, que, em solteira, foi festejada declamadora. Conseguiu quase todas as colocações de seus filhos por intermedio de suas cartas dirigidas a pessoas de valor.

Grandes dissabores e inomináveis traições conturbaram a sua alma. Mas, a mais intensa mágoa, o maior desgosto, o mais profundo de toda a sua existência foi quando, na terrível expectativa do falecimento de um dos seus filhos teve a dolorosíssima surpresa, de ver morrer em Bananal, onde era Juiz acatadíssimo, o seu marido, o seu amigo, o companheiro de seus dias, o protetor de seu lar, a criatura a quem mais amou na terra, deixando somente seu nome honrado, delacerantes saudades, livros muitos e rosas em profusão!... Foi no desespero daquela dor sem limites que elle lhe prometeu homenagear-lhe a memória contando ao mundo quem havia sido Joaquim Fontes, o maior roseirista da América do Sul, o Juiz notavel pela sabedoria e pela serenidade e, além do mais, tão magnanimo que em sua ultima comarca, timbrava em não receber as custas a que tinha direito nos processos em que eram interessados órfãos e viúvas, embora, às vezes, muitos ricos.

E os anos se passaram, e foi com pesar, que se apercebeu que a sua promessa não pudera ser cumprida no espaço de 21 anos!... Persistindo, porém, em seu desejo que se tornou ideia fixa, orava continuamente, rogando o auxilio dos Céus ; e, um dia, afinal, mereceu a graça de conseguir editar o livro que a sua alma arquitetou. Como sabe que são vãs as glórias do mundo e não se alimenta de vaidades tirou cuidadosamente dos artigos que o enriqueceram todos os grandes elogios que as penas magistrais de seus autores

se dignaram fazer à sua pessoa. O livro porém, não saiu como o havia sonhado, à medida de seus desejos, por quanto, por motivo de economia não foram publicadas muitas poesias reputadas ótimas, e mais, porque, não confiando em seu mérito, reduziu o prefácio evocativo que a sua alma, afogada em pranto, escreveu. Ainda assim, mercê de Deus "Joaquim Fontes, o ardineiro e as rosas do Brasil" foi bem recebido pela fina intelectualidade brasileira e pelos grandes corações. Isso muito a tem confortado.

Agora, Emilia de Marsillac Fontes ou simplesmente Emilia Fontes nada mais quer da Terra. No ocaso da vida com a consciência tranquila de ter cumprido o seu dever e porque muito amou, sofreu e lutou, espera confiante, a hora de ser chamada pela Suprema Justiça, suplicando poder merecer de Sua Misericórdia a paz e o descanso eternos.

**ATAS DAS SESSÕES DO CONSELHO DE GOVERNO DA  
PROVINCIA DE SERGIPE**

SESSÃO DE 28 DE JULHO DE 1831

CLXXI

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão, presentes o Exmo. Presidente, e Conselheiros abaixo assignados.

Lêo-se o requerimento de Francisco Moreira da Sa. Marramaque, pedindo, que, tendo sido provido na Cadeira do Ensino Mutuo d'esta Capital, na forma da Lei de 15 de Outubro de 1827, queria aproveitar-se do indulto da Lei Novissima de 14 de Junho d'este anno, que Mandda conceder taes Provimentos Vitalicios: sobre o que resolvêo o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. Presidente que o Supe. ficasse provido vitaliciamente, na forma da dita Lei podendo continuar a servir debaixo do mesmo Titulo que ja tem, e juramento tambem dado.

Lêo-se o requerimento de Vicente Jozé Mascarenhas, pedindo Confirmação Vitalicia, na forma da Lei de 14 de Junho do corre. anno, do Emprego de Administrador geral dos Correios d'esta Prova., que lhe foi conferido pela suspensão provisória dos Empregados nascidos em Portugal. Foi unanimemente Resolvido que o Supe. deve esperar por Decisão da Regencia, á Quem está affecto este negocio.

Leu-se igualmente o requerimento de Domingos Jozé Juquitiba, Escrivão do Trem Militar d'esta Capital, pedindo Confirmação Vitalicia na forma da supradita Lei. Resolveo o Exmo. Conselho de acordo com o Exmo. Presidente, que o Supe. continue a servir debaixo do Titulo, que ja tem; ficando provido no seo Emprego, na forma do Artigo 18 mesma Ley.

Leu-se finalmente o requerimento de Manoel Joaquim d'Araujo, pedindo Nomeação Vitalicia, na forma da indicada Lei, do Emprego de Amanuense da Administração da Fazenda Publica. Foi unanimemente resolvido que informasse o Administrador da mesma Fazenda.

Propoz o Exmo. Presidente que achava conveniente que a representação, de que faz menção a Acta de 27 do corre. mez, fosse remettida ao Ouvidor interino da Comarca, afim de que este pessoalmente vá proceder, na forma das Leis, sobre os factos, nella mencionados; bem como que se officiasse ao mmo. Ouvidor para ir conhecer dos movimentos, que tem havido na Va. de Propria, responsabilizando-se pela menor falta, ou omissão, que houver de sua parte. Ao que o Exmo. Conselho unanimemente annuo. Do que para constar se lavrou esta Acta, que eu Antonio Joaquim da Fonseca Neves, Official-maior, Encarregado da Secretaria do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
José Francisco de Menezes Sobral  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita  
Manoel Ignacio da Silva.  
Antonio Roiz. Montes  
Joaquim Martins Fontes

---

SESSÃO DE 29 DE JULHO DE 1831

CLXXII

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão, presentes o Exmo. Presidente, e Conselheiros abaixo assignados.

Leo-se uma representação assignada pr. alguns habitantes d'esta Capital, pedindo, que visto o Collector, e Escrivão da Decima terem feito hum inconsiderado arbitramento sobre a mesma Decima, sem attendêrem ao estado ruinozo de cada huma caza, o Exmo. Conselho fizesse sobr' estar o pagamento a Fazenda Publica do primeiro Simestre, até decissão da Assembleia Geral Legislativa, a Quem recorrêrão á tal respeito: sobre o que foi unanimemente Resolvido, que, á vista da Lei de 27 d'Agosto de 1830, não podia ter logar a pertença dos Suplicantes, devendo sim uzar do remedio prescripto no Artº. Oitavo da mesma Lei d'entro do tempo marcado no Artº. 7º.

Aprezentou o Exmo. Presidente representação assignada por grande numero de habitantes de Vila Nova, em que, queixando-se das inconstitucionalidades do Juiz de Paz, respectivo João Pereira d'Oliveira, pedem seja nomeado para este Emprego o Capm. João Pereira Pinho, de reconhecido patriotismo, e demitido o dº Juiz de Paz Oliveira. Resolvêo unanimemente o Exmo. Conselho, que a da. representação fosse remettida a Camara d'aquella Villa, para que informe sobre o contendo da referida representação, ouvindo por escripto ao Juiz de Paz, contra quem ella se derige; dando a mencionada Camara as necessarias providencias, na forma das Leis, afim de que não deixe de haver ali hum Juiz de Paz, em pleno exercicio de suas funcções.

Leo-se a informação do Administrador da Fzenda Publica sobre o requerimento de Domingos Jozé Juquitibá, mencionada na Acta de 27 do corrente, declarando que nenhúa Lei achou, que authorize a pertença do Supc., e que por isso julgava conveniente, que o mmo. Supc. juntasse a supposta Lei q. refere em seo reque-

rimento, ou outro q. q. documento legal: sobre o que foi unanimemente resolvido q. o referido Supe. satisfizesse a mma. Informação.

Leo-se a Informação da Camara Municipal da Va. de Propiã sobre a representação dos creadores de gado na dita Villa, pedindo lapso de tempo pa. a conservação dos gados, que forão mandados retirar dos Sítios deuominados Pão da..... Areia, e outros e como não constasse que a referida Camara deliberasse coiza alguma. Resolvéo o Exmo. Conselho q. torne á mesma afim de informar com o proprio Accordão ou Postura, q. tomou sobre este objecto. — Do que para constar, se lavrou esta Acta, que eu Antonio Joaquim da Fonca. Neves, Official-maior, Encarregado da Secretaria do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
José Francisco de Menezes Sobrál  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita  
Manoel Ignco. da Silva.  
Antonio Roiz. Montes

---

SESSÃO DO DIA 30 DE JULHO DE 1831

CLXXIII

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão, presentes o Exmo. Presidente, e Conselheiros abaixo assignados.  
Leo-se a informação do Administrador da Fazenda Publica



sobre o requerimento de Manoel Joaquim d'Araujo, de que faz menção a Acta de 28 do corrente, favoravel ao Supe. Resolveo o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. Presidente, que, á vista da mesma informação, o Supe. continue a servir debaixo do mmo. Titulo, q. já tem.

Lerão-se os requerimentos de varios individuos, pedindo ser confirmados, na forma da Ley de 14 de Junho do corrente anno. Sobre o que Resolveo o Exmo. Conselho, de accordo com o Exmo. Presidente, que os Supes. continuem a servir debaixo dos Titulos, que ja tem, conforme a natureza dos Empregos, e enquanto bem servirem.

Lerão-se os requerimentos de Jozé Fiel dos Reis, e Francisco Jo. de Sta. Fé, pedindo, este Provisão Vitalicia de Requerente de Cauzas, e aqle. Provisão pr. hum anno d'hum dos Offos. de Repartidor da Va. de Lagarto, q. se acha vago: lhes foi unanimemente deferido, que se passasse Provisão, na forma das Leis, pagos os Direitos.

Leo-se o requerimento de Francisco Manoel Prudente, pedindo confirmação na forma do Art<sup>o</sup>. 18 da Lei de 14 de Junho do core. anno, de nomeação de Professor de Primeiras Letras da Missão de Sm. Felis da Pacatuba, conferida em conformidade da Lei de 15 de Outubro de 1827, aql. não apresentava, pr. haver remetido á Cárte do R<sup>o</sup>. de Janr<sup>o</sup>.: sobre o q. foi unanimeme. Resolvido, q. o Supe. espere pr. Decisão da Regencia á Qm. recorréo, visto a sua nomeação ser anterior a Ley Novissima.

Lerão-se os requerimentos de Manoel Ciriaco de Salles Neuma e Carlos Je. d'Almeida, pedindo, este ser nomeado na forma da Ley citada de 14 de Junho antecedente, Patrão-mor da Barra d'esta Capal., de q. já tem nomeação, e aqle. confirmação Vitalicia, conforme a mma. Ley: Qto. ao primeiro foi unanime. resolvido, q. espere pr. ulterior decissão: Qto. ao segundo que ajunte a nomeação com pr. ulterior decissão: Qto. ao segundo que ajunta a nomeação com que serve.

Do que para constar, se lavrou esta Acta, que eu Antonio Joaquim da Fonseca, Neves, Official-maior, Encarregado da Secretaria do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
José Francisco de Menezes Sobral  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva,  
Manoel da Cunha de Mesquita  
Manoel Ignco. da Silva.  
Antonio Roiz, Montes

SESSÃO DO 1.º DE AGOSTO DE 1831

CLXXIV

Lida, e pprovada a Acta da autecedente, foi aberta a Sessão, presentes o Exmo. Presidente, e Conselheiros abaixo firmados.

Lerão-se os requerimentos de José Innocencio d'Arº., Patrão-mor da Barra da Cotinguiba, e de Joaquim Jozé Ferreira, Professor de Primeiras Letras da Missão de Sm. Pedro do Rº, de Sm. Francisco, pedindo este Provisão, na forma do artigo 18 da Ley de 14 de Junho do corrente anno, apesar de já ter requerido Confirmação do seo Provimto; e aquelle ser novamente nomeado em conformide, da dita Lei: Resolveo o Exmo. Conselho, de accordo com o Exmo. Presidente: Qto. ao primº, q. deve esperar por ulterior decissão. Qto. ao segundo q. a Camara respectiva informe sobre a idoneidade, e conduta do Suplicante.

Leo-se o requerimento de Jozé Carlos d'Almeida de q. faz menção a Acta de 30 do mez findo, apresentado a nomeação, como lhe

foi declarado; á vista do que foi unanimemente Resolvido, que o Supe. continue a servir debaixo do Titulo, que já tem, enquanto outra coiza nao for competentemente deliberada.

Indicou o Ilustre Conselheiro Fontes que se officiasse a todas as Camaras d'esta Prova, para que informem circunstanciadamente sobre a conducta, civil, e moral, e aptidão dos Professores de Primeiras Letras, e Grammatica Latina, com o numero dos alumnos, e declaração de seos adiantamentos; ao q. o Exmo. Conselho, de accordo com o Exmo. Presidente annuo. Do que para constar, se lavrou esta Acta, que eu Antonio Joaquim da Fonseca, Neves, Official-maior, Encarregado da Secra. do Governo. escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
José Francisco de Menezes Sobral  
Antonio Roiz. Montes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita  
Manoel Ignco. da Silva.  
Joaquim Martins Fontes

---

SESSÃO ORDINARIA DO DIA 2 d'AGOSTO DE 1831.

CLXXV

Lida. e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão, presentes o Exmo. Presiednte, e Conselheiros abaixo assignados.

Indicou o Exmo. Presidente, que o Exmo. Conselho, na forma do artigo 9.<sup>o</sup> da Lei de 15 de Dezembro de 1830, Deliberasse sobre a distribuição da quantia destinada no §27 do artigo 1.<sup>o</sup> da da. Lei, pa. as obras publicas d'esta Prova., pelas Camaras Municipaes.

Posta a materia em discussão, foi unanimemente Resolvido que esta qtia. fosse posta á disposição da Camara da Capal. não só pa. poder fazer as obras de mais urgencia no seo Districto, como para preparar huma Salla em que o Conselho Geral da Provincia possa celebrar suas Sessões.

Leo-se o requerimento do Porteiro da Secretaria do Governo Jozé do Valle da Penha Padilha, pedindo, que visto ter servido a sete annos, recebendo seos vencimentos. em dr<sup>o</sup>. papel, fosse pago em moeda metalica, e attendido pelos seos serviços. Foi unanimente Resolvido: Quanto a primeira parte, q. seria attendido, logo que houvesse mais numerario nos cofres publicos: Quanto a segunda parte, que seria igualmente attendido em tempo opportuno, conforme o seo merecimento.

Leo-se o requerimento de Leão Magno Ramos, pedindo Provisão Vitalicia dos Offos. de Inqueridor, Distribuidor, Contador, e Repartidor dos Auditorios da Villa de Propiá, visto ter-se findado a nomeação temporaria, com que servia, foi unanimemente Resolvido que informasse o respectivo Js., perante qm. serve; apresentando o Supe. o Titulo, pr. qm. tem exercido. Resolveo unanimente. o Exmo. Conselho, q. ficasse marcada a Sessão Ordinaria do anno vindouro pa. os mezes de Fevereiro e Março; com o que se houve pr. encerrada a Sessão Ordinaria d'este anno.

Do que pa. constar, se lavrou esta Acta, que eu Antonio Joaquim da Fonseca Neves, Official-maior, Encarregado da Secretaria do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
José Francisco de Menezes Sobral  
Joaquim Martins Fontes  
Manoel Ignacio da Silveira  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita  
Antonio Roiz. Montes

SESSÃO EXTRAORDINARIA

CLXXVI

Aos seis dias do mez de Dezembro do anno de 1831, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe em o Palacio do Governo e Salla das Sessões dos mesmos reunio-se extraordinariamente o Exmo. Conselho, sendo presentes o Exmo. V. Presidente o Desembargador Joaquim Marcellino de Brito e os Ilustres Conselheiros abaixo firmados. Propoz o Exmo. Senr<sup>o</sup>. Presidente, que sendo approvada pela Assembleia Geral Legislativa do Imperio sobre a Resolução do Conselho Geral d'esta Provincia acerca da creação de quatro Cadeiras de Primeiras Letras, para Meninas, na forma da Lei de 15 de Outubro de 1827, nesta Capital, Villa de Propriá, e nas Povoações da Estancia e Laranjeiras, julgava conveniente que se marcasse os ordenados respectivos, e que taes Cadeiras fossem á concurso. Posta a mataria em discussão Resolveo unanimem. o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. Presidente, que se árbitrasse para cada huma o ordenado annual de trezentos e cincoenta milrs. e que fosse destinado o dia 30 de Abril do anno proximo pa. o d<sup>o</sup>. concurso, expedindo-se logo os Editaes do estilo. Apresentou o Exm<sup>o</sup>. Senr. Presidente o Officio da Camara Municipal de Villa Nova d'esta mma. Provincia, datado de 3 d'Agosto do corrente anno, participando que o Professor de Grammatica Latina da da. Va. se acha á cinco annos fóra da Provincia, ocupando na Cidade da B. o Emprego de Enfermeiro da Santa Caza da Misericordia, e que achando-se regendo a da. Cadeira o Rdo. João da Sa. Lemos, como substituto, este ~~atenua~~ abandonado nao só pr. molestia, como por ter ido residir na Villa do Penedo, pelo que passáva aqila. Camara a encarregar o Magisterio ao Rdo. João Machado Branco de Novaes, até que este Governo haja de approvar tal medida. Á vista do que o Exmo. Conselho de unanime accordo Resolveo, que visto ter espontaneamente abandonado a mencionada Cadeira o seo Proprietario, se considerasse vaga, pon-

V. A. P.

do-se em concurso, qual se verificaria no dia 30 de Março do anno que vem, pa. o que se expedissem os Editais, que noentretanto ficasse interinamente regendo a Cadeira o nomeado pela mesma Camara, a qm. . . . . communicar para ficar na devida intelligencia. Apresentou igualmente o Exmo. V. Presidente outro officio da sobre dita Camara datado de 17 d'Agosto d'este anno, participando, que o Professor de Primeiras Letras da Missão da Pacatuba Termo de Villa Nova pr. se haver mudado com toda familia pa. a Va. de Propiá, desamparando a Cadeira, tomára o expediente, pa. não sofrer prejuizo a mocidade d'aqle. termo, de nomear interinamente a Francisco Gonsalves Reis Lisboa, . . . . a aprovação d'este Governo; e constando pr. Officio de 21 de Novembro ultimo do Juiz Ordinario competente achar-se indiciado em crime aqle. Professor, foi unanimemente resolvido, q. em quanto elle se não mostrar livre, continue no exercicio interino da Cadeira o nomeado pela Camara respectiva, em qto, bem servir, devendo-se isso mmo. communicar á aqle. Camara para sua intelligencia. Apresentou o mmo. Exmo. Senr. Presidente o requerimento dos Habitantes do termo da Va. de Propiá, pedindo providencias sobre hum accordão da Camara d'aqle. Villa, relativo a creação de gado: sobre o que Resolvéo o Exmo. Conselho de unanime accordo q. fosse tal requerimto. remetido á consideração do Conselho Geral d'esta, a qm. incumbe á tal respeito providenciar conforme suas attribuições. Do que pa. constar se madou lavrar a presente Acta q. eu Antonio Joaquim da Fonseca Neves, Secretario interino do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito

Joaquim Martins Fontes

Jozé Anto. Neves Horta

Ignacio Dias de Oliva.

Manoel da Cunha de Mesquita

Antonio Roiz. Montes

SESSÃO EXTRAORDINARIA

CLXXVII

Aos vinte hum dias do mez de Janeiro de 1832 nesta Cidade de Sm. Christovão de Sergipe d'El Rei em o Palacio do Governo, e Salla das Sessões do mesmo, reunio-se extraordinariamente o Exmo. Conselho, estando presentes o Exmo. Senr. Presidente o Desembargador Joaquim Marcellino de Brito, e os Ilustres Conselheiros abaixo firmados. Apresentou o Exmo. V. Presidente o Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio de 22 de Setembro do anno passado. pelo qual a Regencia em Nome do Imperador Manda prover em conformidade da Lei de 14 de Junho do mesmo anno, em pessoa idonea, o Logar de Secretario do Governo d'esta Provincia, vago por demissão de Jozé Pedro de Faria, que o occupava, e sendo este negocio tomado na Consideração do mesmo Conselho, a quem na mesma occasião forão presentes os requerimentos de Braz Diniz de Villas-Boas, Lente de Grammatica Latina da Villa de Santo Amaro, de Jozé Bernardino Ribeiro Diniz, e de João Pedro da Cunha Valle, pedindo ser no referido logar providos. Resolveo unanimemente o Exmo. Conselho, de accordo com o Exmo. Senr. Presidente prover no logar dito ao mencionado Braz Diniz de Villas Boas, ficando em consequencia indeferido os outros requerimentos. Foi igualmente presente o requerimento de Manoel Vicente de Carvalho e Aranha, queixando-se do Juiz de Paz d'esta Cidade o Pe. Serafim Alvares da Rocha Rocha não querer despachar hum requerimento que para este fim lhe fora entregue, recebendo depois o mmo. requerimento sem nenhum deferimento. Sobre o que foi unanimemente Resolvido que se remetesse a queixa á aquelle Juiz, para que respondendo sobre o seo conteudo, haja então sobre a queixa a deliberação que for justa. Foi presente outro requerimento de Eugenia Maria de Sm. Jozé, com hum documento, queixando-se de arbitrariedades do referido Juiz de Paz, contra a Supe. praticados. Foi unanimemente Re-

solvido, que este fosse ouvido, para o que se remetteste tal queixa. Resolvêo finalmente o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. V. Presidente que logo que entrar no exercicio do Emprego de Secretario o sobred<sup>o</sup>. Villas Boas, que pr. isso deixa vaga a Cadeira de Grammatica Latina da Villa de Santo Amaro que tem exercido se ponha ella em concurso, na forma da Lei, o qual deverá ter logar no fim de Abril d'este anno, expedindo-se para este fim os Editaes do estilo. No entretanto a Camara respectiva, para não soffrerem os alumnos a trazo, passe a nomear pessoa idonea para rege-la até que seja competentemente provida. Do que para constar se mandou lavrar a prezente Acta, que eu Antonio Joaquiz da Fonseca Neves, Official-maior, servindo interinamente de Secretario do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Rodrigues Dantas de Mello  
Jozé Anto. Neves Horta  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita  
Antonio Roiz. Montes

---

SESSÃO ORDINARIA

CLXXVIII

Ao primeiro dia do mez de Fevereiro do anno de 1832, Decimo primeiro da Independencia e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital do Provincia de Sergipe, e Palacio do Governo, Salla das Sessões domesmo, se deo principio á Sessão Ordinaria d'este anno, reunindo-se com o Exmo. V. Presidente da Provincia



e Desembargador Joaquim Marcellino de Brito os Conselheiros, por elle convocados em virtude da Carta de Lei de 20 de Outubro de 1823, a saber o Capmor. Joaquim Marins Fontes, o Capmor Ignacio Dias d'Oliveira, o Tenente Coronel Manoel da Cunha de Mesquita, e o Coronel Comandante interino das Armas Jozé Antonio Neves Horta, o primeiro, como Conselheiro effectivo, e os outros, como Suplentes de mais votos em logar dos effectivos Jozé Pinto de Carvalho, o Rdo. Jozé Francisco de Menezes Sobrál, o Vigario Gonsalo Pereira Coelho, o Coronel Jozé Rodrigues Dantas e Mello, e o Tenente Coronel Antonio Rodrigues Montes, que por impedimento de molestia, não comparecerão, como constou das participações que fizarão por escripto ao Exmo. Presidente, e fôrão presentes em Conselho. Apresentou o Exmo. V. Presidente os Officios do Juiz de Paz da Villa de Propiá, Francisco Rodrigues da Rocha, datados de 17 de Setembro, e 16 de Dezembro do anno passado, em que deo parte dos movimentos e desordens que allí tem perpetrado os inimigos da boa Ordem, acrescentando mais, que tendo apparecido naqlla Villa o respectivo Vigario Antonio Jozé da Silva Capella em a noite do dia 14 do dito mez de Dezembro, acompanhado de gente armada, deo logar a que quasi todos os habitantes da mesma se amotinasse, e que tomando a medida de Fazer sair, como se verificou, o mesmo Vigario para fóra da Villa, esta logo ficou tranquila. Havendo o mesmo Exmo. V. Presidente apresentado outro officio do referido Juiz de Paz de 29 de Janeiro ultimo, em que este, alem mostrar ter mandado suspender ao Juiz Ordinario da dita Villa Luiz Gonzaga Pinto confessa, que sendo o citado officio de 16 de Dezembro concebido em termos verdadeiramente falsos, annunciára ao Governo cóizas inteiramente extranhas da verdade, sem que nisso houvesse incuria da sua parte, e somente boa fé. Igualmente hu'a representação assignada por varios habitantes da da Villa, relativa a ter sido o mmo. Juiz de Paz cauza primaria dos funestos acontecimentos, que allí tem apparecido: mais, os officios do Commandante do destacamento de 1.<sup>a</sup> La. d'aquella Villa, isto mesmo afirmando, sobre o que foi chamado, pr.

estar nesta Cidade, o Juiz de Paz para responder, e sobre outros quesitos relativos á faltas no cumprimento de seos deveres. Á vista de tudo o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. V. Presidente, Reconhecendo a omissão, negligencia d'aquelle Juiz de Paz na execução de suas funcções, e as prevaricações constantes dos seos proprios Officios, e mais papel. Resolvêo na conformidade do Artigo 12 da Carta de Lei de 6 de Junho do anno passado que ficasse o dito Juiz suspenso, procedendo-se á tal respeito pela forma marcada nas Leis, bem como que se devia ter pr. irritante e ilegal a suspensão feita ao Juiz Ordinario sobredito pela falta de jurisdicção de tal Juiz de Paz, de que se deveria participar á hum, e outro, para ficarem na devida intelligencia.

Forão-lidas as respostas, que deo o Juiz de Paz Suplente d'esta Capital Jozé Rodrigues Bastos sobre as queixas do Tenente Manoel Vicente de Carvalho e Aranha, e Eugenia Maria de Sm. Jozé, dirigidas contra o Juiz de Paz Proprietário da mma. Capital o Rdo. Serafim Alv. da Rocha Rocha, e como esta, a quem se mandou ouvir a respeito do conteudo das mesmas incumbisse, á titulo de doente, esta diligencia á aquelle Juiz Supplente. Foi unanimemente resolvido, que se torne a remetter taes queixas ao Juiz, contra quem ellas são feitas, visto que este negocio não tende ao Juizo respectivo e sim a pessoa accusada. Do que para constar, se mandou lavrar a presente Acta, que eu Antonio Joaquim da Fonseca Neves, Official maior encarregado interinamente da Secretaria do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Mártins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita

SESSÃO ORDINARIA DE 4 DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXIX

Lida a Acta da antecedente, e approvada, foi aberta a Sessão, presentes os Excelentissimos Senres. Presidente e Conselheiros adiante assignados.

Mandou-se inserir na presente Acta o Aviso expedido pela Secretaria do Imperio ao Exmo. Senr. Presidente em data de 28 de Setembro do anno findo, que fora lido na Sessão extraordinaria de 23 de Janeiro p. p., e de que por esquecimento se não fizera menção, cujo teor he o seguinte — Ilmo, e Exmo. Senr. Sendo presente á Regencia o Officio de V. Exa. na data de 19 domez passado, acompanhando a copia das Actas do Conselho do Governo, que forão exigidas em Portaria de 2 de Julho antecedente, sobre o requerimento de Jozé Pinto de Carvalho, Membro do mesmo Conselho, emque pediu esclarecimentos acerca da duvida relativa ao exame das Contas do Prézidente, determinado no § 77 do Art. 24 da Lei de 20 de Outubro de 1823. Ha por bem a Mesma Regencia, em Nome do Imperador declarar a V. Exa. que o referido Conselho não entendeu bem a disposição da dita Lei no Art. citado, attribuições, quando em vez de examinar as Contas do Presidente da Provincia, isto he, as da applicação feita da quota destinada para as despesas ordinarias, na conformidade do Artº. 25 da mesma Lei, e as de alguma despesa extraordinaria, que se houvesse determinado, e approvado, na forma do § 16 do citado Artº. 24, se inserisse no exame das Contas da Administração da Fazenda Nacional d'esta Provincia, que conforme as Leis não revogadas, nem alteradas, e conforme a Constituição Artº. 170, compete ao Thesouro, a que são subordinadas todas as Repartições de taes Administrações: e tanto assim, que, querendo a Assembleia Geral apurar a fiscalização dellas, e encarregando-a aos Conselhos Gerais das Provincias, no Artº. 43 da Lei de 15 de Dezembro de 1830, se limitou a encarrega-los de fazer reflexões e representações, a respeito da Receita, Despesa e

Orçamentos a Assembleia Geral, e ao Poder Executivo. Deos Guarde a V. Exa. Palacio do Governo, digo, do Rio de Janeiro em 28 de Setembro de 1831 — Jozé Lino Coutinho — Senr. Joaquim Marcellino de Brito.

Leo-se huma Portaria da mesma Repartição datada a 13 do mesmo mez e anno, na qual se communica ao Senr. Presidente que a Regencia, em nome do Imperador, á requezição da Camara dos Senhores Senedores por intermedio do Governo, Determina, se-lhe fação transmettir informações, circunstanciadas do numero dos Officiaes necessários em a Secretaria d'esta Presidencia, e sobre augmento dos seus Ordenados: Resolveo, o Exmo. Conselho, digo, o Exmo. Senr. Presidente em Conselho, que o Secretario Actual lhe informasse com seu parecer a respeito o que se-lhe-offerecesse, para se deliberar o que for justo com conhecimento de cauza

Vio-se o requerimento de Antonio Felix de Oliveira, Escrivão de Orfãos da Villa de Propiá, pedindo Titulo Vitalicio para continuar na serventia d'aquelle officio: Mandou-se informar o Juiz, perante quem serve o supplicante

Apresentou o Senr. Presidente huma queixa do Tene. Cel. Antonio Luiz de Araujo Maciel contra o Juiz de Paz do Curato da Missão de Japarutuba, Termo da Villa de S. Amaro das Brotas, Manoel Joaquim de Moura, por elle despachada, e ja respondida pelo Juiz supplicado: e avista da sua resposta, provas, e articulação Resolveo o Exmo. Conselho, que se estranhasse ao dito Juiz o reprehensivel procedimento de conservar por tanto tempo Força armada para guarda e defeza particular de pessoa de sua parentela, devendo logo faze-la retirar e abster-se de semelhante abuzo, do qual se-conheceria competentemente: o que se cumprio na mesma data.

Subio ao conhecimento do Exmo. Conselho a verificação da Camara Municipal da Villa de Sta. Luzia e Estancia, corroboradas com duas queixas, que a ella forão presentes, pedindo providencias contra os precedimentos arbitrarios do Juiz de Paz d'aquella Parochia o Rdo. Pedro da Motta Rabello: por deliberação do Exmo.

Senr. Presidente em Conselho mandou-se ouvir o dito Juiz, sciencificando-se disso mesmo a respectiva Camara.

Do que para constar lavrou-se apresente Acta, que assignarão os Excelentissimos Senhores Prezidente, e Conselheiros, e eu Braz Diniz de Villas-Boas, Secretario do Governo, a escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita

---

SESSAO DE 8 DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXX

Lida, e aprovada a Acta da antecessente, foi aberta a Sessão, prezentes os Exmos. Senhores Presidente, e Conselheiros adiante assignados.

A vista do conteudo na Portaria dirigida a Presidencia desta Provincia pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio em data de 13 de Septembro do anno p. p., que foi presente ao Exmo. Conselho, e em que comunica ao Exmo. Senr. Presidente, que a Regencia, em Nome do Imperador, á requisição da Camara dos Senres. Senadores por Officio de seu Secretario, Determina que por intermedio do Governo se-lhes-fação transmittir informações circunstanciadas do numero dos Officiaes necessarios em a Secretaria do Govo. desta Provincia, e sobre o augmento dos seus ordenados, tendo o mesmo Exmo. Conselho ouvido previamente. ao Secretario actual com seu parecer. Resolveo q. visto ora exis-

tirem na Secretaria tão somente trez Officiaes, inclusive o Official Maior, por se haverem supprimido pela Lei do Orçamento os dous Amanuenses, que existião ,achando-se por isso sobre maneira atrasado o expediente da Secretaria, era absolutamente indispensavel a criação de mais dous Empregados para a referida Secretaria de baixo de qualquer denominação: e outro sim, que, attendendo aos rebates, que á falta de numerario nas Estações da Fazenda soffrem os Empregados em seus vencimentos, ao haverem-se tirado em partes os emolumentos dos Officiaes, e finalme. ao enorme trabalho, que sobre elles actualmente, peza, as inumeras correspondencias já para a Côrte, já para as Autoridades Provinciaes, Fazenda Publica, Hospital Trem Militar, etc., era de eterna justiça compensar os seus trabalhos com huma paga equitativa, e proporcionada, e parecia muito justo o marcar-se para o Official Maior, que ora, vence a qtia. de 360\$, o ordenado annual de sete centos mil reis; para cada hum dos outros Officiaes existentes, que se achão a 300\$, o vencimento annuo de seis centos mil reis; e para os dous, que se houvessem de crear, e igualmente para o Porteiro, o de trezentos mil reis a cada hum.

Em cumprimento do que determina a Portaria da mesma Repartição de 19 de Agosto do anno findo relativamente, a crearem-se para a Administração do Correio Geral hum Administrador com a gratificação annual de duzentos mil reis, e hum Ajudante com a de cem; Resolveo o Exmo. Conselho, que ficassem creados os mesmos, que tem servido interinamente: a saber; Vicente Jozé de Mascarenhas Administrador, e Franco. Balbino Roiz. da Costa Ajudante com as referidas Gratificações, visto não terem commetido, faltos que os inhabilitem.

Vio-se a representação da Camara Municipal da Villa Lagarto sobre competir, ora não competir ao Ouvidor Interino da Comarca a factura de Pelouros para Juiz Ordinario: Resolveo o Exmo. Presidente em Conselho, que se levasse esta duvida ao co-

nhecimento. da Regencia, participando-se por Officio a sobredita Camara esta mesma Deliberação.

Mandou-se que Braz Diniz de Villas Boas, actual Secretario deste Governo, nomeasse Substituto com os requisitos da Lei para a Cadeira de Grammatica Latina da Villa de S. Amaro das Brotas, de que he Proprietario, para ser approvado por o Mesmo Exmo. Conselho, ouvida a Camara respectiva, ficando nesta parte revogada a Acta da Sessão extraordinaria de 24 de Janeiro p. p.

Sobre o requerimento de Francisco Manoel de Barcellos, Professor de las. Letras da Povoação de Laranjeiras, pedindo a Gratificação da terça parte do seu ordenado pelos serviços de doze annos, segundo a Lei de 16 de Outubro de 1827, Resolveo o Exmo. Conselho que informasse a Camara respectiva, si o supe. ha satisfeito aos quesitos da Lei, para ter lugar a merce que implora.

Lerão-se os requerimentos de Manoel Paulo dos Santos, de Jozé Carlos de Almeida e Souza, e de Ignacio Jozé dos Santos Mangaba, pedindo o primeiro e segundo Provimientos Vitalicios para continuarem a servir os Officios de Escrivão, aquelle de Villa-Nova, este de Propiá, todos desta Provincia; e o terceiro de Inquiridor, Contador, Destribuidor, e Partidor da mesma Villa-Nova. Resolveo o Exmo. Conselho que informassem os Juizes, perante qm. servem os supplicantes.

Do que para constar mandou-se lavrar a prezente Acta, e em Braz Diniz de Villas-Boas, Secretario do Governo, a escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
João de Agr. Caldr. Botto  
Manoel da Cunha de Mesquita

---

SESSÃO DE 9 DE FEVEREIRO DE 1832

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão, presentes os Exmos. Senres. Presidente, e Conselheiros adiante assignados.

Leo-se o Avizo da Secretaria do Imperio da data de 12 de Outubro do anno transacto, em que a Regencia, em Nome do Imperador, Ha por bem Determinar, que o Exmo. Senr. Presidente em virtude do Artigo 4.<sup>o</sup> do Decreto de 7 de Junho do dito anno, ouvido o Administrador do Correio Geral desta Provincia, proceda em Conselho a estabelecer o numero conveniente de Correios mensais para cada huma das Municipalidades: Resolveo, que se addiasse o presente negocio para se decidir com cabal informação e pleno conhecimento.

Vio-se o requerimento de Heliodoro Blansford Cardoso, Professor de las Letras da Povoação da Estancia, pedindo augmento de ordenado: Resolveo o Exmo. Conselho, que, tendo sido taxado por Lei o ordenado do sups. estando affecto o seu negocio ao conhecimento da Regencia, não lhe competia a decisão d'elle.

Appresentou-se a Parte do Senr. Conselheiro Bento de Mello Pereira, documentada com certidão de Facultativo, mostrando não poder comparecer na presente Sessão ordinaria por impedimento fisico: o Exmo. Conselho ficou inteirado.

E para constar mandou-se lavrar esta Acta, e eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo, a escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
João de Agar. Caldra. Botto  
Mancel da Cunha de Mesquita



SESSÃO DE 10 DE FEVEREIRO DE 1832

Lida a Acta da antecedente, e approvada, abriu-se a Sessão, presentes os Exmos. Senres. Conselheiros adiante assignados.

Constando por participação do Senr. Conselheiro João de Aguiar Caldeira Botto, e por notoriedade publica, que se achava vaga a Cadeira de las. Letras da Povoação da Capella, pela tar a muito abandonado, emigrando para outra Provincia o Professor, que a regia, Rofino Dias Cardoso: Resolveo o Exmo. Senr. Presidente em Conselho, que se pozesse em Concurso a mencionada Cadeira, publicando-se Edictais, e marcando-se para o exame dos Candidatos o dia 12 de Abril do corrente anno.

Vio-se a relação da avaliação das Etapas, remettidas pelo Administrador da F. P. Jozé Martins Penna, ao Conhecimento do Exmo. Conselho com a Tabella que determina o Artº. 5.º da Carta de Lei de 24 de Novembro de 1830: foi approvada na forma da mesma Lei, só com a alteração e emenda da addição 1.8º. de milho por 200 rs. á razão de 6\$400 o alqueire, que foi reduzido a 160 rs. á razão de 5\$120 o alqueire, e a outra, 2 molhos e meio de capim a 80 rs. que se reduzi oa 64 rs. o molho, e por dous e meio 160, fixando-se assim a forragem de cada Praça a 320 em lugar de 400 que vinha marcado.

Leo-se o requerimento de Leão Magno Ramos, pedindo Provisão Vitalicia para progredir na serventia dos Officios de Inqueridor, Distribuidor, Contador, e Partidor, nos Auditorios da Villa de Propiá. O Exmo. Conselho Resolveo que informassem novas certidões da folha corrida, por serem muito antigas as que juntara.

Vio-se o requerimento de Jozé Pinheiro do Sacramento, Professorde las, Letras da Povoação da Estancia, pedindo na porma do Artº. da Carta de Lei 15 de Outubro de 1827, a Gratificação da 3.ª parte do seu Ordenado pelos serviços de 12 annos: Resolveo

o Exmo. Conselho que informasse o Administrador da Fazenda Publica.

Foi apresentado o requerimento do Reverendo Jozé de Goes Torres, pedindo a Graça da approvação do Exmo. Conselho para entrar de Substituto da Cadeira de Latim, e os impedimentos do actual Professor della, Braz Diniz de Villas-boas, por quem havia sido nomeado em conformidade da Deliberação do mesmo Exmo. Conselho de 8 do Corre. foi a informar a Camara Municipal respectiva.

E para constar mondou-se lavrar a presente Acta, que eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo, a escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
João de Agar. Caldra Botto  
Manoel da Cunha de Mesquita

---

SESSÃO DE 13 DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXXIII

Lida a Acta da antecedente, e approvada, abrio-se a Sessão, presentes os Exmos. Senhores Presidente e Conselheiros adiante assignados.

Virão-se as partes . . . rão de impedidos de comparecer na presente Sessão os Senhores. Conselheiros Antonio Mel. de Sza. Dantas e Manoel Ignacio da Silveira, ficou inteirado o Exmo. Conselho.

Sobre o requerimento do Alferes Vicente Quintiliano da Cos-

ta, em que pede Provimento Vitalicio para continuar a servir os Officios de Inquiridor, Distribuidor, Contador, e Partidor, nos auditorios da Villa do Lagarto, mandou-se informar aos Juizes perante quem serve o supplicante.

A representação de alguns Habitantes de Villa-Nova do Rio San Francisco, contra o Juiz de Paz da mesma Villa João Pereira de Oliveira, vistas a informação da Camara Municipal respectiva, e resposta do Juiz Suppco., foi indeferido.

Appresentou-se hum Memorial de Joaquim Jozé Pereira, Professor de las. Letras da Missão de S. Pedro, Termo da Villa de Propiá, foragido e refugiado na Provincia da Bahia, pedindo terminantes providencias contra as flagellações e arbitrariedades do Missionario o Rdo. Gaspar de Faria Bolcão; Resolveo o Exmo. Conselho, que informasse a Camara Municipal respectiva, devendo prover a Cadeira em Substituto idoneo, durante a ausencia do dito Professor exilado pelas perseguições do referido Missionario.

Do que para constar mandou-se lavrar a presente Acta, que eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo a escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
João de Agar. Caldr. Botto  
Manoel da Cunha de Mesquita

---

SESSÃO 14 DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXXIII

Lida, e approvada a Acta da antecedente, abrio-se a Sessão,

presentes os Excelentísimos Senres. Presidente e Conselheiros adiante assignados.

Compareceo o Coronel Antonio Jozé da Cruz e Menezes, Comandante da Companhia de 1.<sup>a</sup> Linha do Exército e se apresentou ao Exmo. Conselho huma relação..... desaffectas ao Systema Monarchico-Constitucional-Representativo, e consequentemente a elle, por te-lo com as forças a sua disposição sempre defendido, sustentando como he publico, o Governo actual, tramão insidiosa cabala e conspiração contra sua honra e segurança individual, com apparentes formalidades judicarias, prevenindo-se para esse fim, com hum Juiz Criminal de sua facção, João Baptista da Lapa Trancoso que com subornos previamente fizeram eger para a Capital; o qual, he constante, já procede co mar, digo, já procede a huma arteira devassa, com testemunhas angariadas, e parciaes, com o sinistro intento de perde-lo, envolvendo-o em suppostos crimes imaginarios, e talvez a primeira Authoridade da Provincia, por hirem uniformemente de encontro aos seus projectos anarchicos, e revolucionarios: que portanto requeria providencias afficazes a fim de obviar males imminentes, e que ameaçavão ao socego e a tranquillidade publica a malicia e intriga dos anarchistas innovadores :o que visto e o mesmo constou de sua Representação Resolveo o Excelentissimo Conselho, que se officiasse, como logo se officiou ao dito Juiz Trancozo ordenando-se-lhe, que no prefixo prazo de 24 horas respondesse sobre o contendo na indicada representação, que se-lhe-enviou declarando se havia procedido a referida devassa e nesse cazo, o estado della; quaes as testemunhas e os nomes dos indiciados, devendo sobreestar em todo o procedimento a tal respeito até ulterior deliberação.

No mesma data Determinou-se ao Ouvidor Interino da Comarca o Coronel Jozé Rodrigues de Antas, que, pois convinha ao Serviço Publico, de nenhum modo deixasse de fazer effectiva d'ora em diante a sua residencia nesta Cidade pelo que seria responsavel.

E para constar mandou-se lavrar a prézente Acta, que eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
João de Agar. Caldra. Botto  
Manoel da Cunha de Mesquita

SESSÃO DE 15 DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXXIV

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão, presentes ao Excellentissimos Senhores Prezidente, e Conselheiros adiante assignados.

Leo-se a participação que fez a Camara Municipal da Villa de Propiá, datada de 9 do corrente, em consequencia da Portaria, q. baixou deste Governo em data de 2 de Septembro do anno passado communicando estar dese . . . . . da a aula de las. Letras da quella Villa por abandono do Professor que a regia, Leão Magno Ramos, por se achar implicado crime político . . . . . Camara. . . . . Deliberação, nomeasse Substituto idoneo durante o impedimento do actual.

Vio-se o requerimento de Maximiano Jozé da Costa, Patrão-mor da Barra da Villa de Santa Luzia e Estancia, pedindo ratificação da Nomeação interina que obtivera d'este Governo, para continuar no indicado emprego: Mandou-se que se lha-espeditse na forma da Lei de 14 de Junho de 1831.

Foi apprezentada pelo Excellentissimo Senhor Presidente ao Excellentissimo Conselho huma queixa dos Habitantes da Missão de San Felix da Pacatuba contra o Professor de las. Letras da

mma. Missão, Francisco Manoel Prudente: Resolveo-se, que se observassem as providencias que a tal respeito se havião dado em a Sessão extraordinaria de 6 de Dezembro do anno proximo passado.

Foi presente ao Excellentissimo Conselho a resposta, que a representação do Coronel Antonio José da Cruz e Menezes dera o Juiz Ordinario d'esta Capital João Baptista da Laga Trancoso, que na Sessão de hontem lhe fora enviada para responder sobre o seu contexto no prefixo prazo de 24 horas: na qual, depois de refutar o dito Juiz por boas razões todos os principios, em que ella se-bazeara, passa afinal com character de firmeza a affiançar ao Excellentissimo Conselho, por intermedio do Senhor Presidente, que, attendendo ao estado de flagellação e melindre em que se-achia a Provincia, nem procedera-se nem tinha dado principio á Devassa, de que se queixou o representante, sendo por isso em tudo infundada sua petição: a vista do que o Excellentissimo Conselho Resolveo que por ora não havião providencias a dar sobre este objecto.

E para constar mandou-se lavrar a presente Acta, que eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Jozé Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita  
João de Agar. Caldra. Botto

---

SESSÃO DE..... DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXXV

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão,

presentes os Excellentissimos Senhores Presidentes e Conselheiros adiante assignados.

Appresentou-se o requerimento de Jozé Pinheiro do Sacramento, Professor de las. Letras da Povoação de Estancia, em que pedindo a Gratificação da terça parte do seu ordenado pelos serviços de 12 annos, segundo a Lei de 16 de Outubro de 1827, mandou-se informar ao Administrador da Fazenda Publica, avista de cuja informação, que lhe parecia inadmissivel o requerimento do supplicante, tanto porque os 12 annos de serviços assiduos de que trata a Lei, se deverão contar do dia do Provimento, em virtude d'ella, e não quaes quer outros anteriores, como por que a Lei do Orçamento não consigna quantia alguma para semelhantes despezas. Resolveo o Excellentissimo Conselho, que por hora não havia lugar a Gratificação requerida pelo referido Professor.

E para constar mandou-se lavrar a presente Acta, que eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Joze Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita

---

SESSÃO DE 22 DE FEVEREIRO DE 1832

CLXXXVI

Lida, e approvada a Acta da antecedente, foi aberta a Sessão presentes os Excellentissimos Senhores Presidente e Conselheiros adiante assignados.

*Examinado e  
assinado no  
interior*

Tratando-se de dar cumprimento no disposto no Avizo da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio de 12 de Outubro do anno transacto, relativo ao estabelecimento de Corrêos mensaes para cada huma das Municipalidades, cuja materia ficara addiada na Sessão de 9 do corrente, para ouvindo se o Administrador actual do Corrêo Geral da Provincia, Vicente Jozé Mascarenhas, sob sua informação vocal sobre este objecto, não obstante a que ja dera por escripto se deliberar o que parecesse mais conveniente a pro do Serviço Publico ouvido de facto o mesmo Administrador e discutido escrupulosamente o prezente negocio, Resolveo o Excelentissimo Senr. Presidente de acordo com o Excelentissimo Conselho, que ficassem existindo as mesmas Agencias de Corrêos parciaes na forma por que havião sido estabelecidos nos ensaios pelas Camaras Municipaes; que os Conductores ..... a partir dos pontos das Agencias respectivas ..... officios e cartas na Administração Geral impreterivelmente nos mesmos dias que estão designados; que os Agentes ficão authorizados para allugar conductores para os Officios ás Authoridades territoriaes e cartas particulares, nos lugares onde não há Agencias, a custa da Fazenda Publica, por ..... indemnizados, precedendo as clarezas.....

Do que para constar mandou se lavrar a prezente Acta, que eu Braz Diniz de Villas-boas, Secretario do Governo, escrevi.

(AA) Joaquim Marcellino de Brito  
Joze Anto. Neves Horta  
Joaquim Martins Fontes  
Ignacio Dias de Oliva.  
Manoel da Cunha de Mesquita



MAPPA dos Allúmnos que comêsão, afrequenar-me Aula, a qual eu tinha abandonádo, tres annos fés em Dezembro de 1823, enovamente, aberta em Fevro. do presente anno d' 24 por nessecitár d' instruhir tres filhos, que estou criando pa. o Servisso de S. M. I. qe. D.Ge. e da Nação, emvertude do Alvará qe. junto ofereço, e anúncio do Juis ordinro. desta :

Antonio Miz da Fonseca, 7 annos, branco, natural da Estancia, filho de Joaquim Miz da Fonseca costumes bons, applicação, lê escreve e entrou na Arismethica, adiantamento muito bom; João Corra. Lima, 12 annos, branco, natural da Estancia, filho de Antonio Correya Lima, costumes bons, applicação, lê escreve e reparte pr. 2 letras, adiantamento muito bom; Jozé Corra. Lima, 7 annos, branco, natural da Estancia, filho de Antonio Correya Lima, costumes bons, lê escreve d' Arismethica nada, adiantamento muito bom; Braz Jozé dos Passos, 12 annos, branco, filho de Mel. Barbosa de S. Calisto, costumes bons, applicação, lê escreve reparte; Thobias Barbosa de S. Calisto, 10 annos, branco, natural da Estancia, filho de Mel. Barbosa de S. Calisto, costumes bons, lê escreve mutiplica pr. 3 letras; João Romão dos Stos., 12 annos, pardo, natural da Estancia, filho de João Floriano dos Santos, costumes bons, lê escreve entrou em Arismethica, adiantamento mto. tudo pouco; Gonçallo dos Santos, 8 annos, pardo, natural da Estancia, filho de João Floriano dos Santos, costumes bons lê carta de nomes, aproveitamento mto. tudo pouco; Joaquim Je. de Moraes, 6 annos, pardo, natural da Estancia, filho de Themoteo de Moraes,

costumes pessimos, lê carta de nomes, adiantamento muito bom; Manoel da Rocha Jardim, 24 annos, branco natural da Estancia, filho de Jozé Glz. Jardim, costumes bons, applicação a Piloutto bom arismethico, adiantamento muito bom. Particular. Povoação da Estancia 22 de Junho de 1824. (A) — Joaquim Miz. da Fonca.

Mappa dos Alumnos d' Aula de Grammatica Latina da Villa de Santo Amaro das Brotas em Junho de 1824.

Jozé Dias Vieira de Andrade, filho de Jozé Rodrigues Vieira de Andrade e Benta Pereira de Araujo, natural da Lagoa Secca, com 24 annos de idade;

Francisco Muniz de Menezes, filho de João Soares Brandão e Anna Joaquina de São Jozé, natural da Villa, com 15 annos de idade.

Antonio Jozé Vianna Junior, filho de Anna Francisca do Sacramento, natural da Villa, com 18 annos de idade;

Manoel Joaquim da Cunha, filho de Antonio Joaquim da Cunha e Rosa Maria, natural de Penêdo, com 19 annos de idade;

Jozé de Gocs Torres, filho de Manoel Izidoro Torres e Helena Maria de Moura, natural da Villa, com 21 annos de idade;

Manoel Pereira Coelho, filho de Barbara Maria de Assumpção, natural do Rio de Contas, com 17 annos de idade;

*M* Antonio Pereira Lima, filho de Manoel Jozé de Vasconcellos e Maria de Tal, natural da Capella, com 22 annos de idade;

Manoel Soares de Mello, filho de João Soares de Mello e Ritta Maria, natural de Penêdo, com 22 annos de idade;

Jozé Dias Ribeiro, filho de Roque Dias Ribeiro e Ignacia Felippa da Sant'ago, natural do Limoeiro, com 17 annos de idade;

Francisco Jozé Cezar, filho de Euzebio Alves de Almeida e Maria da Graça de Jesus, natural da Villa, com 13 annos de idade;

Jozé Francisco de Mello, filho de Manoel de Mello e Ritta

Marçalina de S. Anna, natural da Capella, com idade de 14 annos, sahio;

Jeronimo Emiliano, filho de João Camillo Machado e Germana de Tal, natural da Bahia, com 17 annos de idade, sahio.

(A) Braz Diniz Villas-boas  
Professor.

## ATAS DAS SESSÕES DO INSTITUTO

1 9 4 5

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe  
de 9 de Janeiro de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria: professor José Augusto da Rocha Lima, Dr. José Calazans Brandão da Silva, major João Nunes de Melo, jornalista Anfilóquio Vale e Epifânio Dória, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e regularmente aprovada a ata de 17 de Dezembro.

O expediente constou do seguinte:

**CARTAS.** Da gerência da revista O Observador Econômico e Financeiro, comunicando a remessa de números da mesma revista que lhe foram pedidos; do gerente da Livraria Editora Zélio Valverde, do Rio, comunicando que correram por conta da mesma a remessa de cem volumes do Tratado da Língua Vernácula do professor Brício Cardoso, ao Instituto; do Dr. Virgílio Correia Filho 1.º secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos; do diretor da Imprensa Oficial do Estado do Piauí, comunicando ter ordenado a remessa de números do Diário Oficial que lhe foram pedidos; do diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda da República do Equador, comunicando a remessa de publicações à biblioteca do Instituto; do Dr. Elsiário de Camargo Branco, pedindo a remessa de uma coleção da Revista; da Diretoria de Informações para o Exterior, do Ministério das Relações Exteriores e Culto da Argentina, remetendo publicações para a biblioteca do Instituto; do Dr. Roberto Martínez Soliman, professor da Universidade de La Plata, Argentina, pedindo a remessa de Publicações.

**CARTÕES.** Do Departamento Estadual de Estatística do Amazonas e do De-

parlamento de Assistência ao Cooperativismo da Bahia, comunicando o envio de publicações oficiais dos mesmos Departamentos.

OFÍCIOS. Do Ministério das Relações Exteriores, comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos; do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Rio Grande do Norte, comunicando a remessa de exemplares do jornal A República; do Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Sergipe, pedindo a colaboração do Instituto para a celebração do Centenário do Barão do Rio Branco a 20 de Abril de 1945 e enviando informes da Comissão Central no Rio de Janeiro; do Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde (dots) enviando questionários para serem preenchidos.

Constou ainda o expediente de vários livros e opúsculos, bem como de revistas e jornais recebidos em caráter obsequioso do país e do estrangeiro.

Mandou o Sr. presidente que se arquivasse o expediente lido, respondendo-se antes o que tivesse de ser respondido.

Aberta a ordem do dia a 1.º secretário, Epifânio da Fonseca Dória lembrou a conveniência de cuidar-se desde logo do trabalho a seguir para a celebração do centenário do Barão do Rio Branco, a ocorrer em 20 de Abril deste ano.

Ficou assentado que se aguardasse o programa organizado pelo Ministério das Relações Exteriores, afim de sincronizarem-se as solenidades do Instituto com as oficiais.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo lavrei a presente ata, calcada sobre as notas fornecidas pelo 2.º secretário jornalista Anfilóquio Vale.

(ass) José Augusto da R. Lima, Presidente  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
realizada a 6 de Fevereiro de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, professor José Augusto da Rocha Lima, Dr. José Calazans Brandão da Silva, major João Nunes de Melo, Epifânio da Fonseca Dória e jornalista Anfilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e regularmente aprovada a ata da sessão de 6 de Janeiro.

O expediente constou do seguinte:

**CARTAS.** Do O Observador Econômico e Financeiro, do Rio de Janeiro (três) comunicando ter atendido os pedidos do Instituto; do bibliotecário do Departamento de Administração do Ministério do Trabalho pedindo a remessa de números atrasados da Revista do Instituto.

**OFÍCIOS.** Do secretário do Conselho Estadual de Serviço Social, sobre o envio dos documentos comprovantes do emprego dado à subvenção concedida pelo Estado; do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, pedindo a remessa de volumes; do Departamento Nacional do Café, comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos; do diretor da Secretaria Geral do Estado, encaminhando a cópia de um ofício do Ministério das Relações Exteriores, pedindo a remessa àquele Ministério de documentos sobre o Barão do Rio Branco, porventura existentes no Instituto; da Diretoria de Cultura do Ministério das Relações Exteriores da Venezuela, comunicando não lhe ser possível a remessa de publicações que lhe foram pedidas, pelo fato de estarem esgotadas; do Departamento de Administração do Ministério das Relações Exteriores comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos.

**CIRCULARES.** Da Academia Literária Sul-Riograndense, convidando o Instituto a tomar parte na **Cruzada Cultural** pela mesma projetada para realizar-se a 21 de Junho deste ano; da Federação das Academias de Letras do Brasil, comunicando a eleição e posse de sua nova Diretoria; do Instituto Carneiro de Mendonça, de Santo Antônio de Pitaquari, solicitando a remessa de volumes.

Constou ainda o expediente de livros, opúsculos, revistas e jornais recebidos do país e do estrangeiro. Mandou o senhor presidente que se arquivasse o expediente lido, depois de respondida a parte que estivesse a pedir resposta.

Aberta a ordem do dia o 1.º secretário Epiânio da Fonseca Dória apresentou uma proposta, firmada por mais quatro sócios, no sentido de serem eleitos sócios correspondentes o Dr. Guilherme Auler, escritor pernambucano, residente no Recife, e o professor Carlos da Silveira, escritor residente na Capital de S. Paulo. A proposta foi encaminhada à Comissão de Admissão de Sócios.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Inaldo Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sobre as notas fornecidas pelo 2.º secretário jornalista Antilóquio Vale. Em tempo. No fim da ordem do dia o 1.º secretário propôs que se lançasse na ata da sessão de hoje um voto de profundo pesar pelo falecimento do sócio benemérito do Instituto Almirante Amintas José Jorge, falecimento que se verificou na cidade da Baía a 26 de Janeiro findo.

Destacou o consócio Epiânio Dória os relevantes serviços prestados pelo Almirante Amintas ao sodalício, que, em ocasião mais propícia, prestará a sua memória as homenagens que lhe são devidas.

Aceita unanimemente a proposta mandou o senhor presidente que o segundo secretário, a cargo de quem fica a questão da ata, desse cumprimento ao resolvido.

(aa) José Augusto da R. Lima, Presidente  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.  
de 6 de Março de 1945.

Presentes os membros da Diretoria, professor José Augusto da Rocha Lima, Dr. José de Calazans Brandão da Silva, major João Nunes de Melo, jornalista Anfilóquio Vale e Epifânio da Fonseca Dória, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Foi lida e regularmente aprovada a ata da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte :

**CARTAS.** Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo e do professor Francisco Curt Lange (uma de cada) acusando o recebimento de publicações; e outra do secretário da Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo, comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos.

**OFÍCIOS.** Do Diretor da Secretaria Geral do Estado pedindo o preenchimento de um questionário do Serviço de Documentação do Ministério da Educação; do Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, comunicando ficar permitida a publicação da Revista d'este Instituto com o seu nome tradicional, segundo instruções recebidas do Conselho Nacional de Imprensa; do secretário geral do Conselho Nacional de Geografia (dois) comunicando ter enviado publicações pedidas por este Instituto; e do Diretor do Museu Nacional, de Montevideo, República da Uruguaí, comunicando não poder remeter, por esgotadas as respectivas edições, os volumes I a XII, da **Revista Histórica**, publicada pelo mesmo Museu.

**TELEGRAMA** do secretário do Conselho Nacional de Imprensa, comunicando ter o diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda deferido o pedido de reconsideração feita por este Instituto, no sentido de ser mantido o nome tradicional de sua revista.

Constou ainda o expediente de vários livros, opúsculos, revistas e jornais, recebidos do país e do estrangeiro.

Mandou o senhor presidente que se respondesse o expediente lido, arquivando-se depois.

Na ordem do dia foi lido o parecer da comissão de admissão de sócios, opinando pela aceitação dos candidatos Dr. Guilherme Auler, residente no Recife, e Dr. Carlos da Silveira, residente na Capital paulista, parecer que foi unanimemente aprovado, mandando o senhor presidente que a secretaria comunicasse aos novos sócios este resultado.

O Dr. José Calazans comunicou que se entendêra com o Dr. Faite Bezerra, tomando este o compromisso de fazer o discurso oficial do Instituto na sessão solene que o mesmo vai realizar a 20 de Abril próximo, comemorando o primeiro centenário do nascimento do Barão do Rio Branco.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Tokinda Mendonça, lavrei a presente ata, calcada sobre os dados fornecidos pelo 2.º secretário, jornalista Anfilóquio Vale.

(aa) José Augusto da R. Lima, Presidente  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 8 de Abril de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, professor José Augusto da Rocha Lima, Dr. José Calazans Brandão da Silva, major João Nunes de Melo, jornalista Anfilóquio Vale, e Epifânio da Fonseca Dória, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Constou o expediente do seguinte :

**CARTAS.** Do Dr. Nuto Sanl'Ana, diretor da Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo, pedindo a lista de folhas da mesma Revista ; do O Observador Econômico e Financeiro, comunicando não ser possível o envio de números atrasados de sua revista por se acharem esgotados ; e do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, enviando volumes da revista do mesmo Instituto anteriormente pedidos.

**CIRCULAR** da Diretoria de Informações para o Exterior da República Argentina, pedindo o endereço do Instituto para incluí-lo no seu fichário.

**OFÍCIOS.** Do prefeito da Capital acusando o recebimento do Relatório de 1944 e a comprovação da subvenção municipal do mesmo ano ; do Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação (dota) comunicando a remessa de publicações que lhe foram pedidas e pedindo o preenchimento de claros em formulários que enviou ; do Diretor da Biblioteca Nacional, comunicando o envio



de volumes que lhe foram pedidos: de Monsenhor Carlos Camélio Costa, oferecendo um retrato a **crayon**, devidamente emoldurado, do Dr. Felisbello Freire; do Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia, acusando o recebimento de um exemplar do Tratado da Língua Vernáculo do Professor Brício Cardoso.

**RADIOGRAMA.** Do Sr. Interventor Federal no Estado convidando o Instituto a se representar numa reunião pública pelo mesmo convocada.

Consta também de vários livros, opúsculos, jornais e revistas procedentes do país e do estrangeiro.

Aberta a ordem do dia o presidente lembrou a próxima passagem do centenário do nascimento do notável brasileiro Barão do Rio Branco, a cuja memória o país vai render merecida homenagem no próximo dia 20. O consócio Dr. José Calazans repetiu a declaração feita na sessão anterior de que o Professor Felto Bezerra se encarregará do discurso oficial do Instituto na sessão que o sodalicio vai realizar.

Foi designada uma comissão composta dos sócios Eplânio Dória e Dr. José Calazans para fazer os convites às autoridades e estabelecimentos de educação.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sobre os dados fornecidos pelo 2.º secretário jornalista Antilóquio Vale.

(*ssa*) **Hunald Cardoso**, Presidente  
**Antilóquio Vale**, 2.º Secretário

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, realizada a 20 de Abril de 1945, solenizando a passagem do primeiro centenário do nascimento do Barão do Rio Branco.**

Aos vinte dias do mês de Abril (de mil novecentos quarenta e cinco, presentes numerosos sócios, representantes das autoridades públicas, civis e militares, foi aberta a sessão pelo 1.º vice-presidente desembargador Hunald Cardoso, na falta, por motivo de saúde, do presidente professor José Augusto da Rocha Lima. Deixou de haver leitura da ata por não estar lavrada ainda.

Não houve expediente.

Abriado a ordem do dia, declarou o presidente ser esta a celebração da passagem do centenário do nascimento do Barão do Rio Branco, alongando-se em justas

e brilhantes considerações, sobre a figura proeminentíssima do grande chanceler brasileiro que tão altos serviços prestou ao país. Deu em seguida a palavra ao orador oficial da solenidade, Dr. Felte Bezerra, que subiu à tribuna homenageado por uma geral salva de palmas.

Discorreu o culto orador por espaço de quasi uma hora sobre a figura inconfundível do Barão do Rio Branco, sendo suas últimas palavras abaladas por uma prolongada salva de palmas.

Falou em seguida o presidente, franqueando a palavra a quem dela quisesse fazer uso. Como ninguém se utilisasse da franquia, agradeceu o presidente a presença das autoridades públicas, das escolas, seus mestres e directores e a todas as pessoas, em fim que occorrem ao Instituto, dando maior brilho à solenidade.

Compareceu como representante do senhor Interventor federal o secretário Geral do Estado, em exercício, Dr. Arício Guimarães Fortes e pessoalmente o Prefeito da Capital, senhor José Garcez Vieira; o comandante da Guarnição federal, senhor coronel Liberato Barroso; e o comandante da Fôrça Policial, coronel Bernardino Dantas que se fez acompanhar de sua luzida officialidade.

Estiveram presentes também os directores do Colégio Estadual de Sergipe Professor Joaquim Sobral, e da Escola Normal Rui Barbosa, Professor José de Alencar Cardoso, acompanhados de numerosos discentes dos seus estabelecimentos.

O prédio da referida Escola Normal também compareceu, sob a direcção do professor Genaro Plech, dando à festa maior brilho. Tocou no saguão do edificio a banda da Fôrça Policial, por gentileza do senhor coronel comandante da mesma Fôrça.

Encerrada a sessão, eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionario administrativo, lavrei a presente ata, calcada sobre as notas fornecidas pelo 2.º secretário jornalista Antilóquio Vale.

(cc) **Hunald Cardoso**, presidente  
**Antilóquio Vale**, 2.º secretário

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 6 de Maio de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, desembargador Hunald Cardoso, Dr. José Calazans, major João Nunes de Melo, Epiânio Dória e jornalista Antilóquio Vale, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Foram lidas e aprovadas, sem emendas, as atas de 6 e 20 de Abril.

Constou o expediente do seguinte:

**CIRCULARES:** do tabelião do 4.º Ofício de Justiça desta Capital, Antônio Henriques dos Santos, comunicando a sua posse; do 1.º secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, comunicando a posse de sua nova diretoria; e do gerente do Observador Econômico e Financeiro, oferecendo à biblioteca do Instituto um opúsculo em que se publicou uma entrevista do economista Dr. Valentim Baúças.

**OFÍCIOS:** Do senhor Hugo de Araújo Faria, comunicando ter assumido a direção da Delegacia Regional do Trabalho neste Estado; do Professor Francisco Curt Lange, acusando a recepção de números da Revista do Instituto que lhe foram remetidos; do chefe administrativo da Imprensa Oficial do Estado de Minas, comunicando a remessa de números atrasados do jornal "Minas Gerais" que lhe foram pedidos; do prefeito municipal da Capital acusando a recepção de um exemplar do Relatório do Instituto, relativo ao ano de 1944; e do comandante Dídio Iratim Afonso da Costa, comunicando não poder remeter ao Instituto os Almanaques do Ministério da Marinha de 1943 e 1945, o primeiro por se achar esgotado e o segundo por não ter sido impresso ainda.

**CARTA.** Do Dr. Santos Pereira e senhora, agradecendo as condolências do Instituto pelo falecimento do consócio Almirante Amintas Jorgy.

**TELEGRAMA** do sócio correspondente, acadêmico Afonso Costa, agradecendo a oferta de um exemplar do Tratado da Língua Vernácula, do professor Bricio Cardoso.

**PROPOSTA DE SÓCIO EFETIVOS** apresentada por cinco sócios quites, sendo candidatos os conterrâneos José Apóstolo de Oliveira Neto e Carlos Alberto de Barros Sampaio.

Mandou o Senhor presidente que se agradecesse o expediente lido, arquivando-se depois, despachando à comissão de admissão de sócios a proposta lida.

Constou ainda o expediente de vários livros, folhetos, revistas e jornais recebidos do país e do estrangeiro.

Aberta a ordem do dia, não houve matéria a discutir. Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Inês Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata calcada sobre as notas do senhor 2.º secretário, jornalista Anflóquio Vale.

(cc) **Hunald Cardoso**, presidente  
**Anflóquio Vale**, 2.º secretário

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
realizada a 8 de Junho de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, desembargador Huncald Cardoso, Dr. José Calazans, major João Nunes de Melo, Epitânio Dória e jornalistas Anfilóquio Vale foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e aprovada sem emendas a ata da sessão anterior.

Constatou o expediente do seguinte:

**CIRCULARES:** da Academia Sulrio-grandense de Letras, do Rotary Club do Recife e do Grémio Cultural Clodomir Silva, comunicando a eleição e posse de suas novas diretorias.

**OFÍCIOS:** do diretor geral do Departamento da Fazenda do Estado e do Diretor da Secretaria Geral do Estado, ambos agradecendo a comunicação de posse do 1.º vice-presidente no exercício interino da presidência; do 1.º secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, acusando o recebimento de um exemplar do **Tratado da Língua Vernácula** do professor Brício Cardoso, agradecendo, ao mesmo tempo, a remessa do mesmo; do diretor da Biblioteca Pública de Pernambuco comunicando ter remetido à biblioteca do Instituto obras que mencionou; do Dr. Carlos da Silveira, agradecendo a sua eleição para sócia correspondente e remetendo a devida joia; do chefe administrativo da Imprensa Oficial do Estado de Minas, José Aroeira Filho, comunicando a remessa de vários números atrasados do jornal "Minas Gerais", e, finalmente, do diretor do Arquivo Nacional informando como poder o Instituto obter cópias de documentos sobre Sergipe existentes no mesmo Arquivo.

**TELEGRAMA:** do Interventor Federal no Estado, coronel Augusto Maynard Gomes, comunicando ter transmitido o exercício da Interventoria federal ao bacharel Francisco Leite Neto, por ter de seguir para a Capital da República a fim de tratar de interesses da administração pública.

**CARTA:** do pintor sergipano Dr. Jordão de Oliveira, assim concebida: "Rio, 12 de Maio de 1945. Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe: Meus cumprimentos atenciosos. A estas horas, deve ter aportado, já, a Aracaju, um retrato a óleo, de minha autoria, destinado a homenagear, nessa nobre instituição que V. Excia. brilhantemente preside, a figura do seu ilustre e inimitável secretário — Epitânio da Fonseca Dória. Essa homenagem tem dupla finalidade: primeiramente, concorrer, dentro das minhas possibilidades modestas, para o engrandecimento dessa casa; depois tornar-me veículo dessa justa equânime e imponente que preside, fóra de humanas contingências, à recompensa dos valores inconteste. Desde menino, habituel-me a ver no antigo bibliotecário de Sergipe um dos seus mais úteis filhos. E a minha admiração mais se avoluma, depois que possa constatar ser o seu nome familiar aos meios intelectuais dos quais me

tenho aproximado, pela insistência, pela mística, mesmo, com que êle vem defendendo e atualizando a cultura em nossa terra. Oferecendo, por isso, a êsse empório das nossas tradições êsse retrato, sinto cumprir com um dever e espero a simpatia com que o faço não precise de contágio para que êle seja colocação na altura que merece o retrato e com a solenidade a que faz jus. Apresento a V. Excia. os meus protestos do mais alto apreço. O am<sup>o</sup>, ob<sup>o</sup>. (A) **Jordão de Oliveira.**

Constou ainda o expediente de vários livros, opúsculos, revistas e jornais recebidos do país e do estrangeiro. Mandou o presidente arquivar o expediente lido, depois de respondido.

Aberta a ordem do dia foi lido um parecer da comissão de admissão de sócios opinando pela aceitação dos nomes de José Apóstolo de Oliveira Neto e Carlos Alberto de Barros Sampaio para o quadro de sócios efetivos, parecer que foi unanimemente aprovado, mandando o presidente que se fizessem as devidas comunicações.

O 1.<sup>o</sup> secretário Epifânio Dória, a cargo de quem tem estado a direção da secretaria e os serviços de biblioteca e museu, comunicou ter adquirido pela quantia de 220 cruzeiros um fichário de cedro, executado sob traçado seu. Comunicou ainda que se acham terminados os trabalhos de remodelação no terceiro pavimento para instalação do museu, e que tem continuado a mandar encadernar as obras da biblioteca, a despeito da grande carestia do material e mão de obra. Propôs que se aceitasse a sugestão do diretor do Arquivo Nacional para a cópia de documentos sobre Sergipe existentes no mesmo Arquivo. Expôs que a moldura da tela-retrato oferecida pelo pintor contemporâneo Dr. Jordão de Oliveira, custára a cifra de Cr.\$ 200,00 e as despesas de embalagem, transporte e seguro da referida tela orçada em Cr.\$ 164,60, somando tudo quantia Cr.\$ 364,60, cujo pagamento foi logo autorizado.

Sugeriu ainda o 1.<sup>o</sup> secretário que o Instituto promovesse a realização de uma sessão solene na cidade da Estância, uma das mais prósperas do Estado sob os pontos de vista cultural, econômico e social, onde há vários sócios efetivos que não puderam vir à Capital para receber os seus diplomas os quais serão entregues na sessão avertada, ficando o mesmo 1.<sup>o</sup> secretário encarregado de conseguir o transporte da Diretoria do Instituto, sem nenhum onus para o sodalicio, assunto que ficou resolvido, dependência de demarches posteriores para ser escolhido o dia.

Ficou também assentado que se realizasse uma sessão especial em homenagem à memória dos sócios recentemente falecidos, professores Adrias Bazzera e Artur Fortes e Almirante Amintas Jorge, ficando desde logo, a cargo do consócio desembargador Hunald Cardoso, falar sobre o Almirante Amintas Jorge.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sobre as notas do 2.º secretário jornalista Anfilóquio Vale.

(cc) José Augusto da R. Lima, presidente  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe  
de 8 de julho de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria Professor José Augusto da Rocha Lima, Dr. José Calazans Brandão da Silva, Major João Nunes de Melo, jornalista Anfilóquio Vale e Epifânio da Fonseca Dória, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Foi lida e aprovada a ata da sessão anterior, com uma emenda sugerida pelo consócio Epifânio Dória, dizendo que na próxima sessão solene do dia 23, em homenagem aos sócios falecidos Almirante Amintas Jorge, e Professores Abdias Bezerra e Artur Fertes, falará o consócio desembargador Hunsald Cardoso sótero e professor Abdias Bezerra e não sobre o Almirante Amintas.

O expediente consta do seguinte:

**CIRCULARES.** Do desembargador Hunsald Cardoso, comunicando ter assumido as funções de presidente do Tribunal de Apelação do Estado, para as quais fóra nomeado pelo Exmo. Sr. Interventor Federal; e do coronel comandante geral da Força Policial do Estado, oferecendo um exemplar e Almanaque da mesma Força referente ao ano corrente.

**CARTA** da Biblioteca, Arquivo Público e Museu Histórico do Piauí agradecendo a remessa de um exemplar do n. 17 da Revista deste Instituto.

**OFÍCIOS:** Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo solicitando a remessa, em serviço de permuta, de volumes que possuímos em duplicata; dos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda., remetendo uma coleção completa da sua revista **Aérosul**; e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, remetendo volumes que lhe foram depósitos.

**TELEGRAMAS:** do Dr. Márcio Rolemberg Leite convidando o Instituto, em nome da Comissão organizadora (do Comité Popular do Centro da Cidade, para comparecer à instalação do mesmo comité; e do Dr. E. Vilhena de Moraes, diretor

do Arquivo Nacional, comunicando ter mandado fazer a reprodução cópia-fotostática de numerosos documentos ligados à história de Sergipe existentes no mesmo Arquivo para serem incorporadas ao documentário deste Instituto, atendendo assim ao pedido que lhe havíamos feito.

Constou ainda o expediente de vários livros, folhetos, revistas e jornais, recebidos do país e do estrangeiro.

Mandou o presidente que se arquivasse o expediente lido, depois de respondido.

Foi lida uma proposta firmada por 5 sócios no sentido de ser eleito sócio correspondente e intelectual cápicaba Dr. Heráclito Amâncio Pereira, membro ilustre do sodalicio co-imão do Espírito Santo, mandando-a o presidente à comissão de sócios para o respectivo parecer.

Aberta a ordem do dia foram ventiladas várias assuntos, ficando marcada para o próximo dia 23 a sessão solene em homenagem à memória dos sócios falecidos Almirante Amintas Jorge, e Professores Abdias Bezerra e Artur Fortes, devendo falar na mesma sessão o desembarçador Hernaldo Cardoso sobre o Professor Abdias Bezerra, o Dr. Garcia Moreno sobre o Professor Artur Fortes e o poeta João Freire Ribeiro sobre o almirante Amintas Jorge.

Foram trocadas idéias sobre a próxima eleição da Diretoria que ha de gerir o Instituto no biênio de 1945-1947.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calceija sobre as notas fornecidas pelo 2.º secretário jornalista Anfilóquio Vale.

(aa) José Augusto da Rocha Lima, presidente  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

---

Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, realizada a 23  
de julho de 1945.

Presentes vários sócios, o senhor Interventor Federal substituto, em exercício, Dr. Francisco Leite Neto, o senhor Prefeito da Capital, José Garcez Vieira, professores, diretores e alunos dos estabelecimentos de ensino secundário e normal da Capital, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade Aracajuana, foi aberta a sessão pelo presidente Professor José Augusto da Rocha Lima. Não houve leitura de ata nem apresentação de expediente, que ficaram adiados para a sessão ordinária.

Aberta a ordem do dia o presidente declarou ser ela uma homenagem do Instituto à memória dos sócios falecidos Professores Abdias Bezerra e Artur Fortes, e do Almirante Amintas José Jorge. Convidou em seguida o Senhor Interventor Federal substituto, em exercício, a presidir a sessão, no que foi satisfeito.

É então concedida a palavra ao desembargador Hunaíd Cardoso que ocupou imediatamente a tribuna, por entre aplausos da assistência, e proferiu brilhante discurso, traçando o perfil do professor Abdias Bezerra, sendo, ao terminar, alvo de demorada salva de palmas.

Foi dada, em seguida, a palavra ao intelectual conterrâneo João Freire Ribeiro que subiu à tribuna sob palmas do auditório. Proferiu eloquente discurso que foi vivamente aplaudido, ao terminar.

Ocupou, por fim também sob salva de palmas, o Dr. Garcia Moreno, proferindo empolgante discurso, oferecendo ao Instituto um retrato a óleo do Professor Artur Fortes, trabalho do pintor conterrâneo Álvaro Santos, oferta esta dos amigos do grande professor secundário e inspirado poeta e prosador, que foi Artur Fortes. O discurso do Dr. Garcia Moreno foi vivamente aplaudido.

Falou em seguida o presidente do Instituto, Professor José Augusto da Rocha Lima, agradecendo aos amigos do Professor Artur Fortes a preciosa dádiva feita ao sodalício, e demonstrando quanto ela foi jubilosamente aceita e quão cuidadosamente será conservada a effigie do mestre querido como uma de nossas melhores relíquias. Teceu a seguir eloquente referências à memória do saudoso educador pátrio e às de Abdias Bezerra e Amintas Jorge, também grandes para o nosso culto cívico.

Encerrando a sessão o Interventor Federal substituto, em exercício, Dr. Francisco Leite Neto, disse do seu prazer em assistir tão bela sessão, a cujos elevados intuitos se associava, dando os seus aplausos ao Instituto Histórico pela iniciativa daquela homenagem a memórias tão credoras de nossa veneração.

Agradeceu em seguida aos presentes o seu comparecimento à brilhante sessão, que declarou encerrada, e da qual eu, Maria Iolanda Menção, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, servindo-me dos dados fornecidos pelo segundo secretário, jornalista Antilóquio Vale.

(aa) José Augusto da R. Lima, presidente

Antilóquio Vale, 2.º secretário



**Ata da sessão de eleição da Diretoria e  
Comissões Permanentes do Instituto His-  
tórico e Geográfico de Sergipe, realizada  
a 30 de Julho de 1945.**

As 20 horas do dia 30 de Julho do ano de 1945, no edifício do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, presentes 25 sócios quite, e inclusive a maioria dos membros da Diretoria, tomou-se a mesa da Assembléa Geral, ocupando a presidência o professor José Augusto da Rocha Lima e os lugares de 1.º e 2.º secretários os sócios Epitânio da Fonseca Dória e jornalista Antilóquio Vale. O presidente declarou aberta a sessão e mandou proceder à leitura das atas das sessões de 8 e 23 do mês expirante, as quais, postas em discussão e reinando silêncio, foram aprovadas, sem emendas.

O expediente constou do seguinte:

**CARTA.** Da redacção do Boletim Shell, do Rio de Janeiro, comunicando ter atendido à solicitação do Instituto, quanto à remessa de um número extraviado.

**CIRCULARES** (duas). Do presidente do Centro de Estudos Histórico-militares de Lima, Capital da República do Perú, comunicando a recente fundação do mesmo Centro e pedindo a remessa de uma coleção da Revista deste Instituto; e do comando do 28.º B. C., sedado nesta Capital, convidando os membros deste Instituto para a missa de **Requiem** pelas vítimas da tragédia do vapor Baía.

**OFÍCIOS.** (12). Do Departamento de Assistência às Cooperativas da Pernambuco, comunicando o envio de publicações que lhe foram pedidas; da Biblioteca Pública do Estado enviando o nome do seu consultante a quem deve ser entregue o prêmio Dr. Nobre de Lacerda, instituído pelo Dr. Newton Lacerda; do Departamento de Imprensa e Propaganda de S. Paulo, comunicando o envio de volumes que lhe foram pedidos; do Instituto Geográfico e Geológico de S. Paulo, comunicando a sua recente instalação e pedindo a remessa da Revista deste Instituto; do Grupo Escolar João Ribeiro, da cidade de Laranjeiras, enviando o nome do aluno do mesmo Grupo a quem deve ser entregue o prêmio Dr. Nobre de Lacerda, instituído pelo Dr. Newton Lacerda; do Colégio Estadual de Sergipe, em idêntico sentido; da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, comunicando ter atendido ao apêlo deste Instituto, quanto à remessa de números do Diário Oficial; do Ministério das Relações Exteriores, comunicando a remessa de Relatórios do Ministro daquela pasta; da Faculdade de Direito da Bahia, acusando o recebimento de volumes enviados por este Instituto, em serviço de permuta de duplicatas; do Departamento Estadual de Estatística do Rio Grande do Norte, comunicando a remessa de publicações a este Instituto; do Banco do Brasil, comunicando a remessa de um exemplar do Relatório do mesmo estabelecimento de crédito, relativo ao ano de 1944; e da Imprensa Oficial do Estado de Minas, comunicando a remessa de exemplares do "Minas Gerais" que lhe foram pedidos.



Para a Comissão de Fazenda e Orçamento: Coronel Francisco de Souza Porto, 26 votos; Irineu Marques de Oliveira, 25 votos; Professor Benedito Oliveira, 22 votos; Coronel Eurípedes Esteves Lima, 3 votos; Armando Barreto e Major João Nunes de Melo, um voto cada.

Para a Comissão de História: Professor José Sebrão de Carvalho Sobrinho, 26 votos; Dr. Gonçalo Roemberg Leite, 25 votos; Dr. João de Araújo Monteiro, 24 votos; Cônego Serapião de Aguiar Machado, Desembargador João Bosco de Andrade Lima e Cônego José Geminiano de Freitas, um voto cada. ?!

Para a Comissão de Geografia: Dr. José Roemberg Leite, 26 votos; Dr. Felte Bezerra, 25 votos; Dr. Severino Pessoa Uchôa, 22 votos; Coronel Eurípedes Esteves Lima, 3 votos; Dr. Luiz Garcia, Professor Napoleão Argêlio de Oliveira Dória, um voto cada um.

Para a Comissão de Manuscrito e Autógrafos: Alfredo Gomes de Oliveira, 26 votos; Desembargador João Dantas Martins dos Reis e Major João Nunes de Melo 25 votos cada, Professor Napoleão Argêlio de Oliveira Dória e Dr. José Calazans Brandão da Silva, um voto cada.

Para a Comissão de Admissão de sócios: Major Niconor Ribeiro Nunes, 25 votos; Dr. Laura Dantas Hara e Armando Barreto, 21 votos cada; Tenente Damião Mendonça de Santana, 18 votos; Cônego Serapião de Aguiar Machado, 3 votos; Major João Nunes de Melo, Dr. Manuel Cabral Machado e Coronel Eurípedes Esteves Lima, um voto cada.

Para a Comissão de Revista: Dr. Carlos Garcia e José Apóstolo de Oliveira Neto, 26 votos cada; Monsenhor Carlos Camêlio Costa, 25 votos; Dr. Antônio Garcia Rosa, um voto.

Anunciou em seguida o presidente que obtiveram maioria, sendo, consequentemente, elitos:

- Presidente, Dr. José Calazans Brandão da Silva
- 1.º vice-presidente, Desembargador Hunald Santalor Cardoso.
- 2.º vice-presidente, Professor José Augusto da Rocha Lima.
- Orador, Dr. João Batista Perez Garcia Moreno.
- Secretário Geral, Tenente Damião Mendonça de Santana.
- 1.º secretário, Epifânio da Fonseca Dória.
- 2.º secretário, jornalista Anilóquio Vale.
- Tesoureiro, Professor Napoleão Argêlio de Oliveira Dória.

Comissão de Fazenda e Orçamento: Coronel Francisco de Souza Porto, Irineu Marques de Oliveira e Professor Benedito Oliveira.

Comissão de História: Professor José Sebrão de Carvalho Sobrinho, e Drs. Gonçalo Roemberg Leite e João de Araújo Monteiro. 24...

Comissão de Geografia: Drs. José Roemberg Leite, Felte Bezerra e Severino Pessoa Uchôa.

*houve de importância a homenagem  
dessa gente!...*

Comissão de Manuscrito e Autógrafos: Desembargador João Dantas Martins dos Reis, Alfredo Gomes de Oliveira e Major João Nunes de Melo.

Comissão de Admissão de Sócios: Major Nicanor Ribeiro Nunes, Dr. Lauro Dantas Hora e Armando Barreto.

Comissão de Revista: Dr. Carlos Garcia, José Apóstolo de Oliveira Neto e Mosenhor Carlos Camélio Costa.

Anunciando este resultado o presidente franqueou a palavra a quem quisesse fazer uso para formular reclamações ou protestos sobre o mesmo. Reunido silêncio proclamou eleitos os sócios que obtiveram maioria de votos. Foi lida em continuação um parecer da Comissão de Admissão de Sócios, opinando pela acção do nome do Dr. Heráclito Amâncio Pereira para sócio correspondente. Feito em discussão, reinou silêncio; posto a votos foi aprovado unanimemente. Foi lida em seguida uma proposta firmada por 26 sócios propondo nome do escritor patricio Dr. Vilhena de Moraes, diretor do Arquivo Nacional para sócio honorário.

O consócio Epifânio Dória, um dos subscritores da proposta, lembrando que os membros da Comissão de Admissão de sócios tinham assinado a proposta, dando assim o seu *placet* à admissão do sócio proposto, requereu que a casa dispensasse a proposta do Interstício para o parecer da mesma Comissão, já tacitamente dada, e fosse submetida a votos, o que tudo foi aprovado, mandando o senhor presidente que a secretaria fizesse as devidas comunicações.

Foi em seguida suspensa a sessão pelo tempo necessário para a lavratura desta ata que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei, servindo-me das notas fornecidas pelo 2.º secretário jornalista Antilóquio Vale. Concluída a sessão foi a mesma ata lida e aprovada sem emendas.

(ao) José Augusto da R. Lima, Presidente  
Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Antilóquio Vale, 2.º secretário

---

Ata da sessão solene de posse da nova  
Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico  
de Sergipe, realizada a 8 de Agosto de 1945

Aos seis dias do mês de Agosto de ano de mil novecentos quarenta e cinco, às vinte horas, no edificio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, presentes grande número de sócios, autoridades públicas, civis, militares e eclesiásticas; diretores, professores e alunos de estabelecimentos de ensino, entre os quais se

avulavam os do Instituto Pedagógico Rui Barbosa e Colégio Estadual do Sergipe; cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local; e representantes da imprensa, foi aberta a sessão, sob a presidência do professor José Augusto da Rocha Lima.

Não houve leitura de ata nem de expediente. Ao declarar aberta a sessão o presidente, professor José Augusto da Rocha Lima, proferiu eloquente improviso sobre a solenidade que se realizava, tecendo comentários sobre a vida do Instituto, sua evolução e seus serviços à cultura, referindo-se também à inauguração dos retratos na galeria dos presidentes do Instituto, fazendo referências elogiosas aos antigos presidentes Epitácio da Fonseca Dória e desembargador Hunald Cardoso, cujos retratos iam ser emcorporados à referida galeria. Leu em seguida a nomenclatura da nova Diretoria e comissões permanentes, convidando, por fim, o novo presidente, Dr. José Calazans Brandão da Silva, a ocupar a sua cadeira, o que se realizou imediatamente, sob prolongada salva de palmas.

O presidente empossado proferiu, a seguir, o discurso de posse que foi interrompido de aplausos da numerosa e seleta assistência.

Referindo-se à incorporação de mais três retratos à galeria dos presidentes fez menção lisonjeira a cada um dos seus antecessores, alvos daquela homenagem, a saber: Epitácio da Fonseca Dória, desembargador Hunald Santafior Cardoso e professor José Augusto da Rocha Lima, salientando o gesto generoso do grande pintor sergipano Dr. Jordão Oliveira, que ofereceu ao Instituto o retrato do antigo presidente Epitácio da Fonseca Dória.

Seguiu-se ao seu discurso uma prolongada salva de palmas. Cessados os aplausos convidou, cada um de per si, as alunas do Colégio Estadual do Sergipe, João Machado Ralenberg e Inez Corrêa, bem como a aluna do Grupo Escolar de Laranjeiras, Maria Bárbara da Costa Soares para receberem os prêmios escolares DR. NOBRE DE LACERDA, instituídos pelo Dr. Newton Lacerda, clínico em João Pessoa, prêmios que foram entregues, respectivamente, pelo Dr. Marcos Ferreira, representante do Senhor Interventor Federal, coronel Liberato da Cruz Barroso, comandante do 28.º B. C. e desembargador Hunald Cardoso, presidente do Tribunal de Apelação do Estado.

Foram a seguir entregues, com a devida solenidade, os diplomas dos sócios efetivos Dr. Severino Pessoa Uchôa, Dr. Carlos Vieira Sobral, industrial Orlando Vieira Danias e contabilista José Amado do Nascimento.

Ocupou depois a tribuna, sob aplausos da assistência, o 1.º tenente do exército Domingos Mendonça de Santana, orador designado para a solenidade da inauguração dos retratos dos antigos presidentes acima referidos.

Proferiu longo e aplaudido discurso em que pôs em relevo a atuação dos homenageados na direção do Instituto. Ao terminar foi o orador saudado por demorada salva de palmas.

Falou, a seguir, o desembargador Hunald Cardoso, em brilhante improviso,

agradecendo por si e pelos seus dois companheiros na homenagem recebida, a distinção de que usavam de ser alvos, tecendo elogios às administrações dos presidentes Epifânio da Fonseca Dória e professor José Augusto da Rocha Lima.

Ocupou depois a tribuna o preparatoriano do Colégio Estadual de Sergipe, João Machado Roemberg, agradecendo por si e pelos seus companheiros premiados, o gesto cívico do Dr. Newton Nobre de Lacerda, instituindo prêmios que propiciavam estímulos aos que estudam, sendo o seu discurso aplaudido pela assistência.

Franqueada a palavra a quem dela quisesse fazer uso, reinou silêncio, pelo que o presidente encerrou a sessão, agradecendo às autoridades públicas, aos mestres e alunos, a todos, em suma, que, com sua presença, emprestaram maior brilho à sessão do Instituto.

Tocou no saguão do edifício, durante a sessão, a banda da Força Policial, gentilmente cedida pelo comandante geral da mesma Força coronel Bernardino Dantas.

Nada mais ocorrendo, eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, servindo-me das notas apanhadas pelo 2.º secretário jornalista Antilôquio Vale.

(aa) José Calazans Brandão da Silva, Presidente  
Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damião M. de Santana, Sec. Geral

---

Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 13 de Agosto de 1945

Aos treze dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos quarenta e cinco, às vinte horas, na sede social, presentes o Dr. José Calazans Brandão da Silva, Tenente Damião Mendonça de Santana, Epifânio da Fonseca Dória, jornalista Antilôquio Vale, Dr. João Batista Perez Garcia Moreno, Professor Napoleão Argôlo de Oliveira Dória e os engenheiros Laura Fontes, Gentil Tavares da Mota e Fernando de Fiquelredo Porto. Foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e aprovada, sem emendas, a ata da sessão do dia seis. O expediente consistiu do seguinte:

CARTA do capitalista Senhor José Couto de Faria comunicando ao presidente ter resolvido instituir o prêmio escolar **Professor Alfredo Montes**, de importância de cem cruzelros, a ser entregue, anualmente, pelo Instituto à aluna do Instituto Peda-

gógico **Rui Barbosa** que obtiver as mais elevadas notas de aproveitamento; e comprometendo-se a entregar, anualmente, ao sodalício, enquanto viver, a importância correspondente ao aludido prêmio.

**OFÍCIOS.** Da agência do Banco do Brasil nesta Capital atendendo ao pedido que lhe foi feito quanto à remessa de um exemplar do Relatório do mesmo Banco do exercício de 1943; do Professor Ariosto Fernández, comunicando a fundação do **Arquivo Antigo** e solicitando a remessa de publicações ao mesmo **Arquivo**; do Secretário da Interventoria no Estado oferecendo, em nome do Senhor Interventor Federal, uma coleção de selos postais comemorativos do Centenário do Barão do Rio Branco; do Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia, atendendo a um pedido deste Instituto; do Chefe do Departamento Administrativo do Ministério das Relações Exteriores, comunicando ter enviado os relatórios do mesmo Ministério dos anos de 1912 a 1919; do Prefeito Municipal desta Capital, agradecendo a comunicação da posse da nova Diretoria.

**TELEGRAMA** do Diretor da Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Saúde, respondendo uma consulta que lhe foi feita.

Constou ainda o expediente de diversos jornais e revistas do país e do estrangeiro, além de livros e opúsculos remetidos pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de S. Paulo (diversos); Faculdade de Direito da Bahia (diversos); Departamento de Administração do Ministério das Relações Exteriores (Relatórios de 1912 a 1919); Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro (Relatório de 1943); Agência do Banco do Brasil nesta Capital (Relatório de 1943).

Foram lidas, ainda no expediente, duas propostas de admissão para sócias efetivas apoiadas por cinco sócios quietes, a primeira indicando os nomes de: Pêzicles de Souza Gama, Avacy Primar de Vieira, Dr. João Franco de Santana, 1.º Tenente Jaime Rolimberg, Arivaldo Prata, Clóvis Sobral, Dr. Celso Oliva, Accloty Porto, Antônio Carvão Neto, Dr. Luciano Espinheira Fonseca, Dr. Laura Barreto Fontes, e a segunda os nomes de: José Couto de Faria, Prof. João Evangelista Cajueiro, Prof. Alcebíades Melo Vilas Boas, Prof. Cornélio da Silva Monteiro, Dr. Jorge de Oliveira Neto, Dr. José Aloisio de Campos, Dr. Armando Leite Rolimberg, Prof. José Fontes Cardoso, Prof. Augusto Pereira de Azevedo, Prof. Ofenizia Soares Freire, Prof. Flávio de Aquino Chagas, Dr. Veneriano Bastos Cardoso, Humberto Freire de Andrade, José Domingos Fontes, Dr. Clóvis Conceição, Valdemar Dantas e Válier Prado Franco.

Abrindo a ordem do dia o presidente comunicou que o Banco Mercantil Sergipense, num gesto de grande elegância moral, houve por bem instituir o prêmio escolar **Antônio Dias Rolimberg** do valor de 200 cruzeiros, a ser concedido, anualmente, por este Instituto ao melhor aluno da Escola Técnica de Comércio de Sergipe, correndo a despesa por conta do mesmo banco. Em continuação comunicou que o prêmio escolar **Professor Alfredo Montes**, instituído pelo capitalista Senhor José Couto de Faria e destinado à aluno do Instituto Pedagógico Rulo Barbosa que melhor nota

de aproveitamento tenha obtido no ano passado, será entregue no próximo dia 20 de Setembro, quando será inaugurado no salão próprio um retrato do saudoso educador pátrio, sendo orador da solenidade o Dr. Carvalho Neto, que foi seu discípulo. Comunicou mais que o Senhor Interventor Federal, coronel Augusto Maynard Gomes, desejoso de realizar quanto antes a transladação dos restos mortais do inolvidável sergipano Dr. José Rodrigues da Costa Dória para lugar condigno nesta Capital, havia encarregado este Instituto de estudar o melhor meio, e promover as passeias e solenidades para esse elevado fim: em consequência do que resolveu convocar os membros da Diretoria para a presente sessão, com a comparencia dos consócios engenheiros Gentil Tavares da Mota, Fernando de Figueiredo Porto e Lauro Barreto Fontes, afim de se estudar e resolver a local melhor para pouso final dos despojos do notável sergipano.

Em continuação o presidente Dr. José Calazans submeteu à consideração dos consócios presentes si se devia erigir um obelisco, uma estátua ou uma herma, em cujo pedestral possam ser recolhidos *per secula seclorum*, os despojos do homenageado.

Depois de trocas de opiniões, ficou resolvido que o local fosse o centro da praça que tem o seu nome, nesta Capital, construída aí um monumento a ser estudado na Capital da República por técnicos no assunto, por intermédio do consócio Dr. José Rolemberg Leite, atualmente aíf.

Usou da palavra o secretário geral 1.º Tenente Domício Mendonça de Santana e propôs que se lançasse na ata de hoje um voto de pesar pelo prematuro falecimento do grande expoente do espirito democrático que foi o presidente Franklin Delano Roosevelt, occorrido em Hyde Park, nos Estados Unidos, a 12 de Abril d'este ano, proposta que foi unanimemente aprovada.

O primeiro secretário, Epifânio da Fonseca Dória, propôs, por sua vez, que se consignasse também na ata de hoje um voto de pesar pelo falecimento dos sócios correspondentes Almirante Henrique Boiteux, occorrido na cidade do Rio de Janeiro, a 29 de Abril d'este ano, e coronel José Menezes, occorrido na mesma cidade, a 23 de Junho, também d'este ano.

Por deliberação unânime da Diretoria foram elevados para duzentos e cinquenta cruzellos metáris os vencimentos da auxiliar da Secretaria e da biblioteca, senhorinha Maria Iolanda Mendonça.

Nada mais occorrendo, o senhor presidente encerrou a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, auxiliar da secretaria da biblioteca, lavrei a presente ata, calcada sobre os dados fornecidos pelo 2.º secretário jornalista Antilóquio Vale.

(aa) José Calazans Brandão da Silva  
Ten. Domício Mendonça de Santana  
Antilóquio Vale, 2.º Secretário

Ver o verbete de Calazans  
do Restos Registros



**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 11 de Setembro de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria: Dr. José Calzans Brandão da Silva, 1.º Tenente Damião Mendonça de Santana, Epifânio da Fonseca Dória, professor Napoleão Aquêlio de Oliveira Dória, comiss. Antilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e aprovada a ata da sessão anterior com uma emenda sugerida pelo presidente, que declarou não ter o Banco Mercantil Sergipense fixado ainda a quantia a ser dada pelo referido estabelecimento de crédito para o prêmio escolar Dr. Antônio Dias Roemberg, a ser conferido anualmente à aluna do Instituto Pedagógico "Rua Barbosa", que maior nota de aproveitamento tenha obtido no ano escolar anterior à entrega.

O expediente constou do seguinte:

**CARTAS:** (4). Do 2.º sargento da Força Expedicionária Brasileira, **Humberto Bispo de Oliveira**, natural desta Capital, oferecendo um retrato seu tirado com o uniforme de campanha, para fazer parte das coleções rememorativas da ação da F. E. B. na guerra européa; da Companhia Telefônica Brasileira, do Rio de Janeiro, comunicando ter remetido à biblioteca do Instituto um exemplar da última edição da **Lista de Assinantes de Telefônios de Belo Horizonte**; da gerência do Banco Mercantil Sergipense, agradecendo a participação que se lhe fez da posse da nova Diretoria do Instituto; do Centro de coordenação inter-americana, na Baía, solicitando publicações para o intercâmbio cultural que está realizando pela Coordenação; e dos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda., agradecendo volumes que se mandou para a sua biblioteca.

**CIRCULARES:** (2). Do Centro Acadêmico **Rui Barbosa**, da Faculdade de Direito da Baía, pedindo a remessa de volumes e do Comitê Estadual do Partido Comunista do Brasil, convidando o Instituto para assistir à instalação do mesmo Comitê nesta Capital, a 28 de Agosto deste ano.

**CARTÕES:** (2). Do Professor Jucundino Andrade, agradecendo condolências enviadas pelo falecimento do seu progenitor professor Creste Andrade, e do General Beholdo Klinger, comunicando a remessa de um exemplar do primeiro volume de sua auto-biografia.

**IFÍCIOS:** (17). Da Alfândega de Aracaju; da 19.ª Circunscrição de Recrutamento; do Conselho Administrativo do Estado; da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado; da Delegacia do Imposto de Renda no Estado; da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos em Sergipe; da Força Policial do Estado; do Instituto Pedagógico Rui Barbosa; da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo; do Tribunal de Apelação do Estado e do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral, agradecendo a comunicação da posse da nova Diretoria deste Instituto; da Associação

Profissional dos Contabilistas neste Estado, agradecendo a cessão do salão do Instituto para uma de suas reuniões e comunicando a posse de sua Diretoria; da Companhia Energia Elétrica da Bahia, comunicando a remessa de um exemplar de sua última Lista de assinantes de telefônios; do Departamento de Assistência às Cooperativas de Pernambuco, comunicando ter atendido, em parte, o pedido do Instituto, remetendo exemplares de sua Revista; do Instituto Geográfico e Geológico de S. Paulo acusando o recebimento dos ns. 16 e 17 da Revista d'este Instituto; do Secretário da Fazenda e da Produção do Estado de Alagoas, comunicando a remessa de publicações que lhe foram pedidas e do Secretário Geral do Estado do Rio Grande do Norte, em idêntico sentido.

TELEGRAMAS. Dois do Dr. E. Vilhena de Moraes, diretor do Arquivo Nacional, um comunicando terem seguido as cópias de sessentas que lhe foram pedidas e outro agradecendo a sua eleição para sócio honorário e dois do Conselho Nacional do Serviço Social, sobre a subvenção federal de 1946.

Constou ainda de várias revistas e diversos jornais, livros e opúsculos recebidos do país e do estrangeiro, tendo sido ofertantes de livros e opúsculos a Associação Comercial do Rio de Janeiro (Carta Económica de Teresópolis); o Dr. José Calasans Brandão da Silva (38 volumes diferentes da revista **Cultura Política**); Dr. Graco Cardoso (O Brasil no 1.º Centenário da Independência, num grande volume ilustrado); Secretaria Geral do Estado do Rio Grande do Norte (Orçamento do mesmo Estado de 1941 a 1945); Dr. João Daudt de Oliveira (Conferência das Classes Produtoras, discurso proferido pelo ofertante); Secretaria da Fazenda e da Produção do Estado de Alagoas (Orçamentos do Estado de 1942 a 1945); Companhia Elétrica da Bahia (Lista de assinantes de telefônios de 1945) e Arquivo do Estado da Bahia (A revolução de 7 de Novembro de 1837, vol. IV).

Constou mais do expediente uma proposta firmada por mais de 25 sócios, para que considere sócio benemérito do Instituto o antigo sócio eletivo Epifânio da Fonseca Dória, proposta que foi despachada à Comissão de Admissão de sócios.

Mandou o Senhor Presidente que se arquivasse o expediente lido, depois de devidamente respondido, encaminhando-se à biblioteca os jornais, revistas e opúsculos recebidos.

Aberta a ordem do dia foram lidas dois pareceres da Comissão de Admissão de Sócios opinando pela aceitação para o quadro de sócios eletivos dos candidatos: Péricles de Souza Gama, Avacy Primardo Vieira, Dr. João Franca de Santana, 1.º Tenente Jaime Roemberg, Arivaldo Prata, Clovis Sobral, Dr. Celso Oliva, Aciofey Porto, Antônio Curvelo Neto, Dr. Luciano Espinheira Fonseca, Dr. Lauro Barreto Fontes, José Couto de Faria, Prof. João Evangelista Cafueiro, Prof. Alcebíades Melo Vilas Boas, Prof. Cornélio da Silva Monteiro, Dr. Jorge de Oliveira Neto, Dr. José Aloísio de Campos, Dr. Armando Leite Roemberg, Prof. José Fontes Cardoso, Prof. Augusto Pereira de Azevedo, Prof. Ofenísia Soares Freire, Prof. Flávio de Aquino Chagas.

Dr. Severiano Bastos Cardoso, Humberto Freire de Andrade, José Domingues Fontes, Dr. Clovis Conceição, Valdemar Dantas e Valtér Prado Franco.

Depois da leitura de cada parecer o senhor Presidente abriu discussão sobre cada um, submetendo em seguida, um a um a votos, sendo ambos aprovados unanimemente, mandando o mesmo senhor Presidente que se fizessem as comunicações de estilo.

O Presidente comunicou o falecimento do jornalista Mozart Abreu e mandou consignar na ata um voto de pesar pelo mesmo falecimento. Disse mais que os consócios Elmano Alves Ribeiro e Pedro Diniz Gonçalves Filho tinham oferecido ao Instituto os retratos, devidamente ampliados e emoldurados, respectivamente, do tenente aviador Aurélio Sampayo e do jovem Wilson Ribeiro do Bonfim, falecidos heroicamente na guerra européa, na defesa da soberania de sua pátria.

Comunicou mais que os antigos alunos do saudoso professor Alfredo de Siqueira Montes, Constância de Souza Vieira, Miguel Calasans, Josias Vieira Dantas, Dr. Getardo Corrêa de Araújo, Autran Costa, Carlos Dantas, Miguel Faro, José Francisco de Menezes Sobral, Adolfo Prado e D. América Brandão se haviam cotado entre si para a aquisição de um retrato em tela do pintor Alvaro Santos, oferecendo-o ao Instituto para ser inaugurado a 24 do corrente mês, tela cujo custo foi de Cr\$ 1.500,00.

O 1.º Secretário Epitácio da Fonseca Dória lembrou a necessidade de uma resolução modificadora dos Estatutos. Designou o Presidente uma comissão composta dos consócios 1.º Tenente Damião Mendonça de Santana, desembargador Haroldo Cardoso e professor José Augusto da Rocha Lima para redigir um anteprojeto de reforma.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata com os dados fornecidos pelo 2.º Secretário jornalista Antilóquio Vale.

(aa) José Augusto da Rocha Lima  
Tan. Damião Mendonça de Santana  
Antilóquio Vale.

Ata da sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, realizada em homenagem à memória do Professor Alfredo de Siqueira Montes, a 1.º de Outubro de 1945

As 20 horas, presentes os membros da Diretoria, o senhor Interventor Federal

no Estado, coronel Augusto Maynard Gomes, autoridades civis e militares da União, professores e alunos dos estabelecimentos de ensino, especialmente do Instituto Pedagógico "Rui Barbosa", bem como crescido número de cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local, foi aberta a sessão pelo presidente Dr. José Calasans Brandão da Silva.

Foi lida e aprovada, sem emendas, a ata da sessão anterior.

No expediente foi lido um ofício do Director do Instituto Pedagógico "Rui Barbosa", comunicando que o prêmio escolar **Professor Alfredo Montes**, instituído pelo capitalista Senhor José Couto de Faria em favor da aluna do mesmo Instituto que melhores notas tenha obtido no último ano escolar, deveria caber à quartanista do referido Instituto, senhorinha Maria Prata Dantas.

Depois de ter declarado qual a ordem do dia da sessão o presidente Dr. José Calasans convidou o Senhor Interventor Federal no Estado à presidir a solenidade. Ao assumir a presidência o Senhor Interventor Federal, a orção do **Instituto Pedagógico Rui Barbosa**, sob a direção do Professor Genaro Plech, executou hinos patrióticos, depois do que foi entregue, com a devida solenidade, o prêmio **Professor Alfredo Montes** à senhorinha Maria Prata Dantas, que o recebeu sob palmas de assistência.

Obtida a palavra a mesma senhorinha agradeceu em rápido discurso, a distinção de que fôra aivo, recebida como um estímulo para prosseguir nos seus estudos.

Foi em seguida dada a palavra ao orador oficial da sessão, Dr. Carvalho Neto, antigo aluno do Professor Alfredo de Siqueira Montes, proferindo brilhante discurso que foi vivamente aplaudido pela seleta e numerosa assistência.

Nessa ocasião foi realizada, solenemente, a inauguração do retrato do saudoso mestre sergipano que deixou a traz de si uma larga tradição de saber e de virtudes. Em seguida o orção do **Instituto Pedagógico Rui Barbosa**, executou, sob aplausos repetidos da numerosa assistência, o hino nacional.

O presidente, depois de agradecer aos presentes o estímulo do seu comparecimento à solenidade, encerrou a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, servindo-me das notas tomadas pelo 2.º secretário Antilóquio Vale,

(10) José Calasans Brandão da Silva  
Eptânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damião Mendonça de Santana, Secre-  
tário Geral.

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Ser-  
gipe, de 24 de Outubro de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, Dr. José Calazans Brandão da Silva, Professor José Augusto da Rocha Lima, 1.º Tenente Damião Mendonça de Santana, Professor Napoleão Agêlio de Oliveira Dória, Epifânio da Fonseca Dória e Antilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida a ata da sessão anterior, sendo aprovada com uma emenda do Sr. Presidente, segundo a qual o prêmio escolar **Antônio Dias Roemberg**, instituído pelo Banco Mercantil Sergipense não foi a favor de uma aluna do Instituto Pedagógico Rul Barbosa, mas do aluno da Escola Técnica de Comércio **Conselheiro Orlando**, que tenha obtido a maior nota de aproveitamento no ano escolar anterior ao da entrega do prêmio.

O expediente foi o seguinte:

7 CARTAS, a saber: do Banco Mercantil Sergipense, desta Capital, enviando a quantia de duzentos cruzeiros, correspondente ao prêmio escolar **Antônio Dias Roemberg**, conferido ao aluno da Escola Técnica de Comércio de Sergipe, na forma acima referida; de Office of the Inter-American Affairs of the United State of America, comunicando ter enviado pacotes com publicações; da mesma organização, no Rio de Janeiro, comunicando não poder atender a um apêlo deste Instituto; do Instituto de Intercâmbio Cultural Mexicano — Russo, comunicando a remessa de números da revista **Cultura Soviética**; da Companhia Energia Elétrica da Baía, comunicando ter remetido a este Instituto um exemplar da última edição de sua **Lista de Assinantes de Telefones**; da Companhia Telefônica Brasileira fazendo igual comunicação, quanto à Lista de Assinantes de telefones de Belo Horizonte; da Biblioteca Nacional de Caracas, Venezuela, comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos.

3 CARTÕES, a saber: da Biblioteca da Faculdade de Direito de S. Paulo, remetendo o volume 39 da Revista da mesma Faculdade; do Ministro Bernardino de Souza e do Diretor do Museu Nacional, agradecendo a comunicação de posse da nova Diretoria.

5 CIRCULARES, a saber: do Rotary Club do Recife, do Instituto Histórico Paraibano e da Associação Sergipana de Imprensa, comunicando a posse de suas novas diretorias; do Chefe da 19.ª Circunscrição de Recrutamento convidando o Instituto para a sessão solene de encerramento da **Semana do Serviço Militar** e do Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia com um apelo em favor da Biblioteca Pública do Amazonas.

23 OFÍCIOS, a saber: da Diretoria Regional do Conselho Nacional de Geografia no Estado do Rio; do Arquivo Nacional; do Diário Oficial do Estado do Rio; do Departamento de Segurança Pública deste Estado; do Departamento Estadual de

Imprensa e Propaganda de Santa Catarina e dos Institutos Históricos da Baía, Minas Pará, Paraíba e Rio Grande do Sul, agradecendo a comunicação de posse da nova Diretoria d'este Instituto; do Prefeito Municipal desta Capital, oferecendo a este Instituto um retrato, devidamente emoldurado, do Duque de Caxias; do diretor da Escola Industrial Coelho e Campos (dois), oferecendo a este Instituto, com prévio assentimento da autoridade superior, um grupo de sala de visitas, com 13 peças, a qual pertenceu ao antigo político e escritor contemporâneo Dr. Felisbela Freire, dois retratos que figuravam no salão principal da referida Escola Técnica, sendo do Dr. Graça Cardoso e outro do Coronel Manuel Dantas, bem como um diploma de medalha de ouro conferido à referida Escola pelo Juri da Exposição Nacional de Pernambuco de 1940; do diretor do Departamento de Educação, pedindo a indicação de uma pessoa que represente este Instituto na comissão julgadora do **Torneio Educativo** instigado pelo mesmo Departamento; do Secretário das Finanças do Estado da Paraíba, remetendo uma coleção das Leis orçamentárias paraibanas de 1941 a 1945; dos secretários da Fazenda dos Estados da Baía e Pernambuco, no mesmo sentido, quanto aos orçamentos dos seus Estados; do Instituto Histórico do Pará, em resposta a outro d'este sodalício; da 19.<sup>a</sup> Circunscrição de Recrutamento, agradecendo o concurso prestado pelo Instituto às festividades da Semana do Serviço Militar; do diretor do Instituto Pedagógico Rui Barbosa enviando o nome da aluna daquele estabelecimento a quem deveria ser entregue o prêmio escolar **Alfredo Montes**, instituído e financiado pelo capitalista José Couto de Faria, do secretário; do Inspetor Regional de Estatística Municipal neste Estado (dois) solicitando dados estatísticos d'este Instituto; do Departamento de Assistência às Cooperativas de Pernambuco, comunicando a remessa de publicações que lhe foram pedidas; e do diretor do Serviço de Estatística da Educação e Saúde, pedindo dados sobre este Instituto.

Um telegrama do Diretor do Arquivo Nacional indicando o número de registro postal em que vieram cópias de seletorias sergipanas existentes no mesmo Arquivo.

Foi lida, após o expediente, uma proposta firmada pelos sócios Napoleão Dória, Professor José Augusto, Tenente Damião Mendonça, Epifânio Dória e Nelson de Freitas Garcez, indicando para sócios efetivos as seguintes pessoas: Cônego Louro de Souza Fraga, Cônego Miguel Barbosa Montez, Cônego João Moreira Lima, José de Goes Duarte, Antônio Leite Cabral, José Machado de Souza, Antônio Soares Santana, Dr. Carlos Firpo, Aloísio Prata, Dr. João Maynard Barreto, Professora Maria Sílvia Sobral e Dr. Urbano de Andrade Lima.

O presidente despachou a mesma proposta à Comissão de Admissão de Sócios.

Aberta a ordem do dia foi lido um parecer da referida comissão opinando pela aceitação do nome do Dr. Aloísio de Carvalho Filho para sócio correspondente, na Baía, sendo o mesmo unanimemente aprovado, recomendando o presidente que se

fizesse a devida comunicação. Foi lida, em seguida, um parecer da Comissão de Admissão de Sócios, favorável a proposta de vários sócios no sentido de passar à classe beneméritos o efetivo Epifânio da Fonseca Dória, parecer que foi unanimemente aprovado. O mesmo presidente comunicou que no próximo dia 5 de Novembro o **Centro D. Vital** entregará a este sodalício um retrato a óleo do saudoso intelectual sergipano Jackson de Figueiredo, como oferta do Dr. Hélio José Ribeiro, digno sócio deste Instituto. O secretário Geral 1.º Tenente Damião Mendonça de Santana, propôs que se incorporasse à galeria de vultos de destaque nas ciências e letras o retrato do ilustrado higienista conterrâneo Dr. Teodoro Nascimento, proposta que foi unanimemente aprovada.

Propôs mais o consócio 1.º Tenente Damião Mendonça de Santana que, à guisa do que sempre se fez neste Instituto, se faça constar em ata os nomes dos consócios proponentes de candidatos para o quadro social, ressalvadas as propostas constantes da última ata. Esta proposta foi igualmente aprovada com uma emenda do 1.º secretário Epifânio Dória no sentido de mencionar-se apenas o nome do primeiro da proposta com a declaração de tantos outros (indicando o número exato) quando se tratar de propostas para sócios honorários e beneméritos que exigem, pelo menos 25 signatários.

O presidente José Calasans submeteu a debates a idéia da celebração do 1.º Centenário da ensino secundário nucleado em Sergipe, com a fundação do Liceu de S. Cristóvão, pedindo o ponto de vista da maioria sobre se deveria solemnizar a data da Lei que criou o Liceu de São Cristóvão (Lei ns. 165, de 21 de Março de 1846, autorizando o governo a organizá-lo e 200, de 31 de Julho de 1847, criando-o) ou a data da instalação. Opinando a maioria pela última.

Ficou então assentado que o Instituto se comunicasse com os diretores de estabelecimentos secundários e pessoas estudiosas pedindo o seu concurso para que na celebração do aludido centenário se conheça bem a história educativa de Sergipe no plano dos estudos de humanidades.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata calcada sobre as notas fornecidas pelo 2.º secretário Anfilóquio Vale.

(aa) José Calasans Brandão da Silva. Presidente  
Epifânio da Fonseca Dória  
Anfilóquio Vale  
Ten. Damião Mendonça de Santana, Secretário Geral.

} ?!

} ?!

Wair  
uma co  
Tensio  
corad  
Escult  
huio...

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 13 de Dezembro de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, Dr. José Calzans Brandão da Silva, Dr. João Batista Perez Garcia Moreno, Professor Napoleão Agêllo de Oliveira Dória, 1.º Tenente Damiano Mendonça de Santana, Epifânio da Fonseca Dória e Antilóquio Vale, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Foi lida e aprovada, sem emendas, a ata da sessão anterior.

O expediente constou de :

Oito CARTAS, sendo : duas do Banco do Brasil, sobre a remessa ao mesmo estabelecimento de exemplares do Relatório de sua Diretoria existentes em duplicata na biblioteca do Instituto ; uma do intelectual pernambucano Dr. Sérgio Higino, sobre volumes que lhe foram pedidos ; uma do Departamento Nacional do Café, em idêntico sentido ; uma do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, acusando o recebimento de volumes que lhe foram remetidos ; uma de The Hispanic American Historical Review, rogando a remessa de volumes sobre história ; uma de The State Lenin Library of the USSR, propondo a permuta de publicações e uma da Associação de Cultura Franco Brasileira do Rio de Janeiro, enviando um exemplar dos seus Estatutos.

Dois CARTÕES : um do Instituto de Arquitetos do Brasil e Instituto Brasil Estados Unidos, convidando este Instituto a se representar na inauguração de uma exposição de fotografias da Marinha Norte-Americana sobre a "Guerra do Pacífico" a realizar-se no Rio de Janeiro a 20 de Novembro de 1945 e outro da Inspetoria Regional de Estatística Municipal nesta Capital, oferecendo ao Instituto um exemplar do Mapa Esquemático do Brasil, organizada e distribuído pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística por ocasião do X Congresso Brasileiro de Geografia.

Três CIRCULARES, sendo uma do coronel Bernardino Dantas, comunicando a sua posse no comando da Força Policial do Estado ; uma da União Espírita Sergipana, comunicando a eleição e posse de sua nova Diretoria ; e outra da Comissão de Homenagem, Assistência e Recepção à F. E. B., comunicando a sua organização nesta Capital, como ramificação da que se organizara no Rio de Janeiro e pedindo a adesão deste Instituto.

Dezesseis OFÍCIOS : um da Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Saúde, comunicando a aprovação da comprovação da subvenção deste Instituto relativa a 1944 ; um do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de S. Paulo, enviando publicações que lhe foram pedidos ; um do Sr. Emílio Dantas, comunicando ter assumido a direção dos Serviços de Água e Esgotos da cidade de Aracaju, para a qual foi nomeado ; um do diretor do Arquivo Nacional remetendo 99 cópias fotostáticas de sesmarhias sergipanas existentes em original no dito Arquivo ; um do diretor da Escola Industrial de Aracaju, pedindo permissão para



turmas de alunos da referida Escola visitarem este Instituto; um do Instituto Geográfico e Geológico de S. Paulo, comunicando a remessa de exemplares de sua revista; dois do Departamento de Educação do Estado, agradecendo ao Instituto o ter satisfeito um pedido seu e comunicando a posse do professor José de Alencar Cardoso no cargo de diretor do mesmo Departamento; um da Prefeitura Municipal de Itanhaém, Estado de S. Paulo, comunicando a criação de um Departamento Histórico, na dita Prefeitura; do secretário geral do Conselho Nacional de Geografia (dais) em resposta a outros que lhe foram encaminhados; um do Departamento de Assistência às Cooperativas de Pernambuco, comunicando a remessa de exemplares de sua revista; um do presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, enviando o programa da IV Assembléa do Instituto Panamericano de Geografia e História a realizar-se em Caracas, Venezuela, em Novembro de 1945; um da Secretaria das Finanças da Paraíba, enviando o Regulamento do Montepio dos Funcionários Públicos daquele Estado; um do Departamento da Fazenda do Estado do Maranhão, remetendo as leis orçamentárias do Estado de 1941 a 1945 e um do Departamento de Finanças do Estado do Pará remetendo as leis orçamentárias do Estado de 1941 e 1945.

Quatro TELEGRAMAS: um do diretor do Arquivo Nacional comunicando ter enviado pelo correio marítimo 89 cópias fotostáticas de sesmarias sergipanas existentes em original do dito Arquivo; um de D. Maria José de Melo Góis Cardoso comunicando ter assumido a presidência da Liga Brasileira de Assistência em Sergipe; um do presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, convidando este Instituto a assistir o encerramento das aulas e um do juiz da 1.<sup>a</sup> zona eleitoral desta Capital, requisitando salões do edifício d'este Instituto para o funcionamento de duas secções eleitorais na eleição de 2 d'este mês.

Constatou mais o expediente de revistas e jornais recebidos de várias procedências e dos seguintes donativos de livros e opúsculos: Rio Branco, o vulto e a obra pelo Dr. Felto Bezerra, oferta do autor, diversos volumes oferecidos pelo Adido Cultural Francês no Rio de Janeiro; O centenário do Marechal Bormann, Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, Generais da República de 15 de Novembro de 1889 a 31 de Dezembro de 1943 e Traços biográficos do Visconde de Cabo Frio, todas pelo coronel Laurêncio Lago, oferecidas pelo autor, Leis Orçamentárias do Estado do Pará de 1941 a 1945 oferecidas pelo Departamento de Finanças do mesmo Estado; Atlas cartográfico da cultura cafeeira no Estado do Espírito Santo e Cultura do Café no Brasil parte II (Espírito Santo) oferta do Departamento Nacional do Café; Leis orçamentárias do Estado do Maranhão dos anos de 1941 a 1945, oferta do Departamento da Fazenda do mesmo Estado; Relatórias do Ministério das Relações Exteriores da República 1914 a 1919 e 1943, oferta do Serviço de Documentação do mesmo Ministério; A Educação nos Estados Unidos da América, oferta do Serviço de Documentação do Ministério da Educação; diversos volumes de publicações oficiais de Pernambuco oferecidos pelo Dr. Sérgio Higino, e diversas publi-

cações oferecidas pela Biblioteca da Universidade de Santo Domingo da cidade de Trujillo, república dominicana.

Aberta a ordem do dia foi lido um parecer da Comissão de Admissão de Sócios, opinando pela aceitação dos candidatos cônegos, João Moreira Lima, Lauro de Souza Fraga e Miguel Monteiro Barbosa, José de Góis Duarte, Antônio Leite Cabral, Aloisio Barbosa Porto, Aloisio Prata, Dr. Fernando do Prado Maia, José Machado de Souza, Antônio Soares de Santana, Dr. Carlos Firpo, Dr. João Maynard Barreto, Prof. Maria Sílvia Sobral e Dr. Urbano de Andrade Lima Neto, parecer que foi aprovado unanimemente, mandou o presidente que se fizesse as devidas comunicações.

O 1.º secretário Eplânio Dória, expôs as dificuldades que vem encontrando para ver resolvido o pagamento da subvenção federal do ano expirante propôs que se consignasse na ata da sessão de hoje o pesar do Instituto pelo falecimento dos antigos sócios Drs. Alvaro Brito, João Firpo Filho e Evangelina de Faro, lembrando que o último ocupou a carga de Tesoureiro.

O presidente comunicou que uma comissão composta do mesmo e dos consócios 1.º Tenente Damião Mendonça e Dr. Garcia Moreno, esteve no palácio do governo apresentando ao consócio Desembargador Hernald Cardoso os cumprimentos do Instituto pela investidura do mesmo consócio nas funções de Interventor Federal no Estado.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Mendonça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sob as notas fornecidas pelo 2.º secretário Anilóquio Vale.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Anilóquio Vale, 2.º Secretário  
Ten. Damião Mendonça de Santana, Secre-  
tário Geral.

## ATAS DAS SESSÕES DO INSTITUTO

1 9 4 6

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
realizada a 25 de Fevereiro de 1946.**

Presentes os membros da Diretoria Dr. José Calasans, Dr. Garcia Moreno, Tenente Damião Mendonça, Epitânio Dória e Antilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro. Foi lida e aprovada, sem emendas, a ata da sessão de 13 de Dezembro de 1945.

O expediente constou de:

CARTAS de Office of Inter-American Affairs, sobre uma consulta do 1.º secretário; de Aloísio Prata, agradecendo a sua aceitação para sócio efetivo; de D. Querubina Etelvina de Carvalho Lima, oferecendo ao Instituto partituras de peças musicais do seu filho, o saudoso musicista sergipano José Ademar de Carvalho; de D. Conceição Freire de Meneses, pondo à disposição do Instituto relíquias históricas de sua ilustre família; do Professor José Augusto da Rocha Lima, sugerindo uma providência na expedição da Revista do Instituto; do Dr. Clovis Botelho Vieira propondo permuta de duplicatas de livros; e do Dr. Jordão Emerenciano, diretor do Arquivo Público de Pernambuco, agradecendo a remessa de publicações que solicitara.

CARTÕES, Da Biblioteca Rio-Grandense, da cidade do Rio Grande, oferecendo um livro ao Instituto; do presidente da comissão Organizadora da VII Exposição de animais e Produtos Derivados, convidando o presidente do Instituto para a solenidade inaugural da mesma Exposição; do Tenente Damião Mendonça comunicando que o comandante desta Região Militar desejava visitar o Instituto, em hora que indicou; do Inspetor Regional de Estatística neste Estado, oferecendo um

exemplar litografado do mapa esquemático do Brasil, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Acido Cultural Francês no Rio de Janeiro, agradecendo a envio de volumes.

**CIRCULARES.** Do Instituto Social Beneficente dos Funcionários e Operários dos Serviços de Água e Esgotos e Outros Serviços, do Aero Club de Sergipe e da Caixa Beneficente da Fôrça Policial, comunicando a eleição e posse de suas novas diretorias; do Te. Cel. Hermes Rodrigues Feltosa comunicando ter assumido as funções de comandante geral da Fôrça Policial, como substituto, nas férias do efetivo; do Sr. Edgard Barroso, comunicando estar respondendo pelo expediente da Prefeitura Municipal da Capital, desde 11 do corrente, por designação do Interventor Federal no Estado; do Cônego Domingos Fonseca de Almeida, comunicando a sua posse no cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação e do coronel Liberto Cruz Barroso, convidando a presidente deste Instituto para tomar parte nas solenidades promovidas pelas forças armadas em homenagem aos componentes da FEB.

**OFÍCIOS.** Do diretor de informações do Ministério das Relações Exteriores da Argentina, atendendo a um pedido feito pelo Instituto; do Secretário da Fazenda do Estado de Espirito Santo, enviando ao Instituto publicações oficiais que lhe foram pedidas; do Secretário do Interior do Estado de Goiás, em idêntico sentido; do Diretor do Departamento Estadual de Estatística de Sergipe, agradecendo dados históricos que lhe foram propiciados pela secretaria d'este Instituto; da Agência do Banco do Brasil nesta Capital, acusando o recebimento de uma cópia da ata da eleição da Diretoria d'este mesmo Instituto; do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (dois) sobre permuta de livros em duplicatas e da Associação Profissional de Contabilistas no Estado de Sergipe, agradecendo a concessão que lhe foi dada para realizar sessões em salas do edifício do Instituto.

**TELEGRAMAS.** Do diretor do Arquivo Público de Pernambuco, pedindo publicações oficiais de Sergipe; do Dr. Clóvis Botelho Vieira, propondo permuta de duplicatas de livros de sua autoria; do Secretário do Conselho Nacional de Serviço Social, comunicando a aprovação da prestação de Contas de 1943, do Secretária Geral do Conselho Nacional de Geografia, sobre a remessa de duplicatas de livros para a Biblioteca Pública do Amazonas; do Diretor da Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Saúde (claus) sobre o pagamento da subvenção Federal de 1945.

Constou mais o expediente de várias revistas, jornais e livros recebidos de várias procedências.

Mandou o Senhor Presidente que se arquivasse o expediente lido, depois de devidamente respondido.

Aberta a ordem do dia, o Secretário Geral, Tenente Damião Mendonça, comunicou que no dia 15 do mês em curso o general Cândido Caldas, comandante da 5.<sup>a</sup> Região Militar, a seu convite, visitou a sede do Instituto, manifestando a sua

boa impressão de tudo que lhe fôra dado observar, tendo sido nessa ocasião oferecida a S. Excia. um exemplar da História de Sergipe, da autoria do Dr. Felisbello Freire, bem como um exemplar do último número da Revista do Instituto.

O 1.º Secretário, Epitácio Dória, propôs que se consignasse na ata da sessão de hoje um voto de pesar pelo prematuro falecimento dos notáveis brasileiros Drs. Manoel Ribas, Fernando Costa, Antônio Carlos e Júlio Prestes, proposta que foi unanimemente aprovada.

O presidente, Dr. José Calasans, declarou que, por mais de uma vez, atendendo a pedidos de destacadas pessoas do nosso meio social havia cedido o salão de conferências para reuniões de partidos políticos organizados neste Estado e que, dando disso conhecimento à Diretoria, consultava se haveria algum inconveniente nessas concessões, ficando deliberado que nenhum inconveniente houve, de vez que não houve exclusão de partidos nem o sodalício se envolve nos questões partidárias, ficando sempre fora e alheio aos respectivos debates. Ficou ainda deliberado que o presidente, a seu critério, poderá continuar cedendo o salão a todos os partidos que o solicitarem, e estabelecidas as taxas de 10 e 20 cruzeiros, a primeira nos dias úteis e a segunda nos domingos, feriados e dias santos, pagas pelos promotores das reuniões, como gratificação à zeladora do edifício que nada percebe da Instituto por estes trabalhos extraordinários.

Ficou assentado que o sodalício, por sua Diretoria, se associasse às homenagens que se vão prestar ao nosso consócio Dom José Tomaz Gomes da Silva, Bispo desta Diocese, na passagem do cinquentenário de sua ordenação sacerdotal, já tendo o Sr. Presidente dado disso conhecimento a Monsenhor Carlos Costa, nosso digno consócio e um dos principais promotores das referidas homenagens.

Pelo Sr. Presidente foi assim comunicado à casa que, a partir do próximo mês de Março, serão realizadas, mensalmente, no salão do Instituto, conferências públicas, por pessoas estranhas à sua Diretoria, a seu convite, tendo sempre em conta o valor cultural das pessoas a serem convidadas, medida esta que visa a difusão e o intercâmbio cultural dos nossos conterrâneos, com a oportunidade de serem ouvidos e apreciados.

Em seguida o Sr. Presidente submeteu a debate sugestões sobre a organização do 1.º Congresso Regional de Geografia e História de Sergipe, sob os auspícios do Instituto, devendo realizar-se, possivelmente no mês de Outubro deste ano, ficando assentado que a comissão promotora ficaria constituída pela própria Diretoria do Instituto.

Resolveu-se, depois de estudado o assunto, celebrar-se a 21 de Junho vindouro o 1.º centenário do nascimento do velho educador e homem de letras de Sergipe professor Felix Diniz Barreto.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Maria Iolanda Men-

1.º  
2.º  
3.º  
4.º  
5.º  
6.º  
7.º  
8.º  
9.º  
10.º  
11.º  
12.º  
13.º  
14.º  
15.º  
16.º  
17.º  
18.º  
19.º  
20.º  
21.º  
22.º  
23.º  
24.º  
25.º  
26.º  
27.º  
28.º  
29.º  
30.º  
31.º  
32.º  
33.º  
34.º  
35.º  
36.º  
37.º  
38.º  
39.º  
40.º  
41.º  
42.º  
43.º  
44.º  
45.º  
46.º  
47.º  
48.º  
49.º  
50.º  
51.º  
52.º  
53.º  
54.º  
55.º  
56.º  
57.º  
58.º  
59.º  
60.º  
61.º  
62.º  
63.º  
64.º  
65.º  
66.º  
67.º  
68.º  
69.º  
70.º  
71.º  
72.º  
73.º  
74.º  
75.º  
76.º  
77.º  
78.º  
79.º  
80.º  
81.º  
82.º  
83.º  
84.º  
85.º  
86.º  
87.º  
88.º  
89.º  
90.º  
91.º  
92.º  
93.º  
94.º  
95.º  
96.º  
97.º  
98.º  
99.º  
100.º

donça, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, baseada sobre os apontamentos tomados pelo 2.º secretário Anilóquio Vale.

(cc) José Calasans Brandão da Silva, presidente  
Garcia Moreno  
Eplânio da Fonseca Dória  
Ten. Damião Mendonça de Santana, Secre-  
tário Geral.

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 23 de Abril de 1946.**

Presentes os membros da Diretoria: Dr. José Calasans Brandão da Silva, 1.º presidente Damião Mendonça de Santana, Dr. João Batista Pérez Garcia Moreno, Eplânio da Fonseca Dória e Anilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e regularmente aprovada a ata da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

**CARTAS.** Do desembarcador João Dantas M. dos Reis, oferecendo volumes à biblioteca; do Dr. Frederico de Barros Brotéro, em identico sentido; e da Biblioteca Rio-Grandense agradecendo a remessa do n.º 18 da Revista.

**CARTÕES.** Do Departamento de Cooperação Intelectual da União Pan Americana, enviando uma cópia da Resolução da Sociedade Boliviana da Venezuela que abriu um concurso entre escritores e historiadores das américas que desejem escrever sobre o tema: **O ideal Pan-Americano do Libertador, seu desenvolvimento, evolução e influência**; da Biblioteca Riograndense, enviando um opúsculo da mesma; da American Geographical Society, agradecendo a oferta de um exemplar do n.º 18 da Revista.

**CIRCULARES.** Do Dr. Oscar Batista da Nascimento, comunicando a sua posse no cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação; da firma Cia. F. Janer, sobre compra de papel de imprensa; do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, comunicando a eleição e posse de sua nova Diretoria; do Tenente-Coronel Hermeto Rodrigues Feitosa, (duas) uma comunicando a sua posse nas funções de comandante geral da Força Policial e outra oferecendo à biblioteca um exemplar do novo Regulamento da mesma Força; do Dr. José Carlos Borges, comunicando a sua posse no cargo de Prefeito da Capital.

**OFÍCIOS.** Do Chefe do Serviço de Documentação do Ministério do Exterior, sobre a remessa de Relatórios do referido Ministério; do Inspetor da Alfândega

desta Capital, oferecendo à biblioteca um exemplar do Almanaque do Pessoal do Ministério da Fazenda, de 1945; do Diretor Geral da Fazenda do Estado do Maranhão, remetendo volumes que lhe foram pedidos; do Secretário da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, em idêntico sentido; do Diretor do Departamento da Fazenda deste Estado, enviando um sofá antigo para o museu de arte; do Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas, comunicando ter atendido a um pedido do Instituto; do Diretor da Escola Industrial de Aracaju, em idêntico sentido; do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, (três) sobre assuntos diferentes; do Secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia (dois) também sobre assuntos diferentes; do Dr. Arrando Leite Roemberg, chefe de polícia do Estado, oferecendo ao museu do Instituto numerosas peças usadas pelos que se dão às práticas de xangô, macumba, candomblé, etc.

TELEGRAMAS. Do desembarcador Hunald Cardoso, então Interventor Federal no Estado, convidando o Instituto para se fazer representar na posse do novo Interventor Coronel Antônio de Freitas Brandão; da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, comunicando a reorganização do mesmo Instituto; do Interventor Federal no Estado, coronel Antônio de Freitas Brandão (dois) um comunicando a sua posse nas funções de Interventor, e outro traduzindo a sua boa impressão na visita que fez a este Instituto, recentemente. Consta ainda o expediente de numerosas jornais, livros, revistas e opúsculos recebidos de várias procedências, tudo em caráter obsequioso.

Aberta a ordem do dia foram lidas quatro propostas para sócios correspondentes, a saber: Dr. Luiz do Amaral, residente na Capital Paulista; D. Alice Larde de Venturina, residente na República do Salvador; Dr. Frederico de Barros Brotero, residente na Capital paulista e general João Ferreira de Oliveira, ora na Capital da República, propostas que foram despachadas à Comissão de Admissão de sócios para o necessário parecer.

O presidente comunicou à Casa que estão sendo dados os devidos passos para a celebração do primeiro centenário do nascimento do saudoso Professor Félix Diniz Barrêto, que foi uma das figuras mais brilhantes do magistério secundário de Sergipe e do nosso jornalismo, tendo convidado o Professor João Evangelista Cajueiro para fazer o discurso oficial da solenidade, no que accedeu o convidado.

Deu ordem ao Secretário para comunicar a diversos descendentes do saudoso mestre conterrâneo esta resolução, convidando-os para abrilhantarem com sua presença a solenidade evocativa que se vai realizar a 21 de Junho deste ano.

Propôs, em seguida que se consignasse na ata desta sessão um voto de pesar pelo falecimento do antigo sócio do Instituto, coronel José Sebrão de Carvalho, comunicando-se a realização desta modesta homenagem ao nosso consócio Professor Sebrão, Sobrinho, filho adotivo e sobrinha do falecido. Comunicou ainda o senhor presidente que, com a colaboração eficiente do consócio Dr. Garcia Moreno, tem dado os necessários passos para a realização, em Outubro vindouro, da 1.ª Con-

gresso de História e Geografia de Sergipe, empreendimento para o qual vem contando com o apoio da imprensa local. Comunicou o presidente José Calasans que vem desenvolvendo intenso trabalho de reformas um tanto despendiosas no edifício do Instituto, com o fechamento de janelas desnecessárias ao arejamento, no fundo do salão de conferências, pintura geral do grande prédio, embelezamento de janelas que já estavam desprovidas dos seus caros vidros, estrados para a mesa da diretoria e o piano e vários outros melhoramentos, tendo recorrido à munificência de particulares para obter os necessários recursos financeiros, os quais lhe não tem faltado, graças a essa munificência dos nossos conterrâneos que estão em condições de tê-la.

Nada mais ocorrendo, foi encerrada a sessão de que eu Saneiva Duarte, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, servindo-me dos dados colhidos pelo 2.º Secretário Anfilóquio Vale.

(aa) José Calasans Brandão da Silva

Garcia Moreno

Epitânio da Fonseca Dória, 1.º secretário

Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

Anfilóquio Vale.

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 6 de Maio de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria Dr. José Calasans Brandão da Silva, 1.º tenente Damião Mendonça de Santana, Professor Napoleão Agélio de Oliveira Dória, Epitânio da Fonseca Dória e Anfilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foi lida e regularmente aprovada a ata da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

CARTAS dos "Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda", atendendo ao pedido de remessa de números de sua revista que lhe foi encaminhado.

CARTÃO da Senhorinha Yêda Mesquita Matos, oferecendo à pinacoteca do Instituto uma pequena tela de sua autoria.

CIRCULARES do Rotary Club do Recife, comunicando a eleição e posse de sua nova Diretoria, e do engenheiro Pedro Alcântara Braz, comunicando ter assumido as funções de Diretor dos Serviços de Água e Esgoto desta Capital, para as quais foi nomeado.



OFÍCIO do 28.º B. C., oferecendo ao Instituto uma fotografia do Pavilhão em que está situada a referida unidade militar.

Constou mais o expediente de inúmeras obras, revistas, opúsculos e jornais de várias procedências.

Aberta a ordem do dia foram lidas, um a um, quatro pareceres da comissão de admissão de sócios, opinando pela aceitação para o quadro de sócios correspondentes da escritura Salvatorana D. Alceu Lardá de Venturino, residente em Sucre, na Bolívia; General João Pereira de Oliveira, residente na Capital da República; Dr. Frederico de Barros Brotério, escritor e genealogista, e o jornalista Dr. Luiz de Amaral, residentes em S. Paulo, sendo todos unanimemente aprovados, mandando o Senhor presidente que se fizessem as devidas comunicações.

O mesmo presidente comunicou que os trabalhos de remodelação do salão de conferências estavam concluídos e que no próximo dia 8 se realizaria no mesmo salão uma sessão magna comemorativa da passagem do 1.º aniversário da vitória das nações unidas contra os regimes totalitários. Comunicou mais o seu desejo de realizar, no corrente mês, uma sessão em homenagem à memória dos sócios médicos falecidos, Drs. João Firpo Filho e Heráclito Diniz Gonçalves, a que foi unanimemente aprovado, sendo escolhido para cridar da solenidade o Dr. Garcia Moreno.

O sócio Epitânio da Fonseca Dória propôs que se lançasse na ata do dia um voto de pesar pelo prematuro falecimento do consócio Dr. Heráclito Diniz Gonçalves, ocorrido na cidade do Salvador a 28 de Abril findo, proposta que foi unanimemente aprovada.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu Saneiva Ferreira Duarte, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, servindo-me das notas organizadas pelo 2.º secretário senhor Antílquo Vale.

(ass) **José Calasans Brandão da Silva**  
**Garcia Moreno**  
**Epitânio da Fonseca Dória**  
**Ten. Damião Mendonça de Santana,** secretário geral  
**Antílquo Vale,** 2.º secretário

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, de 8 de Maio  
de 1946.**

Presentes os membros da Diretoria, em sua maioria, vários sócios, representantes do chefe do Estado, do Prefeito da Capital e das forças armadas, autoridades

públicas, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino secundário, pedagógico e comercial, senhoras e senhorinhas do meio social aracajuano, e bem assim o Orfeão do Instituto de Música, tendo à frente o seu diretor Professor Genaro Plech, foi aberta a sessão, sob a presidência do Dr. José Calasans Brandão da Silva, que convidou o representante do Senhor Interventor Federal, Dr. Ruy Eloy dos Santos, para ocupar a cadeira da Presidência.

Seguiu-se então, o hino nacional executado pelo Orfeão do Instituto de Música de Sergipe. Ao ocupar a cadeira de presidente o Dr. Ruy Santos disse serem justas as solenidades com que o mundo inteiro comemorava a passagem do primeiro aniversário da vitória das nações aliadas contra o totalitarismo. Eloqüiu a Diretoria do Instituto e delegou poderes, em nome do Senhor Interventor Federal, ao Dr. José Calasans para que dissesse quais os fins da sessão. Em breves palavras o presidente do Instituto disse que o sedalício aproveitava a grande data para inaugurar os serviços introduzidos ultimamente no seu edifício, os quais enumerou, ao mesmo tempo que homenageava os povos democráticos que se bateram contra as forças do mal, sendo as suas últimas palavras aclamadas por palmas da seleta assistência. Ocupou, em seguida, a tribuna o professor José Augusto da Rocha Lima, sob prolongada salva de palmas. Proferiu então o acalorado mestre humanistas empolgante estado, repleto de imagens felizes, sobre a guerra, seus antecedentes, seus horrores e graves consequências.

Focalizou a brutalidade do nazi-fascismo, o espírito belicoso da Prússia, tão diferente do espírito de cristianismo que caracteriza os demais povos do mundo. Discreveu com precisão a marcha da guerra, dizendo das boas relações existentes entre os Estados Unidos da América do Norte e o Brasil, acentuando que a América Latina seria uma colcha de "retalhos coloniais" do Eixo se não fora o poderio do grande país irmão.

Salientou a necessidade de cada um lutar pelos seus direitos, mas lutar sem esquecer os próprios deveres e procurando evitar a anarquia. Ao terminar o seu brilhante discurso o professor José Augusto foi vivamente aplaudido pela numerosa e seleta assistência.

Em seguida, sob a regência do Prof. Genaro Plech, os alunos do Instituto de Música cantaram a Marselhesa e outros números, com explicação prévia do Cônego Waldemar Bezade, números de música que mereceram aplausos da assistência.

Foi por fim cantado o hino nacional, sendo depois encerrada a sessão. Tocou no saguão do edifício a Banda da Força Policial, cedida pelo seu comandante. Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu Sanelva Ferreira Duarte,

funcionário administrativo, lavrei a presente ata, servindo-me dos apontamentos tomados pelo 2.º secretário Anflóquio Vale.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Garcia Moreno  
Eplânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, realizada aos 24  
de maio de 1946.**

As vinte horas do dia 24 de maio de 1946, presentes o Sr. Dr. Ray Eloy dos Santos, representante do Sr. Interventor Federal, Major Teodoro Nascimento, comandante do 28.º B. C., Major Alberto Zanith, Chefe da C. R., Sr. Francisco de Souza Porto, Presidente do Conselho Administrativo, grande número de oficiais da guarnição federal e da Força Pública do Estado, representantes das classes conservadoras e operários, teve início a sessão solene com que o Instituto Histórico comemorou a passagem do 80.º aniversário da Batalha de Tuiuti. Abrindo a sessão o Presidente do Instituto, Prof. José Calasans Brandão da Silva, declarou as finalidades da mesma, que constituíam uma comemoração dos gloriosos feitos militares do Brasil nos campos do Paraguai e da Itália, devendo falar sobre o primeiro tema o tenente Damião Mendonça de Santana e sobre o segundo o tenente expedicionário José de Oliveira Bonfim. Com a palavra o tenente Damião Mendonça de Santana, Secretário Geral do Instituto, pronunciou um bem elaborado estudo, mostrando a significação da Batalha de Tuiuti no desenvolvimento da Guerra do Paraguai e exaltando a ação extraordinária de Osório e muitos dos seus bravos comandados. A oração do orador oficial da solenidade foi muito aplaudida.

Seguiu-se a entrega da Medalha de Sangue do pai do expedicionário Jorge da Costa Lima, sergipano que morreu na campanha da Feb, o que foi feito pelo Comandante do 28.º B. C. Teodoro Nascimento. Também foram entregues aos sócios presentes Col. Eurípedes Esteves de Lima e Dr. Cavaldo Barreto Dantas, os diplomas de sócios efetivos do Instituto, tendo o último pronunciado algumas palavras de exaltação ao Exército Brasileiro. Em seguida ocupou a tribuna da Casa o tenente expedicionário José Oliveira Bonfim que leu interessante trabalho a respeito do modo como se portaram os praefinhos do nosso Exército durante a vitoriosa campanha da Itália.

A palestra agradou plenamente. Sugestiva, bom humor, clareza, e, sobretudo, vibração cívica.

O presidente, Dr. José Calasans, encerrou a sessão, dizendo que outras palestras serão realizadas sobre a F. E. B. Agradeceu a presença das autoridades, e de todos quantos deram com o seu comparecimento, uma prova de apreço às feições cívicas. Tocou no saguão do edifício a Banda da Força Policial, gentilmente cedida pelo comando da mesma Força.

Nada mais ocorrendo eu, Saneiva Ferreira Duarte, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sobre os elementos fornecidos pelo 2.º secretário Anfilóquio Vale.

(cc) José Calasans Brandão da Silva

Garcia Moreno

Eplânio da Fonseca Dória

Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, de 30 de Maio  
de 1946.**

Presentes a maioria dos membros da Diretoria, diversos sócios, autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino, representantes da imprensa local, senhoras e senhorinhas do meio social, foi aberta a sessão pelo presidente, Dr. José Calasans Brandão da Silva.

Não houve expediente nem leitura de ata. Na ordem do dia o presidente declarou que a finalidade da sessão era a colocação do retrato do saudoso conterrâneo Dr. Antônio Dias Rolemberg, em tela do pintor Florival Santos, na galeria respectiva, e a entrega dos prêmios escolares **Dr. Antônio Dias Rolemberg**, instituído pelo Banco Mercantil Sergipense em favor do aluno da Escola Técnica de Comércio de Sergipe que tenha obtido as melhores notas de aproveitamento no ano anterior, e **Professor Alfredo Montes**, instituído pelo consócio capitalista José Couto de Faria, em favor da aluna do Instituto Pedagógico Rui Barbosa que tenha obtido no ano anterior as melhores notas de aproveitamento. Concedeu em seguida a palavra ao Dr. Carlos Waldemar Acioli Rolemberg, que em brilhante discurso agradeceu ao Instituto e ao Banco Mercantil Sergipense a comovedora homenagem rendida à memória do seu saudoso pai, Dr. Antônio Dias Rolemberg, instituindo o prêmio escolar que irá ser entregue ao aluno da Escola Técnica de Comércio de Sergipe, Luiz Alves de Oliveira, que dêle se tornará merecedor, e ao Senador Walter Franco a

oferia do mesmo retrato ao Instituto. Fez o orador um rápido estudo sobre a vida do homenageado, como cidadão e homem público, recebendo do auditório vibrante salva de palmas ao descer da tribuna.

Foi em seguida entregue, sob palmas da assistência, o prêmio conferido ao aluno da Escola Técnica de Comércio de Sergipe, Luiz Alves de Oliveira. Deixou de ser entregue o prêmio conferido à aluna do Instituto Pedagógico Ruf Barbosa por falta de comparecimento justificado da mesma.

Encerrando a sessão o presidente, Dr. José Calasans, agradecendo a todos quantos deram o seu concurso para o brilho da sessão do Instituto a ela comparecendo; e declarou, em seguida, encerrada a sessão, de que eu Samuelva Ferreira Duarte, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sob as notas fornecidas pelo secretário.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Garcia Moreno  
Epitânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

---

**Térmo de comparecimento.**

Aos seis dias do mês de Junho de 1946, presentes os membros da Diretoria, Dr. José Calasans, Professor Napoleão Dória, Tenente Damião Mendonça e Epitânio Dória, verificou-se, à hora do início dos trabalhos, não haver número para deliberação, deixando, conseqüentemente, de haver sessão, lavrando eu, Samuelva Ferreira Duarte, funcionário administrativo, este termo, que será lido, discutido e assinado em sessão.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Garcia Moreno  
Epitânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, de 8 de Junho  
de 1946.**

Presentes a maioria dos membros da Diretoria, diversos sócios, o representante do Senhor Interventor Federal no Estado, Dr. Ruy Santos, autoridades civis e

militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino, representantes da imprensa local e das famílias dos saudosos consócios Drs. Oscar Prata, João Firpo Filho e Heráclito Diniz e da do coronel José Sebrão de Carvalho, cavalheiros, senhoras e senhorinhas do meio social arcajuano, foi aberta a sessão pelo presidente, Dr. José Calasans Brandão da Silva, que, em feliz improviso, declarou os fins da sessão, assinalando que ela constituía uma verdadeira reunião da família sergipana, que ia homenagear figuras de projeção na nossa vida social. Não houve leitura de ata nem de expediente.

Com a palavra do Professor Manuel Franco Freire disse da significação daquela homenagem à memória do Dr. Oscar Prata, cujo retrato os seus amigos ofereciam ao Instituto. Estudou a vida do ilustre morto, localizando sua atuação na defesa dos interesses da justiça pública. Sua atuação como advogado combativo e culto, seu grande amor à família, sua rara dedicação aos amigos. As palavras do Prof. Franco Freire foram muito aplaudidas pela seleta assistência.

Após o discurso do Prof. Franco Freire, o Presidente pediu ao consócio José Couto de Faria que entregasse à aluna Maria Prata Dantas o Prêmio Alfredo Montes por elle instituído, o que foi feito debaixo de palmas.

Falou em seguida o consócio Epitácio da Fonseca Dória, fazendo o elogio do saudoso consócio coronel José Sebrão de Carvalho, sendo também aplaudido pela assistência. Foi em seguida entregue ao mesmo consócio o diploma de sócio benemérito do Instituto, distinção que lhe fôra conferida em sessão anterior. Ocupou em seguida a tribuna o consócio Dr. Garcia Moreno que proferiu brilhante discurso, estudando a personalidade dos saudosos consócios Drs. João Firpo Filho e Heráclito Diniz Gonçalves, discurso que mereceu palmas entusiásticas da assistência, quando o orador o concluiu. Encerrando a sessão o presidente, Dr. José Calasans, agradeceu, em nome do Instituto, o gesto dos amigos do Dr. Oscar Prata, declarando que a effigie do ilustre contemporâneo ficaria naquella casa como um exemplo de honestidade e amor a justiça.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Sinelva Ferreira Duarte, funcionário administrativo, lavrei a presente ata pelas notas larnecidas pelo Secretário da mesa que dirigiu a sessão.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Garcia Moreno  
Tent. Damião Mendonça de Santana, secre-  
tário geral.  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, de 21 de Junho  
de 1946.**

Presentes a maioria dos membros da Diretoria, varios sócios, autoridades civis e militares, membros da família do saudoso educador pátrio Professor Felix Diniz Barreto, especialmente convidados, representantes da imprensa da Capital, cavalheiros, senhoras e senhorinhas, foi aberta a sessão pelo presidente Dr. José Calasans. Não houve leitura de ata nem de expediente. Em vibrante improviso o presidente declarou o fim da sessão que era a celebração da passagem do primeiro centenário do nascimento do saudoso educador sergipano Professor Felix Diniz Barreto.

Em seguida cedeu a palavra ao orador oficial, o consócio João Freire Ribeiro, que proferiu brilhante e aplaudido discurso.

Falou em seguida o Dr. Valdir Barreto de Andrade, representante da família Diniz Barreto, proferindo, por sua vez, eloquente discurso, também muito aplaudido.

Foi entregue, em seguida, sob palmadas da assistência, o diploma de sócio efetivo ao professor João Cajueiro.

Franqueada a palavra a quem dela quizesse fazer uso, veio à tribuna o tenente Damião Mendonça de Santana, secretário geral do Instituto, que proferiu entusiástico improviso, agradecendo à família Diniz Barreto a oferta ao sodalicio de um retrato a óleo do Professor Felix Diniz Barreto, trabalho executado pelo hábil pintor sergipano Alvaro Santos. Alongando-se o orador declarou que, como presidente da Liga Sergipana Contra o Analfabetismo, ia promover a fundação de uma escola primária que será batizada com o nome do saudoso Professor Felix Diniz Barreto, achando que não havia melhor homenagem à memória de um educador que a abertura de escolas. O gesto do presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo foi vivamente aplaudido.

Falou em seguida o presidente, Dr. José Calasans, traduzindo a seu prazer pelo êxito da comemoração que o Instituto promovêra como um estímulo às novas gerações e um gesto de reconhecimento da posteridade, agradeceu aos presentes o seu comparecimento à mesma. Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão, de que eu Sanelva Ferreira Duarte, funcionária administrativo, lavrei a presente ata, calcada sobre os dados fornecidos pelo secretário.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Garcia Moreno  
Epifânio da Fonseca Dória  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secre-  
tário geral.

---

**Ata da sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, de 6 de Julho de 1946.**

Presentes os membros da Diretoria, Drs. José Calasans e Garcia Moreno, Tenente Demônio Mendonça, Professor Napoleão Dória e Epifânio Dória, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro.

Foram lidas e regularmente aprovadas as atas de 6, 8, 24 e 30 de Maio, bem como o termo de comparecimento de 5 de Junho.

O expediente constou do seguinte:

**CARTAS.** Do Coronel Laurentio Lago, comunicando a impossibilidade em que se acha de concorrer com teses para o 1.º Congresso de História e Geografia de Sergipe, dado o estado de sua vista, prejudicada por catarata; da The Western Telegraph Company, Limited, (duas) confirmando a texto de telegramas transitados por suas linhas; do Banco do Brasil, nesta Capital, comunicando ter a sede do mesmo Banco indeterido o pedido dêste Instituto; de D. Ana Barreto, acusando o recebimento do officio que lhe foi dirigido, convidando-a para a solenidade comemorativa do 1.º centenário de nascimento do seu saudoso pai, e agradecendo o mesmo convite, comunicando, ao mesmo tempo, não ser possível a seu comparecimento à solenidade; do Dr. Luiz Amaral, de S. Paulo, agradecendo a sua eleição para sócio correspondente; do Dr. Copérnico Pinto Coelho, secretário do Segundo Congresso de História da Revolução de 1894, comunicando que o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais deliberou a celebração do referido Congresso em Belo Horizonte em Novembro dêste ano; do Professor F. A. J. Smoorenbou, de Amsterdam, Holanda, propondo-se a prestar serviços remunerados ao Instituto; da Assistente da Diretor da Bancroft Library, da Universidade da California, acusando o recebimento do n. 18 da Revista dêste Instituto; do Dr. José Bruno de Azevedo Filho, pedindo a remessa de volumes da Revista; do Gal. João Pereira de Oliveira, agradecendo a sua eleição para sócio correspondente; do Professor Sebrão Sobrinho, agradecendo as condolencias do Instituto por ocasião do falecimento do Coronel José Sebrão de Carvalho.

**CARTÃO.** Do Ministro Bernardino José de Souza, enviando sua adesão ao 1.º Congresso de História e Geografia de Sergipe.

**CIRCULARES.** Da Associação dos Servidores do Estado (duas) convidando o Instituto para a solenidade da instalação e comunicando a eleição e posse de sua primeira Diretoria; do Capitão Carlos Monte de Marsillac, comunicando ter assumido o comande da 3.ª Bateria Independente de Artilharia Automóvel, sediada nesta Capital; do engenheiro Hugo de Araujo Faria comunicando ter assumido as funções de Delegado Regional do Ministério do Trabalho, no caracter de substituto.

**OFFÍCIOS.** Da Diretoria de Documentação e Cultura do Estado de Pernambuco, informando não poder atender a um pedido dêste Instituto; da 19.ª Circunscrição de



Recrutamento, enviando um aparelho FICHET, que serviu por espaço de 25 anos nos sorteios militares, afim de ser incorporado ao material histórico do **Salão Carneiro**; da Biblioteca Nacional de Caracas, Venezuela, acusando o recebimento de uma obra enviada por este Instituto; do Tribunal de Apelação do Estado do Rio Grande do Sul, enviando vários volumes das Decisões do mesmo Tribunal; dos Serviços de Água e Esgoto desta Capital enviando um exemplar do Regulamento dos mesmos Serviços; do Secretário Geral do Estado, enviando, em nome do Senhor Interventor Federal, um retrato do Presidente Epitácio Pessoa; do Instituto Pedagógico Rui Barbosa, enviando o nome da aluna do mesmo Instituto que se tornou merecedora do premio escolar Alfredo Montez; do Capitão de Corveta Hermann Boeira, comandante da corveta nacional de guerra **Caravelas**, oferecendo ao Instituto um galhardete do seu navio.

**TELEGRAMAS.** Do Dr. Raimundo Diniz Barreto e seus irmãos José Diniz Barreto e Pa. Gentil Diniz Barreto, acusando o recebimento do convite que lhes foi dirigido para assistirem á solenidade comemorativa do Centenário do Professor Félix Diniz Barreto e dizendo não poderem comparecer pessoalmente, fazendo-se representarem pelo Dr. Valdir Barreto de Andrade; e do deputado federal, Dr. Leandro Martel, comunicando associar-se ás homenagens prestadas á memória do professor Félix Diniz Barreto.

Constou mais o expediente de jornais, revistas, livros e opúsculos, recebidos de varias procedências, bem como de duas propostas de sócios, uma indicando os nomes dos senhores Drs. João de Matos de Carvalho, Manuel Aguiar e Manuel Salustino Neto, Padre Gileno Francisco de Jesus, bacharelando Sebastião Ceiso de Carvalho, Professora Maria Thetis Nunes e senhores Inocêncio Nascimento e José de Carvalho Déda para sócios efetivos; e outra indicando para sócio correspondente o desembargador João Solano Macedonia Soares. As referidas propostas, foram despachadas á comissão respectiva.

Aberta a ordem do dia declarou o presidente não haver materia para discussão. Aludiu ás dificuldades de comunicação que vem contribuindo para não haver grande concorrencia de estudiosos de nossa história ao projetado Congresso de História e Geografia.

Nada mais occorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Sancluvy Ferreira Duarte, lavrei a presente ata, calcada sobre as notas tomadas pelo secretário.

(aa) **José Calasans Brandão da Silva**  
**Garcia Moreno**  
**Epiânio da Fonseca Dória**, 1.º secretário  
**Ten. Damião Mendonça de Santana**, secretário geral.

---

**Ata da sessão extraordinária da Diretoria  
do Instituto Histórico e Geográfico de Ser-  
gipe, de 20 de Julho 1946.**

Presentes os membros da Diretoria, Drs. José Calazans e Garcia Moreno, Professor Napoleão Dória, Tenente Danião Mendonça de Santana e Epifânio Dória, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Foi lida e aprovada, sem emendas, a ata da sessão anterior.

O expediente constou de um telegrama do engenheiro civil Joaquim dos Santos Pereira, comunicando a sua próxima vinda a esta Capital, trazendo relíquias que pertenceram ao seu saudoso sogro Almirante Amílcar Jorge, para entregá-las à guarda deste Instituto, de que o mesmo Almirante foi presidente e sócio benemérito. Constou mais de dois pareceres da Comissão de Admissão de sócios que serão lidos e submetidos a debates na ordem do dia da presente sessão.

Aberta a referida ordem do dia o consócio Epifânio Dória lembrou a necessidade da convocação de uma assembléa geral para proceder à reforma dos Estatutos, medida que vem sendo lembrada, sem éxito. Discutido o assunto ficou assentada a convocação de uma assembléa geral a se realizar no dia 3 de Agosto próximo, mandando o presidente que o Secretário Geral providenciasse a publicação de edital, convocando os sócios para se reunirem em assembléa geral.

Sob proposta do presidente ficou deliberado que se consignasse na ata um voto de pesar pelo falecimento do consócio padre Dr. João de Matos Freire de Carvalho, a cuja memória será prestada, oportunamente, a homenagem do sodalício, inaugurando-se em um dos nossos salões o seu retrato, oferecido pelo povo de Simão Dias; talando nessa ocasião o Desembargador Gervasio de Carvalho Prata, especialmente convidado pelo Instituto.

Ficou igualmente resolvido que o Instituto realizasse uma sessão solene no próximo dia 29 do corrente mês, comemorando, condignamente, a passagem do primeiro centenário do nascimento da Princesa Isabel, devendo fazer o discurso oficial a Professora Maria Thetis Nunes, especialmente convidada.

Ficou igualmente resolvido solenizar-se a 6 de Agosto próximo, a passagem do 34.º aniversário de sua fundação, devendo falar nessa ocasião a Professora Maria da Conceição Melo Costa, ocupando-se da data e do seu saudoso progenitor, Desembargador João da Silva Melo, primeiro presidente do Instituto. Comunicou o presidente que na mesma solenidade, a 6 de Agosto, os alunos do Colégio Estadual de Sergipe oferecerão ao sodalício um retrato do saudoso consócio Professor Clodomir de Souza e Silva.

Foram lidas e discutidas, em separado, sendo unanimemente aprovados, dois pareceres da Comissão de Admissão de Sócios, um opinando pela aceitação do Desembargador João Salamo Macedonio Soares para o quadro de sócios correspondentes e outro opinando pela aceitação dos Drs. João de Matos Carvalho, Manuel

Aguir e Manuel Salustiano Neto, Bacharelanda Sebastião Calso de Carvalho senhores Inocencio Nascimento e José de Carvalho Déda, Professora Maria Thetis Nunes e Padre Gileno Francisco de Jesus para o quadro de sócios efetivos.

Mandou o presidente que se fizesse as devidas comunicações. Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Saneiva Ferreira Duarte, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sob as notas fornecidas pelo secretário.

(ao) José Calasans Brandão da Silva

Garcia Moreno

Eplânio Dória, 1.º secretário

Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, de 10 de Agosto  
de 1945.**

Presentes os membros da Diretoria, em sua maioria, várias sócios, o Senhor Interventor Federal, em exercício, autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade desta Capital, foi aberta a sessão, pelo presidente, Dr. José Calasans Brandão da Silva, que convidou o Dr. Marcos Ferreira, no exercício da Interventoria Federal, para presidir-la.

Não houve leitura de ata nem de expediente.

Fazendo uso da palavra o presidente, Dr. José Calasans, declarou que o fim da sessão era comemorar a passagem do 34.º aniversário da fundação do Instituto e render merecida homenagem à memória do primeiro presidente, Desembargador João da Silva Melo e recebimento de um retrato do saudoso consócio Professor Clodomir Silva, oferecido pelos alunos do Colégio Estadual de Sergipe. Leu a seguir uma Mensagem que recebera do consócio Professor Florentino Teles de Menezes, dando um resumo histórico da fundação do Instituto.

Foi depois concedida a palavra à consócia Professora Maria da Conceição Melo Costa, filha do saudoso presidente, Desembargador João da Silva Melo, que proferiu longa discurso muito aplaudido pela assistência. Ocupou, em seguida a tribuna a Professora D. Maria Thetis Nunes, fazendo entrega, em nome dos alunos da Colégio Estadual de Sergipe, de um retrato a óleo do Professor Clodomir Silva, tela do pintor conterrâneo Genes Augusto da Silveira. O seu discurso foi também vivamente aplaudido.

Ocupou depois a tribuna o ginasiano Fernando Mendonça, também aplaudido. Em continuação falou o estudante Agnes Silva, filho do Professor Clodomir Silva, agradecendo, em nome da família, a homenagem prestada à memória do seu saudoso pai, merecendo aplausos da assistência. Encerrando a sessão proferiu longo improviso o Dr. Marcos Ferreira, ocupando-se da personalidade do saudoso consócio Professor Clodomir Silva.

Emprestou maior brilho à sessão o Oratório do Instituto de Música, dirigido pelo Professor Genaro Plech, o qual entoou cantos apropriados nos intervalos da sessão. Professor Genaro Plech, o qual entoou cantos apropriados nos intervalos da sessão. Ficaram parte da Mesa os antigos presidentes Epifânio da Fonseca Dória, Desembargador Humbald Cardoso e Professor José Augusto, bem como o Dr. Virgínio de Santana, um dos poucos sócios fundadores sobreviventes.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão, de que eu, Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário, lavrei a presente ata, na falta do 2.º secretário.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, realizada a 25 de  
Agosto de 1946.**

Presentes os membros da Diretoria, em sua maioria, vários sócios, o senhor Interventor federal, Coronel Freitas Brandão, outras autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade desta Capital e o Oratório do Instituto de Música, tendo à frente o seu diretor, professor Genaro Plech, o presidente, Dr. José Calasans, convidou o Chefe do Estado para ocupar a cadeira de presidente, o que logo se verificou. Não houve leitura de ata. O expediente consistiu de uma proposta no sentido de ser aceito sócio honorário o Coronel João Batista de Matos. Como a mesma proposta estivesse também assinada pelos membros da Comissão de Admissão de sócios, o presidente submeteu a votos, sendo aprovada por uma salva de palmas. Em seguida o Oratório do Instituto de Música executou, com gerats aplausos, o "Hino de Coxias".

Foi, depois, concedida a palavra ao orador do dia, capitão Humberto Freire de Andrade, que se viu alvo de uma salva de palmas, ao ocupar a tribuna, de onde proferiu brilhante discurso alusivo à comemoração do **dia do soldado**, discurso

que versou sobre a personalidade de Caxias e mereceu entusiástica salva de palmas da grande assistência.

Seguiu-se um número de canto, desempenhado pelo Orfeão do Instituto de Música, depois do que foi entregue, solenemente, ao Coronel João Batista de Matos o diploma de sócio honorário. Ocupou depois a tribuna o referido Coronel João Batista de Matos, que proferiu vibrante discurso, fazendo entrega ao Instituto, em nome da Guarnição federal em Sergipe, de uma grande placa de bronze, comemorativa da passagem do 1.º centenário de nascimento do General Aristides Guarani, solenizada em 25 de Dezembro de 1943, placa que foi inaugurada na **Sala Camerino**. Ao terminar o seu discurso desceu da tribuna o Coronel João Batista de Matos sob aplausos da seleta assistência. Falou em seguida, em belo improviso, o professor Pedro Dias, que saudou o expedicionário da F. E. B., Zacarias Cardoso, presente à sessão, ocupando lugar de destaque na mesa. Seguiu-se o Hino Nacional executado pelo Orfeão do Instituto de Música, findo o que foi encerrada a sessão de que eu, Epitácio da Fonseca Dória, 1.º secretário, lavrei a presente ata.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Epitácio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damiano Mendonça de Santana, secretário geral.  
Antônio Vale, 2.º secretário

---

Ata da sessão solene realizada em conjunto pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Associação Sergipana de Imprensa a 31 de Agosto de 1946.

Presentes a maioria dos membros das Direções do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Associação Sergipana de Imprensa, vários sócios dos dois sodalícios, representantes do Interventor federal e dos Prefeitos municipais de Aracaju e da Estância, autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local, foi aberta a sessão sob a presidência do jornalista Eliezer Leopoldino, que declarou ser a ordem do dia da mesma sessão a posse de membros da Diretoria da Associação de Imprensa recentemente eleitos e a entrega de um retrato do Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira, fundador da imprensa periódica de Sergipe, ao Instituto Histórico e Geográfico, como oferta da Associação Sergipana de Imprensa. Não houve leitura de ata nem expediente. Aberta a ordem do dia foram empossados os novos diretores e conselheiros da Associação Sergipana de Imprensa, falando depois,

com aplausos da assistência, o Professor Pedro Dias e o Dr. Antonio Garcia Filho. Em seguida o presidente da Associação Sergipana de Imprensa passou a presidência da sessão ao Dr. José Calasans Brandão da Silva, que, em breves palavras, agradeceu à mesma Associação a oferta do retrato do fundador da Imprensa ao Instituto. Concedeu em seguida a palavra ao Professor Sobrão, Sobrinho que proferiu longo discurso, estudando a vida do referido Monsenhor, sendo aplaudido, ao terminar.

Falou depois, em vibrante improvisio, também multo aplaudido, o Dr. João Marques Guimarães.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Epifânio da Fonseca Dória, 1.º Secretário, lavrei a presente ata.

(aa) José Calasans Brandão da Silva

Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário

Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

*67 Ora, longo discurso! Foi uma conferência, bobos!...  
Sua má vontade bestialógica! Calasans, não, pe-*

Ata da sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, realizada a 7 de setembro de 1946.

As dez horas da dita sete de setembro de 1946, no salão de conferências do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, presentes os membros da diretoria, em sua maioria, vários sócios, o senhor Interventor federal no Estado, coronel Freitas Brandão, outras autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino desta Capital, o Orqueão do Instituto de Música, com o seu diretor à frente, Professor Genaro Plach, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local, foi aberta a sessão pelo 1.º vice-presidente, Desembargador Hunald Cardoso, na falta por motivo de saúde, do presidente, Dr. José Calasans.

O Desembargador Hunald Cardoso passou ao Senhor Interventor federal a presidência da sessão. Não houve leitura de ata nem de expediente. Após a abertura da sessão foi executado pela Orqueão do Instituto de Música o "Hino da Independência".

Seguiu-se o discurso oficial, proferido pelo professor Carlos Alberto de Barros Sampaio, sobre o 7 de setembro. O orador foi muito aplaudido, ao findar o seu belo discurso, a que se seguiu o Hino da Carta, de D. Pedro I, executado pelo Orqueão do Instituto de Música.

Foi, a seguir, concedida a palavra ao engenheiro Jorge de Oliveira Neto, orador escolhido para o discurso da inauguração do retrato do saudoso educador

*Es foi?!!  
me  
hora  
quês!  
netra, bem posicionada, a  
nome nobre! Cantadinho, a  
fz a festa e premiando  
um momento de  
este*

sergipano, professor Abdias Bezerra. Ao descer da tribuna foi o Dr. Jorge de Oliveira Neto alvo de uma salva de palmas, executando o Oratório do Instituto de Música a marcha **D. Carlos**. Franqueada a palavra a quem dela quisesse fazer uso, reinou silêncio, pelo que foi encerrada a sessão com o **Hino Nacional**, executado pelo referido Oratório, levando eu, Epitácio da Fonseca Dória, 1.º secretário, na falta, justificada, do 2.º, a presente ata.

(aa) José Calazans Brandão da Silva  
Epitácio da Fonseca Dória, 1.º secretário  
Ten. Damiano Mendonça de Santana, secretário geral

Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
realizada a 8 de outubro de 1946.

Às oito dias do mês de Outubro de mil novecentos quarenta e seis, às 16 horas, no edifício social, presentes os membros da Diretoria, Dr. José Calazans, Professor Napoleão Dória, Dr. Garcia Moreno, Tenente Damiano Mendonça e Epitácio Dória, foi aberta a sessão, sob a presidência do primeiro, sendo lidas e aprovadas, sem emendas, as atas das sessões de 10, 25 e 31 de Agosto e 7 de Setembro deste ano.

O expediente lido foi a seguinte:

**CARTAS:** do Desembargador Gervásio Prata, agradecendo a sua escolha para dissertar no Instituto, em dia a ser designado, sobre o acudoso consócio Padre Dr. João de Matos Freire de Carvalho; do advogado José de Carvalho Deda, agradecendo a sua eleição de sócio efetivo e remetendo a importância correspondente à sua joia e ao seu diploma de sócio; do senhor José Augusto Ferraz Álvares, enviando para figurarem na **Sala Camerino**, algumas balas de fuzil encontradas, por acaso, enterradas no quintal do prédio n.º 357, da Avenida Augusto Maynard, nesta Capital, entre duas telhas, por soldados da revolução de 13 de julho de 1924; e do Tenente Jaime Rollemberg, enviando para figurarem na mesma **Sala Camerino** duas cartas do falecido expedicionário Lino Pinto dos Santos, a seu pai Avelino Pinto dos Santos, pelo mesmo oferecidas ao Instituto, por intermédio do mesmo Tenente Jaime Rollemberg.

**CIRCULARES:** do Centro Operário Sergipano, convidando o presidente para uma sessão solene do mesmo Centro; do Instituto Brasil-Estados Unidos, comunicando a eleição e posse de sua nova Diretoria.

OFÍCIOS: do Secretário da Fazenda e da Produção do Estado de Alagoas, comunicando ter enviado ao Instituto a lei orçamentária do mesmo Estado do ano corrente; do Diretor do Departamento do Arquivo do Estado de S. Paulo, comunicando não ter o mesmo Departamento exemplares disponíveis da História Geral dos Bandeirantes Paulistas, nem da História Seiscentista, da Vila de S. Paulo, do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, requisitando, duas das cadeiras giratórias que pertenceram à antiga Assembléa Legislativa, para serem incorporadas ao mobiliário daquele Tribunal; do Diretor da Escola Industrial de Aracaju, solicitando permissão para os docentes e discentes da mesma Escola visitarem as salas do Instituto, em dias determinados, como meio educativo; do Secretário Geral do 2.º Congresso de História da Revolução de 1894, a se reunir em Belo Horizonte, solicitando o concurso dos estudiosos deste Instituto para o êxito do referido Congresso; do Chefe da 22.ª Circunscrição de Recrutamento de Caruaru-Pernambuco, agradecendo a remessa do n.º 16 da Revista deste Instituto; do Diretor Geral do Departamento Estadual de Informações, comunicando ter mandado instalar microfilmes no salão deste Instituto, para serem utilizados na solenidade comemorativa do Centenário do nascimento da Princesa D. Izabel; do Inspetor Regional de Estatística Municipal no Estado, pedindo dados históricos de que necessita sobre estátuas e monumentos em Sergipe; da Universidade de Santo Domingo, de Trujillo, Republica Dominicana, acusando o recebimento dos números 16 e 17 da Revista do Instituto e comunicando a remessa de volumes, em permuta; do Departamento Estadual de Informações do Estado de S. Paulo, comunicando não poder atender ao pedido do Instituto, quanto à remessa de publicações que mencionou; do Diretor da Revista do Trabalho, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, pedindo a remessa obsequiosa da Revista do Instituto; do Centro Sorocabano de Letras, agradecendo a remessa da Revista do Instituto; do Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado, comunicando achar-se naquele Departamento, à disposição deste Instituto, cedida pelo Senhor Interventor federal uma mesa em tipo colonial, para figurar no museu de arte e história deste mesmo Instituto; da Inspetoria Regional de Estatística Municipal neste Estado, acusando o recebimento de vários volumes em duplicata, cedidos por este Instituto para reconstituição da Biblioteca Pública do Amazonas, perdida em lamentável incendio; do Instituto Nacional do Livro pedindo a remessa de dados bibliográficos de Sergipe; do Secretário Geral do Estado, pedindo serem postos à disposição da Secretaria Geral móveis que mencionou em relação anexa; da Delegacia em Sergipe do Serviço Patrimonial da União, pedindo dados históricos sobre a antiga Aldêia de Água Azeda.

TELEGRAMA: do Diretor do Colégio Estadual de Sergipe, convidando o presidente para assistir à posse solene da professora Maria Thetis Nunes, como catedrática do mesmo Colégio.

Foi apresentada também no expediente crescida porção de jornais, revistas, livros e opúsculos recebidos de várias procedências.



Foi lida também uma proposta, firmada por 25 sócios, no sentido de serem eleitos sócios honorários os Drs. Hélio Viana e Rodrigo Melo Franco de Andrade, bem como a distinta matrona sergipana, D. Ana Menezes Silva, que fez, ultimamente, uma oferta de obras valiosas à biblioteca do Instituto. A referida proposta foi despachada à Comissão de Admissão de Sócios, para o respectivo parecer. Foi apresentada mais uma proposta no sentido de ser aceita sócio correspondente o Major do Exército Ernesto Leite Machado. Estando ela firmada por todos os membros da Comissão de Admissão de Sócios o consócio Epitânio Dória requereu que fosse dispensada do parecer da referida Comissão, de vez que a sua assinatura já era um parecer tácito pela sua aprovação. Deferido o requerimento do consócio Epitânio Dória foi a proposta submetida a votos, sendo aprovada.

Aberta a ordem do dia o secretário geral, Tenente Damião Mendonça, propôs que se comemorasse no dia 13 de Dezembro d'êste ano o dia do marinheiro, convidando-se para fazer o discurso oficial o senhor Capitão de Fragata Mário do Amaral Gama, atualmente exercendo o função de Capitão dos Portos de Sergipe, proposta que foi unanimemente aprovada, ficando o consócio Damião Mendonça incumbido de fazer o convite em nome do Instituto, ao referido Oficial.

O 1.º secretário Epitânio Dória propôs que se consignasse na ata do dia o jubileu do Instituto pela promulgação da Constituição Federal, concretizada de tal maneira o regime democratico, tão à feição do povo brasileiro, o que foi também unanimemente aprovado.

Ficou deliberado o adiamento do 1.º Congresso de História e Geografia de Sergipe para o próximo ano, em dia que será designado oportunamente, ficando o consócio Dr. Garcia Moreno encarregado de dar uma entrevista à Imprensa, nêste sentido.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Epitânio da Fonseca Dória, 1.º secretário, na falta do 2.º, por motivo de saúde, lavrei a presente ata.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Epitânio da Fonseca Dória  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.  
Anflóquio Vale, 2.º secretário

---

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, realizada a 9  
de Outubro de 1946.**

As nove dias do mês de Outubro de 1946, presentes os membros da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na sua maioria, o representante do

Senhor Interventor Federal, o Bispo eleito de Petrolina, Monsenhor Avelar Brandão Vilela, autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino da Capital, representantes da Imprensa, socios do Instituto, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade de Aracaju, foi aberta a sessão pelo Presidente, Dr. José Calasans. Não houve leitura de ata nem de expediente.

Antes da abertura da sessão tomaram assento na mesa, a convite do Presidente, Monsenhor Avelar Brandão Vilela; os Drs. Alvaro Silva, representante do Senhor Interventor Federal; Hélio Ribeiro, Presidente do Centro Dom Vital; Padre José Félix, representando a imprensa católica e o Dr. Manuel Cabral Machado, orador oficial do dia. Ao abrir a sessão o Presidente José Calasans disse que a Casa de Sergipe sentia-se bem e julgava cumprir o seu dever homenageando naquele momento o Bispo eleito de Petrolina, sacerdote que grandes e reais serviços prestara à Igreja de Cristo em terras de Sergipe. Disse mais que na história do nosso Estado três filhos da vizinha Alagoás deixaram traços marcantes em épocas e atividades diferentes. No tempo da Regência o Dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros, político de visão, que estudou os problemas locais com o critério e espírito progressista. O segundo foi Alcibiades Correia Páes, mestre secundário que conquistou um grande círculo de discípulos e admiradores no exercício do magistério. Finalmente, em nossos dias o Monsenhor Avelar Brandão, cuja obra apostolar todos os sergipanos reconhecem e aplaudem. Terminou concedendo a palavra ao Dr. Manuel Cabral Machado, orador oficial da solenidade, que pronunciou bem elaborada oração, estudando o papel da Igreja na formação social do Brasil e a missão que no momento histórico em que vivemos deve ser desempenhada pelos sacerdotes, concluindo por afirmar, diante da lição do passado e das expectativas do presente a confiança que devemos depositar na ação apostólica do novo Bispo.

O discurso do Dr. Cabral Machado foi mais de uma vez interrompido pelos aplausos da assistência.

O Monsenhor Avelar Brandão fez, a seguir, uso da palavra para pronunciar o seu discurso de agradecimento, no qual afirmou ao Instituto Histórico que não só lhe agradece aquela homenagem, como também os constantes testemunhos de compreensão da obra social da Igreja que a atual e anteriores Diretorias da Casa vêm facilitando para que no auditório do Instituto se realizem sessões de estudos e conferências. Declarou que a Ação Católica entregará brevemente ao sodalício uma imagem de Cristo.

Fez oportunas considerações em torno das responsabilidades da Igreja na época que vamos vivendo.

Encerrando a sessão falou novamente o presidente Dr. José Calasans, referindo-se ao papel da Igreja em nosso Estado desde o início da catequese até os nossos dias, terminando por afirmar que Sergipe reconhece a ação apostólica do Monsenhor Avelar Brandão, que tanto soube se identificar com o povo sergipano. Todos os discursos mereceram prolongados aplausos da assistência. Nada mais

Ata!  
Sem!

ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário, na falta, do 2.º, por motivo de saúde, lavei a presente ata.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Epifânio da Fonseca Dória  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.  
Anilóquio Vale, 2.º secretário

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em conjunto com o Centro Dom Vital, realizada a 4 de Novembro de 1946.**

Aos quatro dias do mês de Novembro de mil novecentos quarenta e seis, às vinte horas, no salão de festas do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, presentes a maioria dos membros da Direcção, varios sócios, representantes das autoridades civis, militares e eclesiásticas, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local, foi aberta a sessão pelo Presidente, Dr. José Calasans Brandão da Silva que convidou para occuparem lugares na mesa o Dr. Manuel Cabral Machado, representante do Interventor federal; o Dr. Hélio José Ribeiro, presidente do Centro Dom Vital; o Professor Benedito Oliveira, director da Colégio Jackson de Figueiredo; o Monsenhor Carlos Camello Costa, representante do Bispo diocesano; Dom Avelar Brandão Vilela, Bispo de Petrolina; e D. Anaide de Figueiredo, irmã do saudoso Dr. Jackson de Figueiredo e representante de sua illustre família.

Em rápido improviso explicou a Sr. José Calasans que a sessão tinha por objectivo homenagear a memória do escritor pernambuco Dr. Jackson de Figueiredo, inaugurando-se no Instituto o seu retrato em ampliação fotográfica oferecida ao sodalicio pelo Centro Dom Vital, tendo o que convidou o Dr. Hélio Ribeiro a assumir a presidência da sessão.

Não houve leitura de ata nem de expediente. Occupando a presidência da sessão o Dr. Hélio Ribeiro proferiu eloquente discurso, oferecendo ao Instituto, em nome do Centro Dom Vital, o retrato do saudoso Dr. Jackson de Figueiredo, que foi na mesma occasião inaugurado, sob palmas da assistência.

Obteve em seguida a palavra o Dr. João de Seixas Dória que proferiu vibrante improviso, constantemente interrompido pelos applausos da assistência, agradecendo ao Centro Dom Vital, em nome do Instituto, a oferta do referido retrato, depois de ter, de maneira empolgante, traçado o perfil de Jackson de Figueiredo, estudando, ao mesmo tempo, o momento agitado dentro do qual elle viveu.

Ocupou depois a tribuna o Professor José Amado do Nascimento que leu belo discurso girando em torno de duas lições de Jackson de Figueirêdo: **Amar a Deus e Ter Fé na Igreja**, sendo muito aplaudido, ao terminar. A seguir e por pedido do Presidente do Instituto, Dr. José Calasans, foram entregues, por Dom Avelar Brandão, sob repetidas palmas dos presentes, os diplomas de socio efetivo aos sócios Manuel Luiz Dantas e Des. Hélio José Ribeiro e Manuel Cabral Machado.

Encerrando o brilhante sessão falou Dom Avelar Brandão, com a vibração que lhe é peculiar nos tonos da palavra falada, proferindo empolgante improvisó no qual disse como se portou Jackson de Figueirêdo na vida de jovem idealista e realizador. Alongando-se explicou porque o mesmo Jackson não acalmou o seu temperamento logo que se achou de posse da verdade, pois via em torno de si a humanidade cética e discrente e não poderia descansar sem conquistar para Cristo aquelas ovelhas.

Ao terminar, pateticamente, e sob estrepitosos aplausos, fez um apelo aos moços para que também buscassem a verdade, e ao Instituto para que guardasse o retrato de Jackson com amor e carinho, pois é o próprio símbolo do cristianismo em terras do Brasil. Foi em seguida encerrada a sessão de que eu, Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário, lavrei a presente ata, na falta, justificada, do 2.º secretário.

(aa) José Calasans Brandão da Silva  
Epifânio da Fonseca Dória  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secre-  
tário geral.  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário.

---

**Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
realizada a 6 de Novembro de 1946.**

Aos seis dias do mês de Novembro de 1946, às 17 horas, na sede social, presentes os membros da Diretoria, Dr. José Calasans Brandão da Silva, Tenente Damião Mendonça de Santana, Dr. João Batista Perez Garcia Moreira, Professor Napoleão Agêlio de Oliveira Dória, comigo Epifânio da Fonseca Dória, 1.º secretário, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro.

Foram lidas e aprovadas as atas das sessões de 3 e 3 de Outubro bem como a de 4 da corrente. O expediente constou da seguinte:

**CARTAS:** Do Major Ernesto Leite Maranhão (duas), sobre sua admissão como sócio correspondente; do Chefe da Estação Experimental **Monte Alegre**, de Itait, no

Estado de São Paulo, e do Instituto Geográfico e Geológico do mesmo Estado, pedindo numeros da Revista.

**CIRCULARES:** Da Ação Católica Diocesana, desta Capital, e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, comunicando a eleição e posse de suas novas diretorias.

**OFÍCIOS:** Do Conselho Nacional de Geografia (dois), acusando o recebimento de numeros da Revista e de volumes que lhe foram encaminhados como auxilio para a reconstituição da Biblioteca Pública do Amazonas; do Capitão dos Portos deste Estado, doando ao Instituto um dos salva-vidas do vapor *Boqué*, de Lóide Brasileiro, torpedeado em 31 de Julho de 1943; da Academia Paraibana de Letras, pedindo a remessa de volumes para a sua biblioteca; da Divisão de Material do Ministério da Fazenda, comunicando que o titular da pasta deferiu o pedido do Instituto, no sentido de lhe ser entregue pela Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional neste Estado uma mesa e um relógio que pertenceram à antiga Tesouraria de Fazenda de Sergipe, quando a mesma funcionava em São Cristóvão, antiga Capital; do Chefe de Polícia do Estado, oferecendo ao Instituto dois antigos revolvers que existiam, sem servidão, na sua repartição, afim de figurarem na sala Camerino.

**PARECER** da Comissão de Admissão de Sócios, opinando pela aceitação dos nomes de D. Ana Menezes Silva e dos Drs. Hélio Viana e Rodrigo Melo Franco de Andrade para o quadro de sócios honorários.

Constatou ainda o expediente de livros, opusculos, revistas e jornais recebidos de várias procedências. Mandou o presidente responder e arquivar o expediente lido.

Aberta a ordem do dia foi lido o parecer acima mencionado, que foi aprovado, mandando o presidente fazerem-se as necessárias comunicações. Foi apresentada uma proposta firmada por 5 socios no sentido de serem aceitos sócios efetivos os senhores Alvaro Santos, Florival Santos, Padre José Felix, e Drs. Rui Etal dos Santos, Clóvis Mozart Teixeira, Conuto Garcia Moreno, João Seixas Dória, Joacá Carlos Borges e Julio Flavio Prado.

O 1.º secretário, Eptânio Dória, comunicou o falecimento dos sócios correspondentes, Dr. João Pinheiro, em Teresina, Piauí, e Desembargador Artur da Silva Rego, na cidade do Recife, propondo o lançamento na ata do dia de um voto de pesar pelos dois falecimentos, a que foi aprovado.

Nada mais ocorrendo foi encerrada a sessão de que eu, Eptânio da Fonseca Dória, 1.º secretário, lavrei a presente ata, na falta, justificada, do 2.º secretário.

(ou) José Calazans Brandão da Silva  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário  
Eptânio da Fonseca Dória

**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, realizada a 11  
de Novembro de 1946.**

Aos onze dias do mês de Novembro de mil novecentos quarenta e seis, às vinte horas, no salão de festas d'este Instituto, presentes a maioria dos membros da Diretoria, o representante do Senhor Presidente da Republica, altas autoridades civis, militares e eclesiásticas nesta Capital, foi aberta a sessão, sob a presidência do Dr. José Calasans que explicou o motivo da mesma, que era a entrega ao Instituto de uma tela do pintor Florival Santos com o retrato, em tamanho natural, de Dom José Tamaz Gomes da Silva, Bispo da Diocese, por oferta da Comissão Central do Congresso Eucarístico Diocesano.

Proseguindo, disse que no mesmo Instituto há um lugar para Dom José, assinalando que a Diocese de Aracaju e o Instituto se criaram juntos, a Diocese desde 1910 e o Instituto desde 1912, a primeira recolhendo alicia, o segundo recolhendo relíquias do passado.

Convidou, em seguida o coronel Liberato Barroso, representante do Senhor Presidente da República, a ocupar a presidência. Não houve leitura de ata nem de expediente. Antes da abertura da sessão deu-se, sob prolongada salva de palmas, a entrada de Dom José Tamaz, no salão, que já requeijava de pessoas de todas as camadas sociais.

Assumindo a presidência o coronel Liberato Barroso teve início o programa, executando o orfeão do Instituto de Música um dos números do mesmo programa.

Ocupou, em seguida, a tribuna o orador oficial da festa, Senhor Godofredo Diniz Gonçalves, proferindo vibrante discurso, de que o "Jornal do Congresso" publicou, depois, na edição de 12, um resumo. O orador foi, repetidas vezes, aplaudido pela numerosa assistência.

Após o brilhante discurso do orador oficial o orfeão do Instituto de Música executou novo número de canto. Ocupou depois a tribuna o Dr. Marcos Ferreira de Jesus, escolhido pelo Instituto para agradecer a oferta do retrato, sendo o seu discurso entrecortado pelos aplausos da assistência.

Após o discurso do Dr. Marcos Ferreira se fez ouvir novo número de canto, executado pelo Orfeão do Instituto de Música, sempre aplaudido por salvas de palmas da assistência.

Falou, em seguida sobre a mais viva emoção, Dom José, agradecendo aquela grande homenagem, uma das maiores de toda a sua vida.

O orfeão do Instituto de Música executou depois o Hino Nacional, sendo em

seguida, encerrada a sessão de que eu, Gisela da Carvalho Costa, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, pelos apunhamentos tomados pelo 2.º secretário.

(a) José Calasans Brandão da Silva  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.  
Anfilóquio Vale, 2.º secretário  
Epifânio da Fonseca Dória

---

Ata da sessão ordinária da Diretoria do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,  
de 6 de Dezembro de 1946.

Aos seis dias do mês de Dezembro de ano de mil novecentos quarenta e seis, às dezesseis horas, no edifício d'este Instituto, presentes os membros da Diretoria, Dr. José Calasans, Tenente Damião Mendonça, Dr. Garcia Moreno, Professor Napoleão Dória, Epifânio da Fonseca Dória e Anfilóquio Vale, foi aberta a sessão, sob a presidência do Dr. José Calasans.

Foram lidas e aprovadas, sem emendas, as atas das sessões de 6 e 11 de Novembro último.

O expediente constou do seguinte:

**CARTAS:** Da Dr. Oscar Oliveira Castro, comunicando ter enviado à biblioteca d'este Instituto o seu recente livro "**Medicina na Paraíba**"; do Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, (duas) agradecendo a sua eleição para o quadro de sócios honorários; do Dr. Luiz do Prado Ribeiro, propondo-se a ser procurador do Instituto Histórico na Capital da República; de Salvador Pereira Lima, em idêntico sentido; de Antônia Pereira Lira, ainda no mesmo sentido; do comandante Marcelino José Jorge Filho, oferecendo um antigo gral que pertenceu ao seu avô, farmacêutico de igual nome.

**CIRCULARES:** Da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, em Sergipe, da Sociedade Cearense de Geografia e História e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, comunicando a eleição e posse das respectivas Diretorias; e do Delegado Geral, no Brasil, do Conselho Britânico de Londres, comunicando que o referido Conselho resolveu oferecer bolsas de estudos para o ano letivo a iniciar-se em Outubro de 1947 e a terminar em Junho de 1948.

**OFÍCIOS:** Do Diretor do Serviço de Documentação, do Ministério da Educação e Saúde, comunicando a remessa de publicações que lhe foram pedidas; do Delegado Fiscal do Tesouro Nacional, neste Estado, enviando cópia do termo de cessão de objetos históricos, cedidos a este Instituto; do presidente da Academia

Paralibana de Letras, pedindo a remessa de volumes para a sua biblioteca; do Diretor de Serviço Geral do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, comunicando a remessa de volumes que lhe foram pedidos; do Secretário da Interventoria Federal, no Estado, oferecendo à pinacoteca do Instituto o quadro a óleo "A Sêca" do pintor sergipano Professor Oséas Santos; da Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Saúde pedindo a remessa de documentos para instruírem o processo de comprovação da subvenção federal.

**TELEGRAMAS:** Da Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Saúde, informando ter sido recebido ali os processos de comprovação da subvenção federal de 1945 e de pedido da de 1947, e do presidente do Conselho Nacional do Serviço Social, (dcis) reclamando a remessa de documentos para instruírem os mesmos processos.

Consteu ainda o expediente de diversos números de jornais e revistas, bem como de livros e opúsculos, recebidos do país e do estrangeiro.

Aberta a ordem do dia foi lido um parecer da Comissão de admissão de sócio, opinando pela aceitação dos nomes dos pintores Alvaro Santos e Florival Santos, dos Drs. Rui Elói dos Santos, Clóvia Mazari Teixeira, Conuio Garcia Moreno, João Seixas Dória, Iosadá Carlos Borges e Júlio Flávio Prado, Padre José Felix de Oliveira e Sr. Milton Xavier de Carvalho, para o quadro de sócios efetivos, parecer que foi lido e depois aprovado unanimemente.

Foi, em seguida, apresentada uma proposta, firmada pelos sócios Epifânio Dória, Zózimo Lima, José Apóstolo de Oliveira Neto, José Augusto da Rocha Lima e Dr. Garcia Moreno, no sentido de serem aceitas, para o quadro de sócios correspondentes, as distintas batistas, Senhorinhas Henriqueta Martins Catarino, e doutora Dalva de Motos, proposta que foi despachada à Comissão de Admissão de Sócios.

O consócio Epifânio Dória congratulou-se com os demais companheiros de Diretoria pela atuação destacada, do Instituto nas brilhantíssimas festas do 1.º Congresso Eucarístico Diocesano de Aracaju.

Nada mais ocorrendo, foi encerrada a sessão de que eu, Gisela de Carvalho Costa, funcionário administrativo, lavrei a presente ata calcada sobre as notas que me foram torrecidas pelo 2.º Secretário Antilóquio Vale.

(ao) José Calasans Brandão da Silva  
Ten. Damião Mendonça de Santana, secre-  
tário geral.  
Antilóquio Vale, 2.º secretário  
Epifânio da Fonseca Dória



**Ata da sessão solene do Instituto Histórico  
e Geográfico de Sergipe, realizada a 13  
de Dezembro de 1946.**

Aos treze dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos quarenta e seis, no salão de festas deste Instituto, presentes a maioria dos membros da Diretoria, vários sócios, o representante do Sr. Interventor Federal no Estado, autoridades civis e militares, docentes e discentes dos estabelecimentos de ensino, o Orfeão do Instituto Pedagógico e seu diretor, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local, foi aberta a sessão pelo Desembargador Hernald Cardoso, 1.º vice-presidente, na falta do presidente, Dr. José Calasans, que se acha fora do Estado.

De início foi executado pelo Orfeão do Instituto de Música o "**Hino à Bandeira**", terminando sob palmas da assistência.

Falou, em seguida, o presidente, Desembargador Hernald Cardoso, declarando que a sessão tinha por objeto comemorar o "**Dia do Marinheiro**", fazendo considerações a respeito do mesmo.

Em continuação o Orfeão do Instituto de Música executou o "**Canção do Marinheiro**", também aplaudido pelas palmas da assistência.

Ocupou então a atenção do auditório o comandante Márcio de Amaral Gama, orador especialmente convidado, que proferiu eloquente discurso alusivo ao "**Dia do Marinheiro**", sendo, ao findar, muito aplaudido, com palmas da assistência.

Cessados os aplausos o Orfeão do Instituto de Música executou o "**Hino ao Estudo**", também recebido sob palmas.

Falou, por último, em brilhante improviso e a pedido do presidente, Desembargador Hernald Cardoso, o Professor José Augusto da Rocha Lima, que, em resumo, disse que se o poeta Horácio maldisse o mar e as que o navegam, nós, brasileiros, não o poderíamos acompanhar nessa maldição, porque do mar veio a nossa formação nacional, a nossa cultura, nossas tradições cristãs; e que o "**Dia do Marinheiro**" era, por isso, uma data altamente cívica, acrescentando os serviços relevantes que dão a Independência até os nossos dias a maruja brasileira vem prestando à pátria.

Agradeceu, finalmente, a presença das autoridades, do Instituto de Música, dos Ex-Combatentes, da numerosa assistência que enchia o salão de festas do salão.

Foi, em seguida, encerrada a sessão, executando o Orfeão do Instituto de Música o "**Hino Nacional**".

No saguão do edifício tocou a Banda da Polícia Militar, gentilmente cedida pelo Sr. Interventor Federal.

No início da sessão não houve leitura de ata nem de expediente. Nada mais ocorrendo, foi encerrada a sessão, de que eu, Gisela de Carvalho Costa, funcionário administrativo, lavrei a presente ata, calcada sob as notas coligidas pelo 2.º secretário Anfilóquio Vale.

(aa) José Calasans Brandão da Silva

Ten. Damião Mendonça de Santana, secretário geral.

Anfilóquio Vale, 2.º secretário

Epitânio da Fonseca Dória

## CADASTRO SOCIAL

---

Em 31-12-1948

### SÓCIOS EFETIVOS

Acioli Porto  
Acrísio Cruz, Prof.  
Adroaldo Campos, Advogado  
Alcebiades de Melo Vilas Boas, Prof.  
Aldemar Hora Dantas Brito, Dr.  
Alfredo Gomes de Oliveira  
Alfredo Sebrão Busch  
Aloisio Barbosa Porto  
Aloisio Prata  
Alvaro Andrade, Dr.  
Alvaro Correia Pais, Prof.  
Alvaro Santos, Prof.  
Amintas de Andrade Garcez  
Anísio Ezequiel de Barros, Coronel  
Antônio Bragança de Azevedo  
Antonio Curvelo Neto  
Antônio de Feitas, Cônego  
Antônio Garcia Rosa, Dr.

Antônio Leite Cabral  
Antônio Machado, Dr.  
Antônio Manuel de Carvalho Neto, Dr.  
Antônio Militão de Bragança, Dr.  
Antônio de Oliveira Brandão  
Antônio Porfírio de Brito  
Antônio Soares Santana  
Antônio Tavares de Bragança, Dr.  
Antônio Xavier de Assis Junior, Dr.  
Arício de Guimarães Fortes, Dr.  
Arivaldo Prata  
Arlindo Ribeiro da Silveira, Dr.  
Armando Barreto  
Armando Leite Rollemberg, Dr.  
Artur Alfredo Passos, Padre  
Augusto Pereira de Azevedo, Prof.  
Benedito Alves de Oliveira, Prof.  
Bernardino Dantas, Coronel  
Cantidiano Vieira, Coronel  
Canuto Garcia Moreno, Dr.  
Carlos Camélio Costa, Mons.  
Carlos Firpo, Dr.  
Carlos Garcia, Dr.  
Carlos Vieira Sobral, Dr.  
Celso Oliva, Dr.  
Clodoaldo Vieira Passos, Dr.  
Clovis Conceição, Dr.  
Clovis Mozart Teixeira, Dr.  
Clovis Sobral  
Cornélio da Silva Monteiro, Prof.  
Damião Mendonça de Santana, Capitão  
Domingos Fonseca de Almeida, Cônego  
Edgar Barroso  
Edgar Brito, Cônego

Edgar Coelho, Dr.  
Edgar Lacerda Ferreira  
Eliezer Leopoldino de Santana  
Elmano Alves Ribeiro  
Enoch Santiago, Desemb.  
Etelvino de Menezes Tavares, Dr.  
Exupero Monteiro  
Felte Bezerra, Dr.  
Fernando de Figueiredo Porto, Dr.  
Fernando do Prado Maia, Dr.  
Filadelfo Jônatas de Oliveira, Padre  
Flavio de Aquino Chagas, Prof.  
Flávio da Rosa Melo, Dr.  
Florival Santos, Prof.  
Francisco Alberto Braganda de Azevedo, Dr.  
Francisco Leite Neto, Dr.  
Francisco Porfírio de Brito, Coronel  
Francisco de Souza Porto, Coronel  
Gentil Tavares da Mota, Dr.  
Gervásio de Carvalho Prata, Desemb.  
Gileno Francisco de Jesus, Prof.  
Gonçalo Rolemberg Leite, Dr.  
Hélio José Ribeiro, Dr.  
Hermeto Rodrigues Feitosa, Coronel  
Inocência Astério de Menezes Lins, Dr.  
Inocência Nascimento  
Irineu Marques de Oliveira, Major  
Jessé de Andrade Fontes, Dr.  
João Alves Bezerra  
João de Araujo Monteiro, Dr.  
João Batista Perez Garcia Moreno, Dr.  
João Bosco de Andrade Lima, Desemb.  
João Dantas Martins dos Reis, Desemb.  
João Evangelista Cajueiro, Prof.

João Franca de Santana, Dr.  
João Francisco de Campos, Major  
João Freire Ribeiro  
João Gama da Costa Santos  
João Marques Guimarães, Dr.  
João Maynard Barreto, Dr.  
João Moreira Lima, Cônego  
João Nunes de Melo, Major  
João Pires Wynne, Dr.  
João Rezende  
João de Seixas Dória, Dr.  
Joaquim Lins de Carvalho  
Joaquim Mauricio Cardoso, Dr.  
Joaquim Vieira Sobral, Prof.  
Joel Macieira de Aguiar, Dr.  
Jorge de Oliveira Neto, Dr.  
Josafá Brandão, Dr.  
José de Alencar Cardoso, Prof.  
José Aloísio de Campos, Dr.  
José Amado Nascimento  
José Antônio Nunes de Mendonça  
José Apóstolo de Oliveira Neto  
José Augusto Garcez  
José Augusto da Rocha Lima, Prof.  
José Barreto Fontes, Prof.  
José de Carvalho Andrade  
José de Carvalho Déda, Advogado  
José Correia dos Santos, Tenente  
José Domingues Fontes  
José Euclides de Souza, Major  
José Felix de Oliveira  
José Felizola  
José Fontes Cardoso, Prof.  
José Geminiano de Freitas, Cônego

José de Góis Duarte  
José Hermenegildo da Cruz, Prof.  
José Machado de Souza, Dr.  
José Mesquita da Silveira  
José Pereira de Miranda, Dr.  
José Rolemberg Leite, Dr.  
— José Sebrão de Carvalho Sobrinho, Prof.  
José Tomás de Avila Nabuco, Dr.  
José Tomás Gomes da Silva, Prof.  
Josias Ferreira Nunes, Advogado  
Josias Vieira Dantas, Coronel  
Judite de Oliveira Ribeiro, Prof.  
Juliano Calazans Simões, Dr.  
Julio Flavio Prado, Dr.  
Junot Silveira, Prof.  
Ladisláu Estevão Milet, Dr.  
Lauro Barreto Fontes, Dr.  
Lauro de Brito Porto, Dr.  
Lauro Dantas Hora, Dr.  
Lauro de Souza Fraga, Mons.  
Leandro Maynard Maciel, Dr.  
Leonardo Gomes de Carvalho Leite, Dr.  
Levindo Cruz, Dr.  
Luciano Espinheira da Fonseca, Dr.  
Luiz Garcia, Dr.  
Luiz Kraus  
Luiz Magalhães, Dr.  
Luiz Pereira de Melo, Dr.  
Manços do Espírito Santo, Coronel  
Manuel Aguiar, Dr.  
Manuel Barbosa de Souza, Dr.  
Manuel Cabral Machado, Dr.  
Manuel Ferreira da Silva Neto, Dr.  
Manuel Franco Freire, Prof.

Manuel Luiz Dantas  
Manuel Nicanor do Nascimento  
Manuel Ribeiro, Dr.  
Manuel Rodrigues do Nascimento  
Manuel Sobral  
Manuel Xavier de Figueirêdo Monte, Dr.  
Marcos Ferreira de Jesus, Dr.  
Maria Amélia Fontes, Prof.  
Maria da Conceição Melo Costa, Prof.  
Maria Sílvia Sobral, Prof.  
Maria Thetis Nunes, Prof.  
Mário de Araujo Cabral, Dr.  
Miguel Monteiro Barbosa, Cônego  
Napoleão Agêlio de Oliveira Dória, Prof.  
Nelson de Freitas Garcez, Coronel  
Nicanor Ribeiro Nunes, Major  
Norma Monte Alegre Reis, Prof.  
Ofensia Soares Freire, Prof.  
Olávo Ferreira Leite, Dr.  
Onésimo de Araujo Pinto, Major  
Orlando Vieira Dantas  
Oséas Maynard Lemos  
Osman Hora Fontes, Dr.  
Osvaldo Barreto Dantas, Dr.  
Oto Watson Leite, Dr.  
Paulo Costa, Dr.  
Paulo Xavier de Andrade Monte, Dr.  
Pedro de Alcantara Braz, Dr.  
Pedro Diniz Gonçalves, Coronel  
Renato Cantidiano Vieira Ribeiro, Dr.  
Ruy Eloy dos Santos, Dr.  
Salvio Oliveira  
Sebastião Batista Baronto  
Sebastião Celso de Carvalho, Dr.



Serapião Machado de Aguiar, Cônego  
Severino Bastos Cardoso, Dr.  
Severiano Pessoa Uchôa, Dr.  
Simeão Vieira Sobral, Dr.  
Teodorico do Prado Montes  
Teonilo Leite  
Teotonilio Mesquita, Dr.  
Urbano de Olivera Lima Neto, Dr.  
Vicente Barreira de Alencar, Dr.  
Waldemar Dantas  
Walter do Prado Franco, Senador  
Zacarias Lourenço de Carvalho, Desemb.  
Zozimo Lima

#### SÓCIOS BENFEITORES

Afonso Quintiliano da Fonseca — Bahia  
Alípio Ribeiro de Araujo, Cel. — Bahia  
Alonso Azevedo, Dr. — Rio de Janeiro  
Amintas de Faro Sobral — S. Paulo  
Antonio Batista Ramos Bittencourt, Dr. — Rio de Janeiro  
Antonio Benevides do Rosario, Cel. — Bahia  
Antonio Cabral — Aracaju  
Antônio de França Pacheco — Recife  
Ariovaldo Barreto, Cel. — Capela  
Ariston Azevedo, Dr. — S. Paulo  
Arnaldo Rollemberg Garcez — Itaporanga  
Augusto Maynard Gomes, Senador — Rio de Janeiro  
Carlos Dantas — Aracaju  
Carlos Rollemberg Rodrigues da Cruz, Dr. — Aracaju  
Carlos Valdemar Acioli Rollemberg, Dr. — Aracaju  
Constancio de Souza Vieira — Aracaju  
Flavio de Barros Pimentel, Cel. — Rio Branco, Acre  
Francisco de Barros Melo — Santos

Francisco Benicio dos Santos, Cel. — Bahia  
Francisco Fontes Lima, Cel. — Bahia  
Francisco da Silveira Dória — Bahia  
Gabriel Benevides do Rosário — Bahia  
Gileno Amado, Dr. — Bahia  
Godofredo Diniz Gonçalves, Deputado — Aracaju  
Godofredo de Melo Menezes, Dr. — Rio de Janeiro  
Gonçalo Rollemberg do Prado, Cel. — Maruim  
Guilhermino Rezenda, Cel. — Aracaju  
Hercilio Porfirio de Brito, Dr. — Propriá  
João de Matos Carvalho, Dr. — Simão Dias  
João Quintiliano da Fonseca — Aracaju  
Joaquim Sabino Ribeiro, Dr. — Aracaju  
José Franco Sobrinho — Itabuna, Bahia  
José da Silva Peixoto, Dr. — Penedo  
Julio Cesar Leite, Dr. — Aracaju  
Luiz Barros — Petropolis, Estado do Rio  
Manoel Gonçalves, Comendador — Neópolis  
Mário Lobão, Dr. — Cruzeiro do Sul, Acre  
Maximino José Ribeiro, Cel. — Aracaju  
Miguel Benevides do Rosário, Cel. — Ilhéus, Bahia  
Newton Nobre de Lacerda, Dr. — João Pessoa, Paraíba  
Pedro Montalvão Amado, Dr. — Rio de Janeiro  
Raul Schmidt, Dr. — Bahia  
Robustiano da Silveira Góis — Bahia  
Sancho de Barros Pimentel Sobrinho — Santos, São Paulo  
Tancredo de Souza Campos, Dr. — Aracaju  
Tillemont Fonseca Andrade — Bahia  
Torquato Fontes — Aracaju  
Walke Correia de Araujo, Dr. — Bahia  
Zacarias da Silva Junior — Lagarto

### SÓCIOS BENEMÉRITOS

Augusto Maynard Gomes, Coronel  
Epifânio da Fonseca Dória  
Eronides Ferreira de Carvalho, Dr.  
Getúlio Dornelas Vargas, Dr.  
João Rodrigues da Costa Dória, Dr.  
Jordão Oliveira, Dr.  
Maurício Graco Cardoso, Dr.  
Washington Luiz Pereira de Souza, Dr.

### SÓCIOS HONORÁRIOS (.)

Afonso de Escragnolle Taunay, Dr. — S. Paulo  
Alberto Del Salas, — Buenos Aires  
Alfredo Braquiriz Moreno, — Quito, Equador  
Altino Arantes Marques, Dr. — S. Paulo  
Ana Menezes Silva, D. — Aracaju  
Anfilóquio da Silva Vale, Advogado — Aracaju  
Antônio Augusto Borges de Medeiros, Dr. — Irapuá, Cachoeira,  
Río Gr. do Sul  
Artur da Silva Bernardes, Dr. — Rio de Janeiro  
Augusto Alvaro da Silva, Dom — Bahia  
Bernardino José de Souza, Dr. — Rio de Janeiro  
Bruno Lobo, Dr. — Rio de Janeiro  
Carivaldo Bomfim Lima — Rio de Janeiro  
Carlos Alberto Rola, Dr. — Aracaju  
Carlos Benedito Otoni, Dr. — Minas  
Cláudio Ganns, Dr. — Rio de Janeiro  
Daniel Villey — Paris  
Edmundo Gutierrez, — Santiago, Chile  
Eugenio Vilhema de Morais, Dr. — Rio de Janeiro  
F. de S. Meira Sá — Rio de Janeiro  
Florentino Teles de Menezes, Prof. — Aracaju

(.) *Três honorários nos os meus parentes, os  
Velhacos, os remissos, os que nos querem  
continuar como efetivos e contribuintes,  
para a...*

*pagamento dos onerabilidades e o melhor Epitáfio 2.º -  
- para os antigos membros, e os novos de eliminá-los, os  
transforma na classe dos "honorários"!*

— 236 —

Francisco de Aquino Correia, D. — Cuiabá, Mato Grosso  
Gilberto Amado, Dr. — Rio de Janeiro  
Gilberto Freyre, Prof. — Recife, Pernambuco  
Goran Bjorkman — Siécia  
Gustavo Capanema, Dr. — Rio de Janeiro  
Hélio Viana, Dr. — Rio de Janeiro  
Henrique Deschamps — Paris  
Hunald Santa-flôr Cardoso, Desemb. — Aracaju  
João Batista de Matos, Cel. — Rio de Janeiro  
João Ceciliano de Andrade — Rio de Janeiro  
João Pedro Cardoso — São Paulo  
Joaquim Inácio de Almeida Amazonas, Dr. — Recife, Pernambuco  
José Carlos de Macédo Soares, Embaixador — Rio de Janeiro  
José de Magalhães Carneiro, Dr. — Aracaju  
José Maria Barreto, Dr.  
José Maria Goulart, de Andrade, Dr.  
Josué Serôa da Mota — Rio de Janeiro  
Juarez do Nascimento Fernandes Tavora, Gen. — Rio de Janeiro  
Lourival Fontes, Dr. — Rio de Janeiro  
Luiz Gastão de Escagnole Dória, Dr. — Rio de Janeiro  
Maria da Conceição Freire de Menezes, D. — Rio de Janeiro  
Nelson Coelho de Sena, Dr. — Rio de Janeiro  
Niceu Correia Dantas, Dr. — Aracaju  
Otaviano de Menezes Bastos, Dr. — Rio de Janeiro  
Paulo Parreiras Horta, Dr. — Rio de Janeiro  
Ricardo Coto, — São José da Costa Rica  
Robustiano Patron Costa — Buenos Aires  
Rodolfo Jacob — Rio de Janeiro  
Rodrigo Melo Franco de Andrade, Dr. — Rio de Janeiro  
Santiago Dias, Coronel — Córdoba, Argentina  
Sílvio Guimarães Cravo, Dr. — Rio de Janeiro  
Venceslau Braz Pereira Gomes, Dr. — Itajubá, Minas  
Virgílio de Sant'Ana, Dr. — Aracaju

*m*

## SÓCIOS CORRESPONDENTES

### Alagôas

Anfolofio de Melo, Dr. — Maceió  
Carlos Garcia, Dr. — Maceió  
Hermilo de Freitas Melro, Dr. — Penédo  
Luiz Levenére Wanderley, Prof. — Maceió  
Túlio Pais Leme, Major — Maceió

### Baía

Alberto de Assis, Dr. — Capital  
Altamirando Requião, Dr. — Capital  
Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho, Dr. — Capital  
Avacy Primardo Vieira Lima, — Capital  
Braz Hermenegildo Amaral, Dr. — Capital  
Dalva Matos, D. — Capital  
Epaminondas dos Santos Torres, Dr. — Capital  
Ernesto Simões Filho, Dr. — Capital  
Evando Ribeiro da Silveira, Dr. — Capital  
Francisco Gomes de Oliveira Neto, Dr. — Capital  
Henriqueta Martins Catarino, D. — Capital  
João da Costa Pinto Dantas Junior, Dr. — Capital  
José Calasans Brandão da Silva, Dr. — Capital  
Jossé Couto de Faria, Dr. — Capital  
Nelson de Souza e Oliveira, Dr. — Capital  
Oséas Santos, Prof. — Capital  
Otavio Mangabeira, Dr. — Capital  
Rogério Gordilho de Faria, Dr. — Capital  
Vicente Hora de Mesquita — Capital

**Ceará**

Hélio de Souza Mélo, Dr. — Fortaleza

Joaquim Alves, Dr. — Fortaleza

Raimundo Girão, Dr. — Fortaleza

**Distrito Federal**

Abelardo Gonçalves Torres, Dr.

Afonso Costa, Jornalista

Aldo de Sá Brito Souza, Comandante

Amando Fontes, Dr.

Anibal Freire da Fonseca, Ministro

Antonio Simões dos Reis, Prof.

Artur de Souza Marinho, Dr.

Augusto Tavares de Lira, Dr.

Carlos Alberto Campos Seabra, Dr.

Carlos Coelho Muniz

Cícero Sampaio

Didio Iratim Afonso da Costa, Comandante

Elias Fernandes Leite, Dr.

Ernesto Garcez Caldas Barreto, Dr.

Eurípedes Esteves Lima, Coronel

Evaristo da Fonseca, Dr.

Floro Edmundo Freire, Dr.

Gastão Ruch, Dr.

Gileno Amado, Dr.

Humberto Vieira de Andrade, Cap.

Ivan Hora Fontes, Dr.

Jadiel Benevides, Cel.

Jorge de Lima, Dr.

José de Arimatêa Pinto do Carmo, Dr.

José Barreto Filho, Dr.

José Bonifácio de Andrade e Silva, Embaixador

Laurenio Lago, Coronel  
Lauro de Melo Andrade, Dr.  
Levi Fernandes Carneiro, Dr.  
Luiz Alves de Oliveira Belo, Comandante  
Luiz do Prado Ribeiro, Dr.  
Osmundo Lima  
Osvaldo Melo Braga de Oliveira, Dr.  
Paulo Orlando, Dr.  
Pedro Calmon Muniz de Bittencourt, Dr.  
Rafael Xavier, Dr.  
Rosalvo Fernandes dos Santos, Dr.  
Trancredo de Barros Paiva  
Teodoreto Arcaujo do Nascimento, Dr.

### **Mato Grosso**

José de Mesquita, Desemb. — Cuiabá

### **Minas Gerais (Belo Horizonte)**

Anibal Pinto Matos, Dr.  
Antonio dos Santos Cabral, Dom.  
Arquimedes Pereira Guimarães, Dr.  
Copernico Pinto Coelho, Dr.  
Jucundino de Souza Andrade, Prof.  
Milton Xavier de Carvalho, — Campanha  
Salomão de Vasconcelos, Dr.

### **Paraíba (João Pessoa)**

Antonio Boto de Menezes, Dr.  
Isidro Gomes da Silva, Dr.  
João Coriolano de Medeiros

**Paraná (Curitiba)**

Dicesar Plaisant,  
Leocádio Cyneiros Correia, Dr.  
Saul Lupion de Quadros, Dr.

\* **Pernambuco (Recife)**

Avelar Brandão Vilela, Dom — Petrolina  
Ernesto Leite Machado, Cel.  
Lauro Borba, Dr.  
Mario Carneiro do Rêgo Melo, Jornalista

**Rio Grande do Norte**

Nestor dos Santos Lima, Dr. — Natal

**Rio Grande do Sul (Porto Alegre)**

João Solano Macedonia Soares, Desemb.  
Jorge Bahlis, Prof.

**Rio de Janeiro, Estado do**

Geraldo Mantedonio Bezerra de Menezes, Dr.  
Pedro de Orleans e Bragança, Príncipe, Dom — Petropolis

**Santa Catarina**

Fernando Machado, Dr. — Florianópolis

**São Paulo**

Antonio Campos de Oliveira, Dr. — Capital  
Antonio Carlos de Sales Junior, Dr. — Capital



Ciro Onesimo Maria Mondim, Dr. — Capital  
Cleobulo Amazonas Duarte, Dr. — Santos  
Clovis Botelho Vieira, Dr. — Capital  
Edmundo Krug, Dr. — Capital  
Eduardo Fernández y Gonzales, Prof. — Capital  
Fausto Ferraz, Prof. — Campinas  
Félix Soares de Melo, Prof. — Capital  
Geraldo Cardoso de Melo, Dr. — Capital  
José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, Dr. — Capital  
José Catalino los Reis, Dr. — Capital  
Lauro de Melo Andrade, Dr.  
Luiz do Amaral, Dr. — Capital  
Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro, Dr. — Capital

#### Exterior

Alfredo Válio  
Alice Lardé de Venturino, Prof. — — Úruro, Bolívia  
Daniel Peña  
Fidelino Figueiredo — Lisboa, Portugal  
Pedro Alves dos Santos, Dr. — Washington, Estados Unidos  
Tomás Fídias Jimenez, Dr. — San Salvador, El Salvador

## NUMERAÇÃO DA REVISTA DO INSTITUTO

Afim de facilitar o trabalho dos colecionadores, de vez que não houve uma certa ordem na numeração desta Revista, damos aqui a relação dos fascículos publicados, na sua ordem de aparecimento.

- 1 — corresponde à 1.<sup>a</sup> parte do vol. I, impresso em 1913
- 2 — corresponde às 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> partes do vol. I, impresso em 1913
- 3 — corresponde à 1.<sup>a</sup> parte do vol. II, impresso em 1914
- 4 — corresponde à 2.<sup>a</sup> parte do vol. II, impresso em 1914
- 5 — corresponde às 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> partes do vol. II, impresso em 1916
- 6 — corresponde ao vol. III (1915), impresso em 1916
- 7 — corresponde ao vol. consagrado à memória do Dr. Inácio Joaquim Barbosa, em 1917, impresso em 1917
- 8 — corresponde ao vol. IV, impresso em 1919
- 9 — corresponde ao vol. V, comemorativo do 1.<sup>o</sup> centenário da emancipação de Sergipe, impresso em 1920
- 10 — corresponde aos fascículos I e II, do vol. VI (1921-1925), impresso em 1925
- 11 — corresponde aos fascículos III e IV do vol. VI (1921-1925), impresso em 1926
- 12 — corresponde ao vol. VII (1926 - 1927), impresso em 1927
- 13 — corresponde ao vol. XIII (1928), impresso em 1929
- 14 — corresponde ao vol. IX (1929) impresso em 1929. Foi o de menor tiragem, (200 exemplares)
- 15 — corresponde ao vol. X, consagrado ao 1.<sup>o</sup> centenário do nascimento do Dr. Tobias Barreto de Menezes, impresso em 1939. Tiragem de 400 exemplares.

- 16 — corresponde ao vol. XI (1930-1940), impresso em 1942. Tiragem 400 exemplares.
- 17 — corresponde ao vol. XII (1941-1942). Tiragem 400 exemplares.
- 18 — correspondente ao vol. XIII (1943-1945). Tiragem 400 exemplares.

### NOTA

As dezessete primeiras edições estão exgotadas, com exceção das 12.<sup>a</sup>, 13.<sup>a</sup> e 17.<sup>a</sup>. O Instituto receberá com agrado a devolução dos numeros exgotados, feita pelas pessoas que as possuam em duplicata.

Sede do Instituto : — Rua Itabaianinha, 41.

## PÁGINA DE SAUDADE

EPIFANIO DÓRIA

Nos quatro anos decorridos após o aparecimento do número anterior desta Revista (1945 — 1948), anos de luta por uma paz que se busca e que nos foge como a sombra de nosso corpo, a terrível esponja da morte exerceu cruel atividade no apagar de nomes de nossas listas de sócios.

Que a morte é uma contingência a que não poderemos fugir, todos sabemos, mas ninguém há que com ela se conforme, especialmente quando nos leva, tantas vezes de maneira incompreensível, pessoas que nos são particularmente estimadas.

Debalde os filósofos procuram convencer de que ela em vez de ser condenada deve ser estimada, como uma porta aberta a uma nova vida, como um caminho de salvação para os que, não tendo encontrado a felicidade na terra, já não podem nela permanecer.

O sábio Santo Agostinho, doutor da igreja, cognominado DOUTOR DA GRAÇA, escreveu, com a contrição que era peculiar:

“Quantas precauções com a morte só para se ter mais tempo de a temer! O enfermo sofre a dor de uma operação terrível, não para escapar à morte, mas para morrer mais tarde. Não querendo morrer para não sofrer e preferindo sofrer por não morrer”

Will Durant escreveu no seu livro História da Filosofia: "Queremos aprender a gargalhar em face do inevitável e, a sorrir, mesmo no limiar da morte"

Tudo isto é debalde. Só as excessões, como a de Sócrates, zombam da morte. Somos dualistas, isto é, acreditamos na existência do corpo e do espírito. Acreditamos na sobrevivência da alma após a morte física. Deste modo aceitamos a explicação dos filósofos de que a morte é uma libertação, o advento de uma vida nova, mas não podemos ver com indiferença a partida dos entes queridos.

{  
Lembranças  
cri!

Eles se partem, mas a sua lembrança nos fica e a sua falta nos tortura. Rendamos, pois, a nossa homenagem aos companheiros que se partiram e que abaixo relacionamos :

#### Sócios efetivos:

Desemb. Abílio de Vasconcelos Hora, + 2-5-1948  
Major Benício da Silveira Fontes, + 3-2-1948  
Dr. Heráclito Diniz Gonçalves, + 28-4-1946  
Coronel Jacinto Dias Ribeiro, + 24-1-1947  
Dr. João Firpo Filho, + 25-11-1945  
José Francisco de Oliveira, + 26-6-1948  
Coronel José Sebrão de Carvalho, + 4-3-1946  
Dr. Nicanor de Oliveira Leal, + 24-4-1948  
Dr. Oscar Batista do Nascimento, 20-8-1947

#### Sócio Benfeitor

Coronel Maximino José Ribeiro, +21-2-1948

#### Sócio Benemérito

Almirante Amintas José Jorge, + 26-1-1945

### Sócios Honorários

Dr. Antônio Carlos Simões da Silva, + 7-12-1948  
Desemb. Evangelino José de Faro, + 31-10-1945  
General José Calazans, + 31-10-1948  
Dom José Tomás Gomes da Silva, + 31-10-1948  
Desemb. Libério de Souza Monteiro, + 21-3-1947  
Dr. Luiz José da Costa Filho, + 1-11-1948  
General Manuel Liberato Bittencourt, + 15-12-1948  
Coronel Pedro Freire de Carvalho, + 3-8-1948

### Sócios Correspondentes

Dr. Alcino Santos Silva, + 1-3-1945  
Desemb. Artur da Silva Rego, + 28-8-1946  
Dr. Euzébio Nery Alves de Souza, + Setembro de 1947  
Coronel Francisco Barreto do Rosário, + 21-9-1947  
Dom Gumersindo Busto (\*) + 21-6-1937  
Almirante Henrique Boiteux, + 24-4-1945  
Dr. João da Cruz Abreu, + 15-4-1948  
Padre Dr. João de Matos Freire de Carvalho, + 14-6-1946  
Dr. João Pinheiro, + Outubro de 1946  
Coronel José Menezes, + 26-6-1945  
Dr. Luiz Zacarias de Lima, + 29-8-1947  
Dr. Teodoro Arcanjo do Nascimento, 7-6-1948

(\*) Só recentemente tivemos notícia do falecimento de este ilustre consócio.

## Í N D I C E

	Pag.
Directoria e Comissões Permanentes de 1945 — 1947 .. .. .	3
Directoria e Comissões Permanentes de 1947 — 1949 .. .. .	4
Discurso de Epiânio da Fonseca Dória .. .. .	5
Discurso do Coronel João Batista de Mattos .. .. .	12
Discurso do Dr. José Calazans Brandão da Silva .. .. .	17
Discurso do Professor José Augusto da Rocha Lima .. .. .	29
Discurso do Capitão Damilão Mendonça de Santana .. .. .	31
Discurso do Professor José Augusto da Rocha Lima .. .. .	56
Criação do Dr. Adalberto Vieira Damias .. .. .	60
As origens do Rio Real pelo Dr. Felte Bezerra .. .. .	72
Dados biográficos do Almirante Amintas José Jorjo pelo Dr. Joaquim dos Santos Pereira .. .. .	81
✕ Danças Populares de Aracaju pelo Dr. Paulo de Carvalho Neto .. .. .	98
✓ Criação das Comarcas de Sergipe e Juizes de Direito que nelas serviram, no Império, pelo Dr. J. Dantas Martins dos Reis .. .. .	109
D. Emilia Fontes por Epiânio Dória .. .. .	125
Auto-biografia de D. Emilia Rosa de Marsillac Fontes .. .. .	127
✕ Atas das sessões do Conselho de Governo da Provincia, de 28 de Julho de 1831 a 22 de Fevereiro de 1832 .. .. .	139
Mapa dos alunos da aula primária do professor Joaquim Martins da Fonseca, na Estância, em Junho de 1824 .. .. .	161
Mapa dos alunos da aula de gramática latina de Santo Amaro das Brotas, em Junho de 1824, regida pelo Professor Braz Diniz Vilas-bôas .. .. .	162
Atas das sessões do Instituto de 1945 .. .. .	164
Atas das sessões do Instituto de 1946 .. .. .	195
Cadastro social .. .. .	227
Numeração da Revista do Instituto .. .. .	242
Página de saudade .. .. .	244